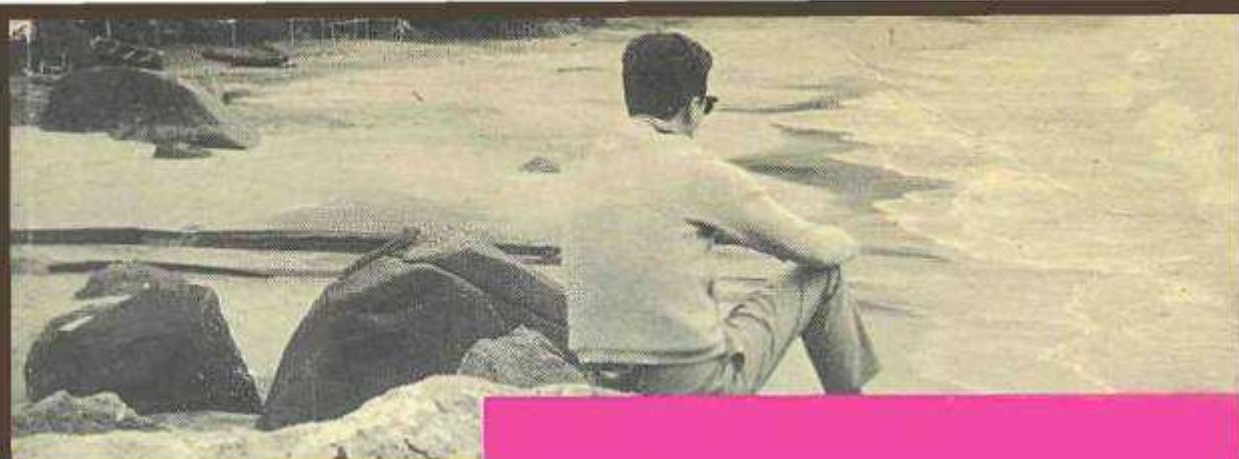




NELSON
RODRIGUES

O
ÓBVIO
ULULANTE

PRIMEIRAS CONFISSÕES



COLEÇÃO DAS OBRAS DE NELSON RODRIGUES

Coordenação de Ruy Castro

1. *O casamento (romance)*
2. *A vida como ela é... O homem fiel e outros contos*
3. *O óbvio ululante: primeiras confissões (crônicas)*
4. *À sombra das chuteiras imortais (crônicas de futebol)*
5. *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...*



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

A edição das obras de Nelson Rodrigues
conta com o apoio da Unicamp

NELSON RODRIGUES

O ÓBVIO ULULANTE
PRIMEIRAS CONFISSÕES
Crônicas

Seleção:
RUY CASTRO

4ª reimpressão



Copyright © 1993 by espólio de
Nelson Falcão Rodrigues

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Revisão:
Lucíola Silveira de Moraes
Carmen S. da Costa

*Agradecemos a Christina Konder e a Maria Célia Fraga,
do Departamento de Pesquisa de O Globo,
e a Felipe Daudt de Oliveira por colaborar
na reunião do material que resultou
neste livro*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Nelson, 1912-1980.

O óbvio ululante : primeiras confissões crônicas : /
Nelson Rodrigues ; seleção Ruy Castro. — São Paulo :
Companhia das Letras, 1993.

ISBN 85-7164-294-X

1. Crônicas brasileiras I. Castro, Ruy, 1948 — II.
Título.

93-0247

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Crônicas : Literatura brasileira 869.935

1994

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Tupi, 522
01233-000 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 826-1822
Fax: (011)826-5523

À
minha mulher
Lúcia
para sempre

ÍNDICE

QUASE UM NOVO “ÓBVIO” – RUY CASTRO.....	12
ERA BONITO SER HISTÉRICA	13
PIRÂMIDES E BISCOITOS	17
REZE MENOS POR MIM	21
NENHUM VENTO PODE APAGAR	25
O GRANDE HOMEM	28
A GRANDE DOR NÃO SE ASSOA	31
UM MENINO DE PAIXÕES DE ÓPERA	34
LILI ARDEU COMO UMA ESTRELA	37
UMA BANANA COMO MERENDA	40
DUAS MÃOS POSTAS.....	44
ONDE ESTÃO OS NEGROS?.....	47
“NEGRO BURRO!”	50
A VIRGEM SONHAVA NO JARDIM.....	53
AMOR PARA ALÉM DA VIDA E DA MORTE.....	57
A VÍTIMA OBRIGATÓRIA.....	60
SEM AMAR, NEM ODIAR	64
APELO DE UMA FÉ PERDIDA.....	67
A EUFORIA DE UM ANJO	70
SER PARA SEMPRE FIEL.....	73
A ÚLTIMA “MULHER FATAL”	76
MORRER COM O SER AMADO.....	79
ASSIM É UM LÍDER	83
AMORAL COMO UM BICHINHO DE AVENCA.....	87
O SEPTUAGENÁRIO NATO	90
OS JOVENS SEM AMOR.....	93
O LEQUE FOI UM MOMENTO.....	96
O “JOVEM” MONSTRO	99
AMA-SE, TRAI-SE, MATA-SE “PRA FRENTE”	102
O MEDO DE PARECER IDIOTA	105
DEZOITO QUILOMETROS DE MULHER NUA.....	109
O ANTI-BRASIL.....	113

HAMLET NOS BATE A CARTEIRA.....	116
A FOME DO NORDESTE.....	120
A ESTRELA DO ATROPELADO.....	124
UMA PAISAGEM SEM INGLESES	127
O BRASIL KARAMAZOV	130
SEM MEDO DO CONSELHEIRO ACÁCIO	133
NINGUÉM PODE SABER QUE VOCÊ AMA	137
OS QUE ESQUECEM ANTES DE AMAR.....	140
SÓ OS IDIOTAS RESPEITAM SHAKESPEARE.....	143
ROBINSON CRUSOÉ SEM RADINHO DE PILHA.....	146
INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR.....	149
A VIUEZ DE SARONG.....	153
O ÓDIO AO FATO E À PALAVRA.....	156
UM CORÇÃO JAMAIS SUSPEITADO	160
JOVENS IMBECILIZADOS PELOS VELHOS.....	163
O ÚNICO NEGRO DO BRASIL.....	167
MUITO VELHO PARA ANDAR DE QUATRO	170
A MISSA CÔMICA.....	174
COAÇÃO À LUZ DE ARCHOTES	177
CADÁVER DE PRETO.....	181
BIS, COMO NA ÓPERA	184
OS IDIOTAS SEM MODÉSTIA.....	188
OS FALSOS CRETINOS	191
“O VERDADEIRO CRISTO É MARX!”	194
A FEIA SOLIDÃO	197
SÓ O ÓDIO CONSTRÓI	200
O ESPÍRITO MORTO	203
O TRANSLÚCIDO CANALHA	206
OS INTELLECTUAIS CORAJOSOS	209
ATOR EM BUSCA DE PLATÉIA	212
A VÍTIMA SALUBÉRRIMA.....	215
O HOMEM FATAL	218
O PIOR CEGO.....	222
LÍDER DA PRÓPRIA NAMORADA	225
O CULTO DA IMATURIDADE.....	228

O GRANDE COMÍCIO	231
MARIDOS JOVENS E VELHOS.....	235
O DESTINO DE SER TRAÍDA.....	239
ÓDIO AO HERÓI.....	242
O BERRO DE: — “FOGO!”	245
O HERÓI SEM RISCO	248
OITENTA MILHÕES DE VENDIDOS	251
UM MUNDO DE CANALHAS	254
UM DESERTO ENTRE OS AMIGOS	257
A SOLIDÃO DO LÍDER	260
A HERÓICA RESISTÊNCIA.....	264
SAPOS E PIRILAMPOS ULULANTES.....	267
O ENTERRO FLUVIAL	270
O CEGUINHO DA RUA DO OUVIDOR.....	273

CONTRA CAPA

As passeatas, o “Poder jovem”, a esquerda festiva, os festivais da canção, a agressão ao elenco de *Roda viva*, a pregação da violência, o Vietnã, Sartre, Mao Tsé-tung, d. Hélder — eis aqui, em *O óbvio ululante*, um fabuloso painel de 1968 pela ótica única de Nelson Rodrigues.

O óbvio ululante é uma seleção de suas “Confissões”, crônicas publicadas no jornal *O Globo* naquele ano. Dia após dia, escrevendo na redação, ao som das ruas, Nelson descreveu o que parecia ser uma tentativa de virar o mundo de pernas para o ar — e sintetizou tudo aquilo numa prosa que, hoje, espanta pela coragem, deboche e perenidade de suas observações.

O que, em Nelson, tanto irritava na época os “politicamente corretos”, pode ser visto agora pelo que realmente era: a profecia do “anti-Brasil” que ele tanto temia e que se instalou entre nós.

Seleção de Ruy Castro

ORELHAS DO LIVRO

Nelson Rodrigues é, provavelmente, o maior teatrólogo brasileiro de todos os tempos. Mas não é só isso. *O óbvio ululante* — coletânea de suas “Confissões”, crônicas publicadas em *O Globo* no ano marcante de 1968 — volta a evidenciar que ele está entre os nossos grandes prosadores. Sem dúvida, o mais original na utilização direta do idioma vivido e vivido.

Insuperável no adjetivo. O adjetivo imediatamente expressivo de “com as mandíbulas trêmulas, uma salivação efervescente”. Ou, então, lexicalizado pela metáfora: “Um sol de rachar catedrais” ou “Fazia um mau tempo de quinto ato do *Rigoletto*”. Há também o diálogo, seco, pitoresco, funcional, como no seu teatro. E o uso do coloquial modulando o à-vontade no bate-papo com o leitor: “Não sei bem por que estou dizendo isto. Agora me lembro” ou “Mas como eu ia dizendo”.

Os seus personagens são ferramentas de uma filosofia bem pessoal. Podem ser os “irmãos íntimos”, gente da vida real ou aqueles de ficção, a simbolizar a generalização icônica de um defeito, qualidade ou postura. Aí estão a “vizinha gorda e patusca”; “Palhares, o canalha”; o “débil mental de

babar na gravata”; o “falso cretino”.

Enfim, a frase. Polida, polêmica — era lapidar a intuição conceitual de Nelson: “A televisão matou a janela”; “Acho lêmea um nome bonito como se fosse de madre-pérola”; “O homem começou a ser homem depois dos instintos e contra os instintos”; “O menino está enterrado no adulto como um sapo de macumba”; “É melhor ser esbofetado do que esbofetear”. E ele podia ser profético, como nesta frase de janeiro de 1968: “Enquanto a esquerda que aí está não for substituída até o último idiota, não vai acontecer nada”.

Apesar de dizer que “o ser humano é o único que se falsifica” — e até por isso mesmo —, Nelson, em *O óbvio ululante*, se revela como o incorrigível humanista.

José Lino Grünewald



Nelson Rodrigues nasceu no Recife, PE, em 1912, e morreu no Rio, em 1980. Sua obra teatral já está consagrada, mas o grosso de sua produção, publicado originariamente em jornais, é do mesmo nível. A Companhia das Letras está publicando a obra completa de Nelson. Já saíram *O casamento* (romance), *A vida como ela é...* — *O homem fiel e outros contos* e este *O óbvio ululante: primeiras confissões* (crônicas). Próximo lançamento: *A sombra das chuteiras imortais* (crônicas esportivas). A editora lançou também *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, por Ruy Castro.

QUASE UM NOVO “ÓBVIO”

Esta edição de *O óbvio ululante* difere ligeiramente — para melhor — da edição original lançada em outubro de 1968 pela extinta Eldorado. O período do material é o mesmo (uma seleção das “Confissões” que Nelson publicou em *O Globo* entre novembro de 1967 e agosto de 1968), mas as crônicas agora seguem a ordem de publicação no jornal. A obediência à cronologia era indispensável porque não raro Nelson martelava o mesmo assunto em crônicas seguidas, até esgotá-lo. Fora da ordem (como na edição original), elas pareciam apenas repetitivas; aqui, passam a fazer sentido entre si. E, através das datas (inexistentes na edição original), o leitor poderá agora constatar como Nelson estava produzindo literatura duradoura ao calor deste ou daquele acontecimento.

Vinte das oitenta crônicas da edição original foram eliminadas por redundantes e substituídas por outras vinte em que Nelson explorou melhor o assunto ou descortinou um novo ângulo. Alguns títulos de crônicas (originariamente de cunho apenas jornalístico) foram simplificados ou alterados, sempre de acordo com as palavras ou a idéia do autor. Nenhum sacrilégio nisto, sabendo-se que, nas ausências ou doenças de Nelson, o jornal republicava crônicas antigas com títulos diferentes, confundindo o leitor. Espera-se que estes se tornem os títulos definitivos — e esta a edição definitiva de *O óbvio ululante*.

R.C.

ERA BONITO SER HISTÉRICA

“Beijarei o punhal que matar Pinheiro Machado” — soluçou o orador. E, realmente, enfiou a mão no colete, ou cinto, e de lá arrancou, com ágil ferocidade, o punhal homicida. Logo, à vista de todos, beijou, chorando, o punhal. As lágrimas deslizavam pela face cava. E o orador, prolongando o efeito cênico, ainda ficou, por algum tempo, com o punhal erguido e profético. Um uivo unânime subiu das entranhas do silêncio. O comício veio abaixo. Sujeitos atiravam para o ar os chapéus de palha.

Mas resta de pé a pergunta: — Por que exatamente o punhal? Por que o ódio havia de ter a forma esguia e diáfana do punhal? 1915. Era o Brasil do fraque e do espartilho. Nas salas de visitas, havia sempre uma escarradeira de louça, com flores desenhadas em relevo. Eu tinha meus três anos e estava em Pernambuco. Três anos. Aos três anos, o sujeito começa a inventar o mundo. Minha família morava na praia. E eu começava a inventar o mundo. Primeiro, foi o mar. Não, não. Primeiro, inventei o caju selvagem e a pitanga brava.

Para os meus três anos, o mar, antes de ser paisagem, foi cheiro. Não era concha, nem espuma. Cheiro. Meu pai, antes de ser figura, gesto, bengala ou pura palavra, também foi cheiro. Ninguém tinha nome na minha primeira infância. A estrela-do-mar não se chamava estrela, nem o mar era mar. Só quando cheguei ao Rio, em 1916, é que tudo deixou de ser maravilhosamente anônimo.

Eis o que eu queria dizer — o primeiro nome que ouvi foi o de Pinheiro Machado. Alguém se chamava Pinheiro Machado. A princípio, ele não foi um destino, um perfil, um fraque, mas tão-somente um nome. Um nome solto no ar, quase um brinquedo auditivo. Eu não inventara ainda a morte, não inventara ainda o punhal, nem a palavra “defunto”.

Escrevi, não sei onde, que foi um suicida que me revelara a morte e

me ensinara a morrer. Engano, engano. Foi Pinheiro Machado. Sim, Pinheiro Machado. E, súbito, eu aprendia que o homem morre e que o homem mata. Ainda hoje, e até nas minhas crônicas esportivas, falo muito, com uma constância obsessiva, no assassinato de Pinheiro Machado. Uns acham graça e ninguém entende a insistência cruel. Ah, eu teria de explicar que há, em qualquer infância, uma antologia de mortos; e, para o menino que fui, Pinheiro Machado é um desses mortos fundamentais.

Mas repito a pergunta: — Por que havia de ser o punhal? Pinheiro Machado podia ser assassinado a tiro, a bala. Pouco antes, um jornalista fora assassinado em Pernambuco. Chamava-se Trajano Chacon. Três ou quatro se juntaram e o mataram, a cano de chumbo. Não faca, punhal ou revólver. No caso de Pinheiro Machado, quero crer que o punhal convinha mais à retórica. Na época do soneto, era mais parnasiano. O orador podia tirar o punhal, beijá-lo, quase lambê-lo.

Muitos e muitos anos depois, me vejo subindo a escadaria da Biblioteca Nacional. Estou crispado como o criminoso que vai reler a notícia do próprio crime. Lá dentro, peço a coleção do *Correio da Manhã* de 1915. Dou o mês do assassinato. Não me lembro se é permitido fumar na sala de leitura; em caso afirmativo, tiro um cigarro e o acendo (guardo o palito na própria caixa). Enquanto não vem a coleção, começo a tecer uma pequena fantasia homicida. Não é mais o Manso de Paiva, mas eu que me escondo atrás de uma coluna. Entra Pinheiro Machado, de fraque. Os rapapés o envolvem: — “Senador! Senador!”. É agora. Corro e mato Pinheiro Machado. Sou assassino. Em seguida, imagino a experiência inversa, de vítima. A dor fulminante da punhalada. Não tenho tempo nem para o espanto, nem para o grito.

O funcionário trouxe a coleção. Começo a ficar tenso. Encontro a edição do crime. Primeiro, passo os olhos no dia, mês e ano (sou um fascinado pelas datas dos velhos jornais e dos velhos túmulos). A manchete rasga as suas oito colunas: — ASSASSINADO O GENERAL PINHEIRO MACHADO! Ao bater estas notas, sinto o abismo entre as duas manchetes: — a de Pinheiro Machado era um berro gráfico, um uivo impresso; a de Kennedy, estupidamente impessoal, crassamente informativa. Ah, as manchetes de hoje não se espantam, nem se desgrenham, nem reconhecem a catástrofe.

O *Correio da Manhã* conta tudo. Estou vendo Pinheiro Machado, de

fraque, chegando ao Hotel dos Estrangeiros. Lá está o seu lindo perfil de moeda. Vinha falar com dois políticos de São Paulo. Era um voluptuoso, um lúbrico do Poder. Sua conquista política era um jogo amoroso. O olho ficava mais doce, lascivo, translúcido. Amorosamente, Pinheiro Machado abriu os braços, enlaçando os dois políticos. E assim, entre um e outro, caminha o general, muito olhado. Claro que todos se voltavam para ver o homem que, segundo os comícios e os jornais, era o autor de todos os presidentes.

Pouco antes, chegava da Europa Irineu Machado, um dos grandes tribunos da época. Era homem de falar dez horas sem parar (antigamente, tínhamos mais oradores do que hoje camelôs de caneta-tinteiro). E Irineu Machado disse, em comício: — “Matar Pinheiro Machado não é ser assassino. É ser caçador”. Ele não estava improvisando nada. A frase fora criada, recriada, até chegar à sua forma exata, inapelável e assassina.

Era apenas uma frase. Mas aí é que está: — nada se fazia então sem frase. Para tudo era preciso uma frase. Repito: — uma frase tanto fazia uma adúltera como um ministro. E aquilo que Irineu Machado berrara foi de uma prodigiosa eficácia homicida. Caçar Pinheiro Machado, simplesmente caçar. Manso de Paiva estava ouvindo. E se não fosse Manso de Paiva seria outro Manso de Paiva. Até as senhoras eram Mansos de Paiva. A punhalada amadurecia no coração do povo. Mas volto ao Hotel dos Estrangeiros. Passa o caudilho com os outros dois. Ouvia-se o seu riso cáldo, vital. Uma dama olha Pinheiro por detrás do leque como uma Butterfly.

Tudo teve a progressão fulminante da catástrofe. Manso de Paiva sai da coluna; corre, tira o punhal e o enterra até o fim nas costas do caudilho, pouco abaixo da nuca. Pinheiro soluça: — “Mataste-me, canalha!”. Mas Osvaldo Paixão, contemporâneo do episódio, orador de vários comícios ferocíssimos, retifica. Segundo ele, as últimas palavras de Pinheiro foram estas: — “Apunhalaste-me, canalha!”. Quero crer que ele tenha dito apenas: “Canalha”. Mas cabe perguntar: — que canalha? Ou, por outra: o caudilho estava com dois paulistas. Morreu certo de que um deles era o “canalha”.

(Preciso falar de Guimarães Rosa.) Ah, em 1915, as mulheres tinham um repertório de gritos que as novas gerações não usam, nem conhecem. Era bonito “ser histérica”. Muitas simulavam seus ataques, como o dostoievskiano Smerdiakov. Mas, quando Pinheiro caiu, as damas presentes não fingiam nada. Elas se esganiçavam, e rolavam pelas cadeiras, ou

sapateavam como espanholas. Naquela época, uma notícia levava meia hora para ir de uma esquina à outra esquina. Mas toda a cidade ou, mais do que isso, o Brasil soube do assassinato, com uma instantaneidade brutalíssima.

E ninguém percebeu que, com Pinheiro Machado, morria também o fraque.

[4/12/1967]

PIRÂMIDES E BISCOITOS

Antes de falar de João Guimarães Rosa, quero dizer ainda duas palavras sobre o velho Rio. (Em nosso idioma, duas palavras são duzentas.) O brasileiro cospe menos, diria eu. Quanto às nossas mulheres, nem cospem. Mas, no tempo do fraque e do espartilho, a cidade expectorava muito mais. Lembro-me de antigas bronquites, de tosses longínquas, asma nostálgicas. Nas salas da Belle Époque era obrigatória esta figura ornamental: — a escarradeira de louça, com flores desenhadas em relevo (e pétalas coloridas).

O curioso é que a ficção brasileira da época não tenha notado o detalhe. Não há, em todo o Machado, uma vaga e escassa referência, e repito: — a escarradeira não existia para o autor, para os personagens, nem para o *décor* dos ambientes. Mas, em 1915, quando assassinaram Pinheiro Machado, ou em 1916, quando vim para o Rio, as famílias tinham pigarros, tosses, que as novas gerações não conhecem. Dos meus amigos atuais, o único que costuma tossir é o João Saldanha.

Bem me lembro da primeira vez em que fui ao cinema. 1916. Eu era um garoto de seis anos, e tudo me espantava. Quando apagou a luz, nasceu na treva uma misteriosa e tristíssima fauna de tosses. Depois do filme, saímos, eu e meu irmão Milton. Olhei e vi: — lá estava ela, num canto da sala de espera. Era escarradeira e flor: — subia por um caule fino para se abrir em lírio. Larguei-me do irmão e fui lá cuspir. Passei a mão na boca e voltei. Vinha feliz, envaidecido, realizado. Ainda me voltei, da porta, para vê-la. Linda, linda, imitando um lírio ou um copo-de-leite.

Também me vejo na calçada da rua Alegre. Os mesmos seis anos. Era pequenino e cabeçudo como um anão de Velásquez. E me fascinava ir de uma esquina a outra esquina, sempre pelo meio-fio. Eu me equilibrava, no meio-fio, como se este fosse fino e vibrante como um arame. Mas eis o que importa dizer: — fazia esse número acrobático, cuspiendo sempre. Também

me vejo numa sacada, cuspidando na cabeça dos que passavam.

Bem. Preciso agora explicar que toda essa ternura antiga me veio, outro dia, num boteco. Entrei lá para comprar cigarros e fósforos. Um pau-d'água está resmungando: — “Não gosto de nortista”. Passou os olhos nos presentes e repetiu, num riso encharcado: — “Não gosto de nortista”. E súbito me viu. Vem para mim; disse, cara a cara comigo: — “Eu nasci em casa e com parteira”. Fala com uma vaidade feroz e jucunda. Mas é exatamente o meu caso. Também nasci em casa e com parteira.

E assim o pau-d'água anônimo instalou em mim todo o apelo da Belle Époque. Parto em casa, velório em casa, escarradeira na sala, bronquite das tias — todo esse conjunto de relações era o Rio de Machado de Assis, de Pinheiro Machado, de Rui Barbosa. As famílias usavam as bacias em abundância. Hoje uma simples bacia deflagra em mim todo um movimento regressivo, todo um processo proustiano.

E já me ocorre um incidente parlamentar que ouvi contar na minha infância. Era no velho Senado. Pinheiro Machado está na tribuna. Fala, fala com a nobre insolência gaúcha. Mais adiante está Rui Barbosa, “o maior dos brasileiros vivos”. De repente Pinheiro Machado diz: — “Se eu me manter”. Rui cortou, com triunfante crueldade: — “Decerto Vossa Excelência quer dizer ‘mantiver’”. A lambada doeu na carne e no brio do caudilho. Vacila ou nem isso; deu a resposta fulminante: — “Vossa Excelência pode me corrigir, e é bom que o faça. Pois, enquanto Vossa Excelência aprendia a falar certo e bonito, eu matava e morria na Guerra do Paraguai”.

Chego finalmente a João Guimarães Rosa. O curioso é que o nome, por extenso, como num cartão de visitas, soa falso. Guimarães Rosa devia chamar-se apenas, e para sempre, Guimarães Rosa. O João lá não devia estar. Lembro-me de que no sábado, véspera da morte, fui à casa do Hélio Pellegrino. E tivemos uma conversa obsessiva sobre o *Grande sertão* e seu autor. O Hélio deu a idéia: — “Falo com o Callado para promover um almoço com o Guimarães Rosa. Você topa?”. Claro, claro. E assim combinamos o almoço com o morto do dia seguinte.

Coisa curiosa. O Hélio Pellegrino é um admirador nato. Quando não há quem admirar, sente-se um frustrado e um vencido. Todavia, o seu juízo final sobre Guimarães Rosa não era um juízo final, mas um ponto de interrogação. O Hélio não sabia o que pensar, o que dizer. Admitia que o

Grande sertão fosse um esmagador monumento estilístico. O próprio autor já dissera: — “Faça pirâmide, não faça biscoito”. Pois seu livro era uma pirâmide indubitável. Mas a linguagem rosiana fazia o Hélió sentir uma nostalgia cruel de Graciliano, sim, da seca transparência de Graciliano. Talvez todo o Guimarães Rosa fosse uma inútil obra imortal. Juntei as minhas dúvidas às do Hélió. Exagerei as minhas.

No domingo, fiz, como sempre, a Grande Resenha Esportiva da TV Globo. Em seguida, a fome da madrugada levou-me ao Antonio’s. Comigo ia o dr. Híltón Gosling. O Guimarães Rosa já estava morto e eu não sabia. Assim como Paris tem seus cafés literários, temos os nossos cafés, bares, restaurantes ideológicos. O Antonio’s é um deles. Lá as nossas esquerdas vão dizer seus palavrões e babar seus pileques. Tomo uma sopa que, aliás, não foi uma sopa — foi um omelete com presunto de Parma. E ninguém me falou nada. Não houve um pau-d’água ideológico que me cochichasse: — “Olha. Morreu o Guimarães Rosa”.

Saio do Antonio’s e venho na carona fraterna do dr. Híltón Gosling. Quando é o João Saldanha que me traz, depois da Grande Resenha, costumo dizer: — “Espera que eu entre. Senão me assaltam”. Também o dr. Híltón esperou, de faróis acesos, que eu abrisse o portão. Grito ao amigo: — “Deus te abençoe”. O que me pergunto é se, por coincidência, pensei no autor de *Sagarana*. Não, não pensei. Minha mulher, Lúcia, só dorme depois que eu chego. Veio abrir a porta dos fundos (aos domingos subo pelo elevador de serviço e entro pela cozinha). Beijo-a, de passagem. Ela já sabe, mas ainda não me diz nada.

Naquele momento, uma coisa não me saía da cabeça — o omelete que comera no Antonio’s. Era um veneno para a úlcera. Já a caminho de casa, vim pensando: — “Chego e tomo um copo de leite”. O leite acalmaria as danações da úlcera. O antiácido tem sido a minha mais recente fé. Bebi o leite gelado, achei que o omelete estava derrotado e passei para a sala. Foi aí que Lúcia começou: — “Que coisa horrível aconteceu *com o* Guimarães Rosa!”. Eu desfazia o nó da gravata e parei: — “Que foi?”. E ela: — “Não sabia? Morreu”. Ainda perguntei: — “Desastre?”. Disse: — “Enfarte”.

As más notícias agridem em primeiro lugar a minha úlcera. Sinto os seus arrancos. O copo de leite não ia adiantar nada. Fiz várias exclamações: — “Que coisa! Não é possível!”. E só falei perguntar: — “Morreu como, se

estava vivo?”. Lúcia foi dormir. Fiquei rodando pela sala. Eu tivera, com a notícia, duas reações: — primeiro, de pusilanimidade. O enfarte alheio é uma ameaça para qualquer um. A nossa saúde cardíaca é um eterno mistério, um eterno suspense. Depois do medo, veio algo pior e mais vil: — uma espécie de satisfação, de euforia. Ninguém me via, só eu me via. Vim para a janela olhar a noite. Cada um de nós tem seu momento de pulha. Naquele instante, eu me senti um límpido, translúcido canalha.

[5/12/1967]

REZE MENOS POR MIM

Vou falar de Alceu Amoroso Lima, mas o assunto é ainda Guimarães Rosa, Eis o que eu queria dizer: — para mim, o amigo é o grande acontecimento. (Bem me lembro daquela segunda-feira. Entro na redação e vejo o Franklin de Oliveira. Vagava por entre mesas e cadeiras, e tão órfão de Guimarães Rosa.) Há cinco ou seis anos, resolvi ser amigo do dr. Alceu. Era dezembro. No dia 24, ligo para ele. Imaginei que, na espera de Natal, um católico puro há de estar aberto para o mundo.

Comecei assim: — “Dr. Alceu, aqui fala o Nelson Rodrigues. Como vai? Vai bem?”. Não havia nenhuma convivência entre nós. Mas ele respondeu, vivamente: — “Ah, Nelson, tenho pensado tanto em você! Agora mesmo, estava rezando por *você*”. Pensando em mim, rezando por mim. Vou adiante: — “Dr. Alceu, estou-lhe telefonando para desejar todas as felicidades, a si e aos seus” etc. etc. etc. Por um momento, tive vontade de contar-lhe o seguinte: — “Dr. Alceu, quando eu era criança, o *Tico-Tico* publicava um presépio para armar. O senhor sabe que eu recortava as figurinhas e colava em papelão?”.

Todavia, não falei do presépio. Um ano depois, no mesmo 24 de dezembro, disco novamente. E o dr. Alceu responde: — “Ah, Nelson, acabei de rezar por você”. (Ah, não se esquecia de mim nas suas orações.) Mais uma vez, não contei que em criança armava os presépios do *Tico-Tico*. E, assim, Natal após Natal, não lhe faltei com o meu sofrido telefonema.

Eis o que eu pensava: — um católico, como o dr. Amoroso Lima, há de ter Deus enterrado em si como um sino. Ele havia de imaginar que eu corria, arquejante, atrás de um amigo, eternamente atrás de um amigo. E, no entanto, eu sentia, com uma nitidez cruel, inapelável, que o dr. Alceu rezava por mim e não era meu amigo. Simplesmente, não era meu amigo.

Até que, um dia, conversei com uma senhora que acabava de chegar

de Roma. Entrara no Vaticano e fora recebida pelo papa. Na hora de se despedir, o Santo padre baixa a voz e diz, súplice: — “Reze por mim”. Era um papa, a mendigar uma oração. Tremendo de beleza, a pobre senhora saiu dali como se fugisse.

No seguinte Natal, vou ligar para o dr. Alceu. Estou cada vez mais convencido de que o amigo é um momento de eternidade. Antes de discar, passo um bom quarto de hora sonhando diante do telefone. Eu queria ter, com o dr. Alceu, uma conversa de lealdade total. Eis o que imaginava dizer-lhe: — “Dr. Alceu, reze menos por mim. Se quiser, não reze nada. Mas seja meu amigo. Apenas isso: — meu amigo. E, se insiste em rezar, vamos fazer uma permuta: o senhor reza por mim e eu rezo por si”.

Daria tudo para ver o dr. Alceu mendigando as minhas orações, com a humildade de um papa. Imaginei o velho católico a suplicar, do fundo do seu desespero: — “Nelson, reze por mim. Eu preciso ser salvo. É a minha salvação que está em jogo”. Se ele falasse assim, trêmulo de pavor, eu responderia: — “Dr. Alceu, vou começar agora mesmo. Não desligue. Quero que o senhor ouça a minha oração”. E assim eu salvaria o dr. Alceu Amoroso Lima, e seríamos amigos eternamente.

Eu não rezo. Sou cristão e não rezo. A última vez em que rezei foi na morte do meu irmão Roberto. Na morte, não: ele ainda agonizava e rezei para salvá-lo. Quando o vi morto, fiz, a mim mesmo, o juramento ressentido: — não rezar mais, nunca mais. (Roberto foi assassinado; e, morto, era belo como os suicidas.) Mas rezaria pelo dr. Alceu se ele implorasse uma oração, assim como um ceguinho pede uma moeda.

Bem me lembro do nosso último 24 de dezembro. Ouço a voz do dr. Alceu: — “Alô?”. Estou imaginando: — “Vai repetir tudo, igualzinho como da outra vez”. Digo: — “Dr. Alceu, é o Nelson Rodrigues. Como vai essa figura?”. Foi de uma larga e cálida efusão: — “Ah, Nelson, acabei de rezar por você”. Tomo um baque. Ele insiste: — “Tenho pedido muito por você”. Aproveito uma pausa e dou o meu recado: — “Vim desejar-lhe todas as felicidades etc. etc.”.

(E eu queria pingar, como no pires de um cego, a moeda da minha oração.) Baixa em mim o tédio: começo a crer que o amigo é uma impossibilidade. A conversa continuou e chegava a ser irreal, quase um pesadelo humorístico. Subitamente, ele suspira: — “Ah, Nelson, você aí

nessa lama!”. Exatamente: — lama. Começo a ter medo do resto. Dr. Alceu dizia “lama” familiarmente, como se falasse de uma tia minha, bem idosa e até estimável. Tive a idéia de responder-lhe: — “Minha lama vai bem. E a sua, dr. Alceu?”.

Acabei com aquilo sumariamente: — “Até logo, até logo. Passar bem”. Desliguei e confesso: — com um desgosto do Natal e, até, um tédio retrospectivo do presépio do *Tico-Tico*. Nunca mais telefonei, nunca mais. Mas, ao relembrar o episódio, imagino um mundo em que as senhoras se cumprimentassem assim: — “Como tem passado a sua lama?”. Eis o que o dr. Alceu, na sua imodéstia de santo, não percebe — qualquer um tem seus íntimos pântanos, sim, pântanos adormecidos. É preciso não despertá-los. Mas certos acontecimentos acordam a lama do seu negro sono. Quando isso acontece, a alma começa a exalar o tifo, a malária, e a paisagem apodrece.

Justamente, a morte de Guimarães Rosa tocou meu íntimo e inconfesso pântano. Vivo, ele nos agredia e humilhava com a sua monumental presença literária. Certa vez, ouvi o Otto Lara Resende dizer, na TV Globo: — “O genial João Guimarães Rosa”. Além de chamá-lo “genial”, ainda lhe punha, por extenso, o nome. Eu estava em casa. Detestei o Otto e pensei, desfeitoado: — “Uma besta, esse Otto”. No dia seguinte estava eu dizendo, não sei a quem, que o *Grande sertão* tinha muito de gratuito, de incomunicável; e a linguagem do autor, que ninguém entendia, era uma audição para surdos. Fiquei, por uns dias, ressentido com o Otto: — “Nunca me chamou de gênio”, era o meu lamento.

E, súbito, num domingo, morria Guimarães Rosa. A notícia deu-me um alívio, uma brusca e vil euforia. É fácil admirar, sem ressentimento, um gênio morto. Já tínhamos um Machado de Assis. Guimarães Rosa seria outro Machado de Assis. Claro que os demais continuavam vivíssimos, atropelando. Mas esses não fundaram uma língua, nem escreveram “A terceira margem do rio” (que o Hélio Pellegrino declamou para mim, ao telefone).

No dia seguinte, Guimarães Rosa tinha uma imprensa de chefe de Estado assassinado. Vocês se lembram quando um tiro arrancou o queixo forte, vital, de Kennedy? Pois Guimarães Rosa subiu às manchetes como o presidente fuzilado dos Estados Unidos. Pela primeira vez um escritor aparecia em oito colunas, nas primeiras páginas. No princípio do século,

Euclides da Cunha também teve a mesma glória impressa. Mas não era o autor de *Os sertões*, não era o bárbaro estilista. Para ser manchete, Euclides teve de ser varado de balas.

Há qualquer coisa de árido, ou de vazio, ou de humilhante, na morte natural do grande homem. Pois Guimarães Rosa, com um puro e convencional enfarte, mereceu a promoção frenética das tragédias de sangue. Repito: — pela primeira vez fez-se crítica literária nas manchetes. Os meus amigos penduravam-se no telefone. O Hélió Pellegrino, na véspera, restritivo, realizou uma fulminante revisão crítica. Relia o Guimarães Rosa e tremia de beleza. Ligou para o Mário Pedrosa para arrastá-lo na mesma admiração. Mas o Mário resmungou: — “É o novo Coelho Neto!”. Muito antes, eu ouvira do Carlos Heitor Cony o mesmo berro: — “É o novo Coelho Neto!”. Quanto a mim, fui ao velório na Academia. Entro e paro ante a indignidade dos círios elétricos.

[6/12/1967]

NENHUM VENTO PODE APAGAR

Quando ando de táxi, sinto uma euforia absurda e terrível. Isso vem de longe, vem de minha infância profunda. Bem me lembro dos meus seis, sete anos. Meu pai deu um passeio de táxi, com toda a família; e eu, na frente, ao lado do *chauffeur*, teci toda uma fantasia de onipotência. Repito: o táxi ainda me compensa de velhas e santas humilhações.

O ônibus, não. Quando ando de ônibus (e, às vezes, só tenho o dinheiro contadinho do ônibus), viajo como um ofendido e sou, realmente, um desfeiteado. É uma promiscuidade tão abjeta, que eu diria: o ônibus apinhado é o túmulo do pudor. “Exagero”, dirão. Paciência. Mas quando eu passava fome, queria ser rico, e não para ter palácios ou andar de Mercedes. A minha obsessão nunca foi a Mercedes, nunca foi o palácio. Simplesmente, queria andar de táxi e nada mais.

Fiz a introdução para referir certa viagem de ônibus. Precisava ir à rua Mariz e Barros. Como tinha pouco dinheiro no bolso, apanhei um ônibus e lá vim eu, em pé, pendurado numa argola. Enguiçamos na praça Onze. Ao lado, estava o edifício da *Última Hora*. No meio de pardieiros, e com a favela por fundo, o edifício da *Última Hora* era um pavão enfático. Salto e vejo, mais adiante, uma aglomeração.

O brasileiro é um fascinado por qualquer ajuntamento. Também fui espiar. Lá estava ele, o cadáver. “De cor parda”, diria o repórter de polícia. Acabara de ser atropelado e era um defunto desfolhado, despetalado ou que outro nome tenha. E, ao lado, alguém acendera uma vela. Disse “alguém” e já retifico: — ninguém. Eis o mistério dos nossos atropelados. Sem que ninguém a ponha, sempre aparece uma chama que nenhuma chuva, nenhum vento, consegue apagar.

E, por todo um dia, por toda uma noite, fica ardendo a estrela do atropelado. Essa piedade de rua, de esquina, de meio-fio, só existe no Brasil.

Nos outros povos, mão nenhuma se lembraria de acender uma vela pelo defunto desconhecido.

Eis o que eu queria dizer: — quando entrei na Academia, e vi a miséria dos círios elétricos, comecei a pensar no morto da praça Onze. Eu teria preferido, em vez de quatro lâmpadas estúpidas, a vela solitária do atropelado. Não me demorei. Eis a verdade: — tenho medo do morto ilustre. A visitação, que não pára, é tão sem amor! Olho a curiosidade frívola dos que vão espiar o morto. Vejo o Franklin de Oliveira. Esse podia estar ali. Andava de um lado para outro, errante na própria solidão. Fala comigo. Mas a sua voz é inaudível como o hálito. Descubro, num canto, Gustavo Corção.

Corção, já com setenta anos feitos, tem um coração atormentado e puro de menino. Conversamos num canto; e, baixinho, contou-me a morte de Guimarães Rosa. O autor estava só em casa quando começou a passar mal. Liga para uma senhora conhecida: — “Fulana, estou-me sentindo mal. Ouvia? Estou-me sentindo mal. Chame o médico”. Repetia: — “Chame o médico. O médico”. Desatinada, a senhora pede: — “Espera, que eu vou chamar”. Sem desligar, corre para alguém, manda chamar o médico. Quando apanha de novo o telefone, ouve o amigo: — “Socorro. Socorro”. Mas era um apelo sem ponto de exclamação.

(Não acredito no medo da morte que, a meu ver, ninguém tem. Há inversamente, em todos nós, a nostalgia da morte. Também não acredito no medo de Guimarães Rosa. Nem a morte foi uma visita. Há muito tempo que os dois se entendiam. E o escritor chegou a dat -la. Pode-se dizer que havia uma convivência e que ele se tornara íntimo da própria morte.)

Quando estive na Academia, senti que, fora a família, s  Franklin de Oliveira e Gustavo Corção podiam estar ali. As estagiárias, não. As estagiárias formam a nova classe da imprensa. Invadiram o velório; atropelavam todos os que não fossem solidamente desconhecidos. Eu conversava com o Corção quando uma delas me interpelou: — “O que é que o senhor acha do Guimarães Rosa?”. Estava com um bloco, um lápis e esperava o meu juízo final. Para ela, Corção, o reacionário, não existia. Só queria a minha opinião. Sentindo-me irremediavelmente imbecil, comecei: — “Guimarães Rosa é o renovador”. Paro, numa brusca vergonha da trivialidade. Renovador e que mais? Concluo: “Renovador do romance brasileiro”.

Só três dias depois comecei a ter pena de Guimarães Rosa, amor por Guimarães Rosa. Fui com o Carlos Heitor Cony ao Garoto do Papai, um boteco que fica, ali, na primeira esquina. A pretexto de tomar uma média, nós vamos fazer literatura. Conversamos sobre Guimarães Rosa. O Cony foi o primeiro a chamar o autor de *Grande sertão* de “o novo Coelho Neto”. Mas nem sempre a opinião da véspera é a mesma do dia seguinte. Quem sabe se o Cony não seria, como o Hélio Pellegrino, um ex-restritivo? Foi nessa esperança que o interroguei.

E, então, para o meu horror, ele deixou de lado o Coelho Neto e pôs-se a falar no Conselheiro Acácio. O amigo negava até o célebre “viver é muito perigoso”. Gaguejei: — “Escuta. Mas Conselheiro Acácio?”. Comecei a repassar os tipos de Eça. Via o Pacheco falando: — “Enquanto Vossa Excelência faz berreiro, eu, aqui, no meu canto, faço luz”. Com uma certeza jucunda, o Cony insistia: — “Aquele ‘o sujeito morre para provar que viveu’ é Acácio. Tem santa paciência. Mas é Acácio”. No meu escândalo, balbuciei: — “E o ‘A terceira margem’ também é Acácio?”.

O outro fez a concessão: — “‘Terceira margem’ é bom!”. Ainda insisti: — “E o resto? Que diabo! A linguagem!”. Cony retruca: — “A linguagem quem faz é o povo”. Primeiro, foi uma revisão crítica de calçada. Por fim, talvez por cansaço físico, o Cony admitiu que Guimarães Rosa era um grande escritor, mas com algum Acácio. Entramos no Garoto do Papai. Estava, lá, o Reynaldo Jardim. Viro-me e faço-lhe a pergunta, à queima-roupa: — “O que é que você acha do Guimarães Rosa?”.

A resposta, fulminante, veio num berro: — “Um bolha!”. Desta feita, a gíria tornava a desfeita maior. Exaltei-me também. Mas, quando falei da linguagem, do idioma fundado, o Jardim dava pulos de indignação: — “Um falsário! Um falsário!”. Por um momento, eu não sabia mais o que dizer, o que pensar. O Reynaldo repetia, na fúria polêmica: “Falsário da linguagem”. Comecei a beber o meu copo de leite (a úlcera tinha contrações de víbora moribunda). E, súbito, fui varado por uma dessas certezas inapeláveis, fatais: — Guimarães Rosa era o único gênio de nossa literatura.

[7/12/1967]

O GRANDE HOMEM

Sou um obsessivo e volto a falar de Guimarães Rosa. O que me feriu, na morte do ficcionista, foi a aridez do seu velório. Sei, evidente, que a visitação não parou. Como se saía e como se entrava! E, coisa curiosa: não senti, nas caras presentes, nenhum sentimento maior. Fora a família, só vi duas pessoas marcadas pelo espanto da morte: — Franklin de Oliveira e Gustavo Corção.

(Parece uma perversidade pôr, lado a lado, e chorando o mesmo morto, duas figuras tão dessemelhantes.) Passei na Academia uns dez, quinze minutos; e saí de lá certo de que o grande homem é o menos amado dos seres. O homem não nasceu para ser grande. Um mínimo de grandeza já o desumaniza. Por exemplo: — um ministro. Não é nada, dirão. Mas o fato de ser ministro já o empalha. É como se ele tivesse algodão por dentro, e não entranhas vivas.

Vou concluir: — o velório de Guimarães Rosa teria de ser fatalmente frio por se tratar de um grande morto. Fosse ele um Lemos qualquer, e teria, não uma apoteose crítica, mas lágrimas inumeráveis. Sem querer, disse o nome certo: — Lemos. Esse Lemos existiu e, se não me engano, trabalhava na Casa da Moeda (na Casa da Moeda ou na Imprensa Nacional).

Vejamos o nome: — Lemos. Lemos, como Oliveira, é nome de vizinho. Um sujeito que se chama Lemos só pode ser vizinho; e o citado morava na casa ao lado da minha. Era ainda em Aldeia Campista. Um patusco e pior: — homem de vir, para o meio-fio, de pijama, aparar os calos com gilete. E fazia isso com um deleite, um requinte, um lavor inexcedíveis. Outro dado biográfico: — mal sabia assinar o nome.

Pois um dia o Lemos morreu. Teve, em pleno expediente, isso que o repórter chama de “mal súbito”. E morreu. Eu era garoto e essa morte foi um dos espantos da minha infância. Aldeia Campista parou por causa do Lemos. Nunca vi ninguém tão chorado. Veio gente da Pavuna, de Quintino, do Encantado. Favelados desceram.

Desde garotinho que eu sou um fascinado por qualquer dor, inclusive as físicas. E posso dizer que não houve, no velório do Lemos, ninguém omissos, indiferente ou frívolo. As pessoas que lá entravam começavam a estrebuchar, a bater com os pés, como em transe mediúnico. Perdi a conta dos ataques. E, na hora de fechar o caixão, foi espantoso.

Eis o fato: — com súbita e frenética agilidade, a viúva deu um pulo inverossímil. Deu um pulo e montou, solidamente, no caixão. Era uma senhora gorda e fez isso. Teve que ser arrastada por uns dez. Fecho os olhos e ouço os seus gritos: — “Quero ser enterrada com o Lemos!”. E esganiçava o apelo: — “Me leva contigo! Lemos, Lemos!”. Também ela o chamava de Lemos.

Conto o fato para concluir: — por que todo esse elenco de uivos? Explico: porque morrera o antigênio, o antigrande homem. É fácil amar e chorar o pobre-diabo. Ainda por cima, aos dezessete anos, tivera varíola. Era chamado de “Lemos Bexiga”. Ao passo que somos ressentidos contra o sujeito que funda uma língua, inventa um Brasil e tira um sertão inédito da própria cabeça como de uma cartola.

Mas falei, falei, e não estou dizendo o essencial. O que chamo essencial é a carta que acabo de receber do Otto ou, por extenso, Otto Lara Resende. Ora, uma carta do Otto é, para mim, uma experiência desconhecida. Ele nunca me escreveu e vou mais longe: — nunca me telefonou. E, súbito, recebo uma carta imensa. Quase não acreditei e passei os olhos na assinatura. Mas o nome lá estava, indubitável, limpidíssimo: — Otto.

Agora vem o já referido essencial: — o meu longínquo amigo trata, como não podia deixar de o fazer, do Guimarães Rosa. Eram amigos, foram íntimos, uniram as suas gargalhadas em piadas recíprocas e lapidares. Mas, antes de entrar no assunto “Guimarães Rosa”, quero dizer duas palavras sobre o “novo” Otto. Não exagero. O Otto que daqui saiu não tem nada a ver com o Otto que lá está.

Sim, o Otto de Lisboa é um, o de São João Del-Rey, o da TV Globo, é outro. Já domingo, no *Jornal do Brasil*, saiu um artigo do “novo” Otto. O leitor lê, lê e não entende que o nome do mineiro lá esteja. O Almeida Garrett assinaria tal página com a maior desfaçatez. De mais a mais, eu e o Hélio Pellegrino falamos com o Otto pelo telefone internacional (custou-nos a ligação uns duzentos mil cruzeiros). E nada descreve o nosso estupor. A

voz que ouvíamos não era a do Otto mas a do Leopoldo Fróes. O Otto fala como Leopoldo Fróes. É o mesmo sotaque lisboeta, sem tirar nem pôr.

(E, por isso, digo eu que o brasileiro nunca pode viajar. Foi para Lisboa um Otto Lara Resende e Portugal vai-nos devolver um Leopoldo Fróes.) Mas o caro amigo fala, em certo trecho da carta, em Guimarães Rosa. Confesso a maligna curiosidade com que li tal passagem. Nós estávamos aqui, isto é, a dois passos do acontecimento. Qualquer táxi nos levaria ao velório. Ao passo que havia entre o Otto e o Guimarães Rosa todo um oceano a separá-los. Que influência teria a distância nas leis da emoção ou, melhor dizendo, da dor? É o que eu ia ver.

Mas o comportamento humano não tem nenhuma simplicidade. Quando surgiu, na carta, o nome de Guimarães Rosa, fiz um *suspense* para mim mesmo. Parei de ler e puxei um cigarro. Comecei a imaginar o que dizia o Otto sobre o ficcionista. Não me interessava sua admiração. O admirador porta-se muito mal diante da morte. Acendendo o cigarro, eu me lembrava da visita que nos fez, há tempos, o Jean-Paul Sartre. Fui a uma de suas conferências. Gente escorrendo do lustre, subindo pelas paredes. E os presentes lambiam o Sartre com a vista. Olhei aquilo e concluí que há admirações abjetas. Justamente, eu não queria que o Otto fizesse do Guimarães Rosa um Sartre.

Li a primeira frase e parei. Eis o que me perguntava: — Será que o Otto chorou pelo amor do *Grande sertão*? Na véspera da partida para Portugal, ele passara na casa do Hélio Pellegrino. Os dois foram para a cozinha tomar leite gelado. E, de repente, o Otto começou a chorar. No pânico e vergonha das próprias lágrimas, correu para o banheiro. E, lá, se trancou com o Hélio. O Otto soluçava. Era uma dor sofrida, mugida. Por quem chorava ele? Por nós, pelo Brasil ou pela própria e inefável miserabilidade? Pois eu queria que, na carta, ele chorasse também como se o Guimarães Rosa fosse o próprio “Lemos Bexiga”. Mas comecei a ler e, de repente, tive medo.

[9/12/1967]

A GRANDE DOR NÃO SE ASSOA

A grande dor não se assoa. Eis uma verdade eterna. Não se assoa. Falei, no capítulo anterior, da senhora do Lemos ou, como era mais conhecido, “Lemos Bexiga”. Com frenética e acrobática agilidade, deu um pulo impossível e caiu montada, solidamente montada, no caixão. Mas não é bem isso que eu queria dizer.

O que eu queria dizer é que, da morte do Lemos até o fim do velório, ela não usou lenço uma única e escassa vez. Há também um pranto nasal. E a coriza da viuvez muito chorada costuma ser inestancável. Pois bem. E quando algum imprudente queria oferecer-lhe um lenço, a viúva tinha repelões selvagens. Parecia-lhe que o simples fato de assoar-se seria uma desfeita ao marido morto.

Mas coisa curiosa e, ao mesmo tempo, confrangedora. Ao descrever essa viuvez acrobática que pula num caixão, e o cavalga, dou-me conta de que, sem o querer, estou apresentando uma dor caricatural. De mais a mais, para exasperar o impacto humorístico, a senhora do Lemos era uma gorda. (As vizinhas da minha infância eram fatalmente gordas.) Eis o que me pergunto, com justo pânico: — não estarei fazendo um involuntário deboche?

Nem tanto, nem tanto e pelo contrário. Acaba de me ocorrer uma verdade realmente patética: — a grande dor não só não se assoa, como é humorística. O meu amigo Hugo Cota dos Santos dá-me, a propósito, um testemunho altamente válido. Durante muitos anos, foi ele — e não sei se ainda o é — cirurgião do Pronto-Socorro. Um cirurgião do Pronto-Socorro vê tudo e faz tudo. A toda hora, chegava um crioulo de barriga estourada. Por vezes, o nosso Hugo fazia milagres deslavados.

Assim aprendeu que a verdadeira dor tem de ser humorística. O Hugo viu coisas assim: — chegava um acidentado. Era um rapaz, ou uma menina, ou a noiva de não sei quem, ou a mãe de Fulano. A vítima está na mesa. Não há, a bem dizer, um osso intato. Tudo é fratura. Os vasos

explodem. O sangue esguicha. No corredor, amontoam-se os parentes, os vizinhos, amigos, o diabo. Até que o cirurgião pára. Ali, nem milagre. E agora é dar a notícia à família, que espera do lado de fora.

Nem é preciso dizer. De repente, todos sabem. Sabem antes da notícia. Morreu, morreu e pronto. O dr. Hugo viu a mesma cena duzentas vezes. As grandes dores se parecem e têm o mesmo repertório de gemidos, uivos, caras, gestos, fúrias e blasfêmias. O meu amigo conta a morte de um menino atropelado. Uns vinte parentes no corredor. Quando o dr. Hugo apareceu, vê esta coisa: — mãe, tias, irmãos, cunhadas, dançavam, simplesmente dançavam. E, então, o médico descobriu tudo. A grande dor — a dor sem consolo terreno — dança mambo. Era exatamente mambo. As pessoas pulavam, chocalhavam, tinham espasmos de mambo.

Portanto, a senhora do “Lemos Bexiga” estava humoristicamente certa quando repudiava os lenços e quando montava, fisicamente, no caixão. Bem. Agora vou tratar da carta do Otto e de suas relações com a velhíssima dor humana. Antes, porém, quero referir um outro episódio que me marcou para o resto da vida. Foi quando verifiquei o seguinte: — o ser humano, tal como o imaginamos, não existe. Imaginem vocês que, há quatro ou cinco anos, fazia eu diariamente, na televisão, um programa assim chamado: — A Figura do Dia. A “figura” tanto podia ser uma pessoa como um fato.

E, certa vez, “a figura do dia” foi um noivo que acabava de ser assassinado na Argentina. O telegrama dava conta de tudo e chegava ao requinte da minúcia hedionda. “Bom assunto, bom assunto”, pensei eu. Diante das câmaras e dos refletores, e falando para umas seiscentas mil pessoas, contei tudo. Vamos ao fato. Certa família de lá celebrou, com um jantar, o noivado da filha única. Sentou-se o noivo, ao lado da menina, numa mesa patriarcal. Presentes o pai da moça, a mãe, os irmãos e só. Pratos na mesa, talheres. E nada de comida.

Dez minutos, quinze, vinte. E, então, ergue-se o dono da casa. Diz: — “Não há comida. Portanto, um de nós será servido”. Os presentes riram; mas a fome era uma realidade. Tudo aconteceu numa progressão fulminante. Veio alguém por trás do noivo e deu-lhe uma cacetada de pôr abaixo um edifício. O rapaz morreu na hora, sem um suspiro. Estava morto. E, então, toda a família, inclusive a noiva, caiu sobre o corpo. Em quarenta minutos, o rapaz foi devorado. Nem os sapatos sobreviveram.

Era o horror indubitável, inédito, jamais concebido por Edgar Allan

Poe. E, no entanto, vejam vocês: — eu contava a história e, já no meio, começou o riso. Quando a vítima levou a cacetada, o estúdio foi varrido por uma gargalhada universal. Riam o câmara, o contra-regra, o acendedor de refletores, o faxineiro, todo o pessoal da técnica. Isso na própria estação. Lá fora, nem se fala. Seiscentos mil telespectadores esganiçavam a própria gargalhada. Nunca se riu tanto numa cidade.

Tudo por quê? Era o horror e, ao mesmo tempo, não havia horror nenhum. E, de repente, eu próprio achava engraçadíssimo o horror. Lembrome da cena final que descrevi, sem lhe tirar um miserável detalhe: — a noiva, atracada ao calçado da vítima, chupando-lhe os cordões dos sapatos como aspargos. Conheço uma senhora que ouviu o referido programa. Não há em toda a sua família um único caso de asma. Pois ela apanhou asma de tanto rir nessa noite.

Volto, finalmente, à carta do Otto. Não queria que o meu amigo desse, sobre o Guimarães Rosa, um testemunho de admirador. As admirações são pérfidas e, via de regra, escondem o nosso ressentimento e a nossa impotência. O Otto devia esquecer o grande homem. O morto é o contínuo, o profundo contínuo, o contínuo total. Não, não. O morto é o “Lemos Bexiga”, e como tal deve ser amado e chorado.

Mas, em toda a sua carta, o Guimarães Rosa é apenas o grande homem. O ficcionista está solene, hierático, como um mordomo de filme. E realmente o Otto o admira, sem realmente chorá-lo. Na véspera de partir para Lisboa, ele trancou-se no banheiro do Hélio Pellegrino. E, lá, num espasmo total de solidão, chorou como nunca. Na frente do Hélio ele dançou mambo de dor, E não se assoou. Aí é que está: — até a última lágrima, não aceitou nenhum lenço.

Li toda a carta e a reli. A admiração lá estava, perfeita, irretocável. Mas repito: — em nenhum momento, o Guimarães Rosa foi, para o Otto, um doce e irremediável “Lemos Bexiga”. Guardei no envelope a carta com toda a sua deliciosa afetação do sotaque lisboeta. E, então, comecei a pensar em Lili. Sim, Lili, a paixão de tantos.

[11/12/1967]

UM MENINO DE PAIXÕES DE ÓPERA

Bem me lembro dos meus cinco, seis anos. O vizinho era, então, todo o meu horizonte humano. Ainda vejo as pessoas que moravam ao nosso lado, ou em frente, ou na esquina. Os sujeitos se cumprimentavam assim: — “Bom dia, vizinho. Como vai, vizinho?”. E a simples palavra tinha uma tensão, um frêmito, uma magia. Era como se “vizinho” fosse um enfático nome wagneriano, uma espécie de Lohengrin prodigioso.

O mundo era aquela meia dúzia de vizinhos. E justamente a Lili veio morar duas ou três casas adiante da minha. Hoje ninguém se chama Lili. Lili é um nome nostálgico, obsoleto, espectral. Naquele tempo, não. Em cada ma havia uma Lili, ou duas ou, até, três. Havia um pó-de-arroz que se chamava Lili. Minto. Não era Lili, era Lady. Também havia Odetes por toda a parte. Ao passo que, hoje, somos um povo de poucas Odetes.

Lili. Conheci o nome antes da pessoa. Um dia, eu estava na mesa, tomando café com macaxeira. E, então, alguém falou em Lili. Achei o nome lindo. Lili. Aquilo ficou gorjeando em mim. Faço, porém, a ressalva: — aos cinco, seis anos, não se faz nenhuma seleção auditiva. Para mim, qualquer nome era bonito. Morava na rua Dona Maria um “seu” Sepúlveda. Era capitão da Guarda Nacional e tinha bigodões. Sepúlveda, ou qualquer outro nome, vem com um halo de mistério, de graça e de espanto. Que vontade tive de me chamar Sepúlveda!

E Lili foi, exatamente, a minha primeira paixão de menino. Antes de vê-la, eu a amei. Amei o puro nome, o puro som. Era a primeira Lili da minha infância. Cinco anos tinha eu. Ou seis. Vá lá, seis. Sentia que aquele nome insinuava um mistério ou, mais do que isso, um destino. Fui varado por um sentimento de pena e de medo. Como se Lili fosse alguém que já morreu e que só aparece, por um momento, na memória dos espelhos.

Até que, uma manhã, ou tarde, sei lá, eu a vi. E, de repente, Lili deixou de ser apenas um som. Passava a ter um olhar, um perfil, um gesto. E era gorda. Lili gorda. Hoje, ninguém vê uma gorda sem lhe acrescentar um

ponto de exclamação. Vivemos uma época tão sem busto, tão sem quadris, que ninguém entenderia a Lili de 1918. Os homens eram magros, tinham a face e o peito cavos. Mas a mulher podia ser gorda, ou, melhor, devia ser gorda. A partir dos catorze anos, os quadris e os bustos explodiam. Simples adolescentes tinham os flancos tão pesados que precisavam se pôr de perfil para atravessar as portas. Lili era a gorda em flor, como a mulher do Lemos, e outras, e outras.

Agora já sei a minha verdadeira idade, na época: seis anos. Sim, tinha seis anos quando fui matriculado na escola pública, turno da manhã. A casa de Lili ficava no caminho da escola. E não era bem casa, ou por outra, eu só me lembro da janela, em que ela se debruçava, pendida de sonho. (Eu diria que, em nossos dias, a televisão matou a janela.) Mas, como ia dizendo: todas as manhãs passava eu com o meu livro, o meu caderno, meu lápis e a merenda (geralmente uma banana). Quando via Lili, baixava a cabeça, transido de vergonha, e deslizava rente à parede. O patético da escola era quando eu passava na ida e quando passava na volta. Se ela estava na janela, a minha felicidade era mortal. Lembro-me de que, uma manhã, a professora me chamou para o quadro-negro. Eu devia desenhar uma flor, ou pintar, não sei. Quando fui apanhar o giz, a professora me puxou: — “Menino, você não lava as orelhas, menino?”. E fez um escândalo para a classe: — “Nunca tomou banho?”. Exultava: — “Olha aqui o pescoço! Vem cá. Deixa eu ver as unhas. Mostra, anda!”. Naquele momento, tive a sensação da nudez pública. Nunca me senti tão nu. A professora está dizendo: — “Se aparecer aqui outra vez de orelha suja, fica de castigo”. E eu só pensava em Lili. Que alguém fosse dizer a Lili: — “Menino porco”.

(Estou falando muito de mim mesmo.) Mais alguns dias e começo a ouvir gritos. Gritos de mulher varavam a rua, de ponta a ponta. Toda a vizinhança veio para a janela. E ouvi alguém dizer: — “É a Lili que está apanhando”. A menina tinha um pai de *Amor de perdição*, sim, um pai de Camilo Castelo Branco. Minha mãe pergunta: — “Está sentindo alguma coisa?”. Eu devia estar branco. Pouco depois saí para a escola. E pela primeira vez parei na calçada de Lili. O pai batia de cinto. Da rua, ouvia-se o cinto cantar na carne. A menina berrava: — “Não, papai, não!”. E o velho, possesso: — “Engole o choro! Engole o choro!”.

Aquilo ficou em mim para sempre. Engole o choro. Eu, fascinado, não saía do lugar. E, súbito, o velho parou de bater. Lili ficou gemendo, baixo e

doce: — “Papaizinho, papaizinho!”. E havia uma voluptuosidade triste no seu lamento. Só então saí correndo para o colégio.

Chego no colégio. A professora me chama: — “Deixa eu ver. Vem cá. Limpou as orelhas? E o pescoço?”. Baixei a vista: — “Tomei banho, sim”. Pegou-me pelo braço e me sacudiu: — “Diga sim, senhora. Não tem educação?”. E eu: — “Sim, senhora”. Mas ela ainda bufava: — “Você não se esfrega direito. Precisa aprender a tomar banho”. Passou. Fui para meu banco. Até o fim da aula teci toda uma fantasia fúnebre. Sonhava com a minha morte. Se eu morresse, Lili teria pena de mim, amor por mim.

Quando eu passei pela casa de Lili, ela estava na janela. Cantarolava: — “Cobre, me cobre, que eu tenho frio”. Claro que me escapava toda a insinuação erótica do verso. Vim namorando o som. “Cobre, me cobre, que eu tenho frio.” Em casa, falavam da surra de Lili. Conheci, então, toda a história. Lili amava um rapaz do bairro, Paulinho Varanda. (Encantou-me esse nome bucólico, ventilado, paisagístico.) E o pai não queria o namoro. Paulinho Varanda não seria pior nem melhor do que ninguém. Mas tinha um defeito hediondo para a época: era tuberculoso.

Estou vendo o Paulinho Varanda. Tinha a cara crivada de espinhas como bexiga. Ficava horas na esquina, estivesse a pequena na janela ou não. Quando estava resfriado, enrolava um lenço no pescoço. Ainda o ouço tossindo. E tinha, na tosse, o olho enorme do asfixiado. Talvez Lili o amasse por isso mesmo, pela tuberculose e pelas espinhas. Devia morrer de ternura quando o via torcer-se e retorcer-se, em acessos medonhos. Um dia, na volta da escola, o Paulinho Varanda me segura. Pergunta: — “Quer ganhar um tostão?”. Respondi, assustado: — “Quero”. E ele: — “Está vendo aquela moça? Que está na janela? Vai lá e entrega isso. Toma”. Deu-me o tostão e um bilhete. Numa felicidade total, corri. Disse: — “Aquele moço mandou”. Lili apanhou rápido o bilhete e fugiu da janela.

Até hoje não sei o que dizia o bilhete. Devia ser um apelo muito triste, ou um adeus, quem sabe? Só sei que, de noite, toda a rua começou a ouvir os gritos de Lili. Desta vez, não era surra.

[12/12/1967]

LILI ARDEU COMO UMA ESTRELA

Ninguém confessa virtudes e repito: — a simples confissão de virtudes não interessa nem ao padre, nem ao psicanalista e nem ao médium, depois da morte. No caso particular desta série, não interessaria ao grande público. Meus leitores, se é que os tenho, acompanham minhas confissões com a mais cruel das expectativas. Ainda ontem, um colega, tomando cafezinho comigo, perguntou-me, mexendo a xícara: — “Quando é que vais confessar tuas abjeções, tuas indignidades?”.

O amigo dizia isso num tom alegre ou, melhor dizendo, falsamente alegre, frívolo e afetuoso. E, de fato, ou o sujeito confessa uma torpeza ou não está confessando nada. Por exemplo: — eu ia começar o capítulo de hoje dizendo o seguinte: — “A pior forma de solidão é a companhia de Flávio Rangel”. Tive este achado maligno e, ao mesmo tempo, comecei a questionar comigo mesmo. Por que Flávio Rangel, se provei muito pouco de sua companhia, muito pouco de sua solidão?

Eis a verdade: — conheço o jovem diretor teatral muito de passagem. Quase diria que a nossa relação pessoal se faz, escassamente, na base de um “olá”, de um “como vai?”, de um “tudo OK?”. Fora esse cumprimento de café, esquina e bar, não há mais nada entre nós. Minto: — há. Existe algo mais.

É a irritação. E essa irritação vale como um vínculo mais denso e mais ativo. (Não sei se também o irrita.) De vez em quando começo a especular: — por que me irritaria Flávio Rangel? Será a sua simples figura? É um rapaz, mas tem os cabelos brancos, como se ele próprio os repassasse de alvaiade. Não seria isso a origem da minha pobre e corrosiva irritação. Já sei: ele opera na minha área, que é o teatro. Sim, diante de mim, está o teatro, como um horizonte obsessivo e devorador.

(Mais para a frente contarei as minhas fundas e inconsoláveis

frustrações dramáticas.) Ao mesmo tempo, sei que Flávio Rangel, como o Carlinhos de Oliveira, é de uma fragilidade crispada, indefesa e — penso, penso e descubro a palavra — lancinante. O êxito, o brilho, os rompantes, as poses, tudo, tudo é um disfarce de uma orfandade sem esperança (como a do Carlinhos de Oliveira).

E eu ia falar da aridez de sua companhia, acrescentando mais ou menos o seguinte: — Flávio Rangel é diretor, não de teatro, mas de préstito carnavalesco. Devia fazer o carro-chefe dos Fenianos ou Tenentes e desfilar de cartola, na terça-feira gorda etc. etc. Eu ia dizer isso e mais, muito mais. Ocorreu, porém, uma coincidência: — o Cony bate o telefone para mim. Conversa daqui, dali, e o amigo me conta uma passagem de Flávio Rangel. Um pequeno incidente que, entretanto, deu uma dimensão inesperada ao jovem diretor. E, então, descobri que ele tem um coração mais puro e mais atormentado do que se imagina. Em capítulo posterior direi como o artista agiu e reagiu no episódio referido.

E assim, às pressas, tive que recriar, que pintar, que vestir, que calçar um novo Flávio Rangel. Mas tenho um compromisso com o assunto anterior e volto a Lili. Parei nos seus gritos. Ela gritava e ninguém se espantou. O que cada um imaginou é que Lili estava apanhando de cinto, como das outras vezes. Mas nem sempre foi de cinto. Numa das surras o velho deu-lhe uma moeda e disse: — “Vai comprar uma vara de marmelo”. E, naquele dia, Lili apanhou com uma vara comprada por ela mesma.

Eu soube, depois, que a menina adorava o pai. Dizia uma tia surda que fazia o serviço da casa: — “É Deus no céu e o pai na Terra”. Nem se pense que os vizinhos tinham pena de Lili e raiva do pai. Absolutamente, ou por outra: — o único ódio da rua contra ele era o meu. O resto achava que o Fulano estava absolutamente certo. Lembro-me de alguém dizendo, lá em casa: — “Um pai tem que exemplar”. O homem vinha para a calçada e não fazia segredo: — “Prefiro ver minha filha morta”. Pausa e continuava: — “Prefiro ver minha filha no caixão. Com tuberculoso não casa”. Lili, presente, baixava a vista, no enleio dos seus dezesseis anos.

(Em 1918, não havia família sem surras.) Lembro-me de um garoto, já taludo, que apanhava de chicote; um outro, de bengala; e as meninas, as mocinhas, de chinelo ou também de bengala e também de chicote. Duas, três, quatro gerações já são passadas. E, outro dia, passo na casa de um

amigo que me daria uma carona de carro. O amigo batia boca com o filho, um moreninho, solidamente belo como um havaiano de filme. O rapaz queria um automóvel. Não trabalhava e queria um Fusca. O pai perdeu a cabeça: — “Olha que eu te...”. Nem precisou completar. O filho encheu o tórax: — “Papai, fala mas não me encosta a mão. Se me encostar a mão, te parto a cara”. Disse isso e abandonou a sala (e, ainda por cima, mascava chiclete). A mãe, presente, não disse uma palavra. Nem o pai, nem eu. E, súbito, o meu amigo corre para a janela. Pensei que fosse se matar. As golfadas vinham, tremendas. Lá do alto, do décimo andar, ele vomitou em cima das crianças que brincavam cá embaixo.

E Lili que, depois de cada surra, repetia, num gemido manso: — “Papaizinho, papaizinho”. Mas repito: — naquela noite, Lili começou a gritar. Paulinho Varanda, na esquina, pensou no velho brabo. Mas o pai saía para a sessão espírita. No portão lá de casa, o lábio tremendo, eu tinha vontade de atirar uma pedra na cabeça do pai. De repente, a tia surda chega na janela; esganiçou-se: — “Lili está morrendo! Lili está morrendo!”. Foi, por toda a rua, um corre-corre. E quando os primeiros chegaram, a própria menina irrompia, em fogo. Ensopara o vestido em querosene, riscara um fósforo e agora ardia como uma estrela. Viu o Paulinho e correu para ele. Mas o rapaz, na agilidade do pânico, deu um furioso salto para trás. Alguém veio, por trás, e abafou as chamas com um cobertor.

Foi levada para o quarto. Do armazém, da farmácia, ligaram para a Assistência. Mas, quando a ambulância chegou, estava morta. Eu me lembro do Paulinho Varanda. As espinhas explodiam na sua cara. Vejo também a entrada do pai no quarto. Posteriormente, toda a rua o chamou de “forte”, porque não teve uma lágrima. Limitou-se a dizer ou, por outra, a declamar, de frente alta: — “Foi Deus, foi Deus”. Na cama, a gordura escorria, varava o colchão e pingava no soalho. A tia surda percebeu e pôs uma bacia debaixo da cama. E, por muito tempo, aquela goteira ficou tinindo na bacia. Lili foi minha primeira paixão. E morreu negra.

[13/12/1967]

UMA BANANA COMO MERENDA

Eu e o Hélio Pellegrino temos um amigo que é o que se chama um erudito. E o pior é que se trata de um caso recente e diria mesmo de fulminante erudição. A princípio suspeitei de uma deslavada escroqueria intelectual. E aqui começa o mistério que desafia todo o meu raciocínio e toda a minha intuição. Do dia para a noite o semi-analfabeto aprendeu não sei quantos idiomas.

Já não digo francês, que todos falam, menos eu. Não. O rapaz declamava Goethe em puríssimo alemão. E, certa noite, passei pelo seu quarto, na praça Onze (ele mora no alto, junto à clarabóia, como no tempo de Paulo de Koch). Entro e o surpreendo, no meio de três ou quatro, em pé, recitando o padre-nosso em grego. Saí dali e fui ligar para o Hélio Pellegrino. Disse-lhe, sinceramente esmagado: — “Hélio, nós somos dois analfabetos!”.

Eu e o Hélio, cada vez mais inferiorizados, temos seguido pelos jornais a carreira de tão vasta e súbita erudição. E eu fico a resmungar, na irritação da minha impotência: “Como sabe! Como lê! Como cita!”. Até que, de repente, baixou-me uma luz e descobri toda a fragilidade daquela monstruosa estrutura. Aquilo era uma catedral de pauzinhos de fósforos, sim, um gótico de palitos.

Certa manhã, fui para a máquina e bati minha primeira carta anônima. Se bem me lembro, dizia mais ou menos o seguinte: — “Leia pouco, pelo amor de Deus, leia pouco!”. E assim, nesse tom de salubérrimo descaro, fui dizendo tudo. Aconselhei-o a voltar ao Dumas pai, a Ponson Du Terrail, a Michel Zevaco, Eugène Sue e outros folhetinistas de boa cepa. Acabei a carta, enfiei-a no envelope e tive a desfaçatez de mandá-la registrada.

Agora, a revelação: — em que pese o evidente traço caricatural, não

estou longe de pensar assim. Por tudo que sei da vida, dos homens, deve-se ler pouco e reler muito. A arte da leitura é a da releitura. Há uns poucos livros totais, uns três ou quatro, que nos salvam ou que nos perdem. É preciso relê-los, sempre e sempre, com obtusa pertinácia. E, no entanto, o leitor se desgasta, se esvai, em milhares de livros mais áridos do que três desertos.

Certa vez, um erudito resolveu fazer ironia comigo. Perguntou-me: “O que é que você leu?”. Respondi: “Dostoievski”. Ele queria me atirar na cara os seus quarenta mil volumes. Insistiu: “Que mais?”. E eu: “Dostoievski”. Teimou: “Só?”. Repeti: “Dostoievski”. O sujeito, aturdido pelos seus quarenta mil volumes, não entendeu nada. Mas eis o que eu queria dizer: pode-se viver para um único livro de Dostoievski. Ou uma única peça de Shakespeare. Ou um único poema não sei de quem. O mesmo livro é um na véspera e outro no dia seguinte. Pode haver um tédio na primeira leitura. Nada, porém, mais denso, mais fascinante, mais novo, mais abismal do que a releitura.

(Divaguei demais e desculpem.) De Dostoievski passo à minha infância. Há bastante de Dostoievski, bastante de Dickens, na rua Alegre, em Aldeia Campista. Não será a pura semelhança episódica, Não. É uma semelhança, digamos assim, de atmosfera. Sinto que parte de minha infância está inserida, difusa, volatilizada em certas páginas de Dickens ou Dostoievski. Por exemplo: — eu poderia fazer, com minha passagem pela escola pública, uma antologia de humilhações. (Está comigo, enterrado em mim, um perene menino humilhado.)

A escola era bem na esquina da rua Alegre com Maxwell. (Quando Lili morreu, eu achava absurda a vida sem Lili. Lembro-me de que, depois do enterro, eu mudava de calçada para não passar pela sua porta.) Comecei a sofrer no recreio. Já disse que levava para a escola, como merenda, uma imutável banana. No primeiro dia, bateu a sineta do recreio e lá fui eu. O pátio se inundou de meninos e meninas. Apanhei a banana e, sem pressa, comecei a descascá-la. Fazia isso meio solene, como se descascar banana exigisse uma técnica, uma arte, não sei que virtuosismo.

Descascada a banana, eu não a mastigava imediatamente. Não. Com delicada paciência, punha-me a chupá-la, como hoje se faz com o Chicabon. E, ao mesmo tempo, olhava para os outros meninos. Não sei por que, o fato é

que, no primeiro e segundo dias de escola, tive orgulho, vaidade da banana. Olhava para os garotos, como se dissesse: “Eu tenho uma banana. Estou comendo uma banana”. Mas já o primeiro dia deu-me para perceber que havia toda uma fauna de merendas prodigiosas.

Lembro-me de que uma das minhas invejas mortais foi um garoto, já taludo. (Eu era miúdo e tinha vergonha da minha cabeça grande.) Trouxe a merenda embrulhada em papel de pão e amarrada com barbante. Desfez o nó do barbante e abriu o papel: — então, eu a vi. Era um sanduíche de pão com ovo. Pão com ovo. O menino pôs-se a comer. A gema escorria-lhe da boca como uma baba amarela. E outros garotos e garotas levavam sanduíches de goiabada, de queijo, de bife; havia uma menina que levava biscoitos numa latinha.

No terceiro dia, comecei a ter vergonha da banana. Fosse prata, ou maçã, mas era banana. Nasceu em mim, então, a utopia do sanduíche de ovo. Se eu levasse um, havia de comê-lo no meio do recreio, com todos olhando; e deixaria a gema escorrer pelo queixo. Ao mesmo tempo que me envergonhava da banana, tinha-lhe pena. Pena da banana. De vez em quando, faltava dinheiro em casa. Banana custava um vintém. E eu ia para a escola sem merenda. Na hora do recreio, rodava pelo pátio, errante e perdido de fome.

Já contei o episódio das orelhas sujas. Mas não foi só. De vez em quando a professora me apontava como um exemplo: — “Não quero menino sujo na minha classe. Já basta o Nelson”. As meninas me olhavam e eu tinha de novo o sentimento de nudez pública. Até que, um dia, estava eu no meu banco, que era o último (eu me sentava embaixo de uma janela). E, de repente, ouço a voz da professora: — “Menino, não coça a cabeça!”. Eu devia estar entretido no meu sonho. A professora bate com a régua na mesa: — “Nelson! Não está me ouvindo? Levante-se! De castigo, já! Ali, fica ali! Aí!”.

Saí eu, lá do fundo, assombrado, e vim atravessando toda a classe. Dizia, chorando: — “Eu não ouvi a senhora me chamar!”. E ela: — “Menino insubordinado!”. Estou de frente para o quadro-negro, de costas para a classe. E ela: — “Vira, vira! Fica de frente!”. Estou cara a cara com os outros. Ela ainda continua: “Parece que tem o bicho carpinteiro, esse menino!”. E, súbito, muda de tom. Pergunta: — “Por que é que você coça tanto a cabeça?”

Vem cá. Chega aqui. Pode vir”. Eu me chego. Ela está dizendo, quase doce: — “Está com medo? Eu não vou te fazer nada, Nelson. Vem, meu filho!”. E completa, rápida, cortante: — “Quero só examinar tua cabeça”. Paro: — “Não, não!”. Mas ela vem me buscar; sou arrastado: — “Fica quieto, fica quieto!”. Imobiliza a minha cabeça. Sinto seus dedos enfiados nos meus cabelos. E, de repente, o berro: — “Não disse?”. Vira-se para a classe: — “Eu sabia! Eu sabia! Tem piolhos, lêndeas!”. Levou-me para a sala da diretora: — “Esse menino não pode ficar com os outros! Pega piolho nos outros!”. A diretora, de óculos e papada, fez uma boquinha de nojo. Depois da aula, levei para casa um bilhete da professora. E mudei de calçada para não passar pela porta de Lili.

[15/12/1967]

DUAS MÃOS POSTAS

“Eu rezo! Pode deixar que eu rezo! Eu acredito na força da oração!” Quem falava assim, e trêmulo de fé, não era o vizinho do lado, nem o açougueiro da esquina, nem o português do botequim. Não. Era d. Hélder, sim, sim, exatamente d. Hélder e não um qualquer. Eu pedia por alguém e repito: alguém da minha amizade ou, melhor dizendo, alguém do meu amor.

E que fiz eu? Fiz a opção entre d. Hélder e d. Marcos Barbosa (o que me fascina neste último é o sorriso de Manuel Bandeira). Acabei ligando para d. Hélder Câmara. Conteí-lhe tudo, tudo. Disse: — “Há uma moça assim, assim, que eu amo. Que é tudo para mim. Essa moça está sofrendo. E eu queria que o senhor fosse vê-la. Faz isso para mim, d. Hélder, faz?”.

D. Hélder foi de uma solidariedade fulminante. Não fez o *suspense* de uma dúvida. Nada. Faria isso por mim. E, rápido, prático, pedia endereço, telefone. Sem vê-lo, eu o imaginava apanhando lápis, papel. Dei a rua, o número e o telefone. Ah, faltava o nome. Passei-lhe o nome. Era em Santa Teresa. Subiria Santa Teresa. Deixei o telefone, certo de que acabava de falar com um santo.

Não é recente a minha fascinação pela batina. Vem de longe, muito longe. Eu era garotinho e vi uma menina atravessando a rua para beijar a mão de um padre. E, depois, outras meninas beijaram a mão de outros padres. Hoje, ninguém beija a mão de padre, ninguém.

Eu queria um padre junto à mulher que amava. Ela sofria. Muito bem: — e era preciso que a piedade e o amor vestissem batina. A solidariedade de d. Hélder fez-me um bem lancinante. Eis o que eu pensava: — “Ainda bem que procurei d. Hélder e não d. Marcos”. Por certo, d. Marcos teria também uma estrutura muito doce. Mas d. Hélder era mais promovido. Sim, tinha mais nome, mais imprensa (pode parecer torpe essa reflexão que, na época, me ocorreu).

D. Hélder cumpriu a palavra: telefonou. No dia seguinte, falou

comigo: — “A moça estava de saída”. Combinaram que ele telefonaria depois. (Carlos Heitor Cony contou-me que, na sua passagem pelo seminário, falou certa vez com d. Hélder. Abriu-lhe a alma: — “Meu pecado é o orgulho. Sou muito orgulhoso etc. etc.”. D. Hélder foi exemplar: — “Meu filho, nunca seja orgulhoso de dentro para fora, mas de fora para dentro”. Cony parou, perplexo. O outro, mais didático, completou: — “Para fora, seja modesto, seja humilde. O orgulho interior Deus perdoa”.)

Liguei para a mulher amada. Ela estava feliz, feliz, com o telefonema. Disse: — “Foi tão simpático”. Parecia menos deprimida, menos crispada. E eu: — “Meu anjo, escuta. Tudo vai sair bem. Você vai ver: d. Hélder é formidável. E inteligente, muito inteligente”. A inteligência era o de menos. Sempre tive a obsessão da bondade. Mas eu tinha medo, eis a verdade. Quem ama conhece todo o inferno da mania de perseguição.

Retifico: a mania de perseguição não é mania de perseguição. De fato, qualquer amor há de sofrer uma perseguição concreta e assassina. Somos impotentes do sentimento e não perdoamos o amor alheio. Eu amava e comecei a sentir, por toda a parte, pressões contra mim e o ser amado. Soube de alguém que fizera este comentário: — “Se essa moça gosta do Nelson, é uma débil mental!”.

E d. Hélder não foi. Desesperado, eu dizia: — “Mas ele prometeu. Não telefonou para você? Não disse que ia? Vou falar com ele”. Liguei várias vezes. Começou a não estar. Cerquei-o em casa. D. Hélder suspirava: — “Não posso, não devo”. Aterrado, fiz-lhe todo um furioso apelo: — “D. Hélder, não se trata de opinar. O senhor não opina. Não precisa ser nem contra, nem a favor. O que eu quero do senhor é um ato de compaixão. Me entende? A moça está sofrendo. O senhor diz uma palavra amiga e só. D. Hélder!”.

Foi aí que ele falou em “rezar” e repetiu: — “Rezo! Rezo!”. Por um momento, eu não soube o que dizer. Ele pôs-se a demonstrar o valor formidável (e prático) da oração. Foi patético no telefone: — “Acredito na oração! Acredito! Tenho rezado pela moça!”. Reagi à sua veemência com a minha veemência.

O que é que eu disse? Disse que a oração é linda. Duas mãos postas são sempre tocantes, ainda que se reze pelo vampiro de Dusseldorf. Mas por que não (e também) a presença, a cálida presença física? Por que não o gesto, o olhar, o sorriso? E por que não a voz, a inflexão? Por que não a lágrima? (o

ausente não chora).

E falei muito e deixei de dizer tanta coisa. Poderia contar que, na rua Alegre, quis ser coroinha. Ainda hoje, quando vejo a torre de uma igreja, sinto em mim todo um frêmito de batinas, de freiras, de círios e de santos. Aos oito anos, eu próprio queria ser santo; desejei ser crucificado e imaginava alguém enxugando, na minha frente, o suor do martírio. Mas calei-me. Senti em d. Hélder o tédio da nossa discussão. Direi mesmo a palavra cruel e inapelável: ali, eu era o “chato”.

(Desesperado, fui bater a d. Marcos Barbosa. O nosso primeiro encontro foi na Rádio Jornal do Brasil. E que bem me fez o seu sorriso de Manuel Bandeira. (Era mais gordo do que eu pensava.) Contei-lhe tudo. Repeti que não se tratava de opinar; ninguém precisava ser contra ou a favor. O que eu queria era um mínimo de bondade, apenas isso, um mínimo de compaixão. Ele me ouviu, tenso; e não senti, na sua atitude, nenhuma fuga. Quando acabei, disse que ia; e foi. Aí é que está: foi. Subiu Santa Teresa; desceu do bonde; bateu na porta. E riu para a moça, com os dentes de Manuel Bandeira.)

Passou. E hoje vejo pelos jornais que d. Hélder mudou muito. Não é o mesmo, eis a verdade, não é o mesmo. Aí estão os seus pronunciamentos; faz viagens; anda de um lado para outro. Foi a Nova York, que é um pouco mais longe do que Santa Teresa. E, lá, promovido como O Arcebispo Vermelho, fez discursos. Por que não ficou aqui rezando? E outra coisa: — há fome no Nordeste? Nem tudo está perdido, porque temos aí a fé de d. Hélder. Pena é que, nos seus manifestos, ele não faça uma única e escassa referência ao sobrenatural. Sim, nunca prometeu orar pelas populações famintas. E eu estou imaginando se, um dia, Jesus baixasse à Terra. Vejo Cristo caminhando pela rua do Ouvidor. De passagem, põe uma moeda no pires de um ceguinho. Finalmente na esquina da avenida, Jesus vê d. Hélder. Corre para ele; estende-lhe a mão. D. Hélder responde: — “Não tenho trocado”. E passa adiante.

[16/12/1967]

ONDE ESTÃO OS NEGROS?

Lembro-me de *Crime e castigo* e vejo Raskolnikov, o assassino. Houve um momento em que, após a morte das velhas, ele precisou voltar ao local do crime. Passou pela rua, pela porta e, se não me engano, subiu a escada. A partir de então, até os criminosos de *O Dia* e da *Luta Democrática* fazem o mesmo. Quando se livram do flagrante, eles voltam, sim, ao local do crime, batidos por não sei que nostalgia hedionda.

Pois eu também volto a Guimarães Rosa, como se ele fosse a vítima, e eu o seu Raskolnikov. Eis o meu pânico: — que aqui se instalasse, em torno de sua figura e do seu nome, a unanimidade. Meu Deus, o formidável artista não podia virar um Pacheco. Nem teríamos o direito de erigir-lhe uma estátua do “Brasil chorando o gênio”. Era preciso que algum pardal desgarrado sujasse, liricamente, a sua testa de bronze.

Dei graças quando veio o Cony e abriu uma racha na apoteose crítica e unânime. Disse ele ou, por outra, repisou uma velha opinião: — “É o novo Coelho Neto!”. Simultaneamente, em conversa com Hélio Pellegrino, o Mário Pedrosa falou também em “Coelho Neto”. Reynaldo Jardim explodiu: — “Um bolha! Um bolha!”. Em seguida, volta o Cony e, embora reconhecendo o “grande escritor”, apanha, a mãos ambas, na obra do Rosa, não sei quantas frases “acacianas”.

Ótimo, ótimo. A unanimidade tinha uma escandalosa goteira. E Guimarães Rosa seria um pobre-diabo se não suscitasse uma única e escassa dúvida. Vocês se lembram de uma frase rosiana, que mereceu uma imprensa enorme. Se não me falha a memória, é assim: — “O homem morre para provar que viveu”. Imediatamente, o Cony pôs a boca no mundo: — “Acácio, Acácio!”. Se alguém dizia isso, o morto não era tão cadáver, respirava literariamente.

(Mas ninguém fez, que eu saiba, o grande elogio de Guimarães Rosa, ou seja, o elogio de sua torre de marfim. Num belo artigo, Antônio Callado a negou. Mas é inútil resistir à evidência estarrecidora. Vou usar uma

expressão de minhas crônicas esportivas: — a “torre de marfim”, em Guimarães Rosa, é o óbvio ululante. Obsedado como um Flaubert, estava mais interessado na cadência de uma nova frase do que em todo o Vietnã. Outros estilistas vão babar seus pileques nos botecos ideológicos da madrugada. Ele, nunca. E por que duvidar da torre de marfim se ele próprio a confessava, sem nenhuma pusilanimidade?)

Foi por vezes acaciano? Ai daquele que não teve o seu momento de Acácio. De vez em quando, somos Acácios e somos Pachecos. E confesso: — tenho medo, não dos que negam Guimarães Rosa, mas dos que o admiram. Há um certo tipo de admiração que compromete ao infinito. Quem não se lembra da visita de Sartre ao Brasil?

Há quem diga: — “A maior inteligência do século”. Um gênio, um gênio. Não admira, pois, que tenha feito, entre nós, um sucesso de Frank Sinatra. Não sei se de Frank Sinatra ou de Sarrasani, quando de sua primeira audição. Ah, Sartre! Nas suas conferências a platéia o lambia com a vista. Lambia sim, e explico: parecíamos, ao ouvi-lo, uns trezentos cachorros velhos. Pois um dia, se não me engano na ABI, Jean-Paul Sartre respira fundo e diz o seguinte: — “O marxismo é inultrapassável”. Eu estava lá e vi o efeito. A nossa semelhança com um cachorro velho aumentou consideravelmente. E por que disse ele isso? Porque olhava para a gente, como se nós fôssemos um horizonte de cretinos.

Ali, eu descobria que há admirações abjetas. Mas esse “marxismo inultrapassável” é uma opinião de torcedor do Bonsucesso. Nada impede que dentro de quinze minutos o marxismo seja vilmente ultrapassado. Seria iníquo falar em Pacheco, em Acácio. Torcedor do Bonsucesso ou mais: — Luvizaro. Eis o nome certo, o nível exato: — Luvizaro. Naquele momento, “a maior inteligência do século” era um Luvizaro.

Já que falamos de Sartre, continuemos nele. Uma noite, lá foi ele, com a Simone de Beauvoir de namorada, ao apartamento de um colega. Era o mesmo desprezo. Olhava para os presentes como quem diz: — “Que cretinos! Que imbecis!”. Em dado momento vem a dona da casa oferecer-lhe uma tigelinha de jabuticabas. O Sartre pôs-se a comê-las. Mas, coisa curiosa. Ele as comia com certo tédio (não estava longe de achá-las também cretinas, também imbecis). Até que, na vigésima jabuticaba, pára um momento e faz, com certa irritação, a pergunta: — “E os negros? Onde estão os negros?”.

O gênio não vira, nas suas conferências, um mísero crioulo. Só louro,

só olho azul e, na melhor das hipóteses, moreno de praia. Eis Sartre posto diante do óbvio. Repetia, depois de cuspir o caroço da jabuticaba: — “Onde estão os negros?”. Na janela um brasileiro cochichou para outro brasileiro: — “Estão por aí assaltando algum *chauffeur*”.

“Onde estão os negros?” — eis a pergunta que os brasileiros deviam se fazer uns aos outros, sem lhe achar a resposta. Não há como responder ao francês. Em verdade, não sabemos onde estão os negros. E há qualquer coisa de sinistro no descaro com que estamos sempre dispostos a proclamar: — “Somos uma democracia racial”. Desde garoto, porém, eu sentia a solidão negra. Eis o que aprendi do Brasil: — aqui o branco não gosta do preto; e o preto também não gosta do preto.

Alguém poderia dizer a Sartre, sem violentar a verdade: — “Temos aí um negro, um único negro, o Abdias do Nascimento”. E, de fato, que eu saiba, é o nosso único negro confesso e radiante de o ser. A cor, em Abdias, é uma perene tensão dionisiaca. Digo isso e volto à minha carteira da escola pública. Quando me vi diante da diretora, da papada da diretora, comecei a tremer. Eis o meu pavor: — que me expulsassem por causa dos piolhos e das lêndeas.

Passei o resto da aula da cabeça baixa. A professora obrigou-me a ficar sozinho num banco (os outros sentavam-se de dois em dois). E eu me sentia um pequenino leproso. Depois veio o recreio. Lá vou eu com a minha banana. Comecei a chupá-la e todos os olhos me perseguem. Vi o menino que levava sempre sanduíche de pão com ovo. (Ainda agora, quando me lembro, como pão com ovo para me resgatar da humilhação da banana.) Mas falei de Guimarães Rosa, Sartre, Luvizaro e dos negros do Brasil. Eis o que eu queria dizer: — quase no fim do recreio estava eu no fundo do pátio. E, de repente, vem uma pretinha lá da minha aula. Pára diante de mim, ri para mim. Olha para um lado, para outro e para trás. Estávamos sós, maravilhosamente sós. Seu riso não tem os dentes da frente. Diz baixinho: — “Eu também tenho piolhos, lêndeas”.

[18/12/1967]

“NEGRO BURRO!”

Contei o episódio da escola pública, com a professora caçando nos meus cabelos. Eis a verdade: — os piolhos me humilharam e as lêndeas, não. Várias gerações já rolaram. E, até hoje, acho “lêndea” um nome bonito, como se fosse de madre-pérola. Foi mais ou menos por essa época que eu tive um dos grandes medos de minha vida.

Apontava a primeira estrela. Cheguei na janela e vi, em cima do meio-fio, dois meninos descalços. Um deles era filho de uma viúva, que passava e lavava para fora. Minha tia Yayá já me soprara: — “Não brinca com aquele menino, não”. Ainda fiz meu espanto. — “Por que, Yayá?”. Eu a chamava de Yayá e não de titia. Enfiando a linha na agulha, suspira: “É doente. Doente”. Entre parênteses, a mãe do menino era a única magra da rua. E ele tinha numa das faces uma mancha feia, cor da orquídea e da gangrena.

Na tarde de uma única estrela, o garoto estava dizendo: — “Eu não sou leproso. Mamãe me disse que eu não sou leproso”. Eu estava quieto, na janela; e, de repente, comecei a ter medo. Na minha infância, tudo que acontecia parecia um vaticínio contra mim. Certa vez, eu saí com meu irmão Roberto. E vimos na rua São Francisco Xavier, rente ao meio-fio, um garoto atropelado. Lá estava, a seu lado, a chama de uma vela. Em volta, gente espiando. Uma folha de jornal cobria o atropelado da cintura para cima, tapando o rosto.

Senti, então, que meu destino estava ali. Voltamos para casa, eu e Roberto. Era como se a chama estivesse sonhando por mim. Cheguei em casa e aquilo não me saía da cabeça. Fui para o quintal; junto ao tanque, imaginei que um dia eu estaria no asfalto, rente ao meio-fio. Quando ouvi o menino — “Não sou leproso” — achei que ali estava insinuado também um vaticínio para mim. (E a mãe, que lavava e passava para fora, repetindo: — “Você não é leproso, meu filho”.)

Eis o que eu queria dizer: — nunca, na minha vida, tive tanta vontade de ser amigo de alguém. Falei em medo; mas foi outro sentimento, talvez de

espanto ou nem isso. O que doeu em mim, espantosamente, foi a vergonha do menino, a vergonha de ser leproso. Agora sei que não tive medo, nenhum, nenhum. Uma pena tão grande, tão dilacerada.

Depois o menino, sozinho, voltou para o quarto (a mãe morava num quarto de casa de cômodos). Nunca mais o vi. Na minha infância, as pessoas sumiam, como se jamais tivessem existido. Lembro-me de mendigos, cegos, meninas, que eu via uma vez e para sempre desapareciam. Só mais tarde eu soube que a viúva, mãe do menino, casara-se com um preto, o Tião. Do garoto nunca mais se falou.

O preto Tião trouxe de volta a pergunta de Sartre — “E os negros? Onde estão os negros?”. Já expliquei que temos um, o Abdias do Nascimento. Dirá alguém que há outro, o Pelé. Engano. É o menos preto dos brasileiros. Ao vê-lo sentado, ao lado do ministro Magalhães Pinto, no Itamaraty, senti uma ilusão visual. Ninguém mais branco do que Pelé e cada vez mais branco. Eu ouço brancas lindas, dizendo: — “Com Pelé, eu me casava”. O próprio craque podia dizer, como na anedota: “Eu também já fui preto”.

Quando ele se casou, o Abdias do Nascimento veio falar comigo. Arrancou das próprias entranhas o protesto inútil: — “Devia ter-se casado com uma preta”. Mas, se Pelé não é negro, quem o será, além do Abdias? Enquanto Sartre cuspiu mais um caroço de jabuticaba, alguém poderia informar: — “Parece que houve aí um preto, um tal de José do Patrocínio”. Anterior ao Abdias, não teve, como este, a explosão do ódio racial. Pelo contrário. A cor só lhe interessava como retórica. Sim, Patrocínio a punha a serviço de suas frases.

Houve, porém, um momento em que era vantajoso ser negro. Falo de toda a campanha da Abolição. O negro era então a moda obsessiva. De mais a mais, nunca se viu uma época tão oratória. Por tudo se fazia um discurso, por tudo se fazia um comício. Lembro-me de uma das tiradas mais bem-sucedidas de Patrocínio. Eis o que ele soluçou: — “Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes de minha pátria!”. A cor fazia um fundo ideal para a retórica. Era um negro, filho de escrava, que berrava isso. O efeito plástico e auditivo foi total.

E, durante toda a campanha, o “Tigre da Abolição” foi um negro confesso. De vez em quando, porém, Patrocínio tremia. (No fundo, e mesmo em pleno triunfo verbal, era um preto contrafeito e ressentido.) Nas suas

depressões raciais, os amigos, perdidos na massa, faziam-lhe as provocações estimulantes. Um, deles, Bilac, gritava: — “Negro burro!”. E um outro: — “Negro sem-vergonha!”. E um terceiro: — “Com saudades do chicote, hein, negro?”. A humilhação era o afrodisíaco verbal infalível.

Ah, o bom crioulo! Andava sempre atrás do efeito cênico. Um dia, fez o seguinte quadro plástico: — caiu de joelhos, aos pés da princesa Isabel, e beijou-lhe a mão, chorando. (Não sei se chorou; mas vá lá.) Houve um estarecimento nacional. Ninguém lhe aplaudiu o arrebatamento (a não ser os presentes, por vil adulação). Seu ato não pareceu, a ninguém, sublime. O negro aviltara a sua raça, ao portar-se com essa humildade de cachorro velho.

A Abolição foi uma catástrofe para o pobre Zé do Patrocínio. Sumia o pretexto histórico para a sua fúria tribunícia. Era o “Tigre” sem função, sem destino. E, assim, veio de queda em queda, até a miséria feroz. Um dia, Coelho Neto decide: — “Vou visitar Patrocínio”. Tomou um trem e lá se foi para o subúrbio, onde o velho ruminava as suas nostalgias inúteis. O “Zé do Pato” era o diretor de jornal sem jornal, era o orador sem comício, o orador que emudecia antes de morrer. Coelho Neto voltou e tão impressionado que escreveu um artigo patético. Descreveu as privações do “Ex-Tigre da Abolição”. Não tinha uma moeda no bolso. Com pouco mais, teria de viver de esmolas como um ceguinho. Que se saiba, a única consequência prática do artigo de Coelho Neto foi esta: o padeiro de Patrocínio cortou-lhe o crédito.

A morte daria ao velho negro o seu último momento de grande homem. Foi um enterro gigantesco, pago pelo Estado. Era a época em que o fato de morrer promovia qualquer um. A vida eterna ainda não estava liquidada; e um caixão de quinta classe era cumprimentado com a mesma solenidade. O enterro desfilou lentamente, teve um itinerário caprichoso, contornando as praças, atravessando as avenidas principais, por debaixo das sacadas apinhadas. Ah, Patrocínio foi o cadáver de cor mais velado, mais chorado, mais florido do Brasil.

[19/12/1967]

A VIRGEM SONHAVA NO JARDIM

Não sei se vocês sabem o que aconteceu com o velho Confúcio. Certa vez, uma virgem sonhava no jardim. E, de repente, um raio de sol tocou-lhe o ventre. Assim nasceu Confúcio, filho de mulher e de um raio de sol. E nasceu com noventa anos, já de sapatos e já de guarda-chuva,

Aos sete anos, achei que todo mundo imitava Confúcio. O sujeito já nascia com a cara e a idade definitivas. Por exemplo: — Rui Barbosa. Para mim, era um septuagenário nato e para sempre septuagenário. E assim os outros e eu mesmo. Eu teria sempre sete anos, ficaria cristalizado nos sete anos, eternamente. O passado não existia, nem o futuro. Não sentia, por trás de mim, nenhum passado.

Como eu seria sempre menino, era fascinado pelos adultos. E, mais ainda, pelos velhos. Ao lado de nossa casa morava um trêmulo velho, de olho azul. Teria seus setenta e cinco, oitenta anos. Eu achava linda até a sua hemiplegia. (Escrevi “olho azul” e podia acrescentar: — lábio roxo.) Até 1925, o Brasil era uma paisagem de velhos em flor.

Lembro-me de um outro ancião que, certa vez, me passou a mão pela cabeça. Esse gesto vago, de uma ternura distraída, me dilacerou de alegria. De outra feita, uma senhora me pediu para comprar anil, no armazém. Fui correndo e voltei, na vaidade do pequeno serviço. Ah, também fui muito usado pelos namorados. Levava bilhetinhos, recados, flores.

Em 1919, eu não saía da casa de uma d. Filó ou, por extenso, Filomena (nome inviável em nossos dias). Morava num sobrado da rua D. Zulmira; no térreo residia outra família. Lembro-me de que, no quintal, junto do muro, havia um abacateiro. Como no soneto de Raul de Leone, a árvore ia dar seus abacates no pomar alheio. D. Filó era a mãe de Silene e de Antoninho, cada um filho de um matrimônio. D. Filó era viúva duas vezes.

Os vizinhos diziam de Silene: — “Um *biscuit*”. Devia ser linda. E, anos

depois, quando houve o concurso de Miss Brasil, o primeiro, eu ouvia dizer: — “Silene é mais bonita do que Zezé Leone”. Não sei, não sei. Naquele tempo, eu não sabia o que era ser bonita. Até certa idade, não tive nenhum gosto seletivo. Havia uma cozinheira em casa, uma crioula, mãe do Zé Lomba. Vejo o seu pescoço. Tinha um bócio, quase do tamanho de uma melancia. Pois eu achava bonita a mãe do Zé Lomba, inclusive o bócio.

Era a época das minhas paixões. E eu não sabia dizer qual a mais bonita, d. Filó ou Silene. Gostava ora de uma, ora de outra e, às vezes, de ambas ao mesmo tempo. D. Filó tinha papada como a diretora de minha escola. (Só muito depois, já adulto, descobri a verdade pretérita: — d. Filó era feia como a mãe velha da mulher bonita.) Aí está: — feia como a mãe velha da mulher bonita.

Eu ia para a casa do Antoninho todos os dias. No fundo do quintal jogávamos bola de gude. E ninguém podia imaginar que só o amor (e amor por duas mulheres) me levava ali. Estou ouvindo d. Filó: — “Nelson, você gosta de pessegada?”. Ah, naquele tempo, só não gostava de jiló, só não gostava de chuchu; era guloso de tudo o mais. “Toma, Nelson.” E me dava a fatia de pessegada. Lembro-me da fruteira, no centro da mesa, com sujeirinha de mosca nas bananas.

Quase todo o dia, d. Filó chamava a filha: — “Vem apanhar, Silene”. Que idade tinha a menina? Uns dezessete anos. Dizia, branca: — “Não, mamãe, não”. E a outra: — “Vem, anda, Silene!”. A filha podia correr, mas ficava no canto da sala, acuada, sem se mexer. E chorava antes de apanhar. A mãe vinha. E, então, Silene parava de chorar, passiva como uma borboleta espetada na parede. D. Filó dizia-lhe: — “Mostra a mão”. E repetia, sem raiva, quase doce: — “Mostra a mão”. E Silene abria a mão para os bolos.

(Como os filhos apanhavam em 1919! De repente, os gritos começavam. Era uma surra. E eu, em casa, ou na calçada, parava de brincar; ficava ouvindo, crispado. Mas d. Filó batia sem paixão, sem ódio. As outras mães, não. Na esquina morava uma baiana. Batia no filho e se esganiçava: — “Por que você não morre, desgraçado? Tomara que você morra!”. Morrer, morrer. D. Filó não falava em morte. Certa vez, batia na filha, quando sentiu cheiro de queimado. Foi à cozinha tirar a panela do fogo; depois, voltou e continuou a surra.)

Silene apanhava de palmatória e na mão, sempre na mão. (Só uma vez

d. Filó bateu-lhe nos quadris.) Um dia, perguntei ao Antoninho: — “Mas o que é que tua irmã fez?”. Ele não sabia, ninguém sabia. Mas eu sentia, na moça, uma culpa misteriosa, sim, uma culpa fantástica. As duas sabiam e havia entre elas um segredo mortal. No fundo, no fundo, eu ia à casa de d. Filó ver Silene apanhar.

No fim de 1918, houve uma batalha de confetes na rua D. Zulmira. Hoje não há mais batalha de confetes e quase não há mais carnaval. Ninguém imagina o que foi a fúria carnavalesca depois da “Espanhola”. As famílias estavam sem vários filhos, tias, mães, pais. Lembro-me de um dos nossos vizinhos que perdeu, na Gripe, até o cachorro da casa. O tédio da morte enlouqueceu a cidade.

As batalhas da rua D. Zulmira eram célebres. E aquela foi uma loucura inédita. Eu e Antoninho, do alto da sacada, espiávamos o movimento, embaixo. Ouço d. Filó gritando com Silene: — “Você pensa que é mais bonita do que eu? Fica sabendo: — eu não me troco por você, sua lambisgóia!”. Silene respondeu baixinho não sei o quê. E a mãe: — “Você não me conhece, Silene!”. A filha sussurrou qualquer coisa que eu também não ouvi. Novamente, a voz de d. Filó: — “O que se faz aqui, aqui se paga. Você vai me pagar tudo, tudo!”.

Passou. Meia hora depois, as duas desceram para o portão. Eu, no sobrado, começava a ter medo. Ainda pensei: — “Vou-me embora”. E, de repente, os gritos começaram lá embaixo no portão. Antoninho disse, branco: — “É Silene”. Houve um fluxo e refluxo da multidão. Uma voz de homem berra: — “Chamem a Assistência”. Um soldado sobe a escada, com Silene no colo. D. Filó repetia, fora de si: — “Foi o mascarado! Foi o mascarado!”. Silene gemia grosso, como um homem: — “Estou cega, estou cega”. A sala foi invadida de fantasias. Um sujeito arrancou a máscara de caveira para espiar melhor. D. Filó não parava (nunca me esqueço: tinha uma orla de suor em cima do lábio superior). Arfava: — “Um mascarado. Apertou uma seringa de borracha”. Um esguicho de iodo no olho de Silene.

Corri para casa, quando a Assistência entrava na rua. Só uns quinze dias depois voltei lá. Vi Silene, com um olho normal e um outro enorme e branco. O olho branco chorava sem lágrimas. Entrei e ela virou o rosto, na vergonha da cegueira. D. Filó perguntou: — “Nelson, quer pessegada?”. Quis. E, depois, a mãe vira-se para a filha e diz baixo, tão baixo, que só eu

ouvi — “Caolha!”. E foi guardar a lata de doce. Saí e vim para casa. Começava a ter medo dos outros. Aprendia que a nossa solidão nasce da convivência humana.

[20/12/1967]

AMOR PARA ALÉM DA VIDA E DA MORTE

Há vinte anos ou trinta (exatamente, trinta), ia passando eu por um cinema e paro um momento. A porta do cinema me fascina como a capa de um livro. E lá estava anunciado o filme da semana: *De amor também se morre*. Os artistas eram Charles Boyer, com trinta anos menos, e Olivia de Havilland. (Ou por outra: — não era Olivia de Havilland, mas a irmã de Olivia, cujo nome não me ocorre.)

De amor também se morre, se não me engano, uma história inglesa, adaptada por Jean Giraudoux. Este foi um virtuose. Usava a prosa francesa como um luminoso disfarce de sua impotência vital. Mas tanto Giraudoux como Charles Boyer, como a irmã de Olivia de Havilland, eram nomes secundários ou nulos. O apelo encantado vinha do título irresistível: — *De amor também se morre*.

(Agora me lembro: — a irmã de Olivia de Havilland chamava-se Joan Fontaine.) E as pessoas que passavam na calçada, ou no bonde, ou de automóvel, sentiam um frescor de fonte e de idílio. Morrer de amor, morrer por amor, eis uma utopia que está cravada em qualquer coração. Ninguém precisava entrar no cinema, ver o filme. O filme era o título. E o vago transeunte levava o título como uma dália roubada.

Eis o que eu queria dizer: — minha cunhada Célia, viúva do meu irmão Mário Filho, morreu de amor. Sempre escrevo que todo amor é eterno; e, se acaba, não era amor. Lembro-me de uma festa a que comparecemos, eu e Lúcia, Mário e Célia. Foi em agosto, e Mário ia morrer em setembro, menos de um mês depois. E, então, comecei a dizer as verdades que me parecem eternas.

Conversando com seis ou sete senhoras, afirmei, por exemplo: — “Ninguém sobrevive ao grande amor”. Houve um alegre espanto. Como é? Eu queria que a viúva morresse para o mundo? Uma das presentes disse que

a viúva tinha direito a uma segunda, terceira ou quarta experiência matrimonial. E instalou-se ali uma divertida polêmica, de uma frivolidade a um só tempo irresponsável e sinistra.

Cercado de risadas por todos os lados, pedi novamente a palavra: — “Um momento, um momento. Falo da viúva que ama. A outra não interessa”. E, de fato, a viúva que não ama é a da valsa, é a própria *Viúva alegre*, de Franz Lehar. Tive a probidade de reconhecer que, em 99% dos casos, as viúvas são alegres. Era eu sozinho contra muitas. E terminei dizendo, por outras palavras, o seguinte: se a viúva amava o falecido, o segundo matrimônio passa a ser o adultério com Guaranás, salgadinhos e convidados.

Das senhoras presentes, apenas a minha cunhada Célia achou comigo que o amor há de ser, fatalmente, o primeiro, único e último. Ninguém ama por uma temporada, por duas semanas ou seis meses. Ama-se para sempre. O amor há de continuar para além da vida e para além da morte. Célia achava que temos de morrer com o ser amado. O amor não deixa sobreviventes.

Eu me lembro de Célia na morte de Mário. As viúvas que não amam e que apenas representam uma dor não sentida podem ficar altas, eretas, solenes, hieráticas etc. Mas Célia me deu sempre a sensação que não estava de pé, que ia de queda em queda, que não parava de cair, como nos sonhos abismais. Houve um momento em que a fizeram sentar-se, junto ao caixão: — baixava a cabeça e assim ficou uma eternidade, pendida de sonho.

E, depois, não parou mais. Um mês, dois, três meses depois, ela dizia a mim e aos outros: — “Eu gosto cada vez mais do Mário”. Para o que ama, a morte não interrompe nada. O amor continua nas profundezas, sim, nas profundezas onde estão as raízes do ser, crispadas como víboras. Gostar cada vez mais de um morto. Amá-lo a cada dia mais do que na véspera. Claro que, diante da grande dor, cada um age e reage como um idiota da objetividade.

Eu fugia de seus telefonemas. Avisava em casa: — “Se for Célia, não estou”. Sempre que falava comigo começava: “Você, que era o maior amigo de Mário”. E eu não queria ver que a monotonia é própria, obrigatória, da grande dor. Foi preciso que Célia morresse para que eu sentisse a minha própria aridez. Foi um erro ou, pior do que isso, foi uma impiedade a minha

fuga. Como me arrependo de não ter dito: — “Sofra. Não tenha medo de sofrer. E não esqueça, nunca, nunca”.

É de Neruda, do Neruda da primeira fase, este verso: — “Tão curto o amor e tão longo o esquecimento”. Ai de nós, ai de nós! Não fazemos outra coisa senão esquecer. E, se alguém não esquece, nós pensamos logo em “tratamento psiquiátrico”. É uma inversão cruel e estúpida. Os psiquiatras e os psicanalistas deviam-se incumbir dos que esquecem fácil. Sim, foi preciso que eu a visse morta. E me veio, então, tarde demais, todo um fluxo de consciência. O que parecia morbidez era saúde. E o gemido, o soluço, o grito, as entranhas feridas, tudo, tudo era graça.

Pensou em se dedicar à obra do marido, viver para a obra do marido. Uma vez, quis telefonar para o João Saldanha e o Armando Nogueira e pedir-lhes: — “Chamem o Estádio Mário Filho de Estádio Mário Filho, e não de Maracanã”. Seria bem capaz de sair de porta em porta, trêmula de amor, anunciando: — “Não é Maracanã, é Mário Filho. Estádio Mário Filho”. Outras vezes, passava pelo estádio. Lá estava o nome: — “Mário Filho”. E vinha, de suas profundezas, toda uma dilacerada euforia.

Lembro-me de que pensei mil vezes: — “Vai morrer. Qualquer dia morre!”. Morrer de amor, morrer por amor, era a sua clara predestinação. Estamos tão esquecidos de sofrer que a sua dor nos parecia, e cada vez mais, uma doença psicológica, quase a loucura. E ninguém entendia que a grande dor deve ser preservada (a dor que passa abre, na vida interior, imensas e lívidas sibérias).

Quando meu irmão morreu, escrevi que o último rosto não mente, não finge, não trai. Também me curvei sobre o caixão de minha cunhada Célia. Fiquei olhando aquela paz que era mais êxtase do que sono. A morte foi para ela um retorno. Era o rosto da adolescência, o rosto do idílio. As feições dos dezesseis anos. Eu me lembro do instante em que meu irmão Augusto me disse, no telefone: — “Você soube da Célia? Aquilo que você previa aconteceu”. Minha reação foi estupidamente convencional. Era uma irmã que eu perdia. Mas quando a vi, no caixão, percebi toda a verdade: — nenhuma mulher podia ser mais feliz.

[23/12/1967]

A VÍTIMA OBRIGATÓRIA

O ser humano é o único que se falsifica. Um tigre há de ser tigre eternamente. Um leão há de preservar, até morrer, o seu nobilíssimo rugido. E assim o sapo nasce sapo e como tal envelhece e fenece. Nunca vi um marreco que virasse outra coisa. Mas o ser humano pode, sim, desumanizar-se. Ele se falsifica e, ao mesmo tempo, falsifica o mundo.

Não sei se me faço entender. Mas vamos lá. Por exemplo: Capri. Para nós, Capri não é uma paisagem, mas uma atitude. Ninguém vai a Capri ver a sua possível beleza. O que importa é a nossa postura diante da ilha. Chegamos lá e armamos o quadro plástico de nosso gesto e de nossa ênfase (e, realmente, esquecemos de sentir a volúpia paisagística).

E nem precisamos mudar de continente. Aqui mesmo, fazemos as nossas falsificações. Temos o Antonio's, um restaurante que não é restaurante, mas uma simples atitude. Sua bebida não nos atrai, nem a sua comida. Vai-se lá por motivos ideológicos, literários, e não alcoólicos, vejam bem, não alcoólicos. No Antonio's come-se com desprazer e bebe-se com tédio. Mas fazemos a nossa pose, e basta.

Frequentar certos lugares é uma maneira de ser intelectual ou socialista sem redigir uma frase e sem arriscar uma opinião. Do mesmo modo, o freguês do Paissandu (e pelo simples fato de ir ao Paissandu) toma uns ares de inteligência e de vanguarda. Mais adiante escreverei sobre a geração do Paissandu. E, assim, falsários da vida, dos valores da vida, vamos fazendo as nossas poses políticas, ideológicas, literárias, religiosas etc. etc.

(Outro dia vou ao Antonio's e vejo lá um rapaz, meu conhecido. Ele atropelava senhoras e mesas. De vez em quando varria o restaurante com uma saraivada de palavrões. Notei que as senhoras presentes não estavam assustadas com a pornografia ululante. E, de repente, o pau-d'água me viu e

sentou-se a meu lado. Fala comigo e eu percebo tudo. Estava maravilhosamente sóbrio e repito: — não bebera nem água da bica. Simulava o pileque e fingia até a baba que pendia, elástica, do lábio caído.)

Fiz a meditação acima, mas preciso ressaltar: — não estou dizendo, em absoluto, que o nosso tempo inventou os falsários de ambos os sexos. Cada época tem os seus, e repito: — cada época apresenta suas formas de falsificação. Por exemplo: — o ano de 1919. Era ainda o Rio do fraque e do espartilho (um e outro induziam ao sublime. Até o “bom-dia” era de uma ênfase insuportável).

No Rio de 1919 ainda se respeitava a mulher grávida. Em qualquer lugar, nos bondes, nas esquinas, nas salas, a mulher grávida era uma figura sagrada. Quando subia num bonde apinhado, todos se arremessavam. Ah, não, não acontecia como agora. Outro dia vou eu num ônibus superlotado. Pára o ônibus e entra uma gravidez de oito ou, até, de nove meses. Vejam bem: — latagões imensos continuaram solidamente sentados. Ninguém lhe ofereceu um mísero cantinho.

E pior: — ainda a enxotaram, aos berros, para frente (sua fecundidade obstruía a passagem). Assim a *mater* espremida foi até o fim. Eu já imaginava que o garoto ia nascer ao primeiro solavanco. Tal descaro seria inviável em 1919. Naquele tempo, tirava-se o chapéu à mulher grávida como a uma igreja. (Hoje, não usamos nem o chapéu, nem o respeito.)

Volto à minha infância. Em 1919, morava perto de minha casa o “casal feliz”. Aos oito anos de idade, eu não conhecia a dúvida. Não questionava nada e acreditava em tudo. Só tinha certezas. E, se diziam que era o “casal feliz”, tinha de ser felicíssimo.

Na pior das hipóteses, seria “casal feliz” por comparação. Na rua Alegre e, por toda a Aldeia Campista, eram incontáveis os desastres matrimoniais. Eu próprio vi, certa vez, uma mulher bater no marido com o salto do sapato. O marido limitava-se a uma reivindicação: — “Bate, mas não grita!”. Lembro-me de uma outra batalha conjugal. O marido berrava: — “Te bebo o sangue!”.

O curioso é que os casais brigavam muito e ninguém se separava. Sei, hoje, que há, em qualquer casamento, uma vítima obrigatória. E a continuidade matrimonial exige que a vítima aceite seu destino e sua função. Pois bem: — no “casal feliz” não havia tal vítima. Casados há 25 anos, e já às

portas das bodas de prata, marido e mulher eram de uma felicidade recíproca e total. Ao cair da tarde, lá vinham os dois. Passeavam de uma esquina a outra esquina, e de mãos dadas, como namorados.

Lembro-me de uma vizinha, gorda e patusca como uma viúva machadiana, que costumava dizer: — “Filho atrapalha”. Pois bem: — até nisso os dois tiveram sorte. Não que evitassem. Ou o marido ou a mulher recebera da natureza o privilégio da esterilidade. Aquele amor perfeito, irretocável, não merecia um choro de criança. De fora, só a criada. Mas esta era (mais uma graça) muda. E o fato é que o “casal feliz” tinha uma intimidade absoluta, inviolável. Minto. Fora a muda, apanhada num asilo, alguém mais violava tamanha solidão: — eu.

E de fato o “casal feliz” abria as portas para mim e só para mim. Foi ela quem me chamou. Eu ia passando e ouvi a voz: — “Menino, vem cá, menino”. Perguntou meu nome e disse: — “Você tem a cabeça grande. Deve ser inteligente”. E me chamou para dentro; e apanhou na fruteira, para mim, uma tangerina. No dia seguinte conheci o marido. Ele perguntou risonhamente: — “Esse é que é o Nelson?”. Desta vez a mulher ofereceu-me goiabada.

Todos os dias eu ia para lá. E, realmente, era um amor inédito na rua e no bairro. Só uma vez os dois estiveram a um milímetro da primeira e última briga. Foi na terça-feira gorda de 1919. Ele fora trabalhar na sua oficina de ourives (era ourives), mas ficou de levá-la para ver os préstitos (ambos torciam pelos Tenentes do Diabo). E, quando o marido chegou, já não dava mais tempo. Por um momento, ela quis ficar triste, chorar talvez o fracasso da terça-feira gorda. Mas reagiu e disse, já sorrindo: — “Fica para o ano que vem. No ano que vem nós vamos”. No dia seguinte, o ourives foi dizer para toda a rua que a mulher era uma santa.

E, de repente, ela cai doente. Na primeira fase não teve dor, apenas fraqueza. O próprio hálito a cansava. Passava os dias na cama. Gemia sem desespero: — “Estou tão cansada”. E, depois, passou a falar o mínimo, porque a voz já não suportava o peso das palavras. Só um mês depois deu-se nome à doença: — “anemia perniciosa” (devia ser câncer). Eu ia muito lá, fascinado por esse martírio. Na véspera de morrer, estávamos nós três no quarto. Ela suspirou para o marido: — “Só tenho pena de deixar você. Fui tão feliz, tão feliz”. Houve um momento em que o marido se levantou para

ver não sei o que lá dentro. Ela o acompanha com o olhar; e quando ele sumiu, diz, ofegante: — “Como é chato meu marido! Como é chato!”. Ou por outra: — não disse “chato”, que era, na época, palavrão. Disse “cacete”. E repetiu: — “Como é cacete! Não suporto mais meu marido!”. Passara 25 anos simulando felicidade, assim como o falso bêbado do Antonio’s finge até a baba do pileque.

[27/12/1967]

SEM AMAR, NEM ODIAR

O brasileiro é um feriado. Vi isso, anteontem, e de repente. Era uma terça-feira e — note-se — o primeiro dia útil depois de sexta, sábado, domingo e segunda de Natal. Imaginei que, exausto da própria ociosidade, o brasileiro estivesse no escritório, na oficina ou na pedreira, fazendo a sua pátria. O meu táxi ainda deslizava pela rua Francisco Sá. E eu já via, com olhos da imaginação, uma praia deserta, sem uma mísera alma ou de calção ou de biquíni.

Todavia, quando dobro para a avenida Atlântica, eis o que vejo: do Forte de Copacabana ao Vigia, era uma só multidão que daria para lotar várias vezes o maior Fla-Flu. Por um momento, eu, na mais amarga perplexidade, não sabia o que pensar. Eram os mesmos umbigos paradisíacos da véspera, e de todas as vésperas. Essa nudez multiplicada deu-me o que pensar. Foi aí que descobri esta verdade nacional: — o brasileiro é um feriado, temos alma de feriado.

Até a dobra do Leme tive tempo de propor a mim mesmo a seguinte questão: — “Se o brasileiro não sai da praia, quem faz o Brasil?”. Mas vejam vocês: não era bem isso que eu queria dizer. Ia falar de Adolpho Bloch e não dos umbigos em flor. Imaginem que o homem da *Manchete* fez uma recente viagem à Rússia. Andou por lá, olhou, olhou e voltou correndo para o Brasil.

Desembarca ali no Galeão, e é assaltado por amigos, conhecidos e parentes. Todos perguntavam: — “Que tal? Que tal?”. Mas Adolpho Bloch fez mistério, fez suspense. Só falou quando, finalmente, entrou no seu apartamento de mármore. E, então, fez esta síntese fulminante: — “O russo ainda come três pepinos por dia”. Os presentes se entreolharam, num mudo horror. Adolfo repetiu: — “Três pepinos”.

Foi então que o Paschoal Carlos Magno que, num canto, ouvia tudo, abriu a boca: — “Hoje, o russo come três pepinos. No tempo do czar, comia

um”. E assim, segundo o Adolpho de um lado e o Paschoal de outro, o papel da Grande Revolução foi acrescentar, no prato do povo, mais dois pepinos.

Eis o que eu queria dizer: quando veio, garoto, da própria Rússia, não sei se o Adolpho teria um pepino para lamber. No tempo em que eu morava na rua Alegre, ele ia residir, com a família, em Pereira Nunes, no limite de Aldeia Campista com Andaraí. Nem sempre, naquele tempo, tínhamos um pepino para comer. Hoje, as varandas do seu apartamento pendem sobre a piscina do Copacabana Palace.

Mas o menino de Pereira Nunes continua enterrado na sua carne. O velho Adolpho toma banho numa piscina de Paulina Bonaparte; a pia onde escova os dentes tem bica de ouro. Não importa, nada importa. O menino está encravado na sua vida. E, ainda hoje, milionário, sua voz tem uma pungência, uma plangência insuportáveis. Sim, por vezes, usa uma humildade crispada de certos mendigos patéticos. E a vontade que se tem é de pingar-lhe, no pires imaginário, a moeda da nossa esmola.

As nossas fomes eram paralelas, eram vizinhas. Lembro-me de um garoto louro, sardento, que vi muitas vezes em Pereira Nunes. Talvez fosse, ou não, Adolpho Bloch. Seja como for, não nos falamos nunca. Não vou dramatizar, mas existe entre nós o vínculo físico da fome.

Já contei o episódio da merenda no pátio da escola pública. Eu, com uma mísera e humilhadíssima banana (nem sempre a levava) e outros com sanduíches de goiabada, de bife, de ovo. O que então me fascinava era pão com ovo. Havia, lá, um garoto que não mudava de merenda. E a trazia embrulhada em papel fino. Sem pressa desfazia o nó, atirava fora o barbante, o papel e, então, começava a comer. Pão com ovo, sempre. A gema escorria-lhe como baba amarela.

Quase meio século depois, entro em casa. Beijo Lúcia e digo à empregada: — “Manda fazer sanduíche de pão com ovo”. Lúcia intervém: — “Não faz não, que nós vamos jantar”. Insisto: — “Meu anjo, quero pão com ovo. Estou com vontade. Cismeí”. Pouco depois, tirou-se o jantar. Mas eu comi mesmo pão com ovo. Lúcia não entendeu, nem podia entender. Eu fazia, ali, uma maravilhosa imitação de vida. De repente, baixara em mim a fome de 1919. Era, de novo, o pátio de colégio. Lúcia diz: — “Meu filho, limpa no queixo”. Era a gema que escorria. Tudo como na infância profunda. Ah, um dos meus traumas infantis foi um sanduíche.

Eu entendo o ressentimento do Adolpho Bloch contra os três pepinos da Revolução. É a velha fome que se crispa como uma víbora. Aí está: ela não passa e repito: — a fome não passa, nunca. Outro dia, Adolpho Bloch passou por mim. Paramos no sinal, lado a lado, eu no meu táxi, ele no seu carro. O seu automóvel nunca parece o mesmo da véspera. É como se ele comprasse um por dia. Se me disserem que seu carro tem uma cascata artificial, com filhote de jacaré, eu direi: — “Tem”.

Senti, ao mesmo tempo, que o luxo não o mudou em nada. O apartamento de mármore, a bica de ouro, o automóvel suntuário — tudo isso é, para ele, irreal, eis a palavra, irreal. Nada substitui a fome pretérita, mas inarredável. Janta ou almoça como um Nero. E o menino esfomeado continua gemendo mansamente dentro dele.

Mas eu dizia que a fome não passou para Adolpho Bloch, nem para mim. Na infância, ainda conheci uma fome relativa. Havia um mínimo para comer (eu me vejo comendo mariola. Ou melhor: não a mastigava. Simplesmente, lambia a mariola, para eternizá-la. Levava assim horas). Mas, de 30 a 35, conheci a grande fome. Às vezes, entrava num botequim e pedia: — “Me dá um copo de água, por obséquio”. Não estava bebendo, estava comendo água.

Nesse período, de 30 a 35 (nosso jornal fora empastelado em 30), eu aprendi o seguinte: — o sujeito que não come não se revolta. É a verdade: — não se revolta. Fui a menos indignada das fomes. Eu me sentia inteiramente desfibrado. Certa vez, aconteceu uma que me feriu para sempre. Vinha eu pela rua dos Ourives e olhei acidentalmente para um casal. O rapaz perguntou insolentíssimo: — “Que é que está olhando?”. Baixei a cabeça e apressei o passo. Mas ia pensando: — “Se ele me der um bofetão, eu não reajo”. Naquela ocasião, não tinha emprego, não tinha nada. E certos pundonores, certos brios exigem um salário e as três refeições. Aprendi mais: a fome não odeia nem ama. Se me aparecesse a Ava Gardner, de Salomé, eu continuaria imóvel. Durante esses cinco anos, não namorei. Fui incapaz de um sentimento forte. A fome esvaziou-me; e eu me sentia oco, sem entranhas, como um autopsiado.

[28/12/1967]

APELO DE UMA FÉ PERDIDA

Imagino a seguinte cena: — d. Helder chega à janela e olha o céu. No verso do Chico Buarque não há janela intranscendente, e explico: — qualquer janela nos põe em relação direta, fulminante, com o infinito. Assim está certo o poeta popular. É preciso usar as janelas com larga e cálida abundância.

Mas volto a d. Helder. Ele olha o céu, e por quê? Minha infância foi a época dos valores nítidos, sim, dos valores precisos. Céu era Céu. Deus era Deus. O Diabo era o Diabo. Por outro lado, o céu era a evidência do sobrenatural e, repito, por trás do azul residia o sobrenatural. E, quando o sujeito olhava para o alto, um arroubo subia de suas entranhas.

Continua de pé a pergunta: — Por que d. Helder, na cena imaginária, olha o céu? Será a nostalgia da vida eterna? Sabemos que, em nosso tempo, a vida eterna perdeu a sua função, e insisto: — é tão inatural, tão obsoleta, tão fora de moda como o primeiro espartilho de Sarah Bernhardt. Mas não importa. Há momentos em que o homem recebe o apelo da fé perdida. E, por vezes, baixa sobre nós o tédio do efêmero, do contingente, do perecível. Quem sabe se d. Helder quer provar, de novo, o mel do eterno?

Não creio, eis a verdade, não creio na hipótese mística. Acreditem: — d. Helder só olha o céu para saber se leva ou não o guarda-chuva. Põe-se na janela, como a Carolina, mas com desígnios estritamente meteorológicos. Daí a abismal dessemelhança entre as duas épocas, entre os anos de minha infância e os tempos atuais. Em 1919, o mesmo d. Helder seria outro, e outro o céu, e outro o infinito.

(Depois da tremenda aventura e3pacial, até o infinito parece ter a domesticidade do cachorro velho.) Mas pergunto: — que fará o brasileiro sem a sua fé? Somos um povo de uma religiosidade profundíssima. Fui, certa vez, testemunha de um episódio lindo. Esse fato, que já contei várias

vezes, merece outra reprise. Mas vamos lá. Um dia entro na redação e vejo o Reynaldo Jardim curvado sobre a máquina, batendo as quinze cópias de uma corrente. Era um materialista feroz que, entretanto, cedia a um formidável surto místico.

E, como Reynaldo Jardim, conheço uma infinidade de patrícios. Alguns têm cinco religiões ao mesmo tempo. Por exemplo: um vizinho que, de vez em quando, me dá carona para a cidade. Uma sexta-feira eu o convidei para jantar. Respondeu-me: — “Hoje, não, hoje é dia da sessão espírita”. Pergunto: — “Você não é católico?”. Olhou-me: — “E daí?”. Insisto: — “E vai à sessão espírita?”. O outro vacila na resposta. Explode: — “Sossega o periquito”. E mais não disse.

Eis o que importa notar: — o brasileiro tem tão formidável potencial de fé que pode aplicá-lo por toda parte. E, súbito, nos tiram a vida eterna. Não há mais sobrenatural, não há mais nada. Estamos reduzidos aos quinze minutos da vida terrena. Vamos e venhamos: esse quarto de hora não basta para a nossa fome. Sem a sua eternidade, o brasileiro anda por aí, errante e desgraçado.

Mas o que é que esse pobre povo recebe em troca? Resposta: tem a sua fome promovida. Lembro-me de um debate de católicos numa televisão de Recife. Bem. Eram católicos inteligentíssimos, arejadíssimos etc. etc. E vejam o tema: amor livre. O que se disse, o que se opinou, o que se insinuou sobre liberdade sexual. Eram todos superiormente compreensivos. Não houve, porém, uma unanimidade. E o locutor, outro liberto, avisou risonhamente que, no próximo programa, falaria “o nosso arcebispo”.

E, de fato, no dia e hora marcados, compareceu d. Hélder às câmaras e microfones. A cidade inteira parou. Todos queriam conhecer a sua palavra sobre o direito que temos de fazer a nossa vida sexual com a naturalidade de um vira-latas de esquina ou de um gato de telhado. D. Hélder ria, sorria, ficou de mãos postas. Então o locutor, com uma pele de quem lavou o rosto há cinco minutos, propõe a questão: — “O que é que o senhor acha, d. Hélder, do amor livre?”.

Seria desprimoroso uma resposta fulminante. D. Hélder faz um *suspense*. Em casa as senhoras tinham palpitações, falta de ar. O arcebispo pensa, pensa, e súbito recebe uma luz. De mãos postas, responde com outra pergunta: — “Por que falar de amor livre se o Nordeste passa fome?”.

Depois disso, o *speaker* poderia insistir? Nunca. E, ao mesmo tempo, não sabemos o que mais admirar em d. Hélder: se a fina inteligência, se a cálida bondade. Uma telespectadora resmungou: — “Não respondeu”.

Engano da santa senhora. Respondeu, ou por outra, sua aparente evasiva era já uma resposta. Interrogado sobre o amor livre, d. Hélder falou da “fome no Nordeste”. Aí está dito tudo. Vou mais longe: mais do que uma resposta, as palavras do caro arcebispo encerram uma solução. É preciso saber ler nas entrelinhas. Não precisamos namorar em portão, sala de visitas ou cinema. Nada de andar de mãos dadas como em 1920. Estão suspensos os beijos. D. Hélder disse que “o Nordeste passa fome”. Portanto, o amor livre ou enjaulado perde a sua função. Os problemas da carne e da alma estão resolvidos: o Nordeste passa fome.

Vejam vocês: na primeira oportunidade eu estaria disposto a perguntar a d. Hélder: — “Que me diz o senhor ou que notícias me dá da minha vida eterna?”. Não farei, porém, tal consulta, porque o querido arcebispo havia de me atirar na cara a “fome do Nordeste”. Faz-se assim uma promoção inédita da fome. Mas bolas: — e por que só a do Nordeste? As outras não merecem uma fatia de pão e um pouco de manteiga para lhes barrarem por cima? Por outro lado, é uma visão utópica a desse Brasil, onde só o Nordeste passa fome.

E eis que volto à minha própria fome. Falei ontem do período de 30 a 35. Disse eu que, nessa época, não havia em mim um sentimento forte. Engano, engano. Algo restou em mim, intacto: a fé. Jamais acreditei tanto. Deus era alguém tão pessoal, tangível como qualquer vizinho. Amava os santos. E pior: a fome me dava, por vezes, a sensação de que eu próprio era um santo. Eu, um santo vergado. Lembro-me de que, uma noite, comecei a ler uma condensação de Freud. Lia aquilo e voltava para reler. Não entendia nada ou entendia muito pouco. Parecia-me que o sábio valorizava os instintos e só os instintos. E, súbito, deixei de ser o homem eterno. Reagi como se Freud fosse um veterinário e todos nós, bezerros. Fechei o livrinho e comecei a chorar.

[29/12/1967]

A EUFORIA DE UM ANJO

Almocei, ontem, com o meu amigo Celso Bulhões da Fonseca. Digo “amigo” e sinto que a palavra vem sofrendo um aviltamento progressivo. Dirá alguém que, com o tempo e o uso, todas as palavras se degradam. Por exemplo: — liberdade. Outrora nobilíssima, passou por todas as abjeções. Os regimes mais canalhas nascem e prosperam em nome da liberdade.

Hoje, “liberdade” é um palavrão que, como tal, não devia entrar em casa de família. Mas, vejamos “o amigo”. Essa palavra e essa figura sofrem, do Paraíso aos nossos dias, um desgaste hediondo. Perdemos todo o cuidado seletivo. O amigo deixou de ser uma maravilhosa opção. Ainda outro dia, estava eu com um pulha, realmente pulha, da cabeça aos sapatos. Apresentei-o assim: — “Aqui o meu amigo Fulano”. Não era “o amigo”, não podia ser “o amigo”. E mal terminou a apresentação, dei-me conta de que não fazemos outra coisa senão corromper o nosso vocabulário.

Eis o que eu queria dizer: — para mim, a amizade continua sendo o grande acontecimento. Todos os sábados, lá vou eu almoçar com o Hélio Pellegrino. Lembro-me de que, uma vez, teve o amigo uma luminosíssima idéia. Diz: — “Vamos tomar vinho”. Assim é o Hélio. Mineiro e calabrês, tem, por vezes, a volúpia européia do vinho. Abriu uma garrafa e, com um olho rútilo, um olho dionisiaco, disse: — “Bebel!”. Bebi para fazer-lhe a vontade, Na verdade, sou o homem da água da bica. Mas o Hélio bebeu, bebeu. E, de repente, pôs a mão no meu braço. Disse exatamente isto: — “Nelson, você é um dos meus amigos fundamentais”.

Ora, eu atravessaria três desertos para ouvir alguém dizer isso. E, então, percebi uma das verdades mais lindas da terra: — o amigo é o santo. Não sei se me entendem e, se não me entendem, paciência. Mas o fato de o Hélio estar falando e eu a ouvi-lo, este simples fato era a nossa salvação. Ali, naquele momento, ele foi um santo e eu outro santo. Vejam vocês: — dois

santos bebendo aquele vinho translúcido e também santificado.

(Alguém dirá que tudo isso é piegas, gratuito, discutível etc. etc. Não faz mal.) Volto ao meu almoço com o Celso Bulhões da Fonseca. Fiz a introdução acima para concluir: — Celso é, precisamente, o amigo. Na véspera, batera o telefone para mim: — “Vamos almoçar amanhã?”. E ria, ria ao fazer o convite. Era, ali, na alegria da amizade, o límpido menino, o menino de cristal. “Vamos, vamos”, respondi. “Onde?”. Disse-lhe o primeiro nome: — “Nino”.

No dia seguinte, passou o Celso pela minha porta e levou-me. Ao meio-dia e pouco entrávamos no restaurante. Ocupamos uma mesa lá do fundo. Nem sei o que comemos (eu, um bife). E conversamos, simplesmente conversamos. Perto de nós instalaram-se vários casais; mais adiante uma família imensa fazia alarido. Mas não importa. Éramos amigos e fundamos naquela mesa a nossa solidão (a perfeita solidão há de ter pelo menos a presença numerosa de um amigo real).

E conversamos de tudo. Houve um momento em que o Celso abriu o coração. Fala: — “A morte do meu pai”. E acrescenta, como quem pede desculpas: — “Ainda não me recuperei”. Por um momento, tive vontade de pedir-lhe: — “Nem se recupere, nunca, nunca”. Eis a nossa degradação: — sofrer menos, cada vez menos, até esquecer. Desde menino sou um fascinado pela grande dor (acho que a grande dor não passa jamais). E não disse nada ao Celso, não lhe fiz o apelo: — “Sofra, sofra”.

De repente ele diz, chorando: “Ainda choro”. Foi aí que senti, como na casa do Hélio Pellegrino, que éramos dois santos. Na mesa adiante, a tal família imensa detonava todas as suas gargalhadas. Mas podia vir o mundo abaixo. Tudo era secundário, irrelevante, nulo. Mudei de assunto e fiz mal. O certo seria tirar partido da nossa tristeza (eu também pensava na morte do meu pai). Temos um medo tão idiota do sofrimento, e são tão poucos os nossos instantes de tristeza total! Como é bom o doer de velhas penas.

Diante do Celso eu pensava na minha infância. Naquele tempo não entendia que o adulto chorasse. Aos sete anos eu estava certo de que só as crianças choravam. (Vira uma vizinha, d. Laura, gritando pela morte da filha. Mas, curioso! As mulheres pareciam-me outras tantas crianças. Adulto era o homem.) Só mais tarde, já em Copacabana, vi um homem chorando: — meu pai.

Morávamos, então, na rua Inhangá, atrás do Copacabana Palace (era nosso vizinho um garoto, Basílio, hoje dr. Basílio, médico famoso). Meu pai acabara de fundar um jornal, *A Manhã*, que toda a cidade lia. Eu estava na redação, esperando a carona do meu pai, quando o telefone o chamou. Alguém dizia: — “Venha que Dorinha piorou”. Dorinha, Dora, era minha irmã de oito meses. Meu pai apanha o chapéu, a bengala; chama: — “Vamos”. A redação era na rua Treze de Maio. Descemos e o automóvel, um Ford de bigode, nos levou.

No caminho não pensei na morte. Dizia de mim para mim: — “Nós não morremos”. Nem meus irmãos, nem meus pais, ninguém morria lá em casa, só os outros. Chegamos à casa e, já da porta, ouvíamos o choro. Meu pai salta correndo. Entra berrando: — “Que é isso? Que é isso?”. Largou no chão o chapéu, a bengala. Uma voz está dizendo: — “Ela morreu”. Era a notícia sem ponto de exclamação. E a voz tão doce e sem lágrimas. Eis a pergunta que ainda me faço, sem lhe achar resposta: — “Quem nos deu a notícia?”. Foi alguém de quem não me lembro, sim, alguém que não sofria e apenas informava.

Vi no meu pai primeiro a cara do espanto; e logo explodiu o choro. Meus irmãos também choravam, e minha mãe, e as empregadas. Mas meu pai não chorava como os outros. Era o grande choro. E, de repente, a rua se encheu do seu gemido enorme. Um menino veio correndo lá da casa de esquina, trazido pelo choro do meu pai. E, por um momento, senti vergonha, humilhação. Não queria que o menino visse o meu pai gritando.

Meu irmão Roberto repetiu, horas e horas: — “É a primeira morte. A primeira morte”. Levantava-se, vagava pelas salas; voltava: — “É o primeiro que morre”. Eu, quieto num canto, pensava que nós também morríamos. Vinte anos depois escrevi a peça *Vestido de noiva*. No segundo ato uma das noivas, Alaíde, suspira: — “Enterro de anjo é mais bonito do que de gente grande”. Era a nostalgia de minha irmã Dorinha. Morreu com oito meses; e sua agonia, quase imperceptível, foi leve, tão leve como a euforia de um anjo.

[30/12/1967]

SER PARA SEMPRE FIEL

Em capítulo recente falei de Adolpho Bloch, não o atual, o milionário de *Manchete*. Não. O fundador de um império gráfico interessa menos. O grande Adolpho é o de Pereira Nunes, de pé descalço e calça furada. Era menino e passava fome. Hoje, ele muda de automóvel como de camisa. Todo o dia sai com um carro novo. E aqui está o suave milagre: — o menino da fome não morreu em Adolpho Bloch, e repito: — Adolpho Bloch não o matou.

Não só não matou e digo mais: — esta criança exânime e obsessiva há de salvá-lo. De vez em quando, resolvendo negócios nababescos, o Adolpho começa a tremer de humildade. Na porta, à sua espera, está o automóvel bonito como um elefante de rajá. E, apesar disso, Adolpho torna-se pungente, plangente. Ninguém entende, mas explico: — é o menino da fome que começa a doer em suas entranhas.

Mas falei em fome e, por associação, penso em d. Hélder (ah, este homem fatal). Contei em nota recente a entrevista do querido arcebispo na televisão pernambucana. O locutor fez-lhe a pergunta melíflua: — “padre, o que é que o senhor acha do amor livre?”. O Nordeste em peso tremeu. D. Hélder faz um risonho *suspense* e fala: — “Por que tratar de amor livre se o Nordeste passa fome?”.

Assim falou o grande arcebispo. Mas o Hélio Pellegrino, que soube do episódio, comentava comigo: — “Ah, d. Hélder perdeu a chance de uma resposta genial”. Se o Hélio Pellegrino lá estivesse havia de responder, na hora, em cima da pergunta: — “O amor livre é a fome!”. Aqui entro eu para observar: — claro que a fome do Nordeste é muito mais promocional.

E porque faz as relações públicas da fome nordestina, d. Hélder despreza ou esquece as outras fomes do homem. Pois o amor livre, como diz o Hélio Pellegrino, é uma delas, e insisto: — uma das mais cruéis, das mais hediondas. Na minha infância havia um rapaz que era o escândalo de toda a Aldeia Campista.

Chamava-se Meireles. Meireles ou Marcondes? Não, não. Era Meireles mesmo. Pois o Meireles tinha uma namorada em cada esquina, noivas e esposas por toda a cidade. Muitos já insinuavam o vaticínio: — “Qualquer dia dão-lhe um tiro!”. E o Meireles foi, talvez, o primeiro sujeito que ouvi falar em “amor livre”. Certa vez houve uma festa na vizinhança; era batizado ou aniversário, não me lembro mais.

E o Meireles (ou seria Marcondes?), o Meireles estava lá e tomou conta da festa. Cercado de mocinhas, de senhoras, contou a própria vida. Confirmou que tinha uma paixão, ou várias, em cada bairro. Alguém lhe perguntou se não tinha vergonha. Abriu o riso: “Vergonha teria de ser homem de uma mulher só!”. Naquele tempo as mulheres usavam leque (o movimento lépido ou lento do leque era de uma delicada voluptuosidade). E as presentes abanavam-se com mais angústia.

(Depois se soube que o Meireles tinha não só namoradas, mas filhos por toda a cidade.) No fundo, no fundo, a audiência estava fascinada com esse descaro monumental. Antes de sair, ainda disse: — “Qualquer um pode gostar de quinhentas ao mesmo tempo”. Eu estava no aniversário, comendo mãe-benta. O Meireles foi, talvez, o primeiro cínico que conheci na vida real.

Depois que o Meireles saiu, um vizinho, já senhor, de olho grande e triste, disse apenas: — “É um canalha!”. Aí está um ponto de exclamação que realmente o velho não usou. Dissera “canalha” sem ira, um “canalha” que saiu apenas informativo. Quanto a mim, nos meus sete anos, exatamente sete anos, tive uma náusea adulta.

Pode parecer que eu esteja aqui retocando, valorizando uma reação infantil. Repito que me veio uma ânsia, quase um vômito ético. Desinteressei-me das mães-bentas; e vim para casa com vontade de morrer. Exatamente: — vontade de morrer. Eu não entendia um Meireles. Nasceu comigo o horror de trair. Eu queria ser fiel e que todos fossem fiéis. Amar a mesma, sempre. E, mais tarde, quando comecei a namorar, teria pena, vergonha de dançar, simplesmente dançar com outra. Em toda a minha infância, a minha mais doce utopia era morrer com o ser amado.

Volto ao Meireles. Nos fundos da nossa casa havia uma farmácia (ainda hoje o cheiro de remédio, de certas pomadas, deflagra em mim todo um processo regressivo. É a farmácia que não morre. Em seu lugar levantaram um edifício. Mas em mim ela não morre). E uma tarde o Meireles entra lá. Nunca riu tanto. Ouvia-se a sua gargalhada no fim da rua. Contou

anedotas. E em dado momento diz que naquele instante estava sendo pai outra vez. Alguém perguntou: — “Quantos?”. Ele pensou um momento e resmungou: — “Sei lá!”.

E de repente o Meireles diz para os três ou quatro que estavam na farmácia: — “Olha o que eu vou fazer”. À vista de todos, puxou o revólver. Houve protestos: — “Vira isso para lá!”. Pediram: — “Não brinca”. E então, pálido mas sereno, ele introduziu o cano na boca. Ninguém dizia nada. Puxou o gatilho.

Eu estava em casa e ouvi o tiro. Horas depois já se montava todo um folclore sobre o suicídio. Segundo uns, pulou um olho; outros viram voar o tampo da cabeça; e se disse também que o sangue esguichara na cara de uma testemunha. Lembro-me de que o tal senhor triste, que já o chamara de canalha, andou dizendo: — “Quem devia ter dado o tiro era um pai, um marido, um irmão”. “Morte instantânea”, disse o jornal. Quando a ambulância chegou, estava deitado, os sapatos tortos de cadáver.

Hoje, na minha casa, penso de vez em quando no Meireles. E o gesto suicida parece tornar-se no mais transparente dos mistérios. Na época toda a Aldeia Campista perguntava: — “Por quê?”. Ninguém entendia nada. Mas o Meireles está diante de mim, tão nítido. Morreu do amor livre e, pois, de falta de amor. Tudo é falta de amor. O câncer no seio ou qualquer outra forma de câncer. É falta de amor. As lesões do sentimento. A crueldade. Tudo, tudo falta de amor.

E o Meireles separou o amor e o sexo. E sempre há os que apodrecem em vida porque separaram o sexo e o amor. A toda hora esbarramos com sujeitos que praticam a variedade sexual. Esses vão morrer na mais fria, lívida, espantosa solidão. Por vezes, de madrugada, começo a jogar com as palavras. “Quem tem uma tem todas. Quem tem todas não tem ninguém.” Depois do suicídio andaram fazendo na rua Alegre um censo das mulheres de Meireles. Falou-se em “duzentas”. Porque teve duzentas, o Meireles morreu virgem como uma solteirona de Garcia Lorca.

[2/1/1968]

A ÚLTIMA “MULHER FATAL”

E eis que o vizinho mudou-se para o Engenho Novo. Dois ou três dias depois, chega o novo morador, aliás moradora. A andorinha da mudança encostou. Num instante, a calçada encheu-se de cadeiras, mesas, camas e até um piano. Em seguida veio, de táxi, d. Selma, com trouxas, criada e a cadelinha preta, de nariz fino e orelhas vibrantes. Os criouloes iam carregando os móveis para dentro. Ah, lembro-me de uma bacia de louça, com flores desenhadas em relevo.

Da janela, eu via tudo. Na minha infância, não havia mudança intranscendente. O que chegava ou o que partia era um ser inquietante, ameaçador. Bem me lembro de d. Selma. Hoje não há mais “a mulher fatal”, como nos velhos folhetins ou no antigo cinema mudo. D. Selma teria sido a última “mulher fatal”. Às sete da manhã, vestia-se de veludo. E, a cada movimento seu, era um frêmito, um alarido de pingentes, colares, braceletes, o diabo.

E mais: — mal podia com o peso dos quadris. Não tinha marido, nem filhos. Era viúva. Dois ou três dias depois, começou a visitaço masculina. Mas a vizinhança já sabia, que d. Selma, além de viúva, era noiva. Ninguém estranhava que o noivo saísse e, meia hora depois, voltasse com outra cara, outro terno e até outra cor. Lembro-me de que, certa vez, ele apareceu preto. Sim, era um crioulo, plástico, ornamental, de polainas.

Mas estou-me fixando em d. Selma e, na verdade, a heroína da presente história é a cadelinha preta. Chamava-se Tum-Tum. Guardem o som: — Tum-Tum. Hoje, Tum-Tum me parece nome de Pearl Buck ou de criada de *Madame Butterfly*.

Esquecia-me de dizer que d. Selma morava num sobrado. E a Tum-Tum enfiava a cabeça, por entre as colunas da varanda, e ficava espiando ou latindo para os que passavam. Jamais, por um momento, se viu Tum-Tum

sozinha na rua. Só descia no colo da dona, como um bebê. Eis a verdade: — d. Selma a preservava com o zelo feroz de uma Bernarda Alba.

Até que, uma tarde, ouço alguém dizer: — “A Tum-Tum está amando”. Era verdade. Estava amando. Havia um cachorro chamado Maxixe, apelido que tinha a sua explicação. Era um vira-latas, gordinho e malhado. Na cadência do seu trote, balançava os quadris fartos. Maxixe era a dança da época. E, quando ele aparecia, os moleques pulavam como índios de filme: — “Olha o Maxixe!”. Outros o apedrejavam.

Para mim, aquele idílio era um mistério. Eu não entendia que Maxixe não viesse sempre, ou por outra: — ele vinha uns dias e, depois, sumia. Era cachorro da Pereira Nunes e só vinha à rua Alegre por causa da cadelinha preta. Era patética a sua obstinação. Mesmo debaixo de chuva, ficava no meio da rua, não na calçada, no meio da rua, olhando a sacada. Não sei como não foi atropelado umas 150 vezes. Varava assim os dias, as madrugadas. E depois desaparecia por uns tempos.

Na época própria, ei-lo de volta. Aí está dito tudo: — eu nada sabia da “época própria”. E tudo se repetia exatamente. Maxixe ficava no meio da rua. Era um desejo sem esperança e, apesar disso, fidelíssimo. Até que, um dia, a rua descobriu o que se escondia ou, por outra, o que não se escondia por trás da viuvez e do noivado de d. Selma. Simplesmente ela pertencia à “mais antiga das profissões”. E, uma tarde, apareceu um sujeito. Podia parecer outro noivo. Não. Era a polícia. E, assim, foi expulsa da rua, expulsa de Aldeia Campista. Da janela vi quando tomou o carro. Levava no colo a cadelinha.

Antes de entrar no táxi, virou-se por um momento. Esganiçou-se numa maldição: — “Quem me denunciou” — foi seu berro — “há de morrer com uma ferida na cabeça”. Tudo aquilo me doeu. Achei d. Selma uma vítima, quase uma santa. Ah, eu, com o fervor dos meus cinco ou seis anos, acreditava que o noivo, embora mudasse de cara, de idade, de terno e de cor, era uma mesma e indivisível pessoa. “Sem-vergonha!”, era o que diziam as donas da rua. Desejei que todas, todas, apanhassem a tal ferida na cabeça.

E eu não sabia que Tum-Tum e Maxixe eram o Sexo. O que achei lindo, no idílio, foi a distância. Maxixe cá embaixo e Tum-Tum lá em cima e, entre os dois, repito, uma distância infinita, milenar. (No capítulo de ontem dizia eu que o Sexo faz canalhas e que não há um santo do Sexo. Hoje,

retífico. Há, sim, um santo do Sexo: — o casto.)

Isso que acabo de contar é tão antigo que eu não sabia, então, que Sexo se chamava Sexo. Comigo mesmo ocorrera algo parecido muito antes. É um episódio que já contei mas que merece uma reprise. Uma manhã estou eu em casa vendo as gravuras do *Tico-Tico*. De repente entra uma vizinha. Entra tropeçando nas cadeiras. Assim se dirigiu à minha mãe: — “D. Fulana, qualquer filho seu pode entrar na minha casa. Menos o Nelson!”. Na sua ira, ventava fogo.

Eis o que me pergunto até hoje: — que fiz eu para merecer fúria tamanha? Tinha quatro anos, não mais, exatamente quatro anos. Era tão pequeno que, naquele justo instante, uma tia costurava a minha calça e eu estava sem ela, com a camisinha na altura do umbigo. E pior: eu não me lembrava de nada e repito: — eu me sentia tão inocente como alguém que paga por um pecado de vidas passadas. A santa senhora era mãe de uma menininha que, aos cinco anos, viria a morrer de paratifo.

Terá sido a garotinha de quatro anos a vítima de outro garotinho também de quatro anos? Até hoje, repito, não sei. Mas vejam como o meu primeiro pecado é anterior à memória. Teria eu meus onze anos quando me infligiram as primeiras aulas de “Educação Sexual”. De vez em quando lê-se que a doméstica Fulana, parda, foi arrancada do namorado e seviciada não sei em que terreno baldio. Pois foi esta a minha sensação. Eu me sentia violado quando o professor falava em Sexo (e, de amor, nenhuma palavra).

Por que dizer aquilo a meninos e meninas e não a cabras, bezerros e vira-latas? O Sexo, estritamente Sexo, nada tem a ver com o pobre e degradado ser humano. É, repito, um problema dos já referidos bezerros, vira-latas e cabras. E nunca ninguém se dispôs a ensaiar uma “Educação Amorosa”.

Não me venham falar dos instintos (até hoje não sei por que os temos e não sei por que os suportamos). O homem começa a ser homem depois dos instintos e contra os instintos.

[4/1/1968]

MORRER COM O SER AMADO

Desculpem, mas volto à minha infância. Tenho usado muito uma imagem, que é a seguinte: — o menino está enterrado no adulto como um sapo de macumba. Nada mais verdadeiro. Esse menino perene, dos seus sete, oito anos, existe em mim como no dr. Brito. Eu o sinto, a toda hora e em toda parte. E assim qualquer emoção é um pretexto para a volta à rua Alegre, à Aldeia Campista.

No capítulo de ontem, isto é, de anteontem, falei, de passagem, na fome de 1918, 19 e, até, 20. Dirá alguém que a fome é a mesma em qualquer tempo em qualquer idioma. Ilusão. Não é a mesma ou por outra: — conforme a época e o país, varia de tipo, de gosto, de ênfase. Ora, naquele tempo a fome era mansa e quase agradecida. Direi mais: — o pobre não tinha nem o direito de invejar. Minha infância está cheia de cenas cruéis. Lembro-me de um roto, de um esfarrapado, que viu um rico, e o lambeu com a vista.

Anos depois, a fome passou a ter outras reações. Há pouco tempo, houve um episódio que seria inviável em 1919. Vamos ao fato. Na véspera do Natal, houve um assalto. Era um boteco, na hora de fechar. O português ia justamente arriar a porta de aço quando sentiu um cano nas costas e a voz: — “É um assalto”. Tudo aconteceu numa progressão fulminante. O luso entrou e, atrás dele, os três bandidos (exatamente três).

Era um boteco não sei se da Penha, Brás de Pina ou por aí. Um dos assaltantes baixou a porta de aço. Disseram ao português: — “Senta aí”. E ameaçaram o homem de um “banho de balas” caso arriscasse um gesto suspeito. Naquele momento, o nosso luso era esperado em casa para a grande ceia. Parentes chegados de Portugal estavam lá. Três ou quatro garrações de um santo vinho iam inundar a família.

O português começou por chamar os assaltantes de “meus filhos”.

Disse-lhes onde estava o dinheiro; deu-lhes a chave; e só pedia, como uma criança: — “Levem tudo, mas não me façam mal”. Um crioulo magro o encara: — “Está falando muito. Quer morrer, ô galego?”. O outro parou. O terror alumia o olho enorme. E, então, os bandidos limpam tudo, raspam o dinheiro, arrancaram o anel e o relógio da vítima. O português ainda balbuciou que não lhes queria mal e quase os abençoava.

Chegou a hora de fugir. Disseram: — “Fica quieto ou morre”. Dois iam na frente e o crioulo magro por último. Meia porta de aço foi erguida. Passaram os dois primeiros, o crioulo magro pára um momento. Fala: — “Toma um presente de Natal”. Estava de revólver na mão e puxou o gatilho. Uma bala estourou a barriga do português. No seu espanto, ergueu-se. Morreu na hora. Estava morto e continuava de pé. Adiante, um táxi esperava os bandidos. O crioulo magro, de peito cavo, foi o último a entrar. O carro partiu. Ao dobrar a primeira esquina, derrapou como os *gangsters* de filme.

E, por um momento, ainda ficou de pé o cadáver espantado. Morreu sem saber por que o matavam. Eis o que eu queria dizer: — na minha infância, o presente de Natal era uma impossibilidade. É certo que em 1919 ainda se falava muito do crime de Roca e Carleto. Mas Roca foi preso e dizia: — “Sou inocente!”. Julgado e condenado, repetiu: — “Sou inocente!”. Passou não sei quantos anos na prisão. Lá, de vez em quando, punha-se a berrar: — “Eu não matei! Eu não matei!”.

Não sei se Roca matou. Sua obsessão de inocência era tão feroz que ele próprio há de ter perdido qualquer noção de culpa. Mas eis o que eu quero ressaltar: — se matou, não foi por fome. A fome daquele tempo não matava. (Mataria antes e depois: naquele tempo, não.) O assassino ou suicida era o amoroso. Aí está dito tudo: — o ódio nascia do amor e não da fome.

Se alguém traduzisse as manchetes de *O Dia* e da *Luta Democrática* para um turista, este havia de pensar, por outras palavras: — “O brasileiro vive matando o ser amado”. Cabe uma retificação: — antes matava mais. Por toda a Belle Époque, até 1920, por aí, o marido, a mulher, os namorados brincavam com a morte. Sem desconfiar brincavam com a morte. Uma jovem nunca sabia se estava flertando com o seu assassino.

Em nossos dias, um dos tipos de relação conjugal não excepcionais é o seguinte: — a infidelidade recíproca e consentida. Os dois sabem. O “último

a saber” das velhas gerações passou de moda. Hoje é comum que o marido saiba antes dos outros e, por vezes, antes da infidelidade. Há os que adivinham, sim, os proféticos.

Via de regra, o nosso jornal moderno tem pudor de valorizar e dramatizar o crime passionai (fora os casos já referidos de *O Dia* e da *Luta Democrática*). Marido que mata mulher, ou mulher que mata marido, é tratado sem nenhum patético, em forma de pura, sucinta e objetiva informação. (*O Jornal do Brasil* vai mais longe. Ignora qualquer modalidade de crime e de criminoso. Os atropelados, os esfaqueados, os enforcados, que comprem outros jornais. O *do Brasil* não lhes dará a mínima cobertura. Um dia, por força do seu desenvolvimento, este país terá o seu vampiro. Mas não se preocupem. No dia em que alguém chupar a carótida de alguém, o sangue há de tingir todas as primeiras páginas. Só a *do Jornal do Brasil* continuará firme no seu preto e branco.)

Em 1919 a nossa imprensa gostava de sangue. O futebol ainda não se instalara na primeira página. E a adúltera assassinada era mais promovida do que a Bovary ou a Karenina. A reportagem invadia o necrotério, a alcova, e fazia um saque de fotografias e cartas íntimas. Lembro-me de um senador, tribuno fabuloso, patriota de causas sublimes. Um dia descobre que era traído e fuzilou a mulher. Não houve o flagrante e, depois das 24 horas, lá estava ele na porta do cemitério. Quando o caixão da vítima ia passando, cuspiu-lhe em cima.

Tudo isso, inclusive a cusparada, saiu nos jornais mais graves. E a Aldeia Campista em peso disse: — “Bem feito! Bem feito!”. O senador fez isso, ainda enxugou com o lenço a saliva vingadora e foi tomar o táxi, adiante. Eu então já sabia ler. Saí do *Tico-Tico* para as histórias de amor e morte. Descobria que o homem mata e se mata por amor. E quando num crime havia amor, eu me crispava de beleza.

Dizia eu que o idílio mais terno e manso podia ser um ensaio para a morte. Um dia saiu nos jornais um episódio que assombrou a cidade. Imaginem dois namorados, ele dezessete, ela dezesseis anos. As duas famílias faziam gosto. Ao cair da tarde, passeavam na calçada de mãos dadas. Iam ficar noivos e, de quinze em quinze minutos, um gostava mais do outro. Até que um dia saíram para visitar uma tia. E lá não chegaram. No dia seguinte, encontraram os dois, perto da Cascatinha, e mortos. Ao lado,

um vidro de um desinfetante então muito usado — Lysol. Um bilhete assinado pelos dois, dizendo: — “Morremos felizes”. Só. Foi então que eu, ferido de espanto, descobri: — quem nunca desejou morrer com o ser amado, não conhece o amor, não sabe o que é amar.

[8/1/1968]

ASSIM É UM LÍDER

O líder é um canalha. Dirá alguém que estou generalizando. Exato: estou generalizando. Vejam, por exemplo, Stalin. Ninguém mais líder. Lenin pode ser esquecido, Stalin, não. Um dia, os camponeses insinuaram uma resistência. Stalin não teve nem dúvida, nem pena. Matou, de fome punitiva; 12 milhões de camponeses. Nem mais, nem menos: — 12 milhões. Era um maravilhoso canalha e, portanto, o líder puro.

E não foi traído. Aí está o mistério que, realmente, não é mistério. É uma verdade historicamente demonstrada: — o canalha, quando investido de liderança, faz, inventa, aglutina e dinamiza massas de canalhas. Façam a seguinte experiência: — ponham um santo na primeira esquina. Trepado num caixote, ele fala ao povo. Mas não convencerá ninguém, e repito: — ninguém o seguirá. Invertam a experiência e coloquem na mesma ‘ esquina, e em cima do mesmo caixote, um pulha indubitável. Instantaneamente, outros pulhas, legiões de pulhas, sairão atrás do chefe abjeto.

Mas dizia eu que Stalin não foi traído, nem Hitler. O Fuehrer, para morrer, teve de se matar. (Nem me falem do atentado dos generais grã-finos. Há uma só verdade: — nem o soldado alemão, nem o operário, nem o jovem, nem o velho, traíram Hitler.) E, quanto a Stalin, ninguém mais amado. Só Hitler foi tão amado. Aqui mesmo, no Brasil. Bem me lembro, durante a guerra, dos nossos stalinistas. Na queda de Paris, um deles veio-me dizer, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Hitler é muito mais revolucionário do que a Inglaterra”.

Sim, o que se sentia aqui por Stalin era uma dessas admirações hediondas. Eu via homens de voz grossa, barba cerrada, ênfase viril. Em cada um dos seus gestos, a masculinidade explodia. E, quando falavam de Stalin, eles se tornavam melífluos, como qualquer “travesti” do João Caetano ou do Teatro República. O que se sentia, por trás desse arrebatamento

stalinista, era um amor quase físico, uma espécie de pederastia idealizada, utópica, sagrada. Com as mandíbulas trêmulas, uma salivação efervescente, os fanáticos chamavam o Guia de “o Velho”. E essa paixão era de um sublime ignóbil.

Já o czar foi o antilíder. Há um quadro russo da matança da família imperial. (A pintura de lá, tanto a czarista, como a soviética, é puro Oswaldo Teixeira.) Eis o que nos mostra a tela: empilhados, numa bacanal de defuntos, o czar, a czarina, as princesinhas etc. etc. Uns por cima dos outros e cravejados de balas. Os soldados receberam a ordem e estouraram a cara dos velhos, das mocinhas, dos meninos. Mas não vamos assumir, aqui, nenhuma postura sentimental. Eis o que importa dizer.

Na véspera de morrer, o nosso Nicolau entretinha-se na redação do seu diário. Fazia diário como qualquer heroína da *Coleção das moças*. Reparem no antilíder, no anti-rei, no antitudo. No dia seguinte estariam à mostra os intestinos dele mesmo, as tripas da mulher, dos filhos, dos sobrinhos, dos netos. Mas ele não teve nenhum sentimento da morte. No jardim havia um “lago azul” como o da nossa canção naval. E, lá, dois ou três cisnes deslizavam mansamente. Um mundo já morria e outro ia nascer. E o czar estava fascinado pelos cisnes, e a última página do diário era a eles dedicada. Um homem assim teria de ser exterminado a bala ou a pauladas, como uma ratazana.

Alguém lembrará a figura e o nome de Kennedy. Era um líder que preservava um mínimo de humanidade. Mas não era líder. Lembro-me da babá portuguesa da minha garotinha. Ao ver o retrato de Kennedy, gemeu com sotaque: — “Bonito como uma virgem”. Era um líder de luxo, isto é, o antilíder. Ao entrar na política, o pai, outro aristocrata, deu-lhe um cheque de um milhão de dólares. E mais: — Kennedy casou-se com Jacqueline. E a mulher bonita é própria do falso líder. Nem Stalin, nem Hitler, fariam essa dupla concessão ao sentimento e ao sexo. Reexaminem toda a vida de Kennedy: — não foi, em momento nenhum de sua história e de sua lenda, um canalha. E não soube fazer pulhas para juntá-los em torno de sua liderança.

Pensem no pacto germano-soviético. Todos os que o aceitaram ou que ainda hoje o justificam eram e são perfeitos, irretocáveis canalhas. De um só lance, Stalin e Hitler degradaram toda uma época. Eis o que desejo ressaltar:

— faltava a Kennedy essa capacidade de aviltar um povo. Ao passo que Stalin fez seu povo à imagem e semelhança da própria abjeção. Mas foi na morte que Kennedy demonstrou a ineficácia e falsidade de sua liderança.

O líder não morre antes, nem depois. O derrame escolheu a hora certa para matar Stalin. Hitler meteu uma bala na cabeça no momento justo em que precisava estourar os miolos. Waterloo aconteceu quando se esgotou a vitalidade histórica da era napoleônica. Se Lenin vivesse mais quinze dias seria outro Trotski. E Kennedy caiu antes do tempo, morreu quando não tinha que morrer. Imaginem um Cristo morto de coqueluche aos três anos. Não seria Cristo, não seria nada. Kennedy morreu ao lado da mulher bonita. E, de repente, veio a bala e arrancou-lhe o queixo, forte, crispado, vital. Restava tudo por fazer; o horizonte da reeleição abria-se diante dele. Essa morte antes do tempo mostrou que Kennedy não era Kennedy. O amor que lhe consagramos é um equívoco.

Falo, falo e não sei bem por que estou dizendo tudo isso. Agora me lembro. Eu disse algo parecido, ontem, num sarau de grã-finos. Não achem graça. Aprende-se muito no grã-finismo, e repito: — certos grã-finos têm um sutil faro histórico, diria melhor, profético. Sentem, por vezes, antes dos outros, o que eu chamaria “odor da História”. E um desses estava-me dizendo, num canto, com uma convicção forte: — “Vai haver o diabo neste país”.

Disse e fez um *suspense*. Instiguei-o: — “O diabo, como?”. E ele, misterioso: — “Você não sente que vem por aí não sei o quê?”. Esse “não sei o quê” era pouco para a minha fome. O grã-fino punha mais gelo no copo. Insinuou: — “Há muita insatisfação”. Ainda era pouco. E eu queria saber, concretamente, o que vinha por aí. Perguntei: — “Sangue?”. E o outro, cara a cara comigo e um ar de quem promete uma hemorragia nacional inédita: — “Sangue”.

Todavia, o *suspense* continuava. “Sangue”, dissera ele. Mas quem ia derramar o sangue, e que sangue? Ainda olhei para os lados, como a procurar, entre os convidados, um possível Drácula. Quando, porém, o grã-fino falou em “esquerda”, a minha perplexidade não teve mais tamanho. Recuei dois passos, avancei outros tantos, e perguntei: — “Você acredita na nossa esquerda? Nessa que está aí?”.

Ele acreditava. Então perdi a paciência e falei sem parar. Quem ia

mudar qualquer coisa neste país? A esquerda tem um canalha para exercer uma liderança concreta e proveitosa? Senhoras entraram no debate. Fez-se, ali, uma alegre pesquisa de pulhas. Mas os canalhas lembrados eram, ao mesmo tempo, imbecis. E o que a História pedia era um crápula com seu toque de gênio. Em suma: — não ocorria aos presentes um nome válido. A última palavra foi minha. Disse eu mais ou menos o seguinte: — enquanto a esquerda que aí está não for substituída até seu último idiota, não vai acontecer nada, rigorosamente nada.

[9/1/1968]

AMORAL COMO UM BICHINHO DE AVENCA

Uma madrugada, saio da Grande Resenha da TV Globo e passo no Antonio's. Levava comigo a fome da madrugada e sonhava com um bife. Entro e dou de cara com o Aloysio Salles. Ao me ver, ele ergue o gesto e faz esta saudação parnasiana: — “Tudo é um domingo de regatas!”. A exclamação soou nostálgica como um apito de trem na distância noturna.

O Antonio's estava apinhado. Mas ninguém entendeu o súbito e diáfano “domingo de regatas”. Só eu entendi. E houve, ali, entre mim e o amigo, uma compreensão fulminante e total. Aloysio falava o idioma da memória, que eu conhecia e os outros não. A geração do Antonio's tem pouco passado.

Para a rapaziada de hoje, o Pavilhão Mourisco deixou de ser paisagem, deixou de ser domingo, e repito: — o Pavilhão Mourisco é uma linha de ônibus. Aloysio pôs diante dos meus olhos um translúcido domingo de soneto. Eu via de novo o Pavilhão Mourisco. Homens de fraque e bengala; e os chapéus inverossímeis das mulheres.

No “domingo de regatas”, a mulher era mais chapéu do que vestido. Não sei se me entendem. Ah, o que as mulheres levavam na cabeça por toda a Belle Époque. O sujeito não via o rosto, a beleza, os dedos e os anéis. Não. Só via o chapéu e a imitação de uvas, cerejas, ameixas, que vinha por cima. Essa natureza-morta fascinava inclusive os velhos.

Falo do “domingo de regatas” e, no entanto, vejam vocês, o que me interessa é o “domingo de missa”, de uma beleza muito mais antiga. Eu não vou à missa, isto é, quase não vou. De vez em quando, porém, sou tocado pela graça do domingo. E, então, levo à primeira igreja do caminho a minha fé envergonhada e relapsa.

Foi o que aconteceu, no último domingo. Entre parênteses, não sei se foi Pio XI (foi Pio XII, sim) que viu Deus. Estava num jardim e viu,

fisicamente, Deus. Lembro-me de que o *Paris-Match* fez, a propósito, uma reportagem de dez ou doze páginas. Ora, não me espanto que alguém, papa ou não, veja Deus. O que me assombra, realmente me assombra, é que Deus não seja visto, a toda hora e em toda parte por todo mundo.

Quanto a mim, tenho esta certeza obsessiva: — eu hei de vê-Lo. Ele é alguém tão pessoal, plástico, tangível como Victor Hugo, Deus com as barbas de Victor Hugo, as sobrancelhas de Victor Hugo, sobrancelhas tão ásperas e eriçadas como as cerdas bravas do javali.

Volto ao meu “domingo de missa”. Entro na igreja em pleno sermão. Está falando um jovem padre. Ah, quando estou na igreja, e vejo o sono dos círios nos altares, e o frêmito das rezas, sinto angústias tremendas. Há em mim o despertar de velhas culpas e a memória de não sei que abjeções.

Começo a ouvir o jovem. E que diz ele? Diz o seguinte: — “Eu não aceito mais a confissão de criança. Criança não peca”. E repetia, crispado de certeza fanática: — “Criança não peca”. Não esperei nem mais um minuto. Criança não peca. Com um piparote, ele derrubava todas as culpas infantis.

Doeu-me que alguém visse na criança um ser mínimo e tão amoral como um bichinho de avenca. Vim para a rua, entrei num café. Pedi ao garçom: — “Carioquinha”. E, mexendo o café, tinha a sensação de que o sermão degradara a criança. Se é verdade que um menino está isento do bem e do mal, então é um pequenino canalha.

Lembro-me de coisas que eu fazia, aos oito, nove anos, e que me causaram lesões de sentimentos ainda não cicatrizadas. Um dia, dei um tapa num menino. Ainda tenho o seu nome: — Ernesto, filho da lavadeira. (A lavadeira, bem velhinha, era cega de um olho. Certa vez, eu a vi discutindo com uma freguesa. A outra chamara a velha de “mulher”, “essa mulher”. A lavadeira pulou: — “Mulher é a senhora!”. Foi presa. Ao voltar do distrito, soluçava na rua: — “Eu não sou mulher! Eu não sou mulher!”.) Mas, como eu ia dizendo: — dei na cara do garoto.

Dar na cara. Não sei se nos outros povos e nos outros idiomas a bofetada tem a mesma transcendência. Mas, para o brasileiro, a bofetada é sagrada. Criei-me ouvindo o adulto dizer: — “Se alguém me der na cara, eu mato, mato!”. E a minha mão estalou na cara do filho da lavadeira. Depois, num circo, vi o mesmo som quando os palhaços se esbofeteavam no picadeiro. Mas eis o que eu queria dizer: — essa bofetada marcou-me

fisicamente.

Fui varado por um sentimento de culpa que ainda hoje, quase meio século depois, me persegue. De vez em quando eu começo a me sentir um pulha. Sofro como um réu. Sou réu, mas de que, meu Deus? E, de repente, há um clarão interior e vejo tudo. É a bofetada que ainda está em mim, é culpa que não passa. Eis o que aprendi no episódio infantil: — é melhor ser esbofetado do que esbofetear.

Antes de passar adiante, desejo notar que a consciência infantil tem um dramatismo que nós, adultos, já perdemos. Dois dias depois do sermão recebo uma carta quase anônima. Digo “quase” porque a senhora (era uma senhora) assinou apenas com as iniciais. Contou que era minha vizinha no tempo em que eu morava na travessa Angrense, em Copacabana. E deu a idade: sessenta anos.

Veremos, em seguida, como a idade é, no caso, um dado fundamental. Imaginem que esta senhora é uma católica, digamos assim, de berço. Nunca, em momento nenhum, sua fé conheceu uma dúvida. E há dez, doze ou quinze dias, ela entrou numa igreja para se confessar. O padre que a atendia habitualmente, velhinho e santo, estava morre, não morre. Teve que recorrer a um outro, salubérrimo e progressista.

E não imaginava que ia passar por uma dessas experiências de vida que ninguém esquece. Começou a falar. O confessor ouvia só. Houve momentos em que a pobre senhora imaginou que o outro estivesse dormindo. E, súbito, o padre pergunta: “Que idade tem a senhora?”. Disse, espantada: — “Sessenta”. O outro insiste: — “Sessenta? A senhora disse sessenta?”. Percebeu que o padre ia num crescendo de irritação. Ele continua: — “E a senhora vem pra cá com sessenta anos?”.

Aterrada, balbuciou: — “Como? O que é que o senhor está dizendo?”. E o progressista: — “Isso não é idade de se pecar, minha senhora. Aos sessenta anos ninguém peca. Quer dar seu lugar à próxima? Passar bem, minha senhora”. A pobre levantou-se. Saiu dali, como se fugisse. Apanhou o táxi, soluçando. Está chorando até hoje.

[10/1/1968]

O SEPTUAGENÁRIO NATO

Não sei se falei aqui do personagem de Gogol. Era um sujeito fabuloso. Basta dizer: — nasceu de sapatos, guarda-chuva e já funcionário. A parteira, gorda e cheia de varizes como uma viúva machadiana, caiu para trás, com ataque. O próprio recém-nascido é que a acudiu e lhe deu, em ambas as faces, dois ou três tapinhas essencialmente práticos.

Mas a burocracia tem exigências implacáveis. Antes da primeira mamada, o personagem saiu correndo para a repartição. Lá, assinou o ponto, deu ordens de serviço, recebeu propinas e só então pôde voltar para casa. E nas barbas da imprensa, inclusive os correspondentes estrangeiros, provou o generoso e insubstituível leite materno.

Eis o que eu queria dizer — o Brasil de minha infância tinha algo de Gogol. Para não ir muito longe, citarei o caso de Rui Barbosa. As novas gerações só conhecem o Rui do Magalhães Júnior. Não é a mesma coisa e pelo contrário. O Rui do Magalhães Júnior lembra a anedota célebre. É o caso de um português que se tornou o principal credor de um circo. O circo faliu e o dono chamou o português: — “Não tenho dinheiro, mas leva o leão”.

O luso só não entendeu a juba. Achou que tamanha cabeleira era imprópria até para Buffalo Bill. Tratou de passar a máquina zero no bicho. E, sem juba, o leão virou cachorro amarelo. Algo parecido fez o acadêmico Magalhães Júnior: — seu livro é a “Águia de Haia” posta no poleiro.

Mas, para meu espanto de criança, Rui foi exatamente o personagem de Gogol. Eu o via como um septuagenário nato e repito: — ele nascera de fraque, já Conselheiro e já “Águia de Haia”. Até hoje, não consigo imaginar um Rui menino.

Ah, no antigo Brasil era uma humilhação ser jovem. Só me lembro de uma meia dúzia de rapazes. Os rapazes escondiam-se, andavam rente às

paredes e, para eles, a velhice era uma utopia fascinante. Por toda a parte, havia uma paisagem de velhos em flor. A palavra do velho parecia soar numa acústica de catedral. Bem me lembro de um de oitenta anos, nosso vizinho. Muitas vezes, por cima do muro, eu o espiava. Ainda por cima, hemiplégico. Pois eu achava linda essa hemiplegia. Com meus sete anos, gostaria de tremer como ele e de ter a mão entrevada, os dedos recurvos.

E tudo mudou. Agora o importante, o patético, o sublime é ser jovem. Ninguém quer ser velho. Há uma vergonha da velhice. E o ancião procura a convivência das Novas Gerações como se isso fosse um rejuvenescimento. Outro dia, dizia-me uma jovem senhora: — “Tenho mais medo da velhice do que da morte”. Quer ser defunta e não quer ser velha.

Bem. Fiz toda esta divagação para chegar a Joan Crawford. Ontem Roberto Marinho observava que a nossa imprensa fora uma anfitriã cruelíssima da atriz. Sim, os nossos jornais a receberam com uma impiedade total. Cada fotografia ou cada texto era uma acusação. Joan Crawford era acusada e de que, meu Deus?

Despedi-me de Roberto Marinho e aquilo não me saía da cabeça. Cheguei em casa e ainda pensava em Joan Crawford. A estrela era acusada de ter envelhecido. Não ocorreu a ninguém esta concessão apiedada: — “Bonita coroa”. Nem isso. Ninguém aceita a velha nobre, a velha linda.

É pena que eu não tenha, de momento, os recortes de tudo que se escreveu sobre a sua visita. Essa crueldade impressa dá o que pensar. Lembro-me de que, em 1927, vi Joan Crawford num filme da opereta *Rose Marie*. Nada se compara ao impacto tão puro e tão firme de sua aparição. Eu disse 1927 e façam as contas. Quarenta e um anos são passados. E Joan Crawford já era uma das mais lindas mulheres do mundo. Voltei cinco, seis, dez, quinze vezes ao cinema. Uma paixão se instalara em mim. Mas não fui eu o único. A platéia de cada dia saía apaixonada.

Quase meio século depois, a atriz vem ao Rio. Sua imagem não é mais um jogo de sombra e de luz. Saiu da tela, baixou na vida real. E começa o massacre nos jornais, no rádio e na televisão. Nós a olhamos como a uma ré e não foi outra coisa senão isso mesmo. Até os velhos a detestaram. (Eis a verdade: — a começar pelo dr. Alceu, o nosso velho atual não gosta de outro velho.)

Quando Joan Crawford visitou a Assembléia Legislativa, quis eu ser

testemunha do acontecimento. Fazia um calor que, segundo minhas crônicas esportivas, derrete catedrais. Eu via em todos os olhares uma fria malignidade. E foi uma euforia geral quando, por efeito do calor, a maquiagem da atriz entrou em decomposição. A pintura derretida escorria em gotas cromáticas. Uma gota parou, exatamente, na ponta do nariz e aí ficou, dependurada, antes de se estilhaçar.

É claro que todo mundo deseja, com o maior empenho e a maior volúpia, a velhice da mulher bonita. Outro exemplo: — o de Gina Lollobrigida. Passou pelo nosso carnaval, linda, linda. Pois não faltou quem, diante do seu frescor implacável, dissesse: — “Velha! Velha!”. Voltando a Joan Crawford na Assembléia Legislativa. Houve um instante em que se percebeu, por cima do seu lábio superior, uma orla de suor. Um sujeito cutucou-me para cochichar: — “Transpira!”. E piscou o olho, numa satisfação crudelíssima.

As mulheres bonitas. Queremos envelhecê-las e agora mais do que nunca e aqui mais do que nos outros povos. Na França ou na Alemanha a mulher bonita ilustre não envelhece. Mistinguett já era um caco e a França a tratava como uma *vamp*. E os homens velhos e ilustres. Maurice Chevalier, aos oitenta anos, trôpego e asmático, é amado por todo um povo.

No Rio de nossos dias, Mistinguett seria apedrejada como uma bruxa de disco infantil. Joan Crawford passou por aqui e nem sei como sobreviveu à nossa impiedade. O Departamento de Pesquisas do *Jornal do Brasil* incumbiu-se de promover suas rugas, uma a uma. Houve um jornal que fez mais: — retocou a sua fotografia, enxertando algumas rugas sobressalentes.

É o Brasil jovem. Afirma-se que a Juventude invade a História e começa a fazer História. Mas em vão procuramos, em qualquer povo, o líder jovem, uma massa jovem e decisiva. Há a Guarda Vermelha. Mas essa tem exatamente a idade do seu chefe, Mao Tsé-tung. É a juventude mais senil que já apareceu na Terra.

[11/1/1968]

OS JOVENS SEM AMOR

Outro dia, aqui mesmo, fiz esta constatação nostálgica: — sumiu a “mulher fatal”. Hoje, repito, a “mulher fatal” é mais antiga, mais obsoleta, mais defunta do que a primeira audição do “Danúbio azul”. Não há, em lugar nenhum do mundo, uma outra Mata-Hari. Não sei se vocês conhecem a sua história e a sua lenda. No princípio do século, Mata-Hari vivia ateando, em cada esquina, paixões e suicídios.

O interessante é que nem sempre fora “fatal”. Ou por outra: — passou a ser “fatal” a partir do momento em que o seu relações-públicas espalhou por todo o Velho Mundo: — “Tem um seio só”. Essa mutilação promocional foi sua glória fulminante. E não houve, até a Primeira Grande Guerra, uma “mulher fatal” tão bem-sucedida.

Foi invejada pelas concorrentes e, até, pela mulher honesta. Anos depois, era fuzilada como espiã. Mas, eis a verdade: — morreu sem pena de morrer, morreu sem saudade de si mesma. Para a “fatal”, a velhice, com suas varizes e sua asma, era pior do que o puro, simples e ainda promocional fuzilamento. Hoje seria inviável uma Mata-Hari — e explico.

A “mulher fatal” exige o homem que mata ou se mata. Em nossos dias, os suicidas e os homicidas por amor só existem na manchete de *O Dia* e da *Luta Democrática*. Outro dia, dizia-me um psicanalista alarmado: — “Há uma massa de rapazes de dezoito, dezenove, vinte anos, que não se interessa por mulher”. Como matar ou se matar, se o tédio começa antes do desejo, se o jovem esquece antes de amar?

Todavia, não desapareceu de todo a “mulher fatal”. Ou antes: — alguém a substituiu, alguém tomou o seu lugar: — a grã-fina. Aí está a figura obsessiva do nosso tempo. (O que me pergunto é se a grã-fina é uma flor do subdesenvolvimento ou se todos os povos a têm.) Talvez lhe falte um pouco do patético, talvez lhe falte o fogo da morte.

Durante algum tempo vivia eu agarrado a esta ilusão: — as grã-finas não morrem. E imaginava que só morrem as da classe média. Lembro-me de uma fotografia de jornal, em cinco colunas. Era uma normalista. Estava na calçada, em todo o esplendor dos seus dezessete anos. Linda, linda. E, de repente, um automóvel desgarra do asfalto, trepa no meio-fio e vem achatá-la contra o muro.

Morreu na hora, com o peito esmagado e o rosto intacto. Passou horas, morta, à espera da perícia. Impossível ser mais bonita. Olhos entreabertos e uma expressão quase de euforia. Ao ver a fotografia, tive a sensação pueril, a sensação absurda de que só morrera porque era da classe média. Se fosse grã-fina, o automóvel a teria poupado.

Mais tarde, porém, houve um episódio que comoveu a cidade. Eis o caso: — certa grã-fina foi amada. Não sei se amou também. Só sei que viveu dois ou três meses de lua-de-mel. E, um dia, quis acabar. Talvez estivesse gostando de um outro, não sei. O rapaz foi de uma polidez exemplar: — “Se você quer assim, assim será”. Mas a convidou para o adeus. E a grã-fina foi ao último encontro.

Ele a recebeu com ardente humildade. Disse que a amava tanto como antes ou mais do que nunca. E começou a chorar. Ela teve, diante daquele pranto de homem, a frivolidade deliciosa e suicida de uma Maria Antonieta. Disse: — “Esquece, sim. Esquece”. Estendeu-lhe a mão, que ficou no ar. O rapaz tira o revólver, puxa o gatilho, uma, duas, três, quatro vezes. Quase sem espanto, ela foi varada de balas. No meio de uma constelação de estampidos, ainda sorria. Dobrou-se, cruzou os braços sobre o peito. E morreu sorrindo, sem tempo de corrigir o sorriso.

Alguém pode perguntar: — “E ele? E ele?”. Não importa o que fez o assassino. Depois de matar, o criminoso se torna secundário, ou nulo, e repito: — some como se jamais tivesse existido. Tudo aconteceu num quarto. Talvez a grã-fina estivesse diante do espelho, recolocando um brinco. Não teve tempo nem para o espanto, nem para o medo, nem para o grito. Não, não estava diante do espelho. De pé, estendia-lhe a mão. Era o adeus. E não estava de costas.

No dia seguinte, eu lia tudo no jornal. E minha primeira reação foi, como já disse, de espanto infantil. Se fosse da classe média, alguém que morasse na rua Mariz e Barros ou Conde de Bonfim, o impacto seria menor.

Mas era uma grã-fina, que morava ou na orla da Lagoa ou numa ladeira do Jardim Botânico. Com um sentimento de vergonha, entrei no seu velório.

Estava crispado como o criminoso que volta ao local do crime. Eu queria sentir pena, respeito, quase adoração, e o que havia em mim era uma curiosidade maligna. A morte da mulher bonita fascina qualquer um. E percebi que estavam lá, espichando o pescoço, sujeitos que não eram nem parentes, nem amigos, nem conhecidos. Vi uma senhora gorda, bexiguenta, esbugalhando-se para a linda morta.

Fizera-se um pavoroso alarido sobre a beleza da vítima. E eu a olhei. Ao primeiro olhar, descobri toda a verdade: — não era bonita. A meu lado, a gorda já citada cochichava: — “Serena, serena”. Serena, sim, de uma serenidade apaixonada, uma ardente calma. Mas não era bonita. Muito mais linda era a normalista que foi esmagada contra o muro.

Morta, sem nenhum sortilégio da maquiagem, o rosto nu de pintura, era feia. O ser amado a matara por uma ilusão de beleza. Mas era a falsa bonita. Fingia-se de linda; e por isso tantos a desejaram. Só a morte soube olhar a grã-fina. (A mulher da classe média não é nada misteriosa: seus defeitos, seus encantos, são nítidos, são precisos. Ou é feia, ou bonita, ou simpática. Mas não faz, como a grã-fina, uma maravilhosa imitação de beleza.)

O povo desfilou até alta madrugada. Lembro-me de uma outra gorda, de filho de colo, que veio de Brás de Pina, Cordovil ou Encantado, ver a bonita morta. Todos queriam olhar uma Inês de Castro. E cada um, ao sair, sentia-se esbulhado de uma defunta ideal que não estava ali. A morte tirara a máscara de beleza.

Muitos anos depois, casei-me com uma grã-fina. De vez em quando digo a Lúcia: — “Você é a única grã-fina linda”. Sobre as outras, não tenho mais dúvidas. A partir da formosa assassinada, sei de toda a verdade. E, quando vejo uma grã-fina impressa, acho uma graça triste. Está ali fingindo beleza. Mas ela pode enganar o leitor, o marido, o Justino Martins, e a própria e obtusa lente de máquina fotográfica. Não enganará a morte, e repito: — a morte sabe que ela é uma falsa bonita, eternamente.

[12/1/1968]

O LEQUE FOI UM MOMENTO

O patético de nossa época é que o passado se insinua no presente e repito: — a toda hora e em toda parte, a vida injeta o passado no presente. Olhem em torno e vejam. É terrível. O passado irrompe numa gravata, num gesto, num sapato ou num colarinho. Estamos usando os bigodões dos nossos avós. Há sujeitos que se vestem e calçam como os nostálgicos defuntos familiares.

Outro dia fui ao Chacrinha, na TV Globo. Comigo ia o João Saldanha. O programa elegera, a mim, o maior cronista esportivo de jornal e, ao João, o maior comentarista de TV. (E tínhamos ambos um ar de Prêmio Nobel.) Pois bem: — e nunca vi multidão tamanha. Sempre digo que a multidão é inumana porque não tem cara.

Cara não tem. Mas cheira. Eis a descoberta que fiz no Chacrinha: — a multidão cheira. Quando entrei no auditório, senti um cheiro que eu já conhecia, mas não sabia de onde, nem quando. Foi toda uma volta encantada. Sim, de repente, eu me via instalado na infância. Passei a ter, novamente, seis, sete anos. Estou caminhando, descalço, na rua São Francisco Xavier. E, súbito, vejo um estábulo.

Vacas palustres e belas, como em Jorge de Lima. Era *Invenção de Orfeu* em São Francisco Xavier e antes de *Invenção de Orfeu*. Em pleno bairro residencial o sujeito ouvia mugidos imensos, inconsoláveis mugidos. Eis o que importa dizer: — ao entrar no Chacrinha fui agredido por um cheiro que, a princípio, me pareceu de suor velho. Mas logo retifiquei: — não era suor velho. (As grã-finas européias é que cheiram a suor velho.) O que eu sentia era um forte e obsessivo odor vacuum.

Duas mil pessoas num espaço que daria para quinhentas. (E como o Chacrinha é amado pelo auditório e, repito, ferozmente amado!) Aquela massa faria, por amor, o que ele dissesse. Nunca ninguém me deu, na vida

real, tamanha sensação de onipotência. Se mandasse o auditório atear fogo às vestes como uma namorada suburbana (ou um monge budista), seria um fogaréu unânime.

A única cara que eu conseguia ver, enquanto lá estive, foi a do João Saldanha. Ninguém mais tinha cara, nem o Chacrinha. E, de repente, descubro, na massa, esta coisa inatural e linda: — um leque. Era um toque nostálgico e delicioso. Fascinado, fiquei olhando a senhora que, na sua languidez antiga, se abanava com um leque autêntico.

Entendo que as modas passem, como passou o *charleston*, como passou Benjamin Costallat. Mas somos um povo canicular, desde a Primeira Missa. Eis o que pergunto: — e por que o leque está entre os usos fenecidos do Brasil? No programa do Chacrinha fazia mais calor do que em Canudos. Pois, enquanto o auditório boiava no próprio suor, eu só via um único e escasso leque. (Dirá alguém que a bailarina espanhola ainda usa leque. Usa. Mas o que a interessa não é a higiênica ventilação e sim o frêmito plástico do gesto.)

Mas, assim como o fraque, ou o espartilho, ou o guarda-chuva de Paulo de Frontin, também o leque representa uma época ou, melhor dizendo, a Belle Époque. E, então, fiquei magnetizado. O leque solitário tornou-se, para mim, uma presença obsessiva. Era o passado. E, realmente, as Novas Gerações não entendem o papel do leque na graça e no comportamento da mulher.

Na minha infância, ela não conseguia flertar, ou gostar, ou trair, sem o leque. As Anas Kareninas do seu tempo tinham que olhar por cima do leque, ou sorrir por trás do leque. Esses movimentos insinuavam não sei que delicada voluptuosidade. Já os homens usavam ventarolas promocionais das cervejas. (Também houve um Brasil das ventarolas.) E, de repente, tantos anos depois, em pleno Chacrinha, vejo uma senhora que se abana, e não com a *Revista do Rádio*. Enquanto os outros se esvaíam em milhões de suores, ela sentia o suavíssimo hálito do leque.

Eu e o João Saldanha custamos a receber o nosso troféu dos “melhores do ano”. Por uma canicular meia hora, ainda ostentamos a nossa modéstia de Prêmio Nobel. E tive tempo de ampliar a minha volta proustiana. Por exemplo: — lembrei-me de uma velhinha de minha infância. Havia, em Aldeia Campista, uma casa grande. Imaginem uma chácara de José de

Alencar, com manga-rosa, jaca, abacate, goiaba e carambola. (Hoje, carambola deixou de ser fruta e virou gíria.)

E lá morava a velhinha. Teria oitenta anos. No Brasil contemporâneo, desapareceram certas idades. O único brasileiro que tem oitenta anos é Gilberto Amado. Poderão objetar que Raul Fernandes morreu com mais de noventa. Bom. Quem fez noventa anos, ou mais, está isento do tempo, isento de idade. Eis o que eu queria dizer: — o tempo tornara a velhinha surda, muda e cega. E os olhos que não viam tinham uma misteriosa doçura compassiva.

Era também uma pobre figura sem gestos. Ou por outra: — seu único gesto era o do leque. Só sabia fazer isso, esse era seu último movimento. Os netos, os filhos, levavam d. Constança (assim se chamava) para o quintal. Ficava debaixo da mangueira, ou da jaqueira, sentadinha, abanando-se. Quieta no sono da carne e da alma, parecia uma múmia de anã. O leque respirava pela velhinha.

Quando morreu, a sensação de toda a Aldeia Campista foi a de que não era a primeira vez, de que já morrera outras vezes. Mas, o que assombrou o bairro e a família foram seus últimos momentos de vida. No quarto, estavam filhos, netos, parentes, vizinhos. Outra presença: — o padre. E, súbito, a mudinha começou a falar. Não sorria há anos, e começou a sorrir. Não chorava, e as lágrimas deslizavam, uma a uma. Era um milagre. E logo os presentes perceberam tudo: — ela estava vivendo, ou revivendo, a primeira noite, não outra qualquer, mas exatamente a primeira noite do seu casamento. O marido morrera há meio século. E ela se crispava de pudor antigo, e repetiu o grito de sessenta anos atrás. Ninguém entendia aquele apelo erótico que se irradiava de não sei que profundezas. Morreu amada, morreu amando.

[16/1/1968]

O “JOVEM” MONSTRO

O velho Dumas dos *Três Mosqueteiros* escreveu uns duzentos livros e todos de seiscentas, oitocentas e até mil páginas (foi autor, inclusive, de folhetins que outros escreviam e ele assinava, com um impudor jucundo e mercenário). Pode-se dizer que, ao vir ao mundo, trazia no ventre uma biblioteca inimaginável. E, no entanto, vejam vocês: — esse romancista numerosíssimo tinha um elenco mínimo: — dois tipos únicos: — de um lado o gentil-homem; e do outro lado o resto.

A rigor, o folhetinista só levava em conta o gentil-homem. O resto era a massa sem cara, sem nome, sem alma, vagamente abjeta. Já o gentil-homem merecia do velho Dumas todo o seu amor autoral.

E, página a página, por toda uma obra imensa, há o frêmito, o esplendor do gentil-homem. Era este um prodigioso ser, de uma graça a um só tempo alada e viril, de uma voluptuosidade quase feminina, sem nenhum medo no coração e com um aristocrático desprezo pela morte.

Dirá alguém que o Conde de Monte Cristo, e outros, e outros, nada tinham de gentil-homem. De acordo, nem importa. A verdade é que o Dumas pai teve, até morrer, a obsessão de um tipo seletíssimo, quase irreal de tão melífluu. Bem. Fiz a divagação para chegar ao brasileiro de minha infância. Por mais absurdo que pareça, o antigo brasileiro teve um toque, mínimo talvez, mas perceptível, de gentil-homem.

Faltavam os punhos, as rendas, as plumas, o salto alto, a peruca e a gesticulação tão plástica e enfática. Sim, tudo é certo. Mas tínhamos certas maneiras, certos requintes de sociabilidade e uma atitude reverencial que vinham de um passado ilustre. E aqui abro um tópico especial para o cumprimento.

Hoje, o brasileiro é um povo que cumprimenta pouco. Outrora, não. O Brasil de 1919 cumprimentava como nenhum outro país. O sujeito tirava o chapéu para todo mundo. Igreja, enterro, casamento, tudo era saudado. Em nossos dias, o brasileiro é um ser crispado de solidão. Cada um leva no peito

uma sensação de orfandade. Cabe então a pergunta: — e por quê?

Bem. Os motivos, os fatores, são inumeráveis. Primeiro: — já não temos o instrumento da reverência, que é o chapéu. Começa aí a morte de nossa cordialidade. Quando passamos pelo nosso semelhante fazemos, no máximo, a concessão de um “oba”, de um “olá”. E vamos e venhamos: — “oba” é um vago, direi mesmo, um torpe som. Ah, somos solitários porque cumprimentamos menos.

Mas o desaparecimento do chapéu não explica tudo. Antigamente o brasileiro era mais cálido, mais úmido (havia também o fraque. O fraque influía na nossa correção, e repito: — estava a dois passos do sublime). E há também certo esnobismo de linguagem que passou, sumiu.

As pessoas se saudavam assim: — “Olá, ilustre” ou “Como vai, poeta?” ou ainda “Escuta aqui, batuta”. Certa ocasião vi meu pai chamando um menino da vizinhança: — “Vem cá, poeta”. Nunca me esqueci de um francês, de Marselha, que veio parar em Copacabana. (Já estávamos, então, na Zona Sul.) E aqui não admirou o Pão de Açúcar, o Corcovado, a baía, nada. Andara na batalha do Marne e veio daí a sua incompatibilidade com a vida (acabou se matando). A primeira vez em que o francês se comoveu no Brasil foi ao notar que os brasileiros se tratavam de poetas. O rico, o pobre, o pé-rapado, todos se chamavam de poetas, ou, na pior das hipóteses, de ilustre ou, por último, de batuta.

Havia nessa abundância de alma, nesses rapapés generosíssimos, a nostalgia de um defunto gentil-homem. Hoje entendo o enternecimento do francês, neurótico em último grau, ao ver um país só de poetas. Mas tudo isso desapareceu, até o último vestígio. Eis a amarga verdade: — ninguém tem vontade de chamar ninguém de “poeta”, de “ilustre”, de “batuta”. Tanto o “poeta”, como o “ilustre”, como o “batuta” falam de um Rio, ou por outra, de um Brasil definitivamente enterrado.

E vamos e venhamos: — quem quer ser “poeta”, ou “ilustre”, ou que outro nome tenha? Ninguém. Lavra por aí um outro tipo de obsessão. Sim, todo mundo quer ser “jovem”. Não importam os méritos, os feitos, as virtudes, os pecados de ninguém. Só importa ser ou não ser jovem. E os que, por indesculpável azar, envelheceram, procuram uma espécie de rejuvenescimento no convívio das Novas Gerações.

Quem o diz é d. Avelar: — “Precisamos acreditar no jovem”. Li tal declaração e a reli. Mas como? Temos de acreditar numa certidão de idade?

E por que não acreditar no sujeito de 35 anos, de 47 anos, ou de 53? O jovem, o jovem. Esse misterioso “jovem”, vago, difuso, impessoal, sem cara, sem caráter, só me convence como um monstro.

E se for um pulha? Sim, se for um desses que atiram Aída Cury pela janela? Eis a casta, a singela verdade: — esse “jovem” utópico, ideal, jamais existiu. Corção me dizia: — “É como se alguém dissesse: — vamos acreditar no homem de 43 anos”. Ou, imaginem, o sujeito prova que tem 43 anos ou, então, não entra em casa de família.

Um dia me pediram para falar contra o palavrão. Expliquei ao repórter: — “Contra, não posso”. Dei-lhe a minha explicação: — “Todas as palavras são rigorosamente lindas. Nós é que as corrompemos”. Exato, exato. O que se vê é o seguinte: — parte do clero, e bem minoritária, está degradando a palavra, fazendo da palavra gato e sapato.

Diz-se “jovem”, e eis o que acontece: — instala-se no Brasil um “jovem” que está acima do bem e do mal, ser terrível, absurdo. É irreal, mas não importa: — temos que acreditar no monstro. Note-se: — não no monstro como tal. Não, não. O monstro há de ser o Guia, o Líder.

Mas há pior e, repito, há pior. Por toda a parte, a mesma adulação do jovem. Todos querendo estar bem com o “jovem”, isto é, bem com um sujeito que não existe. Outro dia, num batizado, o padre arranjou um jeito de exaltar a juventude. Estava lá o garoto com dor de barriguinha; e o outro a falar da juventude. Passou. Mas vim para casa e imaginava: — “Esse é um padre ‘pra frente’”. Dois ou três dias depois, entro numa igreja, já em pleno sermão. Ao primeiro olhar, reconheço o padre “pra frente”. Já me assustei. Está falando em Virgem Maria. Que diria ele sobre Nossa Senhora? Não perdi por esperar. Erguendo a voz, como num dó de peito, brama: — “Virgem Maria, a mãe do *jovem* salvador”. Até Jesus Cristo teria de ser “jovem”, até Jesus Cristo precisa desse toque promocional. Jovem, jovem. Se fosse o *velho* Salvador, convenceria menos do que um Jesus do Teatro Recreio.

[22/1/1968]

AMA-SE, TRAI-SE, MATA-SE “PRA FRENTE”

Se me perguntassem qual a mais feia impostura da nossa época, eu daria a seguinte e fulminante resposta: — é a cínica promoção que se faz do jovem. Não há mais, como no passado, o conflito das gerações. Até os velhinhos nostálgicos, espectrais, da porta da Colombo, adulam a juventude. E, ainda ontem, um rapaz da PUC bate o telefone para mim. Atendo e sou interpelado: — “O senhor é contra o jovem?”.

Ao ouvir falar em “o jovem”, respondi, com a mais singela e casta boa-fé: — “Nem conheço”. Realmente, não conheço “o jovem”, como não conheço “o artista”, como não conheço “o judeu”. Foi a Bernard Shaw, parece, que perguntaram sobre a multidão. Uma pergunta idiota, mais ou menos assim: — “Que é que o senhor acha da multidão?”. E ele retrucou: — “Gosto ou desgosto de quem tem uma cara só”.

Aliás, não tem nenhuma e, repito, a multidão não tem cara. Volto ao telefonema. O rapaz não gostou de minha resposta: — “O senhor está sofismando”, resmungou. E então, eu, com urbanidade, paciência, comecei: — “Se estou sofismando, vamos lá”. Perguntei-lhe pela cara, endereço e domicílio de “o jovem”. O rapaz zangou-se de vez. Disse: — “O senhor é um velho!”. Eu ia responder-lhe que sou realmente uma múmia, quando ele bateu com o telefone.

E eu, numa cava depressão, vim para a máquina escrever estas notas. Se bem entendi, a origem do telefonema é um episódio que contei há três ou quatro dias. Se vocês não se lembram, conto outra vez. Foi o caso de um padre progressista que resolveu — como direi? — atualizar Virgem Maria e Jesus. Hoje em dia, tudo é “pra frente”. Ama-se “pra frente”, trai-se “pra frente”, mata-se “pra frente” etc. etc. E o padre imaginou também um Nosso Senhor “pra frente”,

E, no primeiro sermão, saiu-se com esta: — “Virgem Maria, a mãe do *jovem* Salvador”. O toque promocional lhe pareceu da maior eficácia. O papel de puro e simples “Salvador” não bastava. A época exige a certidão de

idade. E assim se insinuou a imagem de um Cristo “pra frente”.

Falei do “jovem” telefonema para chegar ao “jovem” teatro. Há, por aí, um “jovem” autor, o Plínio Marcos, que está fazendo um sucesso ultrajante. No momento, não há teatro que não o esteja representando. É um nome obsessivo, já irrespirável. Com uma fecundidade de Dumas pai acabará milionário, se os colegas não o liquidarem.

Disse eu que o brasileiro é um pobre ser, crispado de humildade. Bem. Já faço uma ressalva: — essa humildade pára no autor teatral. Portanto, a verdade retificada é a seguinte: — somos todos humildes, menos o autor teatral. Este não o é jamais. O sujeito que, aqui, faz uma peça é capaz de tudo. Toma-se de uma autopaixão, de um narcisismo homicida. Mas eu nada objetaria ao narcisismo ou à autopaixão. Para mim, tanto faz que um brasileiro viva a lamber a própria imagem com unção inaudita.

O diabo é que o nosso autor quer ser o único. Basta repassar a carreira do jovem Plínio Marcos. (Não tão jovem porque já fez os 32.) Sua história e sua lenda lembram as de Knut Hansum. Também Plínio Marcos foi tudo: — baleiro, camelô, palhaço, faxineiro, garçom, tudo. E acabou no Teatro de Arena de São Paulo. Ah, vocês não imaginam a ênfase do Teatro de Arena. Qualquer bate-papo, lá, chama-se “laboratório”; outro bate-papo é “seminário”. E, em cada metro quadrado, há um autor.

Plínio Marcos passou, no Teatro de Arena, meses, anos. Não saía de lá. Conversou mil vezes com Augusto Boal, com Guarnieri; e com os outros. Todos o viam com os flancos abarrotados de fecundidade. Ele faz, a bem dizer, uma peça por dia. Pois essa abundância autoral causava, no Teatro de Arena, o maior desgosto e nojo. Jamais Augusto Boal ou Guarnieri foi dizer ao pobre Plínio: — “Vamos te montar” (a frase saiu-me horrível).

Se o não tão jovem autor ainda lá estivesse, continuaria virginalmente inédito. Sim, não teria uma vírgula encenada. Até que, um dia, apanhou um original seu e foi representá-lo num boteco. E o público de paus-d’água, gigolôs, contrabandistas e senhoras indignas foi muito mais generoso e solidário do que o Teatro de Arena. Ali, começou a glória.

E explodiu, por toda a parte, a presença de Plínio Marcos. Eis o que eu queria dizer: — a ascensão só foi possível pela surpresa. O Teatro de Arena sabia do seu talento e preparou a resistência inexpugnável. Os outros, não. O talento do rapaz apanhou todo o mundo indefeso. E não foi só a glória. Dinheiro, também. Ainda sábado o dramaturgo recebia, do governador da

Guanabara, um cheque de quatro mil cruzeiros novos. Por toda a parte, os milhões o atropelam.

É demais. No momento, lavram, no Brasil, duas indignações soberbas: — uma é o ordenado do Chacrinha. Assim somos nós. Nenhum brasileiro, vivo ou morto, está disposto a admitir que outro brasileiro ganhe, por mês, oitenta milhões. A outra indignação é a presença numerosa de Plínio Marcos no teatro nacional. O homem está faturando em todas as bilheterias. Dirá algum espírito estreita e amargamente positivo: — “É o palavrão”.

Não sei, nem conheço a influência do palavrão nas leis do sucesso. Admito que seja esse um dos fatores e explico. Nunca se viu uma época mais pornográfica do que a nossa. Aconteceu uma com um amigo meu que considero extremamente simbólica. O meu amigo, já quarentão, apaixonou-se por uma menina de 21. Menina “pra frente”, claro. Podemos imaginar a truculência das paixões tardias. E o meu amigo ia largar família, tudo; fugiria de carruagem como nos folhetins de Ponson Du Terrail. Até que, um dia, vai-se encontrar com a bem-amada; ela não lhe disse nem “oba”. Sem que, nem para que, a troco de nada, recebe-o com uma saraivada de palavrões jamais concebidos. Meu amigo rebentou em soluços. Sentado no meio-fio, chorava de se ouvir no fim da rua.

A indignação contra Plínio Marcos já se organiza. Vão queimá-lo. Anteontem, um crítico foi procurar o produtor Ginaldo de Sousa: — “Você vai levar o Plínio Marcos?”. Resposta: — “Vou”. O crítico só faltou trepar na mesa e fazer um comício: — “Não faça isso! O Plínio Marcos já encheu!”. E repetia: — “Não tem mais nada que dizer! Está obsoleto! Não percebe que o Plínio Marcos está obsoleto?”. Por coincidência, pouco depois entra lá o próprio Plínio Marcos. Começa uma discussão com o crítico. E o autor põe-se a berrar: — “Pois fique sabendo que não faço peça para meia dúzia. Vou sair dos teatros para os campos de futebol. Quero representar para duzentas mil pessoas!”. E, ao vociferar tudo isso, Plínio Marcos atirava patadas como num espasmo mediúnico.

[24/1/1968]

O MEDO DE PARECER IDIOTA

(Ontem, aliás, anteontem, escrevi: — “O povo desconfia do que entende” etc. etc. Pois bem: — e saiu assim: — “O povo desconfia do que *não* entende”. Novamente fui dominado por uma dessas fúrias sagradas e inúteis. A minha vontade foi sair de porta em porta, de errata em punho, aos berros: — “Eu disse ‘desconfia do que entende!’”. Mas logo desisti de qualquer protesto ou correção. Por trás da frase alterada estava meu velho e imortal conhecido: — o erro de revisão. Sim, o erro de revisão é um poder mais alto do que o próprio dono do jornal.)

Desdobro o parêntese: — disse “erro de revisão” e já não sei se foi mesmo erro de revisão. Talvez tenha sido um estilista. O *copydesk* emprega, de vez em quando, um Flaubert. Estou imaginando a cena. O Flaubert do *copydesk* apanha o meu original e começa a ler. E, quando digo eu que o povo “desconfia do que entende”, o estilista põe fogo pelas ventas. Apanha o lápis vermelho (porque o vermelho é a cor mais enfática) e troca o sentido de tudo. O povo passa a desconfiar do que NÃO entende. E o simples e fulminante NÃO, posto na frase, transfigura o *copydesk*. Ele arqueja como quem acaba de escrever *Salambô*.

Fecho o parêntese e passo ao meu amigo Otto Lara Resende. Ou por outra: — não é a hora ainda de entrar o meu amigo Otto Lara Resende. Primeiro, gostaria de dizer duas palavras sobre o intelectual subdesenvolvido. O que o caracteriza, acima de tudo, é o pânico de parecer imbecil. O europeu, não. E já cito um nome que está acima de qualquer dúvida ou sofisma: — Jean-Paul Sartre.

Há quem o considere “a maior cabeça do mundo” (realmente, Sartre tem inspirado algumas das mais abjetas admirações do nosso tempo). Eis o que eu queria dizer: — como todo grande espírito, ele não tem medo nenhum de ser imbecil. Sabe que o idiota é também uma dimensão do gênio.

Ainda recentemente foi à África. Ao voltar, um repórter perguntou-lhe: — “Que me diz o senhor da literatura africana?”.

Sartre responde na hora: — “Muito mais importante do que toda a literatura africana é a fome de uma criancinha”. Disse isso e ainda lhe pingou um ponto de exclamação. Resposta exemplarmente idiota. E eu, lendo a entrevista do mestre, quebrava a cabeça. Quem, além de Sartre, podia falar assim? Eis o que me perguntava: — quem? E, súbito, ocorreu-me o nome certo: — Luvizaro.

Luvizaro, na Rocinha, cavando votos, diria a mesmíssima coisa, sem lhe retirar uma vírgula. E como se explica que um gênio assim se comporte? Por isso mesmo, porque é gênio, e repito: — o gênio tem, por vezes, a nostalgia do imbecil. Mas essa imbecilidade não seria possível no intelectual brasileiro. Aqui, a inteligência não aceita nenhum risco, jamais.

Agora passo, finalmente, a Otto Lara Resende. Estava em Portugal e atravessou um oceano para ver as bodas de ouro dos seus pais. Eu disse “um” oceano. E fossem dois, ou três, e o Otto os atravessaria do mesmo jeito e com a mesma e cálida efusão. Certa vez eu o chamei de “flor de imprestabilidade”. Fui injusto. Sabemos que o Diabo é um impotente do sentimento. Por este lado, Otto nada tem a ver com o abominável Pai da Mentira.

Quando vou julgar um brasileiro, trato de saber, preliminarmente, se ele chora. É vital chorar. E o Otto chora. Tempos atrás contei, por alto, um episódio decisivo na vida do meu amigo. Ele ia partir no dia seguinte para Portugal. E André, seu filho mais velho, belo como um Werther, perguntou-lhe: “Papai, se você tivesse de me dizer uma coisa, de me dar um conselho. Um conselho para toda a vida — o que é que você diria?”.

Na véspera de uma partida, o homem é um pobre ser crispado e indefeso. O Otto pensa um momento. Procurava uma palavra para sempre. E, então, falou: “Meu filho, eu diria: — ‘Ama o próximo como a ti mesmo’”. Foi um desses momentos de pai e filho que nem o Otto, nem o André vão esquecer, jamais. Passou. Pouco depois estava o Otto na casa do Hélio Pellegrino. E foram os dois para a cozinha. O Otto não tem úlcera, não tem nada. Mas bebe leite como se tivesse uma víbora cravada no duodeno. Depois de tomar a preciosa rubiácea. Minto: — foi leite e não café. Depois de beber o leite, contou a Hélio toda a conversa com o André.

E, quando chegou ao “Ama o próximo como a ti mesmo”, não agüentou mais. Começou a chorar. A casa estava cheia de visitas. E o Hélió, em pânico, arrastou o amigo para o banheiro. Lá se trancaram. Estavam num banheiro sobressalente da casa, estreito, íntimo, como um túmulo. Toda a tensão do Otto se dissolvia em ternura, pena, amor e não sei que mais. E que fez o Hélió Pellegrino? Ah, o Hélió, o Hélió! Metade mineiro, metade siciliano, foi mais irmão, mais solidário do que nunca. As duas metades choraram no ombro do Otto.

Bem. Só agora percebo que me alonguei demais num episódio estritamente sentimental. O que eu queria dizer é que o Otto, como eu, como o Hélió ou qualquer outro intelectual brasileiro, também tem medo de parecer idiota. Não somos como o genial Sartre que, não raro, chega à debilidade mental. Imaginem vocês que eu e Otto opinamos sobre dois quadros de Volpi.

Na véspera de partir para a Europa, o sociólogo Luciano Martins passa na casa do Hélió Pellegrino e deixa lá os dois quadros referidos. Criou-se para nós, visitas, a obrigação de gostar de Volpi. Na véspera eu sondara o Mário Pedrosa; cheguei mesmo à inconveniência de propor um paralelo entre aqueles dois quadros e todo o Portinari; Mário Pedrosa foi taxativo: — “Portinari é um acadêmico”. Esbugalhei-me: — “Acadêmico?”. E já o Mário Pedrosa apontava o Volpi. Aquilo, sim. Volpi era muito maior que Portinari.

No pânico de parecer um analfabeto plástico, não insinuei qualquer objeção. O Mário Pedrosa ainda perguntou: — “Você não acha?”. Respondi, com descaro: — “Acho”. Pouco depois, estava eu diante dos quadros de Volpi, dizendo, de puro cinismo: — “Muito bom”. *Suspense* de uma pausa e acrescentei, mais enfático: — “Muito bom mesmo”.

No dia seguinte eu e Otto fomos ver os dois quadros. A questão era saber quem seria melhor, Volpi ou Portinari. Disputou-se, na sala do Hélió Pellegrino, uma acirrada pelada crítica. Paramos no quadro grande, que o anfitrião achava melhor. Eram quatro velas. Talvez uma macumba. Depois lembrei-me do título de um filme: — *Candelabro italiano*. Já a macumba me parecia menos provável do que o candelabro. E súbito, o Hélió Pellegrino solta a última palavra: “É uma porta”. Eu e Otto nos entreolhamos, cobertos de horror.

Bem. Eis o que eu pensava, eis o que o Otto pensava: — “Se aquilo era

porta, tudo é permitido, tudo”. Daí a pouco o amigo me puxava e nos trancamos, os dois, no banheiro, o mesmo banheiro onde ele estrebuchara no mais lindo choro de sua vida. Lá dentro, ele me cochicha: — “Sou muito mais Portinari”. Sussurrei, em seguida: — “Também sou muito mais Portinari”. E, ali, no banheiro inescrutável do Hélio Pellegrino, cada um de nós se concedeu o direito de ser, por um momento, um pleno, chapado, eufórico idiota plástico.

[25/1/1968]

DEZOITO QUILÔMETROS DE MULHER NUA

A barriga do Chacrinha é uma paisagem. Digo isso e paro. Não ia começar com o homem da buzina e sim com Dostoievski. (Chacrinha virá depois.) Eis o que eu queria dizer: — num aniversário da morte de Pushkin, o romancista fez-lhe um discurso. Falou uma hora, duas, sei lá. E o discurso foi uma alucinação. O olhar de Dostoievski vazava luz como o de um santo.

Pushkin foi apresentado como um profeta. O poeta tem de ser profético ou não é poeta. E o que anunciava Pushkin? A Nova Rússia. Sim, anunciava uma Rússia que se virava e revirava no ventre do tempo. E essa Rússia ainda não revelada diria ao mundo a grande Palavra Nova. Foi isso, se bem me lembro, o que disse Dostoievski.

E, quando acabou, o auditório enlouqueceu. As pessoas se abraçavam, as pessoas se beijavam. Havia um choro unânime, um gemido geral e grosso, como que vacuum. Uns trepavam nas cadeiras, outros as cavalgavam. Um velhinho soluçava: — “Quero morrer, quero morrer”. Ninguém entendia essa brusca e senil nostalgia da morte. E uma moça, de uma beleza jamais concebida, veio do fundo do salão. Caminhava, ereta, de frente alta, como uma sonâmbula.

E, diante de Dostoievski, cai-lhe aos pés. Foi terrível o que se viu. Ela curva-se e beija as botas do romancista. Depois levanta-se e desaparece, para sempre, como se jamais tivesse existido. De repente, todos sentiram que o profeta não era Pushkin, mas Dostoievski. Era ele que via a Rússia ainda uterina, a Rússia não nascida.

Passo finalmente ao Chacrinha. Disse eu, no início da presente confissão, que a sua barriga é uma paisagem. Mas o que me importa, mais do que essa plenitude do ventre, é o ordenado do Chacrinha. Já disse e aqui repito: — seu ordenado deflagra, no momento, toda uma indignação nacional. Oitenta milhões por mês.

A princípio ninguém acreditou. Nenhum brasileiro merecia tanto. Mas chegou um momento em que a evidência varreu a última dúvida. Era a pura, santa e imaculada verdade. Lembro-me de colegas que, na redação, abriam os braços para o céu: — “Como pode? Como pode?”. Cabe então a pergunta: — e onde nasceu a primeira irritação? Resposta: — nas esquerdas.

Não sei que cruelíssimo fatalismo está sempre a empurrar as nossas esquerdas para o erro, para o equívoco, para a alienação. Um brasileiro ganha oitenta milhões. As esquerdas deviam estar exultantes. Sim, elas deviam sonhar com um Brasil de Chacrinhas. Seríamos oitenta milhões a ganhar oitenta milhões.

Mas as esquerdas não aceitam o Chacrinha ou, melhor dizendo, não aceitam o salário do Chacrinha. É o salário, e não vagos preconceitos éticos e estéticos, que explica o feio, o torvo ressentimento. Num domingo recente saiu um imenso ensaio, quase uma página inteira, em corpo seis. Seu autor era, justamente, uma flor das esquerdas. E metia o pau no Chacrinha, e não só no Chacrinha: — também na música popular, na escola de samba, no Chico Buarque, no Fla-Flu e, por fim, no sexo.

O esquerdistas negava tudo o que o brasileiro adora. Li aquilo e saí perguntando: — “Você gosta de sexo? De música popular? De futebol?”. E, de repente, relendo o tal artigo, percebi por que a nossa esquerda não se comunica com ninguém e vive na mais obtusa solidão. Repito: — a nossa esquerda só fala, escreve, gesticula e só doutrina para si mesma. Por isso é que no 31 de março e no 1º de abril ela ficou mais só do que um Robinson Crusoe sem radinho de pilha.

Claro que no caso dos oitenta milhões há uma unanimidade. Até o Walther Moreira Salles está em pânico. Se um brasileiro passa a ganhar oitenta milhões mensais, algo mudou ou vai mudar. Semelhante fato não pode ser intrascendente. Por trás dessa abundância salarial esconde-se alguma ameaça apavorante.

Foi isso, mais ou menos isso, o que eu disse ao Otto Lara Resende; e foi isso, mais ou menos isso, o que ele me disse. Ontem, almoçamos juntos; o Héli Pellegrino foi a terceira presença. E depois saímos. O Héli foi para o consultório. Vim para a cidade na carona do Otto. Propus-lhe um itinerário praiano para pôr uma paisagem no nosso papo. Seguimos então a orla que vai do Forte ao Leme. O Otto bramava: — “São os mais lindos brotos do

mundo. Olha ali, rapaz, olha!”.

“E o Chacrinha?” — perguntará o leitor. Já voltaremos a ele. Por enquanto, abro um parêntese paisagístico. O Otto reagia como se ele fosse a Idade Média atirada no meio dos umbigos em flor. Ele próprio reconhecia: — “Eu sou a Idade Média!”. E íamos dizendo, um ao outro, que somos o povo mais lindo do mundo. O Otto gemia: — “Dezoito quilômetros de mulher nua!”. Sentíamos que essa nudez, múltipla, molhada, inédita no mundo, era o aviso de um Brasil novo.

Há dois Ottos: — um, público, e outro, do terreno baldio. E poucos provam do bom, do legítimo, do escocês Otto secretíssimo. Ah, o que ele disse da esquerda. Claro que a esquerda tem o direito de ser esquerda. O que lhe negamos é o direito de ser tão inepta, tão incompetente, tão irrealista, tão alienada do Brasil e, repito, tão antibrasileira. Examine-se um esquerdistista. Ele não chove uma chuva própria. Pensa “idéias feitas”, diz “frases feitas”, sente “sentimentos feitos”. Seu ódio aos Estados Unidos não é realmente um ódio, um sentimento, uma paixão. Não. É uma Palavra de Ordem. Se aqui faz calor, e nos Estados Unidos, frio, foi o imperialismo norte-americano que roubou a nossa neve e a faz chover como papel picado.

E já que o Otto chovia a própria chuva, eu quis chover a minha. Voltamos ao Chacrinha. Perguntei-lhe: — “E o padre Ávila?”. Que fazia o padre Ávila ou que faziam os outros sociólogos? Os oitenta milhões de Chacrinhas eram um dado sociológico gravíssimo. Não é por acaso que um brasileiro, altamente subdesenvolvido, passa a ganhar oitenta milhões. Minto, minto.

O Chacrinha vai ganhar cem. Não mais oitenta. Cem milhões. Quem o afirma é, não o Otto público, inautêntico, das salas, mas o luminoso Otto do terreno baldio. A partir da Primeira Missa até a semana passada, o brasileiro não ganharia tanto, nem juntando cada vintém de várias encarnações. Hoje, em trinta dias, o Chacrinha vai ganhar cem milhões.

Eis o que eu queria dizer: — isso significa que começou todo um processo. Certas coisas não acontecem de graça. Há, nos milhões de Chacrinhas, um toque de mistério. Ou por outra: — é um mistério não tão misterioso. Se a nossa sociologia limpasse a poeira das próprias lentes, veria o óbvio ululante. Na verdade, o salário do Chacrinha é, para nós, o que Pushkin foi para a Rússia. Sim, o salário do Chacrinha profetiza um Brasil

que vem por aí com uma saúde de centauro.

Foi isso o que eu disse ao Otto, foi isso o que o Otto me disse. O amigo me deixou na porta de *O Globo*. Assim me despedi: — “Até logo, Idade Média”. Ainda fiquei, por um momento, em cima do meio-fio vendo sumir na primeira esquina o seu medieval Fusca.

[27/1/1968]

O ANTI-BRASIL

Na confissão de sábado, chamava eu a atenção dos leitores para o salário profético do Chacrinha. O formidável animador ganha, por mês, 80 milhões; e pior: — no fim de um ano de contrato, passará a ganhar 100 milhões. Se um brasileiro consegue ganhar 80 ou 100 milhões por mês, este simples fato nada tem de simples ou de intranscendente.

Na Índia, há milhões de sujeitos que nunca moraram, nunca tiveram um teto, uma mesa, uma cama. Nascem na rua, vivem na rua, amam na rua e morrem na rua. Sim, agonizam rente ao meio-fio, *com* a cara enfiada no ralo. Isso na Índia. Mas não precisa ir tão longe. O Nordeste de d. Hélder. Há, por lá, populações inteiras que, do berço ao túmulo, não ganham tanto.

Falei em d. Hélder e sinto nas minhas palavras o tom do nosso arcebispo. Não, não e Deus me livre. Juro que não estou aqui pregando o ódio social. Pelo contrário: — o Chacrinha é nosso irmão, o irmão da miséria, o irmão das necessidades. No passado, sua fatia de pão nem tinha manteiga para lhe barrar por cima. Por trás de sua abundância presente, ainda gemem velhas humilhações e fomes jamais esquecidas.

Chacrinha é a gigantesca vitória do pé-rapado, é a flamejante ascensão do pobre-diabo. Portanto, tratemos de abençoá-lo e que os seus 80 ou os seus 100 milhões se reproduzam por longos e dilatados anos. E volto ao que dizia. Escrevi que tal salário profetizava um novo Brasil.

E já não sei se será “um” novo Brasil ou se convém pluralizar. Vejam as redações, as escolas, as famílias, as festas, as esquinas e os botecos. Por tudo que se diz, e ouve, e lê, percebemos que há vários projetos do novo Brasil. Qual deles há de vingar, finalmente? Qual deles terá bastante vitalidade histórica?

Há muita gente disposta a matar e a morrer pelo Brasil do ódio. Pode parecer que eu esteja exagerando. Mas os sintomas estão à nossa vista com apavorante nitidez. Nunca me esqueço de um concurso de romances que a revista *Leitura* promoveu. Na época, eu ainda acreditava em prêmios e ainda

os desejava. Fui, correndo, ler as condições. (E já me via tirando o primeiro lugar, recebendo o dinheiro, sob os delirantes aplausos da assistência.) Os concorrentes podiam escrever sobre tudo, menos sobre amor.

Sobre amor, não e nunca. Era uma revista de cultura que vinha dizer, de frente alta e voz cava: — "Tudo, menos amor!". Foi um dos espantos mais cruéis de toda a minha vida literária. Graças a Deus, alguém protestou: — o romancista Lúcio Cardoso. Escreveu ele, se não me engano na *Manhã*, um maravilhoso artigo. Eis o título — "Os romances do ódio".

Se aparecesse lá uma *Ana Karenina*, seria expulsa a pontapés pela comissão julgadora. Ou um *Romeu e Julieta* e quantas e quantas obras-primas? Li o artigo de Lúcio Cardoso e passei-lhe o mais veemente telegrama da minha gratidão. Mas o concurso era um sintoma — começava aqui o ódio ao amor.

Não seria apenas no Brasil, evidentemente. Anos depois, Sartre andou por aqui e deu uma entrevista. Declarou o seguinte: — "Eu não escreveria um romance de amor". Disse isso ao lado de Simone de Beauvoir. Olhando a santa senhora, cochichou um brasileiro a outro brasileiro: — "Está explicado por que ele não gosta do amor". Mas que Sartre fizesse a greve do amor, ótimo, ótimo. O que me apavorava era um Brasil sem amor, um Brasil árido, árido como três desertos.

Este povo está vivendo uma época de pouquíssimo amor. O ódio é mais promovido do que marca de refrigerante. No ano passado, fui testemunha auditiva e ocular de duas rixas familiares. Em ambas as ocasiões, um filho berrou para o pai: — "Te parto a cara! Te parto a cara!". E só não se engalfinharam, à vista da mãe, das tias, dos cunhados, dos outros filhos e das visitas, porque nas duas vezes o velho capitulou. "Ficou por isso mesmo?", perguntará o leitor. Não, não ficou por isso mesmo. Num dos episódios, o pai chamou o filho e deu-lhe um Galaxie.

Eu citaria outros exemplos, e outros, e outros. Falta-me, porém, espaço. Mas não concluirei sem falar do "poder jovem" Pergunto: — quem é o verdadeiro autor do "poder jovem?". Será o próprio jovem? Eu não teria nada a objetar se o próprio jovem apanhasse no chão, a mãos ambas, o Poder. Mas aqui começa o divertidíssimo equívoco: — o autor ou autores do "poder jovem" são os velhos, os mais velhos.

O jovem propriamente não moveu uma palha para tornar-se poderoso. Foram os pais, as tias e, numa palavra, a família; foram os

professores, os sociólogos, os sacerdotes, os jornalistas, os políticos. De repente, os velhos resolveram conferir ao jovem, e de graça, méritos e potencialidades jamais suspeitadas.

Quando me iniciei no jornalismo, um velho profissional me dizia: — "Rapaz, das duas uma: — ou o jovem é um Rimbaud ou uma besta". Pois bem. Hoje, o jovem sofre a promoção obsessiva de um sabonete. Cada artigo do dr. Alceu parece investir "o jovem" de uma liderança absurda, utópica, delirante, que nunca houve. Por vezes, dá-me vontade de telefonar para o dr. Alceu e pedir-lhe: "O senhor podia me apontar um líder de 17, 18, 19 ou, vá lá, de 20 anos?". Mas convencionou-se que "o jovem" tem o gênio de Rimbaud. E se duvidarem, os velhos estarão dispostos a admitir os vícios de Rimbaud.

Justificado, absolvido, adulado pelos velhos, que faz o jovem? Nunca odiou tanto. Agora mesmo estou lendo numa primeira página de jornal esta chamada: — "Queima de poemas na Cinelândia". No primeiro momento, imaginei que se tratasse de uma reportagem evocativa da alucinação nazista. Na Alemanha de Hitler houve algo parecido, algo, sim, que estarreceu o mundo: — a queima de livros. Mas não, especificamente, poemas, sonetos etc. etc. Lendo o texto, localizei a coisa no tempo e no espaço: — o fogaréu ocorrerá amanhã, ou hoje, ou já ocorreu ontem. A data exata, não sei. E os Neros são estudantes brasileiros, da Escola Nacional de Belas Artes.

O local escolhido: a doce, a lírica, a carioquíssima Cinelândia. Vejam vocês: — na Cinelândia há pombos. E os estudantes, em vez de lhes dar milho, vão queimar poemas. Nem se pense que é uma crítica literária exercida com archotes. Nada disso, Não é ódio aos versos, mas ao sentimento. Eles querem e vão queimar versos de amor e porque são de amor.

Isso é a negação do Brasil, o anti-Brasil, o antibrasileiro. Alguém dirá que já começou a nossa desumanização. Leio a notícia e não sei o que pensar, e o que dizer de uma geração que se vinga do amor e crava o ódio no próprio coração.

[29/1/1968]

HAMLET NOS BATE A CARTEIRA

“Não me compreendam tão depressa”, pedia Gide, pelo amor de Deus. Morreu, o velho Demônio, com mais de setenta anos, quase oitenta. (Nos últimos tempos, sem um fio de cabelo, era só testa. Não me lembro de sua cara. Só vejo a testa obsessiva, lustrosa, quase dizia fluorescente.)

Eis o que importa lembrar: — durante anos e anos, Gide foi incompreendido em todos os idiomas. E essa resistência mundial era o seu orgulho perverso. Depois, tudo mudou. Consagraram o estilista. Até o seu homossexualismo passou a ser promocional. E, por fim, sofreu a humilhação cruelíssima do Prêmio Nobel. Era agora o Ex-Diabo e, pior, tão glória oficial como Victor Hugo.

Mas, até o fim, Gide preservou a nostalgia das velhas incompreensões. Hoje, repassando a sua experiência humana e estilística, aprendemos o seguinte: — sua morte literária ocorreu quando o mundo passou a compreender seus escritos e até sua pederastia.

Passo de Gide para o teatro brasileiro. (Desculpem a minha insistência na meditação dramática: mas sou, como disse o Cláudio Mello e Souza, uma “flor de obsessão”.) Segundo leio nos jornais, explodiu uma experiência teatral “nova” no Brasil. Uma furiosa aventura sem precedentes. Algo jamais concebido.

Se bem entendi, a novidade está na “agressão”. Cada espetáculo tem de ser um soco na cara do espectador. Cessam as fronteiras convencionais entre platéia e palco. Nem se pense que o personagem agride apenas por gestos e falas. Seria quadrado demais. Ao que me informam, chegam a agredir, fisicamente, o espectador.

Vejamos um exemplo. Está na platéia uma santa senhora, mãe de oito filhos. Veio da Tijuca, com o marido, viver o feérico, inefável sábado. E, de repente, um dos personagens de *Roda viva* sai do palco para a vida real. O

homem senta-se no colo da mãe de família, ou puxa-lhe as bochechas, ou dá-lhe uma palmada. Há um fígado na peça (fígado de boi, fígado de açougue). É possível que esguichem sangue bovino no olho da gorda dona-de-casa.

E das duas uma: — ou o marido não faz nada, ou mete o braço. Na hipótese do revide corporal, melhor. É a sopa no mel. O que os teóricos do novo teatro pretendem é justamente isso: — o tumulto, o alarido, o pé na cara, o grito, o horror. Só não se admite o público apático, a comer pipocas.

Sim, para o teatro em causa, tudo é permitido. Ainda ontem me dizia o Eduardo Chermont de Brito: — “Qualquer dia entro num teatro e, no meio do quinto ato, um personagem me bate a carteira”. E vamos e venhamos: — não me parece de todo inviável semelhante hipótese. Cabe então a pergunta: — “E daí?”. A platéia leva um soco na cara. Batem-lhe a carteira. Mas repito: — “E daí?”. Por que e para que agressão tamanha? Não sei, ninguém sabe, nem Deus.

Comecei com Gide e volto a ele. Eis o que importa observar: — o novo teatro já não corre qualquer risco de incompreensão. Imagino a amarga perplexidade do leitor. Realmente, custa crer que a novidade não cause o impacto da novidade; que a surpresa passe sem surpresa, e que o público aceite o nunca visto com a mais cordial naturalidade.

Qualquer novidade em teatro tem de exigir do espectador uma lenta, progressiva acomodação visual e auditiva. O sujeito está vendo e ouvindo o que nunca viu e ouviu, o que desafia toda a sua experiência e todo o seu raciocínio. Portanto, uma incompreensão inicial é obrigatória. E, de mais a mais, por que a obra de arte há de ser de uma transparência burríssima? Até um soneto parnasiano preserva um mínimo de mistério, de solidão.

E as novas tentativas teatrais não insinuem nenhum mistério, não sugerem nenhuma dúvida. Falar em Artaud, aqui, seria monstruoso. Que distância infinita, milenar, separa *Roda viva* de Artaud. Mas o que eu dizia é que nem *Roda viva* nem *Rei da vela* conseguiram a homenagem de uma incompreensão.

Cabe então a pergunta: — e por que se frustrou toda uma ingênua e otimista intenção de choque, de escândalo, de soco na cara? Aqui entra um tipo realmente fascinante do nosso tempo: — o “compreensivo”. Em capítulo recente, contei um episódio familiar realmente patético. Certo filho vira-se para o pai e diz-lhe: — “Papai, cala a boca ou te parto a cara!”. O pai

foi magistral. Reagindo como um “compreensivo”, deu ao filho um Ford Galaxie.

Os “compreensivos” são cada vez em maior número. Nós os encontramos por toda parte. Estão nas salas, nos escritórios, nas alcovas, nos tribunais, nas igrejas. O dr. Alceu é um “compreensivo”; o padre Ávila, outro. É justamente essa compreensão urgente e fulminante que desesperava Gide.

O “compreensivo” vai ao teatro, recebe um esguicho de sangue e não se espanta. E aqui chegamos à palavra certa. Reparem como o brasileiro se espanta cada vez menos. Somos, hoje, um povo de pouquíssimos espantos. Li ontem uma senhora “compreensiva”. Redigiu uma crônica que era o seu deslumbramento impresso. Eu, se fosse o Chico, ou fosse o Zé Celso, estaria frustrado e humilhado com uma compreensão assim ultrajante.

Ah, uma senhora “compreensiva” é capaz de tudo. Se lhe servirem, num banquete, uma ratazana ensopada, não pensem que fará a concessão de uma surpresa. Jamais. Nada a espanta. Tem sempre, e nas emergências mais cruéis, uma aristocrática naturalidade, uma melíflua negligência. Suprimiu dos seus hábitos o ponto de exclamação. É ratazana? Pois que seja ratazana, e com abóbora.

Mas há pior, amigos, há pior. Outrora, só uma seletíssima elite tinha esse cinismo superior e inteligentíssimo. Tal elite compreendia o mistério de tudo e o resto não. O homem comum era o que ainda se espantava. Se me perguntarem onde estão os “compreensivos”, eu diria que os há em todas as classes. Há o cínico grã-fino e o cínico favelado. Há também, na classe média, essa incapacidade para o horror. Sim, há quanto tempo nós não nos horrorizamos?

E insisto na pornografia. Eu me lembro da geração anterior. Havia uma cerimônia entre o brasileiro e o palavrão, havia como que uma solenidade recíproca. O palavrão tinha a sua hora certa e dramática. Vejo hoje meninas, senhoras, de boca suja, e nas melhores famílias. Diria, se me permitem, que o palavrão se instalou entre os usos mais amenos e familiares da cidade.

Mas nem tudo é vão no novo teatro. Quem o diz é o José Celso. Segundo o jovem diretor, nem só os “compreensivos” enchem a sua platéia. Há uma meia dúzia que, chocadíssima, “muda de lugar”. Ótimo, ótimo. E,

realmente, isso jamais aconteceu com Sófocles, Shakespeare ou, mais recentemente, Ibsen. A platéia de tais autores nunca trocou de cadeira. Não há dúvida. Aí está uma deslumbrante consequência ética, sociológica, ideológica ou que outro nome tenha. O Chermont de Brito tem razão. Chegará um dia em que ninguém irá ver Shakespeare, com medo que o Hamlet lhe bata a carteira.

[2/2/1968]

A FOME DO NORDESTE

Cada época tem suas fatalidades próprias, inconfundíveis, inalienáveis. Por exemplo: — os golpes de ar. Não há, hoje, nada mais antigo, obsoleto, espectral. Ninguém fala em golpes de ar e ninguém os teme. Mas a geração do Eça, dos “Vencidos da vida”, conheceu esse pânico profundo.

E mais: — o golpe de ar era, inclusive, recurso literário. Eu citaria, ao acaso, a *Correspondência de Fradique Mendes*. Ao escrever a primeira parte do livro, o autor esbarrou num sério problema dramático e estilístico. Matar Fradique, eis a questão. Mas, como? Eça não pensou duas vezes. Transfixou-lhe o pulmão com um dos golpes de ar que eram igualmente válidos tanto na ficção como na vida real. E o que é a tuberculose da *Dama das camélias* senão, exatamente, outro golpe de ar?

Ah, a morte foi, para as gerações passadas, de uma simplicidade total. Bastava que uma mão imprudente abrisse, de supetão, uma porta ou uma janela. E o vento súbito vinha agredir o pulmão de uma tia, de um cunhado, de uma filha ou até de uma visita. E assim se instalava um processo pneumônico irreversível.

Mas o tempo passou e os golpes de ar sumiram dos romances e da vida prática. Se me perguntarem qual a fatalidade de nossa época, responderia que são as esquerdas. Dirá o leitor que elas sempre existiram. Gerações passadas também conheceram o seu gesto, a sua ênfase, o seu palavrão. E o próprio Eça já citado refere o caso de um rapaz esguio e pálido como um suicida.

Por onde andava ia exalando a sua cava depressão. Ainda por cima vestia-se de um luto pesado e inconsolável. Um dia, vendo-o suspirar perto da janela, alguém perguntou pela origem de tão funda melancolia. Ele alça a fronte e diz, cheirando uma camélia: — “Como posso sorrir se a Polônia

sofre?”. A Polônia era o Vietnã da ocasião e o mancebo, uma flor das esquerdas.

Mas, nos dias do Eça, do Ramalho, a esquerda era minoritária como a torcida do Botafogo. Sim, estava reduzida a um grupo seletíssimo. E o personagem do Eça explica tudo. Já naquele tempo havia uma distância entre a esquerda e o perigo. Só que a distância de Portugal para a Polônia é menor que a do Antonio’s para o Vietnã.

Alguém poderá objetar que estou insistindo muito nas esquerdas. Mas explico. Primeiro, qualquer autor tem suas fixações fatais e o d. Hélder é um exemplo. Interrogado certa vez sobre o amor livre, respondeu: — “E a fome do Nordeste?”. De outra feita pediram sua opinião sobre o Egito e Israel e o arcebispo retrucou: — “E a fome do Nordeste?”. Vejam bem: — não interessam as outras fomes. Se, fora do Nordeste, há brasileiros bebendo, a mãos ambas, a água das sarjetas, não contem com d. Hélder. Deu exclusividade à fome do Nordeste.

Portanto, admitam que também cultive eu as minhas obsessões. Por outro lado, a esquerda é a fatalidade da nossa época. Eu sei que ela continua minoritária. Mas a torcida do Botafogo, também minoritária, é mais feroz que a do Flamengo (só o Salim Simão, com o seu berreiro individual, solitário, lota o Estádio Mário Filho).

Eis o que eu queria dizer: — não me interessa a expressão numérica da “festiva”. O que importa é a sua capacidade de influir nos usos, costumes, idéias, sentimentos, valores do nosso tempo. Ela não briga, nem ameaça as instituições. Mas, em todas as áreas, as pessoas assumem as poses das esquerdas.

Ontem, falei do teatro. Mas não é só o teatro, também a música popular. Outro dia, num programa de televisão, apareceu uma musiquinha sobre o Vietnã. Meu Deus, por que não sobre Magé? Temos solidariedades mais urgentes, mais prementes. Magé está ali, a dois passos. Podemos apalpá-la, podemos farejá-la. Assim como o rapaz do Eça suspirava pela Polônia, eis-nos aqui a arrotar pelo Vietnã. Há todo um Brasil para ser feito. Acontece que esse Brasil incriado é uma tarefa, sim, uma tarefa que ninguém quer assumir nem a tiro.

Passem no Antonio’s e façam esta singela e casta observação: — a “festiva” é morena. Nem se pense que se trata de uma cor nata e hereditária.

Nunca. Essa pele dourada foi arduamente conquistada na praia. Lembrei-me de que, na terça-feira depois do Natal, passei de táxi por Copacabana. E confesso meu deslumbramento. Praia apinhada, de um Forte a outro Forte, isto é, da igreja ao Leme. Dia utilíssimo, depois de quatro feriados. E lá estavam as esquerdas, todas as esquerdas, lustrando-se ao sol, dourando-se ao sol, com o cavo umbigo à mostra. E, à noite, lá se instalam no Antonio's, tomando cerveja em lata.

Mas insisto: — apesar da eugenia da manhã, da boêmia da noite, é uma potência. Não sai da praia nem do Antonio's, mas influi em tudo. Influi num verso de modinha e até num decote de mulher. Vi, outro dia, num sarau de grã-finos, uma menina da “festiva”. Nas costas abria-se um generoso decote. Aparecia, de alto a baixo, a espinha dorsal ou, como queria o poeta, a “flauta de vértebras”. Eu imaginava que também aquele era um decote ideológico.

Ah, ninguém consegue ser nada, em nossa época, sem o empurrão promocional das esquerdas. Waldomiro Autran Dourado acaba de publicar sua *Ópera dos mortos*. É uma obra-prima. Mas ninguém escreve sobre a *Ópera dos mortos*. É apenas uma obra de arte, irredutível obra de arte e nada mais. A qualidade estilística parece uma alienação insuportável. E como é a “festiva” que promove o artista, ou o enterra, faz-se para o livro de Autran um feio e vil silêncio.

Mas há, de vez em quando, uma surpresa. Ligo para o Hélió Pellegrino. E me diz o poeta e psicanalista: — “Estou aqui com o doce radical”. O assim chamado “doce radical” é Antônio Callado. E continua o Hélió: — “Acaba de me ler um poema”. Há o *suspense* de uma pausa. O Hélió completa: — “De amor. Poema de amor”. Nada descreve e nada se compara ao meu espanto. Ainda perguntei: — “De amor mesmo? Tem certeza? É só de amor?”. O Hélió deu-me a sua palavra: — “Amor, e só de amor”.

Na minha crassa ingenuidade, imagino que o doce radical estivesse lendo um Verlaine, ou sei lá. Mas Hélió, qual um parnasiano, deixara para o fim a chave de ouro: — “Poema dele mesmo. O autor é o próprio radical”. Na minha confusão imaginava eu o que diriam as esquerdas, o escândalo amargo da “festiva”. Depois dos versos de amor, como poderá Callado voltar ao Antonio's e lá exhibir o seu bonito perfil de medalha, de moeda, de

cédula? Mas esperem, esperem. O doce radical corre, sem o saber, um risco físico. Por enquanto, os rapazes das Belas Artes queimam os poemas. Um dia, queimarão os poetas.

[3/2/1968]

A ESTRELA DO ATROPELADO

Ah, não me esqueço do Quintanilha Ribeiro. Perdão, perdão. Não é o homem de Jânio. Falo do puro e simples Quintanilha, figura que jamais teve, na vida, o mais tênue e longínquo vínculo presidencial. Era repórter e já acrescento: — de polícia. O leitor, que é um ingênuo, não entende de hierarquia de redação. Eis o que eu queria dizer: — salvo em *O Dia* e na *Luta Democrática*, o repórter de polícia é, em nossa imprensa moderna, um sujeito antigo, obsoleto, como que espectral.

E pior: — deixou de existir em várias redações. No *Jornal do Brasil*, por exemplo, é mais fácil encontrar uma girafa do que um repórter de polícia. Na folha do dr. Brito (antigamente, chamava-se jornal de folha), na folha do dr. Brito, dizia eu, não abrem espaço para o crime. Todos os dias há a mulher que mata o marido e, inversamente, o marido que mata a mulher. O brasileiro é um fascinado pelo crime passionai (cada um de nós se identifica ou com a vítima, ou com o criminoso, ou com ambos).

Mas, em vão o brasileiro mata e se mata; em vão é atropelado e fica estendido, no asfalto, rente ao meio-fio; em vão os namorados fazem pactos de morte e os consomam (há cada vez menos namorados e cada vez menos pactos de morte). Tudo inútil. O dr. Brito não lhes dá cobertura nenhuma, nenhuma.

(Mas eu queria falar, ainda, do atropelado. Há sempre alguém, jamais identificado, alguém sem nome e sem cara, que acende uma vela e a põe ao lado do morto de rua. É a estrela do atropelado; sim, estrela que nenhum vento apagará. E o *Jornal do Brasil* não pinga uma palavra sobre o defunto do asfalto. Por que o silêncio cruel e aristocrático? Recusar uma notícia ao atropelado é o mesmo que furtar a vela que o alumia.)

Volto ao Quintanilha. Já o conheci velho, velho de uma idade inimaginável. Teria seus sessenta e tantos, quase setenta. Mais velho que o século, pertencia a uma geração prodigiosa. Nos bons tempos, o repórter de polícia estava a dois passos do patético, a dois passos do sublime. O grande

crime tinha primeira página e subia às manchetes.

Eu começava no jornal. Era garoto e fui ser repórter de polícia. Bem me lembro dos meus primeiros dias profissionais. Até os contínuos me fascinavam. Cada qual tinha seu patético. Revisores, linotipistas, todos, todos sugeriam não sei que mistério. Mas, pouco a pouco, fui percebendo tudo. Acabei descobrindo que os mais importantes eram os piores. Dois ou três faziam o artigo de fundo. E andavam pela redação como pavões enfáticos. Mas não tinham nada que dizer.

A grande figura da redação era mesmo o repórter de polícia. O Quintanilha, por exemplo, sabia de tudo, vira tudo. Por trás de suas histórias, havia toda uma cálida, maravilhosa experiência shakespeariana. Seria talvez analfabeto, sei lá. E estava sempre bêbado. Deixara de beber há meses, anos, e continuava bêbado. Não importa. Contava coisas lindas.

Mas foi Quintanilha Ribeiro (agora vai assim mesmo) que me falou de Clementino. Clementino. Eis aí um nome que não diz nada, não insinua nenhum vaticínio, não emana nenhum mistério. Clementino, como Oliveira, é um nome de vizinho. Muito bem. Aos 23 anos, Clementino deixou o segundo ano de Medicina — para ser barbeiro de necrotério. A família esbugalhou-se, sem entender nada. Todos repetiam a pergunta, sem lhe achar a resposta: — e por quê? Se fosse barbeiro de salão, barbeiro de barbearia, vá lá. Nunca de necrotério.

Clementino tinha um tio que se dava com o então ministro da Fazenda. E o tio estava disposto a arranjar-lhe uma nomeação para fiscal do Imposto de Consumo. Era o emprego que qualquer brasileiro, vivo ou morto, pedia a Deus. Pois Clementino ergueu a fronte e, trêmulo, respondeu: — “Obrigado, mas não aceito”. Pausa e completa: — “Vou ser barbeiro de necrotério”. O tio foi o primeiro que soube e o primeiro que se horrorizou. No dia seguinte, o rapaz tomava posse.

Podia ser uma opção profissional. Assim como se nasce poeta, arquiteto, Chico Buarque de Hollanda, flautista ou domador, Clementino teria nascido barbeiro de necrotério. Nem isso. Não podia ver morto e jamais vira um cadáver. (Não comparecera nem ao velório da própria avó.) A morte era a sua náusea. E ninguém entendia que, de repente, por vontade própria, o rapaz começasse a escanhoar defuntos. Uma tia veio de Belém do Pará perguntar-lhe: — “Por que barbeiro de necrotério?”. Respondera apenas: — “Deus sabe”. Só uma pessoa nada perguntou, nada quis saber: — o pai.

Um ano depois, a mãe cai doente, muito doente. Depois se diria que seu desgosto mortal fora o emprego do filho. Do fundo da cama, chama o Clementino. Sua voz é um sopro: — “Meu filho, estou morrendo. Quero saber. Por que você foi ser barbeiro de necrotério? Diz”. E, então, só então, respondeu: — “Fui ser barbeiro de necrotério porque dei na cara do meu pai”. Pausa e repetiu: — “Dei na cara do meu pai”. A mãe, com a lucidez dos que vão morrer, deve ter entendido tudo, tudo. Suspirou: — “Morro feliz”. Pôs a mão diáfana na do filho. Sorria: — “Deus te abençoe”.

Era por expiação que estava no necrotério. Castigo. Um dia, discutira com o pai e o esbofeteara. Ninguém viu, ninguém soube. E ambos calaram. Só a morte arrancou o segredo que nem o pai, nem o filho contariam jamais. Seu horror aos mortos estava intacto; continuava a náusea em flor. Só não estourava os miolos porque teria nojo do próprio *cadáver*. E precisava sofrer. Fazia a barba até do defunto que ninguém reclama. Era uma autoflagelação de cada minuto. E nada o assombrava mais do que a nudez ofendida, a nudez humilhada da autópsia. Mil vezes tinha de sair para vomitar, atrás das portas.

Quintanilha me dizia sempre: — “Formidável o Clementino”. Isso aconteceu em 1925, por aí. E eu penso que as Novas Gerações não dariam um Clementino. De 25 para cá, algo mudou no brasileiro e repito: — há um novo brasileiro, de potencialidades imprevisíveis. Ainda ontem encontro, numa esquina da cidade, o Eduardo Chermont de Brito. Ele me chama para um canto: — “Seu Nelson, vem ouvir essa, vem ouvir essa”.

A tarde caía, invisível, por trás dos edifícios. E o Chermont me contou tudo. Eis o episódio: — certa mãe grã-fina surpreende o filho arrombando o cofre do pai. Balbucia: — “Que é isso, meu filho? Que é que você está fazendo?”. E o rapaz, sem pena, nem medo: — “Meu pai não morre e eu tenho que roubar”. Entupia os bolsos de dinheiro e repetia: — “O culpado é meu pai, que não morre”.

O ódio ao pai. O ódio ao pai que não morre. É a paixão que está encravada em tantos lares brasileiros. Não sei se já se pode falar num Brasil Karamazov. Imagino um jovem brasileiro que vê o pai como o velho Demétrio Karamazov e forma dele essa imagem vil.

[6/2/1968]

UMA PAISAGEM SEM INGLESES

O sujeito berrou de uma calçada para outra: — “Como vai? Como vai?”. Era comigo. E o outro punha no cumprimento toda a ênfase patética de um italiano de anedota. Acenei com dois, ou três dedos, sei lá, e passei adiante. Eis o que eu queria dizer: — quando alguém me pergunta — “Como vai?” — penso nas minhas dívidas. É fatal.

Dirá o leitor que, dívidas, até o Walther Moreira Salles as tem. Exato. Mas enquanto Walther Moreira Salles acha graça nas suas, eu não posso rir das minhas. Em tal sutileza está o cordial abismo que nos separa. Mas, como ia dizendo: — minhas dívidas me perseguem e atropelam por toda a parte.

Nas datas de vencimento, eu me sinto de pires como um ceguinho. Na rua do Ouvidor há um ceguinho que toca violino. Seu repertório é um tango único e, repito, sempre o mesmo tango. E, ao lado do ceguinho, está o pires (se não me engano, o pires é um ex-cinzeiro com um nome de cerveja gravado nas bordas). E, lá, o passante pinga a sua moeda. Nas datas do vencimento, eu me sinto também um ceguinho, sem tango, a estender um imaginário pires para uma moeda também imaginária.

Diz o José Luís Magalhães Lins que o brasileiro é bom pagador. Certo. Há os que matam, ou se matam, para pagar suas dívidas. Não é bem o meu caso. Eu me mato, não para pagar as dívidas, mas os seus juros. As dívidas permanecem maravilhosamente intatas. E já me dou por muito feliz de pagar os juros fatais.

Alguém há de querer saber por que devo eu tanto e tanto. Posso responder, alçando a fronte, que não perdi um tostão no bicho, nos cavalos, na Bolsa etc. etc. As minhas dívidas têm este nome geral e lúgubre: — *A falecida*. Por outras palavras: — meti-me no cinema, fui produtor de filme. E *A falecida* é o nome de todo o meu voraz e insaciável abismo.

Só uma coisa me assombra: — que Gláuber Rocha, Luís Carlos Barreto e outros, e outros, façam filmes e não estejam na rua do Ouvidor tocando tangos caça-níqueis. Bem. Falei das dívidas, dos juros, sem querer. Na

verdade, eu ia referir, apenas, um episódio de filmagem. Eis o caso: — quando Leon Hirszman fazia *A falecida*, passei no estúdio.

Ou por outra: — não era estúdio. Leon estava filmando numa casa funerária, ali entre o Estácio e a *Manchete*. Cheguei e fiquei olhando. Era o Nelson Xavier que estava representando. Quando ele acabou, eu, desesperado, chamei-o de lado. Disse-lhe: — “Escuta, Nelson. Você está o próprio sir Laurence Olivier”. Durante uns vinte minutos, tentei convencê-lo.

Nelson Xavier fazia um jucundo, dionisiaco, erótico papa-defuntos. E mais do que isso: — era o cafajeste, o nosso cafajeste. Pois o Nelson Xavier fazia o anticafajeste. Disse-lhe o diabo para doutriná-lo. Expliquei-lhe que o inglês, tal como o imaginamos, não existe, jamais existiu. A Inglaterra era uma paisagem sem ingleses. Só uma vez aparecera lá, miraculosamente, um inglês. Foi quando o brasileiro Antônio Callado passou uma temporada em Londres. E era um sucesso quando ele passava, ele, o único inglês da vida real. Falei, falei e o Nelson Xavier não acreditou: — foi, até o fim, o próprio Antônio Callado.

Mais tarde, já com *A falecida* na rua, o excelente ator teve um remorso tardio e veio-me dizer: — “Você tinha razão”. Vendo o filme, percebera que todo o seu comportamento era do puro Antônio Callado e, pois, do antibrasileiro, do anticafajeste, do antipulha. E não havia na sua interpretação nada do extrovertido ululante, do canalha magnífico e comovente.

Sim, o cafajeste saíra solene, hierático, como um mordomo de filme policial inglês, Pois bem. Passo de *A falecida* para o *Roda viva*, do Chico e do Zé Celso, a que assisti no último sábado. Eu só conhecia a peça de ouvido, isto é, de comentário, de piada. Uns a negavam de alto a baixo. Outros, em minoria, elogiavam com restrição. Mas não ouvi ninguém dizer, trincando os dentes: — “Formidável!”.

Eu gostaria que, ambos, Nelson Xavier e Leon Hirszman, estivessem sábado no teatro. Um e outro aprenderiam muito do Brasil e do brasileiro. Ali, na plateia, estava o Brasil e estava o brasileiro. Sempre digo que o adulto não existe; o homem ainda não conseguiu ser adulto, ou melhor: — o que há de adulto, no homem, é uma pose. O que vale mesmo é o menino que está enterrado em nossas entranhas.

(Se me permitem, eu diria que o homem jamais será um adulto.) Foi o

menino perene que reagiu, sábado, no teatro. Imaginem que todos os palavrões da língua estavam gorjeando no palco. E comecei a sentir que tudo ali se fundia maravilhosamente: — a pornografia proclamada da peça e a pornografia latente da platéia.

Tenho falado com obsessiva insistência na doença infantil do palavrão, sim, doença que está atacando os nossos adultos. Dirá alguém que sempre houve pornografia. Não, não. Antes, havia entre o brasileiro e o palavrão uma cerimônia, uma solenidade, quase um pânico. Ninguém dizia um nome feio na presença de senhoras. Hoje o palavrão circula, por toda a parte, com uma liberdade, uma espontaneidade, um *élan* jamais concebidos.

E já uma dúvida me ocorre: — não sei qual mais transcendente, se a força do espetáculo, se a reação do público. Já no *Rei da vela* vi esta coisa apavorante: — a platéia aplaudindo, de pé, um palavrão. Era a pura delícia auditiva que levantava o espectador. Eis o que eu queria dizer: — em *Roda viva* todas as inibições explodem. Um palavrão, particularmente feroz, foi também aplaudido, como outrora se ovacionava o dó de peito do tenor.

E ninguém se fingia mais de adulto. Era todo um processo regressivo, uma volta proustiana à infância de cada qual. Nos espetáculos infantis, as crianças não sentem as fronteiras entre a ficção e realidade. Elas gritam, opinam, interferem e decidem. Foi esta a grande sabedoria do José Celso: — tratou o falso adulto como a criança real que somos. E, de repente, a peça se tornou cálida como um sonho. Fomos arrastados no grande fluxo de imagens, sensações. Senhores, senhoras, rapazes, mocinhas, todos, todos ali olhavam os palavrões como se fossem pássaros encantados. A platéia ria como uma romã fendida.

Eis o que me pergunto: — por que o padre Ávila não vai lá? Mas que não resista ao espetáculo e deixe em casa suas inibições e poses. O padre Ávila tem que se comportar como criança ou, melhor dizendo, como moleque. É padre, sociólogo e professor da PUC. Mas, como todos nós, há dentro dele um menino enterrado. Liberte o menino, liberte o moleque. Ponha-os para fora. E outros sociólogos, educadores, sacerdotes, psicólogos, compareçam também. Compareçam e vejam como um simples palavrão deflagra na platéia uma tara súbita e jucunda.

[7/2/1968]

O BRASIL KARAMAZOV

Outro dia, alguém me perguntava: — “Que faz o Brasil que ainda não descobriu o Hélio Pellegrino?”. Um outro, a meu lado, deu uma resposta jucunda: — “O Brasil não descobre ninguém porque não sai da praia”. Há a praia entre o brasileiro e a sua obra, entre o brasileiro e suas utopias. E, de noite, lá está ele no Antonio’s, bebendo cerveja em lata.

Um turista que por aqui passasse e visse a nossa cor morena, havia de anotar no seu caderno: — “O brasileiro é um havaiano de filme”. A praia lotou a cidade de havaianos e havaianas. E onde não há praia, há o sol. Somos oitenta milhões de sujeitos dourados pelo sol. Na minha infância, não. Na minha infância, o brasileiro era pálido como um santo. Enganei-me: — como um santo, não, como o Alfredo da *Traviata*.

Mas, como ia dizendo: — e porque não sai da praia, o brasileiro ainda não descobriu o Hélio Pellegrino. Os amigos o chamam de “o nosso Dante”. Lembro-me de Otto Lara Resende falando do gênio verbal do Hélio. Ele tem o que dizer e voz para dizê-lo. Uma voz de Paul Robeson numa figura de galã de neo-realismo italiano.

Esse meu amigo tem um destino. Não sei qual seja, mas repito: — tem um destino. E, aqui, abro um súbito parêntese. Não era nada disso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que meu amigo foi a uma festa, sábado, na casa do Pedro Gomes. Uma noite flamejante. E o Hélio Pellegrino viu e ouviu, no sarau de Pedro Gomes, coisas surpreendentes. Houve um momento em que Walter Fontoura declarou com empolgante naturalidade: — “Eu sou reacionário”.

É prodigioso. Um brasileiro que vem à boca de cena, alça a fronte e proclama o próprio reacionarismo. Ninguém faz isso neste país. O brasileiro pode ser uma Bernarda Alba e não o confessa, nem a tiro. E o Walter Fontoura, mexendo com o dedo o gelo do seu uísque, assombra os presentes

com a declaração suicida: — “Sou reacionário”.

Todavia, o grande acontecimento foi mesmo o Salim Simão. O Hélio não o conhecia. E quase o apalpou como se duvidasse de sua existência. A festa acabou tarde da noite. E quem reinou, hora após hora, qual solista absoluto, foi o Salim Simão. O Hélio estava fascinado. No dia seguinte, quando me viu, soltou a grande notícia: — “Conheci o Salim Simão!”.

Perguntei-lhe: — “E que tal?”. Com a sua voz de barítono de igreja, e abrindo o gesto, respondeu: “O Salim Simão é uma praça pública! É um comício! É a tomada da Bastilha!”. E, com isso, queria dizer que o outro arde em mil danações triunfais. Realmente, que ser fremente, ululante, torrencial.

O admirável no Salim Simão é a sua vocação para o berro. Eu sei que outros berram, mas de vez em quando e por motivos solenes. No Salim Simão, até o “bom-dia” é um comício. Abro novo parêntese e explico: — eu não queria falar no Hélio Pellegrino, senão de passagem; nem no Pedro Gomes, no Walter Fontoura e no próprio Salim Simão. Eu queria falar no pai de Salim Simão.

Já escrevi que um dos grandes sentimentos da nossa época é o ódio ao pai. De repente, toda uma geração brasileira começou a odiar o velho. Na semana passada, entro num boteco do Leblon. Estou comprando fósforos e cigarros (por sinal, não encontrei o mata-rato que fumo). E, súbito, vejo um rapaz, um dos sólidos havaianos de filme, que dá um piparote numa garrafa e a derruba. Em seguida, ergue-se e arranca, das próprias entranhas, este uivo parricida: — “E meu pai que não morre? E meu pai que não morre?”. Eu disse “uivo”, mas era um cavo soluço.

O rapaz fizera despesas. E, quando o garçom quis cobrar, o havaiano babava de ódio: — “Pago quando meu pai morrer!”. Já disse e repito: — sinto, por toda a parte, um Brasil Karamazov. Eis o que me pergunto: — por que o pai há de assumir, para o jovem contemporâneo, a hediondez do velho e banda-lho Karamazov?

Um dia, almocei com Luís Alberto Bahia e Salim Simão. E, de repente, o Salim começou a falar do pai ou, melhor dizendo, a berrar do pai. Como foi doce para mim e, ao mesmo tempo, sofrido, encontrar um pai amado, para sempre amado. E dizia o Salim: — “O que eu não daria pra ter meu pai vivo aqui. E me ajoelharia a seus pés. E, abraçado às suas pernas, agradeceria tudo, tudo!”.

Ajoelhado aos pés, abraçado às pernas. E, então, comecei a pensar também no meu pai. Morreu em 1930, exatamente a 15 de março. Morreu magro e o espantoso é que, no primeiro momento, a morte o rejuvenesceu. Vejo minha mãe pendida sobre o corpo sem vida e beijando, não a mão, mas o braço do meu pai. Eis o que me dói ainda hoje: — nós olhamos pouco para os seres amados. Tão fácil olhar e repito: — olhamos tão pouco. Não olhei para meu pai como devia. Por que não me embebi do seu gesto, do seu sorriso, do seu olhar; e suas mãos, por que não olhei muito mais as suas mãos?

E, quando Salim falou do seu pai (e com que estremecido amor), eu pensava: — “Esse não é um Karamazov”. A partir daquele momento, eu o aceitei na minha solidão. Fascinado, deixei o Salim falar. E, pouco a pouco, fui amando, sim, amando o velho libanês. Ah, viera de longe, muito longe, lá do Líbano.

Líbano. Sou, como o francês, um analfabeto geográfico. Os sábios do Instituto de França pensam, ainda hoje, que Buenos Aires é capital de Niterói. E que sei eu do Líbano? Nada, mil vezes nada. Mas vejo o pai do Salim desembarcando aqui, saltando no cais, miserável, mas cheio de utopias formidáveis. Foi trabalhar no Espírito Santo e numa terra onde era bonito matar sírio, matar libanês. Os facínoras de lá, quando queriam experimentar um revólver, davam um tiro na cara do libanês mais à mão. E não era crime.

O pai do Salim esteve para morrer quinhentas vezes. Não morreu e ficou rico. Vejam: — em vez de se enfiar, como tantos outros, numa cova sem nome, ficou milionário. Salim, menino rico. E, um dia, de repente, o pai perde tudo e morre, também de repente.

Eu não o conheci, claro. Morreu quando o filho tinha, se não me engano, doze anos (e o garoto começou a passar fome). Não sei nem como se chamava o pai de Salim. Não vi um retrato seu, nem de lambe-lambe. Mas eis o que queria confessar: — esse velho é uma das memórias que vou preservar para sempre, e com que absurdo amor.

[14/2/1968]

SEM MEDO DO CONSELHEIRO ACÁCIO

O brasileiro não nasceu para ser inteligente. E direi mais: — nem pode ter um parente inteligente. Parece exagero ou piada. (Já expliquei que as verdades mais solenes podem assumir, por vezes, a forma de piada.) Nada mais trágico para uma família brasileira do que ter, em seu seio, um caso de inteligência. Eu citaria, para não ir mais longe, o exemplo de Rui Barbosa.

O maior dos brasileiros vivos. Lembro-me de sua agonia em Petrópolis. Rui estava morre, não morre, e já um vizinho nosso antecipava: — “O maior dos brasileiros mortos”. Eis o que eu queria dizer: — o grande baiano foi uma das mais negras tragédias familiares de que tenho notícia. (Não estou insinuando nenhum escândalo, desses que, em nosso tempo, merecem a manchete de *O Dia* e da *Luta Democrática*. Não, não. Por esse lado a família de Rui foi de uma correção imaculada. Faço a ressalva com a maior ênfase.)

A partir do momento em que, ainda menino, manifestou o seu gênio, a família perdeu a paz, o sossego, o diabo. Um vago primo, ou cunhada, ou tia, deixou de ter vida própria. Ninguém namorava, ninguém noivava, ninguém casava e nem enviuvava. O tempo era pouco para admirar o Gênio. E ficava toda a parentela de mãos postas, estupefata. Durante setenta anos, a família foi massacrada. Velórios, bodas, partos, nenhum acontecimento lúgubre ou festivo valia uma coriza daquele que era “o maior dos brasileiros vivos” e seria “o maior dos brasileiros mortos”.

Pergunto se, durante os setenta anos intermináveis, algum primo, ou tia, ou filho, conheceu por um momento o tédio do mito. Setenta anos não são setenta dias. E pergunto se terá havido, na família de Rui, algum caso de admiração exausta. Não sei, ninguém sabe, nem Deus.

E o próprio Rui? Como se comportava ele diante de si mesmo? Como reagia diante da própria glória? Eis a verdade; — o gênio nunca foi um

hábito para Rui. E aí está um traço forte do brasileiro e repito: — o brasileiro não sabe ser inteligente com naturalidade. Vejam o francês. Jean-Paul Sartre, por exemplo. É um homem que inspira, aqui, admirações abjetas. Dizem: — “A maior cabeça do mundo”. Pois Sartre é inteligente com relativo tédio. E, por vezes, tem o que eu chamaria “a nostalgia da burrice”. Nessas ocasiões, diz as bobagens mais hediondas.

Do mesmo modo, o inglês, que também é inteligente sem espanto, sem angústia, sem deslumbramento. E não há mistério. O inglês, ou francês, encontra a língua feita e repito: — um idioma que pensa por ele. Uma lavadeira parisiense é uma estilista, um cocheiro fala como um grã-fino de Racine. Ao passo que nós temos de recriar, dia após dia, a nossa língua e pensar em péssimo estilo.

Mas citei Rui e passo a um exemplo mais moderno: — o nosso Guimarães Rosa. “Ser Guimarães Rosa” não foi, jamais, um hábito para Guimarães Rosa. Era um permanente espanto, uma permanente surpresa, uma permanente festa. Dormia e acordava espantadíssimo de ser ele e não um imbecil qualquer. Conta-me Carlos Heitor Cony um episódio magistral. Vamos ao fato.

Os dois encontraram-se em Brasília. Conversa daqui, dali e, de repente, Guimarães Rosa faz pose. (Na vida real, Guimarães Rosa posava muito de Guimarães Rosa.) A seu lado Cony perfila-se como se fosse ouvir o Hino Nacional. *Suspense*. E, então, erguendo a fronte e olhando para o fundo da tarde, disse o grande ficcionista: — “A vida de Getúlio não fazia prever aquele fim”. Retira o olhar do vago horizonte e perscruta na cara de Cony o efeito provocado.

Como única testemunha auditiva e ocular da tirada, Cony não sabia o que dizer e o que pensar. Não há ninguém, vivo ou morto, que não faça suas concessões ao Conselheiro Acácio. Impossível nascer, envelhecer ou morrer sem ser acaciano muitas e muitas vezes. Mas um Sartre é acaciano com a maior e a mais insolente desfaçatez. Aqui no Brasil o gênio francês deu uma entrevista coletiva. Em dado momento, saiu-se com esta: — “O marxismo é inultrapassável”.

Mas Sartre falava assim porque nos supunha, a todos, cristalinos imbecis. Já o Guimarães Rosa acreditava na própria frase e insisto: — ele a trabalhara. Numa amarga perplexidade, Cony limitou-se a um pigarro: —

“É mesmo, é mesmo”. E passaram a outro assunto. Mas ali estava o brasileiro. O brasileiro inteligente tem vergonha de dizer um modesto, um honrado “oba”. Sim, ele se considera degradado se largar um “bom-dia” sem lhe pingar gênio.

Depois da morte do autor do *Grande sertão*, o Cony fez uma devassa na obra rosiana para descobrir o que nela há de acaciano. Mas é um equívoco. Cony não quer aceitar que o gênio está muito mais próximo do Conselheiro Acácio do que o idiota ou o medíocre. Falei de Sartre e posso lembrar outro gênio, Bertrand Russell. Num dos seus manifestos pacifistas diz ele, por outras palavras, o seguinte: — “Vive-se no comunismo, no capitalismo, como se viveu no nazismo. Portanto, não vale a pena morrer por coisa alguma. Devemos viver, que é muito mais seguro”.

Dirá alguém que não foi isso que ele quis dizer. Foi, sim. Está lá no hediondo manifesto, publicado em todos os idiomas. Ora, o que diz Bertrand Russell é de uma torpeza cristalina. Por outro lado, o que ele propõe não tem nada a ver com o ser humano. O mais degradado dos seres prefere morrer por três ou quatro valores de sua estima. Um *gangster* morre defendendo o seu estilo de vida.

Mas dizia eu que um simples caso de inteligência, numa família brasileira, pode destruí-la. Conheci uma menina que, por azar, era filha de um pai inteligente ou supostamente inteligente. Tias, cunhadas, vizinhos, cochichavam: — “É uma cabeça! Uma cabeça!”. O velho fazia uns sonetos parnasianos. Li um deles, que a filha me mostrou, tremendo de beleza. Guardei dos versos uma palavra que ainda me atropela: — *arrebol*. Pois a garota não casou nunca. Viveu para o pai. Morreu antes dele, tuberculosa. Pode-se dizer que foi assassinada por uma meia dúzia de sonetos jamais publicados.

Volto agora a Guimarães Rosa. Leio nos jornais que suas filhas estariam brigando. E com quem? Com a senhora que viveu trinta anos com o grande ficcionista. Escapa-me um comentário de vizinho: — “Trinta anos não são trinta dias”. Não se trata de uma rixa intranscendente. Não. Segundo sei, a coisa assume a forma judicial. Há advogados, de um lado e do outro, chicanando em torno de uma obra formidável. Para sair uma linha de Guimarães Rosa é uma batalha forense.

Estive, há tempos, com uma das filhas do escritor, Vilma. Foi uma

conversa carinhosíssima. Mas Vilma negou, com a maior veemência, que existisse a briga. Absolutamente, e pelo contrário. Mas agora insistem os jornais: — a obra rosiana estaria praticamente interditada, enquanto não se decide a questão. E, então, eu pergunto se uma família brasileira pode devorar-se porque um dos seus membros é ou foi inteligente. Mas, como não tenho medo do Conselheiro Acácio, repito, para as filhas do grande autor, esta reflexão de vizinho: — “Trinta anos não são trinta dias”.

[17/2/1968]

NINGUÉM PODE SABER QUE VOCÊ AMA

Durante um mês, andou de amigo em amigo, perguntando: — “O que é que eu vou fazer?”. Ninguém entendia: — “Fazer como? Sei lá”. Como era um medíocre ou, segundo os mais taxativos, “uma besta”, ninguém estava interessado nos seus atos passados, presentes ou futuros. Até que chegou a minha vez. Entramos num bar, ou boteco, e ele me atropela: — “Dá um palpite. O que eu vou fazer? Diz lá. O que é que eu estou tramando?”.

O garçom, um espanhol, apareceu. Ele pediu uma cerveja “geladíssima” e eu nem me lembro. A primeira idéia que me ocorreu foi esta: — “Casamento?”. Parece que a hipótese matrimonial o surpreendeu. Quis saber: — “Interessante. Por que é que você falou em casamento?”. Disse: “Nada, rapaz. Falei por falar. Você estava noivo, ora essa!”.

E, então, sem nenhuma inflexão especial, em tom estritamente informativo, deu à queima-roupa a notícia: — “Minha noiva morreu”. Encarei-o com um interesse maior. Para mim, a morta tem mais densidade do que o morto. Lembro-me de uma mocinha que morreu em Aldeia Campista. Fui ao velório. Teria uns dezessete anos, se tanto. Se fosse um rapaz, sua morte teria menos espanto e menos mistério.

Perguntei: — “Morreu de quê?”. Respondeu: — “De amor”. Fez uma pausa. Bebeu cerveja com uma sede brutal. Pôs o copo na mesa; enxugou a boca com as costas da mão. Perguntou: — “Que idéia você faz do casamento? Falo do casamento de amor. Os outros não interessam”. Segundo ele, o casamento de amor devia ter o sigilo do adultério. Nada de proclamas. Ninguém devia saber, jamais.

Com ardente seriedade, repetia: — “Falo do casamento de amor”. Não sendo de amor, podia ter uma assistência de Fla-Flu. O homem e a mulher deviam casar-se num terreno baldio, à meia-noite, à luz de isqueiros ou de vela. O padre falaria baixinho para que nem os sapos, nem os gafanhotos

percebessem. E, depois, os noivos iriam enterrar o amor num túmulo. Ninguém saberia, jamais. Então teriam uma felicidade jamais concebida.

Na minha perplexidade, resmunguei: — “Ora, ora”. E fiz a objeção: — “Também não é assim, que diabo!”. Ele não parou mais. Disse que a noiva morrera porque amava e era amada. Ninguém suporta o amor alheio. O mundo nunca foi a casa do amor. Os que amam devem ser destruídos. Disse: — “Minha noiva foi destruída. Eu fui destruído”. Parentes, amigos, vizinhos, de ambos os lados, se juntaram para assassiná-los.

O rapaz falava, falava, e realmente não apresentava um fato, uma doença, um gesto, uma palavra, nada de preciso, de concreto. E, como tudo era muito vago, fiz o comentário interior: — “Mania de perseguição”. Realmente, falava como um alucinado. E, súbito, cara a cara comigo, voltou à pergunta inicial: — “E agora, na tua opinião, o que é que eu vou fazer?”. Respondi: — “Não sei. Não sou adivinho. Sei lá”. Riu, na vaidade do mistério: — “Ninguém sabe”,

Bebera seis garrafas de cerveja e pagou a despesa. “Faço questão”, disse. Saímos. Na calçada, crispou a mão no meu braço: — “Se você amar, não deixe que ninguém saiba. Ninguém pode saber. ‘Eles’ te destroem”. Pausa e apertava minha mão: — “‘Eles’ me destruíram”. Deixei-o partir. Mas aquilo não me saía da cabeça. Dizia “eles” como se falasse dos assassinos do amor. Dois dias depois, ou três, sei lá, batem o telefone para mim: — “Sabes quem morreu? O Fulano! Suicidou-se, imagine”. No meu espanto, dizia: — “Esteve comigo anteontem. Como foi o negócio?”. O outro contou-me tudo e suspirou: — “Chato, mas não era mau sujeito”.

Não importa a forma do suicídio. O que importa é a morte. E, subitamente, comecei a achar que “eles” existiam, fisicamente. “Eles” não eram um delírio. “Eles” assumiam a cara de um vizinho, ou de uma tia, ou de um pai, ou de um amigo, ou de uma prima entrevada. Os impotentes do sentimento precisam matar o amor.

Mais tarde conheci outro amor. Era um professor, muito mais velho, e uma aluna quase adolescente. Foi um romance de uma beleza absurda. Para o meu gosto suburbano (sou um suburbano irreversível) a coisa tinha um tom de *Sinfonia inacabada*. Logo vizinhos, parentes se juntaram contra os dois. Ah, o ódio que esse mísero amor deflagrou numa rua, num bairro, numa cidade. Era amor e precisava ser destruído.

Conversei muitas vezes com o professor. Se bem me lembro, tinha um certo estrabismo. Ah, saiu até artigo de fundo contra o maravilhoso idílio. Certa vez, vi o professor ferido de espanto e de medo. (E seu olho estrábico era de um apelo insuportável.) E a coisa que mais me impressionou é que o homem também dizia, como o suicida: — “Eles”. Essa era, decerto, uma imagem impessoal da comunidade. “Eles” não tinham cara, nem nome e só tinham ódio.

Nunca vi ninguém mais frágil, ninguém mais indefeso do que o velho professor. No nosso último encontro, disse-me: — “Nelson, estamos condenados. É inútil lutar. Escreva o que lhe vou dizer: — é um assassinato! *Eles* são os nossos assassinos!”. Daí a duas semanas, o professor e a mocinha fizeram um pacto de morte. Quanta gente exultou. Alguém disse, quando soube: — “Eu venci, eu venci!”.

Evidentemente, não era um concurso hípico. Mas, se existiam vencedores, foram os dois namorados contra a comunidade homicida. Morreram em pleno amor e por que desejar mais da vida? Ao passo que os outros andam por aí ardendo na própria aridez infinita. Aconteceu esta coisa linda: — quando passava no cemitério o caixão do professor, uma velhinha aplaudiu. Foi esta, se não me engano, a primeira vez em que se bateu palmas para um enterro.

Tinha razão o suicida: — o mundo não é a casa do amor. Conheci um grande médico que, em plena maturidade, descobriu o amor. Amou e se deixou amar. E teve, então, a sua total felicidade terrena. Mas seu amor precisava ser odiado. Um dia, sofreu um enfarte fulminante. Diria que morreu porque amava, era amado e estava junto do ser amado. Objetará alguém: — “Foi o enfarte!”. Mas justamente os impotentes do sentimento vingam-se assim ou melhor: — a sua vingança pode assumir a forma do enfarte. Mas como deve ser invejado o homem que morre amando! E como deve ser invejada a mulher que foi amada até as duas últimas lágrimas de paixão e de vida! Essa foi a história de Ilydio e Betty Sauer.

[19/2/1968]

OS QUE ESQUECEM ANTES DE AMAR

Ontem ensaiei um paralelo entre o atual e os velhos carnavais. A dessemelhança chega a ser escandalosa. É como se fossem dois povos, duas cidades, dois idiomas, nada parecidos entre si. O carnavalesco de 1920 ia de paroxismo em paroxismo. Ninguém dormia, ninguém comia. Era uma resistência física absurda. O sujeito começava no sábado e varava o domingo, a segunda e a terça. Só apagava na quarta.

Era uma danação unânime de quatro dias. Escrevi que o mistério desse formidável dinamismo era o pudor. Hoje, a própria palavra está morta. As Novas Gerações não conhecem o “pudor físico”. Ainda ontem, passei pela avenida Atlântica; fiz o itinerário obrigatório do Forte ao Leme. Vi, várias vezes, esta cena: — uma menina linda, de biquíni, comprando um refrigerante na barraquinha. O crioulo destampava a garrafinha.

Estava, ali, por certo, um dos brotos mais lindos da Terra. Mas aquela nudez, dentro da luz, não interessava a ninguém. A garota vinha do mar; as gotas se estilhaçavam nas suas costas, no ventre perfeito. E ela, na graça inconsciente do seu gesto, bebia pelo gargalo. O crioulo do grapete não lhe fazia a concessão de um olhar. Nenhuma curiosidade. Olhava para outro lado e era cego, surdo e mudo para a nudez adolescente, tão próxima, tangível.

Eis o que eu queria dizer: — as duas coisas seriam impossíveis no velho carnaval. Nem a nudez da menina, nem o tédio do homem. Lembrei o biquíni porque nunca a mulher se despiu tanto para os quatro dias. Nos bailes, nas esquinas, nas calçadas, nos jardins, há uma nudez indiscriminada e obsessiva. E vem um cruel tédio visual de tantos nus absurdos.

Vou dizer o óbvio, mas paciência. Antigamente, o carnaval era “a mulher” e só ela existia. Por trás da máscara, dentro da fantasia, sem deixar de fora uma nesga de carne — não precisava ser feia, simpática, bonita ou

jovem. Ou por outra: — todas eram lindas. João do Rio fez, certa vez, um conto de carnaval. Era uma mascarada que o herói deseja com obstinação e loucura. E, depois de um *suspense* sabiamente elaborado, o leitor descobre tudo: — a mascarada era leprosa, nem mais, nem menos.

Mas isso era então viável. Hoje a mulher não pode esconder uma brotoeja, nada. O conto de João do Rio chamava-se “Bebê de tarlatana”. Eis o que pergunto: — quantas “bebês de tarlatana” faziam do carnaval um momento de plena e desesperada voluptuosidade? Bem me lembro de uma menina muito falada em Aldeia Campista.

Tinha sido bonitinha ou, pelo menos, jeitosa de corpo e de rosto. Mas ficou “fraca do pulmão”, como se dizia. Os jornais davam à tuberculose o nome alvo, nupcial de “peste branca”. No fim de três ou quatro meses de doença, era um pobre ser, leve, incorpóreo; estava tão frágil que desfalecia com um perfume mais intenso ou com uma emoção mais forte. Já os vizinhos a chamavam de “caveirinha”. E chegou o carnaval de 1920.

Quando disse que queria “brincar”, houve um pânico na família. Foi um tal de “Deus me livre”, “Não pode” etc. etc. Mas cravou no peito dos outros um argumento imbatível: — “É o meu último carnaval!”. E todos sabiam, na família, na rua, no bairro, que seria mesmo o seu último carnaval. Foi assim um suicídio consentido. O próprio médico não se opôs, dizendo que a pequena estava tecnicamente morta. E, na manhã de domingo, lá saiu a mocinha, de meia máscara.

Não me lembro do resto da fantasia. Só sei que era do mais hermético pudor. (Mais tarde, o caso foi contado no jornal de modinhas.) Havia, porém, um problema: — ela não teria forças nem para chegar à primeira esquina. E, no entanto, saiu, tomou um bonde, desapareceu. Depois se recriou, com as revelações de uma inconfidente, toda a sua história. Ela não queria pular em bonde, entrar em bloco, dançar na avenida. Não. Queria apenas ser beijada. Beijada.

Assim está explicado por que, depois da morte, acabou no jornal de modinhas. Era a mulher que nunca fora beijada e daria a própria vida pela sensação do primeiro beijo. “Alguém vai me beijar”, dissera à inconfidente. Hoje, o beijo quase não existe. Outro dia, num salão, dizia uma bela senhora: — “Não gosto de beijo. Não acho graça em beijo”. Todavia, no tempo do cinema mudo e do pudor físico, os usos amorosos eram outros. O beijo tinha

que ser o ponto final de qualquer filme. E não é nada extraordinário que, naquele tempo, uma mulher quisesse ser beijada antes de morrer.

A “caveirinha” saiu no domingo e sumiu. Na terça-feira, um rapaz de Aldeia Campista passa na avenida e vê, numa esquina qualquer, um ajuntamento. Vai espiar pensando num atropelamento. Não era atropelamento, era a “caveirinha”. Estava lá, estendida, rente ao meio-fio, com uma vela, ao lado. E sangue, tanto sangue.

De vez em quando, ainda hoje começo a tecer minhas fantasias. Imagino que a “caveirinha” encontrou alguém, sim. Usava meia máscara, com uma franja de renda, que cobria o queixo. Vejo-a erguer a franja e oferecer a boca. Se até a “bebê de tarlatana” fora beijada. Depois do beijo, jorrou a hemoptise final. Segundo uns mascarados, já estava morta e continuavam as golfadas de vida. O corpo passou no necrotério e, mais tarde, foi para casa. Teve caixão branco, vestido branco, tudo de virgem.

Pode-se dizer que um beijo a matou, no tempo em que os beijos ainda matavam. Mas eis o que importa notar: — antes dos nus, a mulher em chagas punha fantasia e máscara nas feridas e era amada por toda uma cidade. Por onde quer que passasse sentiria o desejo anônimo e geral.

Sábado, começará um novo carnaval. Mas sabemos que, nos bailes e nas ruas, a mulher será uma figura secundária para o homem. Do mesmo modo, o homem será secundário para a mulher. Ontem, um médico me confessava o seu espanto. Os nossos jovens, de ambos os sexos, esquecem antes de amar e sentem o tédio antes do desejo.

[21/2/1968]

SÓ OS IDIOTAS RESPEITAM SHAKESPEARE

Quando vi o Cláudio Mello e Souza pela primeira vez, fui levado a um paralelo irresistível. Sim, eu o comparei ao jovem da minha infância. E que abismo entre as duas gerações. O Cláudio era um havaiano de filme, um falso moreno de sol, de praia. E o rapaz de 1920?

Em primeiro lugar, cabe a seguinte observação: — o Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos. Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade. Lembro-me de casos como os de Rui Barbosa e Paulo de Frontin, dois septuagenários natos. Do último, dizia-se que nascera, como o personagem de Gogol, já de sapatos e já de guarda-chuva. Sim, o Brasil era um lúgubre ermo de rapazes.

De vez em quando, porém, aparecia um ou outro. Cabe então a pergunta: — e qual a dessemelhança entre os dois brasileiros, ou seja, entre o presente Cláudio Mello e Souza e o antigo rapaz da minha infância? Diria eu que tal dessemelhança estava, antes de mais nada, na pele.

As Novas Gerações não imaginam o que era, em 1919, 20, a pele do brasileiro. Hoje, desapareceram as espinhas. Há uns vinte anos que não vejo, na cara de ninguém, uma única e escassa espinha. Todo mundo tem uma pele salubérrima. Tanto é assim que, anos atrás, houve uma pequena e afetuosa alteração entre mim e Bibi Ferreira. Ela estava dirigindo, para o Municipal, a minha peça *Senhora dos afogados*. Gostava do texto e posso mesmo dizer que adorava o texto. Fazia-lhe, porém, uma restrição única, mas irreduzível. É que, no 3º ato, ouvia-se a palavra “eczema”.

Senhora dos afogados é uma tragédia varrida de suicidas, adúlteras, insanos e incestuosos. A única coisa que agrediu a grande atriz foi justamente a palavra “eczema” e o que ela representa de horror visual e auditivo. Bibi não queria dirigir eczemas. Fiz-lhe a vontade e suprimi a palavra. Mas no meu tempo, o brasileiro ostentava seus eczemas com a mais cínica naturalidade.

Toda a minha infância transcorreu na época das espinhas. E por que

elas floriam em todas as caras, em todas as costas e até nos cotovelos? Uma moça da vizinhança andou mostrando, e não sem vaidade, uma espinha que irrompeu justamente no cotovelo. Ora, um Cláudio Mello e Souza com espinhas não seria admissível. Mas insisto na pergunta: — e por quê?

Vejamos. Há certos insultos que marcam uma geração. No meu tempo, quando um brasileiro queria ofender outro brasileiro xingava-o de “sifilítico”. E o patricio assim chamado rangia os dentes de humilhação. Mas o que tornava o ultraje válido era, precisamente, a massa de espinhas. E imaginem caras com a cor da orquídea e da gangrena.

E assim o jovem vagava pelas esquinas, como um ser triste, feio e sifilítico. Em suma: — o brasileiro era o anti-Cláudio. Fiz toda esta introdução para chegar a um sarau de grã-finos, ao qual compareceu o nosso havaiano de filme. Mas acontece que o Cláudio não quer ser apenas uma festa visual para terceiros. Ele é bonito e, além de bonito, inteligente. Foi crítico de cinema, de arte, poeta etc.

Seria melhor que o brasileiro bonito, por uma exigência do seu equilíbrio, fosse burro. Eis a composição perfeita: — bonito e burro. Mas, por azar, o Cláudio nasceu inteligentíssimo. No referido sarau, as damas cochichavam: — “Rapaz de talento!”. E, durante uma meia hora, o meu amigo foi, ali, uma espécie de solista. Só ele falava, só ele pensava, só ele brilhava. E, para delícia das senhoras, dizia tudo em forma de paradoxo. Esse êxito físico e espiritual chegava a ser humilhante. Até que um dos ouvintes, o Hélio Pellegrino, não se conteve. Virou-se para o Cláudio e fez-lhe o apelo: — “Seja burro, Cláudio, seja burro!”.

Deu-se o milagre. O crítico, o poeta, o libertário, caiu em si. Deixou o tom de Andrea Chénier no improviso. Coincidiu que, em seguida, uma dama fizesse a pergunta melíflua: — “E o que é que o senhor me diz do Proust?”. O Cláudio respondeu-lhe, com sublime descaro: — “Sossega, leoa”. (Já contei a mesmíssima história umas quinze vezes.) Ato contínuo, foi beber com o Hélio Pellegrino, às gargalhadas.

O que há de sábio no episódio acima é a exortação dramática à burrice. Nada mais atual, e repito: — o apelo do Hélio me parece de uma atualidade espetacular. Vejam o teatro brasileiro. Temos aí uma geração teatral inteligentíssima. E, sobretudo, os diretores. Do ator para o autor, do autor para o diretor, há graus diferentes de vaidade intelectual. Se fizéssemos um concurso hípico entre os três, o diretor ganharia por oito

corpos de vantagem, no mínimo.

Outro dia, conversei com um dos nossos diretores. Ouvindo-o, eis o que dizia eu, de mim para mim: — “Como é inteligente! Como abusa do direito de ser inteligente!”. Pouco falei. Na verdade, o nosso diálogo foi o seu monólogo. E em tudo o que ele dizia estava o peso da infalibilidade. Claro que os atores, as atrizes e os autores são outras tantas vaidades suicidas e homicidas. Mas ninguém se compara ao diretor.

Falei ontem do *copydesk*. Escrevi que ele, na sua imodéstia, é capaz de reescrever qualquer Proust e qualquer Dante. Façam a seguinte experiência: — ponham um Dante na mesa do *copydesk* e não ficará de pé uma vírgula da *Divina comédia*. Do mesmo modo, o nosso diretor atual não concede a menor indulgência aos autores passados, presentes e futuros.

O leitor, que não conhece as sutilezas da vida teatral, há de querer saber como se exerce tamanha imodéstia. Explico: — reescrevendo os textos dramáticos. Nem se pense que os dramaturgos profanados sejam do nível do Zezinho dos Anzóis Carapuça. Em absoluto. O diretor está sempre disposto a cortar, o que seria o de menos. O patético é que reescreve, sim, reescreve. Seja Shakespeare, Sófocles ou Ibsen. O sujeito vai ver o Sófocles, e não é o Sófocles; vai ver Shakespeare, e não é Shakespeare: e tampouco o Ibsen é o Ibsen. Ninguém é ninguém, ou por outra: — é o diretor que anda por aí atropelando os textos eternos.

Degrada-se um Sófocles com os mais deslavados cacos. A platéia nunca sabe se está admirando um Ibsen ou um reles enxerto. Muitos poderão pensar que essa falta de respeito pelo autor, vivo ou morto, é uma feia e vil desonestidade. Não. Não é desonestidade e pelo contrário: — é inteligência. Os nossos diretores são inteligentíssimos. E fazem o bestial *copydesk* como se Sófocles fosse um repórter analfabeto de atropelamento. Eis o que eu quero dizer: — para salvar o teatro brasileiro, é preciso que o Hélio Pellegrino vá de diretor em diretor, repetindo a exortação patética: — “Seja burro, rapaz, seja burro!”.

[23/2/1968]

ROBINSON CRUSOÉ SEM RADINHO DE PILHA

Terça-feira passada, lá vou eu para a noite de autógrafos de Roberto Campos. Era na Oca. E fazia o célebre mau tempo do 5º ato do *Rigoletto*. A cidade estava cheia de relâmpagos de curto-circuito e de trovões de orquestra. E, assim, nesse *décor* de *La donna è mobile*, cheguei na praça General Osório. Comigo ia o “Marinheiro Sueco” (sempre este homem fatal).

Ora, o Roberto Campos não é mais o Poder, e vamos e venhamos: — não há ninguém mais vago, mais irrelevante, mais contínuo do que o ex-ministro. Se me perguntassem qual é o perfeito pobre-diabo, daria eu a seguinte resposta fulminante: — “É o ex-ministro”. De mais a mais, era uma noite de autógrafos com chuva, goteiras e marrecos. Cochichei para o “Marinheiro Sueco”: — “Não vai ninguém”.

Chego e eis o que vejo: — uma fila de Metro, uma fila de Casas da Banha. Todo o Rio de Janeiro estava ali. Vi grã-finas, vi ministros, diplomatas, escritores, arquitetos, cineastas, o diabo. E, súbito, passa por mim o governador Negrão de Lima. Há o sorriso recíproco e ele baixa a voz: — “Você deixou em paz o Alceu!”. Foi só. Todavia, para o bom entendedor uma insinuação basta.

O que senti, na malícia do governador, foi o seguinte: — o nosso Negrão de Lima sente falta do Alceu nos meus escritos. E não é ele um caso único. Vários leitores ligam e pedem, sem rebuços: — “Fala do Alceu, fala”. Quanto a mim, devo confessar: — não há escritor sem assunto e o Alceu é uma das minhas fixações.

(Direi mesmo que um assunto pode fazer um autor, pode ser o autor do autor.) Não nego o deleite com que escrevo sobre o notável pensador católico. Há dias em que me sinto mais árido do que três desertos. Não me ocorre um nome, ou uma figura, ou um fato. No tempo do Eça, havia a solução do Bei de Túnis. Havia em Túnis um Bei, obeso e sórdido, mais corrupto do que um Nero de Cecil B. de Mille. E o romancista resolvia a própria esterilidade — malhando o Bei.

Mal comparando, o nosso Alceu, aliás dr. Alceu, é, para mim, uma espécie de Bei sem a sordidez, a obesidade, a corrupção do autêntico. E, como vou escrever hoje sobre ele, imagino que um dos meus leitores obrigatórios e imensamente divertidos há de ser o governador Negrão de Lima. Cabe então a pergunta: — o que teria eu a acrescentar sobre o nosso Tristão de Athayde? Vejamos.

Li, tempos atrás, um artigo do mestre sobre os “crimes contra a inteligência”. Ótimo, ótimo. Diz o Otto Lara Resende que o único crime que merece fuzilamento é o erro de revisão. Diria eu que fuzilamento mereciam os assassinos de Pasternak, e os juizes russos que condenaram um poeta por ser poeta etc. etc.

Portanto, se o dr. Alceu estava contra os tais crimes, eu estaria a favor do dr. Alceu. Mas logo tive que recolher a minha solidariedade. É que, mais adiante, o sábio católico equipara, em matéria de liberdade, Espanha, Portugal, China, Rússia etc. etc. e os Estados Unidos. Li o artigo e o reli. E estavam lá os Estados Unidos entre os totalitários, como outro Estado também totalitário.

Não há, pois, liberdade nos Estados Unidos, dentro dos Estados Unidos. Quem o diz e, naturalmente, com sólidas razões, é o dr. Alceu. Vejam vocês: — *cem* mil sujeitos vão ao Pentágono protestar contra a guerra. Não lhes acontece nada, ninguém quebrou a cabeça, ninguém foi preso. Pode parecer que o dr. Alceu não lê jornal; ignora as manchetes e é um Robinson Crusoe sem radinho de pilha. Pelo contrário: — lê tudo e sabe tudo.

Há mais: — está em exibição uma peça, em Nova York, que acusa o presidente Johnson e sra. de assassinos de Kennedy. E ninguém lhe cortou uma vírgula. O texto e o espetáculo permanecem virginalmente intactos. Agora mesmo, recebo uma carta do meu filho Joffre, que está em Nova York. Ele me conta, estupefato, o seguinte: — passou lá nos cinemas, em circuito normal, e foi exibido na televisão, um filme das *atrocidades norte-americanas no Vietnã*.

Eu poderia passar dias aqui demonstrando, com fatos sólidos, que os Estados Unidos são o país mais livre do mundo. Mas o leitor, que é um simples e respeita figuras, nomes, reputações, há de perguntar: — “Mas, se há esta evidência, por que o dr. Alceu não a enxerga?”. Quem explica isso, num artigo magistral, é o ex-ministro Roberto Campos.

Diz Roberto Campos que um dos maiores pânicos das nossas esquerdas, inclusive a católica, é que os Estados Unidos possam ser riscados do mapa. Digamos que a Rússia faça, de surpresa, um ataque atômico. Em quinze minutos, não há mais Estados Unidos, não há mais norte-americanos, não há mais imperialismo *yankee*, não há mais nada.

Estou vendo a cena: — o dr. Alceu acorda, apanha o *Jornal do Brasil* e lá está (sem ponto de exclamação) em oito colunas o fim dos Estados Unidos. Vamos imaginar o sr. Tristão de Athayde e a esquerda católica num mundo sem os Estados Unidos. Ele e ela perderiam qualquer função, qualquer destino. Por outro lado, o Antonio's teria que fechar suas portas. Sem os Estados Unidos, as esquerdas lá não iriam babar seus pileques e modular seus palavrões.

Ah, não estou exagerando um milímetro. Há sujeitos, no Brasil, que não estão de quatro e urrando no bosque porque há os Estados Unidos. Xingar essa pobre nação é uma maneira de ser inteligente sem ler, sem escrever, sem pensar. Vejam os nossos suplementos dominicais. O sujeito lê, lê e pensa que todo mundo está escrevendo o mesmo artigo contra os mesmos Estados Unidos.

Certa vez, passo pela porta da PUC. Lá vejo, com suas olheiras artificiais de vilão de cinema mudo, um conhecido. Fazia a sua ronda de fauno. Paro um momento e ele explica: — “Xingar os Estados Unidos dá mulher!”. Diz isso e tem um riso encharcado e torpe de sátiro vadio. Realmente, que falta fariam os Estados Unidos ao gesto, à ênfase, à retórica e ao palavrão de tanto brasileiro ilustre.

Continuo a minha fantasia. A morte dos Estados Unidos seria também a morte de d. Hélder. Vejo-o errante, por entre mesas e cadeiras, sem o seu assunto, o seu ganha-pão. Eis o nosso arcebispo tendo que voltar a ser um vago funcionário do sobrenatural. Ora, nós sabemos que Deus, a vida eterna, o céu, deixaram de ser promocionais. Imagino d. Hélder apanhando um crucifixo, olhando aquilo e gemendo: — “Ora bolas”.

[24/2/1968]

INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR

Imaginem o seguinte: — uma massa de elefantes em disparada. O seu rumor povoa de medo a solidão. E, súbito, um deles desgarra dos outros. Está monstruosamente só. E, sempre só e cada vez mais só, tenta construir o seu destino individual. Vai destruindo tudo e assassinando tudo. E só pára quando morre. No fim, não é mais o homicida, mas o suicida.

Também sozinho constrói a sua morte. Matou e agora se mata. Eis o que eu queria dizer: — não sabia que, assim como um elefante desgarra do seu povo, também há rios que se tornam possessos. Quem me disse isso foi o meu amigo Eucyro Pereira. Acaba de chegar do Amazonas, como integrante do Projeto Rondon. Ele, que é cirurgião-dentista, e mais seiscentos estudantes deram um pulo ao “Inferno Verde”.

As intenções nobilíssimas do Projeto Rondon podem ser assim resumidas: — “Integrar para não entregar”. Por aí se vê e por aí se sente o nosso brio nacional. O sujeito que ali do Antonio’s ou do Castelinho declama sobre o Amazonas é, na melhor das hipóteses, um cínico. Temos que ir lá fisicamente, temos que farejar, apalpar aquela imensa e florestal Sibéria.

Volto ao elefante que, tocado por uma tara irresistível, parte para a sua tremenda aventura solitária. O que me diz Eucyro Pereira, de volta daqueles mundos, é que uma fantástica loucura induz um certo rio a tomar um itinerário inesperado e absurdo. Que misteriosa tara fluvial é essa que desvia águas tranqüilas e as enfurece?

Em certas regiões, não são possíveis as paisagens fixas, imutáveis. De repente, a loucura de um rio pode mudar tudo. O nosso Eucyro conta que certa vez (passou lá, se bem me lembro, trinta e tantos dias) estava diante de um grande rio. Era um afluente do rio Negro. Nós, que só conhecemos os poentes do Leblon, nem podemos imaginar o que seja um poente explodindo naquelas solidões.

E conta o Eucyro que, muitas vezes, teve uma sensação paradisíaca. (Vamos entender por paraíso uma paisagem virginal-mente analfabeta, sem jornal, sem manchete, sem radinho de pilha. Se, naqueles dias, ocorresse o duplo suicídio atômico dos Estados Unidos e da Rússia, Eucyro e os outros expedicionários não iam perceber nada.) O meu amigo via, lá adiante, no meio do rio, uma ilha maravilhosa. Era doce, muito doce. E, na margem, o Eucyro ficava ouvindo o silêncio da ilha.

Até que um dia ele acorda e olha. Não via nada. Põe a boca no mundo: — “Cadê a ilha? Cadê a ilha?”. Outros vieram e ninguém viu a ilha. E, além disso, também a paisagem mudara, também a paisagem era outra, outros os rumores, outros os silêncios. Era o rio. Como um elefante tarado, o rio destruíra a ilha, ou a enxotara. Ela estaria submersa ou fora levada para outras paisagens.

Eis o nosso Eucyro num mundo que parecia ser recriado de quinze em quinze minutos. O sujeito fazia a sua acomodação visual para uma paisagem. Do dia para a noite, a paisagem podia ser outra, exigindo todo um novo reajustamento óptico. Era de alucinar.

Mas vejamos. O nosso Eucyro era uma visita no chamado “Inferno Verde”. E como se comportam os que lá habitam? Sim, os que nascem, vivem e morrem junto aos rios que lambem e devoram as ilhas? Perguntei ao meu amigo: — “E os índios? E os índios?”.

Preliminarmente, o meu amigo informa que o Serviço de Proteção aos índios é uma lúgubre piada. Eucyro andou fazendo suas observações sobre a tribo Arapago, que vive no alto rio Uaupés, afluente do rio Negro. Ora, nós que passamos as noites no Antonio’s, tomando cerveja em lata — não podemos imaginar o que seja a miséria dos índios. Vamos fazer um paralelo entre eles e os nossos favelados.

O favelado carioca é um Walther Moreira Salles diante dos arapagos. Estes comem farinha com água. Perguntará alguém: — “E a pesca?”. Está aqui o Eucyro, a meu lado, informando: — “Nem todos pescam”. Há os que morrem de fome e não pescam. Alguns índios são alfabetizados. Estes formam uma pequena elite, com maiores possibilidades vitais. Mas a primeira providência do índio alfabetizado é passar para a Bolívia, não voltando nunca mais, nem a tiro. O índio que aprende a ler torna-se cínico como o branco e vira contrabandista como os brancos.

Mas, o que fazer dos 4500 índios que o meu lírico Eucyro Pereira viu nas margens do rio Uaupés? Se lá ficarem, estarão condenados ao puro e simples extermínio. Mas, pergunto: — podemos abandonar os nossos irmãos índios? Aqui começa a nossa humilhação nacional: — não vamos fazer nada, rigorosamente nada. Eles estão entregues à sua negra sorte. Aquele que se alfabetizar passará para o outro lado e se tornará boliviano, um cínico boliviano. E os outros vão apodrecendo em vida.

Todavia, há pior, repito, há pior. Não vamos fazer nada pelos índios, nem pelo próprio Amazonas. Deus me livre de subestimar a utopia que inspirou o Projeto Rondon. O homem precisa de utopias e direi mesmo: — são umas quatro ou cinco utopias que ainda nos salvam. Mas não vejo como esse formidável empreendimento possa ser bem-sucedido. Senão, vejamos.

Os rapazes do maravilhoso Projeto Rondon voltaram com a sensação de que o Amazonas tem em seu ventre não um mundo só, mas vários mundos. São várias sibérias florestais, fluviais, pedindo pelo amor de Deus: — “Me ocupem, me ocupem!”. Aquilo é nosso. Eu falei em sibérias e já uso outra imagem: — é o maior terreno baldio da Terra. Dirá alguém que não temos dinheiro. Afirmo Eucyro: — “Nem todo o ouro dos Estados Unidos!”. Mas vamos esquecer o dinheiro. Faz de conta que há o dinheiro.

Não seria o bastante para povoar, asfaltar, edificar tantos desertos formidáveis. Eis o que eu queria dizer: — faltaria sempre, como excitante infalível, o ódio aos Estados Unidos. Presentemente, nada se faz no Brasil sem o santo ódio aos norte-americanos. É o afrodisíaco que potencializa o jovem, o velho e os grã-finos. Sem esse bonito ódio, não há gesto, não há ênfase, não há patético, não há palavrão, e nem há d. Helder. Seria insuportável uma paisagem brasileira sem o d. Helder, de mãos postas, contra os Estados Unidos.

E, por azar, ninguém pode dizer que o imperialismo *yankee* é o autor do deserto amazônico. Os Estados Unidos não têm nada com o peixe. Não foram eles que inventaram os rios malucos, as ilhas suicidas, as solidões florestais. Por que d. Helder não se mete no Amazonas? Certa vez, um colega meu descobriu na mata um seringueiro que não ouvia a voz humana há um ano. O sujeito não ouvia nem a própria voz, porque desaprendera a falar. E quando escutou a voz do meu colega caiu num deslumbramento convulsivo. Soluçava como um louco. Por que d. Helder não vai rezar três

aves-marias e seis padres-nossos para os seringueiros cegos, surdos e mudos? Ah, porque sem o ódio ao americano nenhuma miséria é promocional, e não rende primeira página, nem manchete, nem entrevista, nem televisão.

[25/2/1968]

A VIUVEZ DE SARONG

Disse não sei quem que o desejo é triste. Triste de acordo, se for verdadeiro. Porque o falso desejo, o desejo apenas representado, é alegríssimo e salubérrimo. Eis o que eu queria dizer: — o carnaval que passou foi um espetáculo inédito na Terra. O turista que aqui veio teve uma sensação de erotismo unânime e colossal.

Os gregos antigos achavam que o estrangeiro é divino. E divino porque não traz nome, nem passado, nem história, nem lenda. Tudo o que diz, ou faz, tem um toque de mistério e de sagrado. Assim pensavam os gregos. Mas eu diria que o turista de carnaval não é divino, mas obtuso. Passou aqui os quatro dias e viu tudo errado.

“Errado, como?” — perguntará o leitor. Explico: — viu um erotismo que absolutamente não houve. Nunca se desejou tão pouco e repito: — nunca a mulher foi tão secundária para o homem, nunca o homem foi tão secundário para a mulher. Alguém poderá argumentar com os nus da televisão. E, de fato, o que se viu foi uma nudez indiscriminada, sim, uma nudez multiplicada, obsessiva e feroz.

Usou-se um *sarong* que realmente só era *sarong* na cor. Em verdade, em verdade, o *sarong* era uma nesga de pano, vaga folha de parreira, sei lá. A TV é que olhava tudo com a pupila violenta dos faunos. Lembro-me de um ventre de baile. Durante horas o câmara parou nessa obsessão abdominal. E o espectador só via aquele umbigo, sempre o mesmo. Minto. Via também a cicatriz de uma apendicite recente. Nada de caras, ou de gestos. Só o umbigo e só a cicatriz.

Na praia ou, pior, num campo de nudismo, há uma distância, uma distância que permite um mínimo de idealização da nudez. O olho não está tão próximo que possa descobrir uma pequena cicatriz. Ao passo que a TV elimina qualquer distância. Sua lente aproxima e amplia o umbigo e a

cicatriz. Em todos os bailes, a função da imagem foi essa berrante ampliação.

No vídeo, o cavo umbigo era um súbito e feio abismo. E a penugem leve, que o olho humano não percebe, que o próprio tato não sente, vira uma flora liliputiana, mas visível. Os poros estão lá. Em casa, o telespectador vê, de repente, aquele umbigo invadir sua intimidade. Não são milhares, e eu quase dizia, milhões de umbigos. É um único, sempre e fatalmente o mesmo. E a mesma cicatriz da mesma apendicite.

Mas por que essa fixação cruel e cínica? Ao mesmo tempo em que nos era imposta a paisagem abdominal, vinha o locutor e falava em “festa sadia”. Sadia, como? Sadia, o quê? E todas as estações, todas, insistiam em chamar tudo de “sadio”. Uma cidade inteira se despia para milhões de telespectadores. Isso era profundamente “sadio”. Uma câmara fixava um único e exclusivo umbigo. Muito saudável. E a cicatriz enfiada na cara do telespectador? Saudabilíssima.

O pobre turista, com a sua obtusidade de turista, via em cada rapaz um fauno de gaita e em cada mocinha uma ninfa de tapete. Mas dizia eu que o desejo não tem nada a ver com alegria e nada a ver com a multidão. O desejo é triste e exige o pudor, o segredo, o mistério, a exclusividade do casal (desculpem estar aqui proclamando o óbvio). Aí está dito tudo: — o casal.

Acabamos de ver uma festa coletiva, em que o casal não teve função, nem destino. E os pares que se beijavam para milhões de telespectadores eram falsos casais, fingindo um desejo, representando um amor. Conheço um rapaz que conheceu e amou uma pequena. Imediatamente, os dois construíram uma solidão desesperadora. Ninguém vê o rapaz, ninguém vê a pequena. Eles andam por não sei que catacumbas, não sei que terrenos baldios. Deus me livre que fossem os dois para o baile do Municipal, que é, justamente, o túmulo ululante do amor e, até, do simples e animal desejo. Sempre que um homem e uma mulher se gostam precisam estar prodigiosamente sós, como se fossem o primeiro, único e último casal da Terra.

Nunca houve um carnaval tão triste, porque nunca houve um carnaval tão nu. Dirá alguém que minha obsessão pela nudez é uma fixação infantil. Não sei se infantil, mas é uma fixação. Os jornais e os locutores vão falar em “alegria, alegria”. Realmente, não houve tal. Nada mais triste do que a nudez sem amor. Mas o nu é sempre belo, dirão alguns. Nem isso. É

feio, e repito: — sem amor, é feiíssimo.

Ontem, pela manhã, saio de casa perto do meio-dia. Embaixo, na porta, encontro um amigo. Já no cumprimento sinto a sua amargura. Seu lábio tem o ricto cruel de certas máscaras cesarianas. Diz o “bom-dia” e logo geme: — “Como é feio umbigo! Você não acha umbigo um negócio feio pra burro?”. Pedia, pelo amor de Deus, a minha solidariedade estética. Sim, quarta-feira a cidade acordou com o tédio cruel, uma ressaca insuportável de umbigos femininos. Estamos todos ressentidos contra eles.

E deprime ver a soma de esforços e de conivências que uma simples nudez exige. Uma garota faz, ou compra, um *sarong* equivalente à folha de parreira. Mas ela não faria isso sozinha. O uso de *sarong* seria impossível sem o apoio do pai, da mãe, dos irmãos, do marido, do namorado, dos vizinhos, das autoridades, da imprensa, rádio e televisão. Todos aceitam e estimulam porque todos, inclusive as autoridades, querem ser “pra frente”. Vi, no Municipal, a viúva de um aviador que se espatifou contra a montanha. Pôs ela um *sarong* na sua viuvez e foi sambar. Quero crer que o falecido também autorizou.

Vejam quantas instituições se juntaram para promover um simples umbigo. E, então, a mocinha vai para o Municipal. Será vista por dez mil pessoas no baile. Vamos somar as dez mil pessoas e mais os cinco milhões de telespectadores da cidade e Estados. Portanto, cinco milhões e dez mil vão ver o que devia ser exclusividade do bem-amado. E como a televisão amplia mais do que o olho do ser amado, este não verá o que os cinco milhões viram com a mais deslavada nitidez.

E perguntará o leitor: — “Quer dizer que somos todos cínicos?”. Exatamente: — cínicos. Não me venham falar em alegria. Na quarta-feira de Cinzas o brasileiro acordou com este sentimento inexorável: — como é feia, triste, humilhada, ofendida, a nudez sem amor.

[29/2/1968]

O ÓDIO AO FATO E À PALAVRA

Há coisa de um mês, ou dois, sei lá, reuniam-se uns rapazes de Belas Artes. No princípio do século, o brasileiro era o mais desacompanhado dos seres. (Não havia multidão, e repito: — a multidão foi inventada pelo Fla-Flu.) Vejam um retrato da avenida Rio Branco em 1910. E verificaremos o que acima foi dito: — o brasileiro andava fatalmente só.

E, quando três patrícios se juntavam, as instituições tremiam. Eis o que eu queria dizer: — os rapazes de Belas Artes que se reuniam, em 1968, não queriam derrubar nenhuma bastilha. Imaginavam uma singular cerimônia e escolheram a doce paisagem da Cinelândia. Ora, a Cinelândia, mal comparando, é a nossa praça São Marcos. E, portanto, os jovens de Belas Artes se reuniam, provavelmente, com o seguinte e franciscano propósito: — dar milho aos pombos.

E seria, realmente, uma cena linda: — estudantes de ambos os sexos, com um pombo em cada ombro! E desfilariam, irmanados, pombos e estudantes. O povo aplaudiria e pediria bis, como na ópera. Infelizmente eram outros, e mais ferozes, os desígnios dos rapazes. A cerimônia que eles premeditavam era uma queima de livros. Em suma: — tratavam de exumar uma antiga, obsoleta, mumificada solenidade nazista.

Eu disse “livros” e não precisavam ser obrigatoriamente livros. Os jovens queriam queimar poemas de amor e porque eram de amor. E, depois, sapateariam sobre as cinzas dos versos. Cabe então a pergunta: — o que é que se escondia por trás de um gesto tão limpidamente hitlerista? Eis a surpreendente resposta: — o ódio à palavra.

Os rapazes já odiavam o amor e já odiavam a poesia. Mas o grande ódio era mesmo à palavra. Disse eu, mais acima, que eles não pretendiam derrubar nenhuma bastilha. Engano. Tinham, sim, uma bastilha em mira. Essa bastilha era a palavra. Os peraltas vinham anunciar justamente a morte

da palavra.

Diga-se, em desfavor dos inconfidentes, que eles se arrependeram. À última hora deu-lhes uma salubérrima pusilanimidade. Em vez de queimar os versos e de entregar as cinzas aos abutres, rasgaram uma meia dúzia de páginas. Esperava-se que dissessem, de frente alta: — “Somos nazistas, sim! E vocês vão para os diabos que os carreguem!”. Teríamos todo o direito de admirar essa coragem suicida.

Em vez disso, mandaram uma circular para os jornais, na qual se diziam democratas. Essa covardia mimeografada bem merecia a nossa náusea. Bem. Eu não diria que a palavra morreu. Diria que devemos salvá-la, com toda urgência e sem perda de um minuto. Realmente, nunca a degradamos tanto.

Mas há pior e, repito, há pior. Falo de um editorial do *Jornal do Brasil*, assim intitulado: — IMAGEM FALSA. Os estudantes negam a palavra. E vem o *Jornal do Brasil* e nega também o fato. Senão, vejamos.

Escreve o velho órgão que a televisão projetou uma “imagem falsa” do carnaval. Como falsa e por que falsa? Durante os quatro dias, eis o que o vídeo nos mostrou: — uma massa inédita de nus. Escrevi que, na quarta-feira de Cinzas, todo mundo acordou com uma atroz ressaca de umbigos. Um vizinho meu acordou, alta madrugada, aos berros. A família pulou: acenderam as luzes. Simplesmente, ele tivera um pesadelo de umbigos.

Pergunto eu: — foram as câmaras e os microfones que inventaram a nudez unânime? Os umbigos eram apócrifos? Várias senhoras ou mocinhas tinham cicatrizes de apendicite. E, na paisagem abdominal, estava nítida a lembrança do bisturi. Insisto: — também a cicatriz foi uma fantasia das câmaras e microfones?

A televisão saía de um baile para outro baile. E era o mesmo nu multiplicado e obsessivo. O vídeo continuava mostrando, ora a nudez individual de uma ou outra figura, ora a nudez coletiva das panorâmicas. Que devia fazer a televisão? Apresentar cavalheiros de fraque, damas de espartilho ou escafandro?

De mais a mais, lá estava a imagem, com a sua veracidade insuportável. E o *Jornal do Brasil*, em vez de ficar furioso com os umbigos, as cicatrizes, os bustos, os quadris, aplica a sua ira na televisão. Como se vê, é uma fúria errada, que lembra aquele marido da anedota. Vocês devem

lembrar-se e, se não se lembram, vou contar.

Imaginem vocês que certo marido soube que tinha sido traído. E pior: — na sala. E, então, o santo homem virou-se, não contra a adúltera, não contra o amigo indigno, mas contra o divã. Havia lá um divã, que a vítima mandou retirar, incontinenti. Como a infiel insinuasse uma objeção, o marido impôs-lhe a opção fatal: — “Ou eu ou o divã!”. Tão inadequada é a revolta do *Jornal do Brasil* contra as câmaras e os microfones.

Também não concordo quando o gravíssimo órgão diz que as várias estações competiam entre si no “comentário chulo” às imagens vulgares. Ora, nenhum locutor ganha para ser um Flaubert, um Proust. Por outro lado, um pouquinho de modéstia assentaria bem ao editorialista do *Jornal do Brasil*: — ele também não é nenhum estilista.

Mas o que me assombra é o ódio ao fato. Os nus, os umbigos, os bustos, as cicatrizes, as brotoejas, são fatos sólidos, e mais: — exaustiva e monotonamente documentados, gravados, filmados, esfregados na cara do telespectador. Pois o *Jornal do Brasil* limpa o pigarro, emposta a voz, alça a fronte e diz, como o português da girafa: — “Isso não existe!”. Vejam vocês: — de um lado, os rapazes juram que a palavra morreu. De outro lado, o *Jornal do Brasil* trata o fato como se fosse outro defunto.

Mas o editorialista tem sutilezas imprevisíveis. Ao mesmo tempo que condena o nu ele o justifica e consagra. Diz mesmo: — “Ninguém há de esperar que, num instante em que nas praias do mundo inteiro os costumes de banho chegaram a uma expressão mínima”. Paro com a transcrição, que já está me dando câibras no pescoço. Mas o que quer dizer o editorialista é que as nossas carnavalescas têm todo o direito à exibição do umbigo, do busto, da cicatriz. Bem, se o próprio *Jornal do Brasil* concorda com a nudez promíscua, frenética e ululante, vamos cair nos braços um do outro, aos soluços. E vamos, como agora se diz, parabenizar a televisão, que se limitou a dar uma forma visual e auditiva à verdade inapelável e crudelíssima.

Mas onde o editorial atinge as culminâncias do próprio cinismo é quando usa uma voz cava de pai de ópera e fala nos “lares da cidade”. Eu sei que há lares deslumbrantes. Mas, de onde pensa o *Jornal do Brasil* que saíram os umbigos, as cicatrizes, os quadris, os nus? Eram extras das TVs, pagas a tanto por cabeça? Ou ainda: — seriam escravas brancas? Não, duzentas mil vezes não. Vamos reconhecer que oitenta por cento desses nus

saíam, precisamente, dos lares, sim, dos lares. E não saem dos lares o umbigo, o seio, a cicatriz do biquíni?

[2/3/1968]

UM CORÇÃO JAMAIS SUSPEITADO

Pode parecer uma verdade exagerada, violentada, mas eu diria o seguinte: — no Brasil, a glória está mais no insulto do que no elogio. Se não me entendem, paciência. Mas ouçam uma boa e honrada conversa de brasileiros com brasileiros. Reparem como nós cochichamos o ditirambo e berramos o ultraje. Por coincidência, só ultrajamos os melhores.

Eu diria ainda que a nossa reputação é a soma dos palavrões que inspiramos nas esquinas, salas e botecos. Bem me lembro do dia em que Roberto Campos deixou o Poder. Já escrevi que o verdadeiro contínuo é o ex-ministro. E queria me parecer que Roberto Campos ia ser, como tantos, um dos contínuos sem uniforme da República.

Todavia, há coisa de um mês, entro num sarau de grã-finos. Num grupo, discutia-se o ex-ministro. E um dos presentes, chamado a opinar, largou um palavrão que eletrizou as senhoras próximas. Foi uma cena atroz. O sujeito sapateava como em transe mediúnico. Do seu lábio pendia a baba elástica e bovina do homicida. Disse e repetiu: “Dava-lhe um tiro! Dava-lhe um tiro!”.

E, então, subitamente, percebi que Roberto Campos era um falso defunto político. Um simples palavrão deu-me a medida de sua vitalidade histórica. De mais a mais, o sujeito gostaria de matá-lo. Eis a verdade: — as fantasias homicidas perseguem os estadistas. Ninguém quer fuzilar os idiotas do Estado, os cretinos do Poder.

Outra figura brasileira consagrada pelos palavrões: — Gustavo Corção. Ninguém diria, de maneira sucinta e inapelável: “É uma besta!”. Bem que as esquerdas gostariam que o fosse. Mas os seus piores inimigos sabem, e não teriam o cinismo de negar, que Gustavo Corção é uma das inteligências mais sérias do Brasil. Certa vez aconteceu-me uma passagem extraordinária com o grande pensador católico.

Era domingo. Voltava eu, não sei se de um clássico ou de uma pelada. Na saída do Estádio Mário Filho, alguém me chama. Volto-me e dou de cara com um amigo, uma flor das esquerdas, um doce radical como o Antônio Callado ou como o Hélio Pellegrino. Eu e o amigo caminhamos no meio da torcida. Acontecera um empate e ninguém gritava. A multidão tinha algo de tristeza fluvial no seu lerdo escoamento. Então o meu companheiro falou: — “Estou besta! Com a minha cara no chão!”. Pensei que ele, Fluminense como eu, estivesse desiludido com o Tricolor (realmente, o meu clube não compra ninguém). Mas ele continuou: — “Nunca pensei que o Corção...”. Fez uma pausa e repetiu: — “Estou besta! Besta!”.

Entre parênteses, esse meu amigo tem, pelo Corção, um ódio comovente. Não lhe diz o nome sem lhe acrescentar... Acrescentar, não. Não lhe diz o nome sem lhe antecipar um palavrão. Chega ao nome pelo palavrão. E, súbito, falava do inimigo com uma empostação diferente e, mesmo, inédita. Perguntei-lhe: — “Mas estás besta por quê?”.

Esquecia-me de dizer que o meu amigo levava um radinho de pilha. Abriu uma pausa na conversa para ouvir os comentários do João Saldanha e as gravações dos gols. Só depois do Saldanha é que voltamos ao Corção. Rádio desligado, e o outro me perguntou, na sua impressão profunda: — “Leste o artigo que ele escreveu? Que escreveu sobre o filho? Ó rapaz! O artigo do Corção sobre o filho?”.

Não era um artigo do dia ou da véspera. Da sua publicação, transcorrerá toda uma semana. E, através dos sete longos dias, o artigo do Corção ficara badalando dentro do meu amigo como um sino inexorável. Membro da “festiva”, freguês do Antonio’s, havaiano de praia, relera o inimigo umas quinze vezes. E a cada leitura a sua perplexidade era cada vez mais amarga. Súbito, via um novo Corção, um Corção jamais suspeitado, um anti-Corção.

Vejam vocês: — o grande prosador escrevera uma página sobre o filho, Rogério. Foi um artigo de funda e dilacerada ternura. O nosso Rogério estava no Vietnã, como um dos representantes do Brasil. Lá, as balas não escolhem, não discriminam, e tanto estouram a cara do americano como do brasileiro. E havia no artigo todo um amor insuportável e uma solidão desesperadora.

O assombro do meu amigo tinha a sua lógica. Durante anos, criara e

recriara, dia após dia, uma imagem hedionda do “reacionário”. Ele imaginava que, se o Corção passasse a mão pela face, havia de sentir a própria hediondez. Nunca lhe ocorrera que aquela *besta-fera* pudesse ter costumes, usos, gestos, como outro qualquer. Impossível um Corção tomando cafezinho ali na esquina; inadmissível uma gargalhada do Corção, ou um assovio do Corção. E aquele Corção pai, simplesmente pai, e simplesmente terno, e simplesmente infeliz, e simplesmente órfão do próprio filho, contrariava toda uma imagem feita de palavrões, de insultos, de baba.

Mas vejam toda a operação psicológica do meu amigo. A princípio, não entendera uma palavra, tão desconhecido, tão estrangeiro, tão alienado parecia aquele Corção vergado, sofrido, perdidamente solitário. Só depois é que, limpando a figura dos palavrões, dos ultrajes, das calúnias, é que o freguês do Antonio’s pôde chegar à luz última e verdadeira do inimigo.

Por fim, quem estava infeliz, na volta do Estádio Mário Filho, era o membro da “festiva”. A partir daquele momento, os seus palavrões soariam falsos aos próprios ouvidos. O meu amigo estava comovido e, pior, furioso com a própria comoção.

E então chegou a minha vez. Não me lembro de tudo o que disse de Gustavo e de Rogério. O esquerdista ouvia só, numa desesperada impotência para negar a imagem que eu ia elaborando de Corção. Expliquei-lhe que tudo em Corção é amor; poucas pessoas conheço com tanta vocação, tanto destino para o amor. O que parece ódio, nos seus escritos, é ainda amor. Amor que assume a forma das grandes e generosas procelas.

Bate forte, muitas vezes. Mas sempre por amor. Está fatalmente ao lado da pessoa e contra a antipessoa. É a luta que o apaixona. Todos os dias, lá vai ele atirar o seu dardo contra as hordas da antipessoa. Eis o que eu repeti para o meu amigo das esquerdas: — o Corção tem um coração atormentado e puro de menino.

Quem o sabe ler, percebe em todos os seus escritos o pai de Rogério, sempre o pai de Rogério, querendo salvar milhões de filhos, eternamente.

[7/3/1968]

JOVENS IMBECILIZADOS PELOS VELHOS

Ainda alcancei a geração que cedia o lugar às senhoras grávidas. Se uma delas tomava o bonde, três, quatro ou cinco jovens se arremessavam. E a boa e ofegante senhora tinha seu canto, tinha seu espaço. E, quando ia pagar a passagem, dizia o luso condutor por trás dos bigodões: “Já está paga, já está paga!”.

E assim, num simples gesto, temos o perfil, o retrato, a alma do antigo jovem. Hoje, não. Outro dia, fui testemunha auditiva e ocular de um episódio patético. Vinha eu, em pé, num ônibus apinhado. Passageiros amassados uns contra os outros. Essa promiscuidade abjeta desumanizava todo mundo. O sujeito perdia a noção da própria identidade e tinha uma sensação de bicho engradado. Pois bem. E, de repente, o ônibus pára e entra, exatamente, uma senhora grávida. Oitavo ou nono mês.

Ao vê-la tive um desses movimentos regressivos, um desses processos proustianos. Voltei à minha infância, à rua Alegre, à Aldeia Campista. O ônibus estava vibrante, rumoroso de ginasianos. Imaginei que esses latagões iam dar uns dez lugares à *mater* recém-chegada. Pois bem. Ninguém se mexeu e, repito, ninguém piou. E foi aí que percebi subitamente tudo. Ali estava uma nova geração, sem nenhuma semelhança com as anteriores. Durante meia hora a pobre mulher ficou em pé, no meio da passagem. Faço uma idéia das cambalhotas que não virou o filho. E, quando um saltava, eu imaginava: — “O menino vai nascer agora!”. Eis o que importa destacar: — ela viajou e desceu, e não teve a caridade de ninguém.

Na minha infância tal episódio seria impossível. Digo mais: — um velho não viajaria em pé nem a tiro. Sim, também o velho era uma espécie de senhora grávida e merecia homenagens semelhantes. Nos meus seis, sete anos, vi um velhinho esbofetear um latagão imenso. Se o agredido exalasse um suspiro, o agressor havia de aluir miseravelmente. Mas o jovem não

ensaíou um gesto. Baixou a cabeça, virou as costas e foi à vida. Nessa bofetada sem revide estão definidas as relações entre os jovens e os mais velhos do meu tempo.

Vejam bem o respeito, a modéstia, a humildade do moço antigo. Tal comportamento era possível porque existiam limites nítidos, fronteiras claras entre as gerações. O menino era menino, o moço era moço e o velho era velho. Ou por outra: — o menino se comportava como menino, o rapaz como rapaz, o velho como velho. Pode parecer que simplifico, e faço realmente uma simplificação.

E agora? Agora a situação mudou, ou por outra: — inverteu-se. Outrora havia o respeito dos jovens pelos velhos; hoje são os velhos que respeitam os jovens. Não, não. Não se trata de respeito. Eu diria “adulação”. Eis o escândalo da nossa época: — os velhos adulam os jovens e fazem rapapés e os corrompem. Repito: — corrompem e imbecilizam.

E nem se pense que estou falando de velhos irresponsáveis, cuja caducidade explicaria tudo. Falo de nobres espíritos, como, por exemplo, o dr. Alceu. É um líder, um sábio, um pensador e, eu quase dizia, um santo. Mas há certos artigos do dr. Alceu que, para quem não o conheça, podem parecer obra de ginasiano. O leitor mal informado há de imaginar: — “Isso foi escrito depois de uma gazeta na Quinta da Boa Vista”. E, por cima do escrito, logo abaixo do título, está o pseudônimo gravíssimo, soleníssimo, respeitabilíssimo do Tristão de Athayde.

Dirão que exagero ou faço caricatura. Ainda ontem comentei a carta surpreendente de uma leitora. E, entre outras coisas já referidas, diz a santa senhora que, em nosso tempo, só os velhos estão interessados em umbigos e quadris femininos. Também ela não exagera, nem faz caricatura. Mas pasmem para o testemunho da leitora: — a juventude tem, pela nudez, o maior despreço, o tédio mais cruel. Não está interessada em Sexo, não está interessada em Amor. Se a Ava Gardner aparecer de Salomé ou *sarong*, sei lá, a juventude bocejará como um leão de anedota. Ao passo que os velhos vibram, exultam, estrebucham com a plástica feminina.

Portanto, a velhice atual nada tem a ver com as figurinhas nostálgicas, espectrais, da porta da Colombo. Em absoluto. O velho age e age como os belos sátiros vadios. E que faz o jovem com a sua bestial vitalidade, ninguém o sabe, nem a leitora diz. Mas volto ao dr. Alceu (sempre este homem fatal,

como o Pinheiro Chagas). Desejo falar de dois recentes artigos seus, que parecem escritos por um jovem, e bem “pra frente”.

Diz ele que há uma “imagem convencional” e mesmo caricatural da Igreja Católica, e que seria a seguinte: — “uma instituição rigidamente hierarquizada, conservadora” etc. etc., “defensora dos ricos, da propriedade privada, dos latifúndios”. Vejam bem: — “defensora dos ricos” etc. etc. Esta é a assim chamada caricatura. Mas eu pergunto, no meu imenso e divertido espanto: — “Quem é o autor de tal caricatura e quem é o caricaturista?”. Por mais que me custe admitir semelhante verdade, o autor, ou um dos autores, é o próprio dr. Alceu; o caricaturista, ou um dos caricaturistas, é, ainda e sempre, o mesmo dr. Alceu.

Recentissimamente, ao chegar de Roma, onde falara ao próprio papa e lhe beijara a mão, declarou o eminente pensador católico o seguinte: — que, no passado, a Igreja primara por defender os privilégios das classes dominantes etc. etc. Só agora, de João XXIII a esta data, é que ela, Igreja, descobrira o caminho certo (portanto com um atraso de, pelo menos, 1960 e tantos anos). Dois ou três meses depois, vem o nosso Tristão de Athayde e chama de “imagem convencional”, de “caricatura”, um julgamento taxativo, um retrato inapelável, que ele próprio fizera de sua Igreja.

Portanto, ficamos sabendo, pela primeira fala, que a sua religião e ele próprio não foram outra coisa, em vinte séculos, senão lacaios das classes dominantes. E, ao mesmo tempo, com um simples piparote, pôs ele por terra todo um prodigioso passado. Se tirarmos o passado da Igreja, se a reduzirmos aos seus últimos quinze dias, não sobrou, dr. Alceu, nada. E são Francisco de Assis, com aquela vigarice de passarinhos? E a Joana d’Arc, torrando-se como um bife, como um churrasco? Também esta estava a serviço do capitalismo, da burguesia, do feudalismo, vendida a qualquer classe dominante. Quem o disse, desembarcando de Roma, foi o dr. Alceu, embora com dois mil anos de atraso.

Meu Deus, meu Deus! Só uma violenta, uma jucunda juventude de espírito levaria o nosso mestre a se dilacerar em tais contradições. Outro exemplo: — o seu artigo contra a censura. Imaginem vocês que eu não fui tão feliz. O mesmo dr. Alceu que ergue barricadas contra a censura é aquele que aplaudiu a interdição de *Álbum de família*; o mesmo que, há pouquíssimo tempo, só via obscenidade nos meus textos. E, de repente, vem ele e se

dispõe a abençoar todos os palavrões. No caso de *Álbum de família*, solidarizou-se com a polícia. Disse que a polícia tinha direito sim, etc. etc. Mais uma vez é a juventude que explica tamanha ginástica espiritual. Como se sabe, o jovem não tem nada de cristalizado, ou de petrificado, ou como queiram. O jovem da véspera pode não ser o mesmo do dia seguinte (estou dando uma “imagem convencional”, uma “caricatura” da juventude). E o dr. Alceu é um ser múltiplo, coletivo. Podemos pluralizá-lo. Há um dr. Alceu a favor da polícia, outro dr. Alceu contra a polícia; mais outro a favor da censura, outro ainda contra a censura; um quinto dr. Alceu a favor da minha obscenidade e outro que me considera, de alto a baixo, um tarado.

[9/3/1968]

O ÚNICO NEGRO DO BRASIL

É um túmulo que dorme não sei onde. Talvez na Alemanha, talvez na Áustria. Mas não importa a terra. O que importa é a solidão da palavra. Lá está escrito: — “Rosa, pura contradição / Volúpia de ser o sono de ninguém / Sob tantas pálpebras”. E o epitáfio que Rainer Maria Rilke teceu para si mesmo.

Tantas pálpebras, rosa, sono de ninguém, volúpia, ainda rosa. Passaria horas invertendo, trocando, repetindo, destruindo as palavras. Mas publiquei o epitáfio por uma pura e desesperada alegria auditiva. Na verdade, eu não queria falar de Rilke, nem da rosa, mas do puro negro brasileiro.

Eis o caso: — recebi, ontem, a visita de Abdias do Nascimento. Quando escrevo sobre ele, digo: — “o único preto do Brasil”. Parece uma piada, e talvez o seja. Já me referi, várias vezes, ao espanto de Sartre quando esteve no Brasil.

Ele fez, aqui, não sei quantas conferências. E, numa das vezes, caiu um toró medonho. Era o que eu chamo (e aqui repito a imagem) um mau tempo de 5º ato do *Rigoletto*. Parecia, sim, uma tempestade de ópera, com relâmpagos de curto-circuito e trovões de orquestra. Apesar disso, não faltou ninguém. No meio da conferência uma goteira começou a pingar na platéia. Ninguém arredou pé. (Descrevo as condições meteorológicas para caracterizar o sucesso.)

Ao terminar a palestra, Sartre não se conteve e fez a pergunta, irritado: — “E os negros? Onde estão os negros?”. O filósofo só tivera, até então, uma platéia louríssima, alvíssima, sardenta e de olho azul. Podia perguntar, e tinha razão de perguntar: — “E os negros? Onde estão os negros?”. Perto de Sartre, um brasileiro cochichou para outro brasileiro: — “Os negros estão por aí assaltando algum *chauffeur*!”.

A mesma pergunta podia ser repetida, de brasileiro em brasileiro. Quem olha os nossos presidentes, ministros, arquitetos, escritores, mímicos, veterinários e palhaços, há de querer saber, como Sartre, onde estão os negros, os nossos negros. Outro dia, fiz esta súbita e singela constatação: — “Não há um palhaço negro”. E, se aparecer um, será apenas um e desabará sobre ele uma solidão jamais concebida.

Não me falem de Rebouças. Um Rebouças é um escândalo, assim como a “mulher barbada”. Eis a nossa paisagem: — os cargos estão aí, as funções estão aí, as estátuas estão aí, e não vejo os negros. Ninguém esculpe um negro. Ninguém põe um negro montado num cavalo de bronze. As casacas estão aí e não vejo negros de casaca. E os negros que foram para a História estão lá humilhados e ofendidos.

Mas contava eu que o Abdias do Nascimento veio me ver. Entrou, por coincidência, numa hora para mim sagrada: — a do mingau. Como já disse, vivo a adular minha úlcera com leite e papinhas. Saio com o amigo e vamos para o Cabaré dos Bandidos, que funciona ali na esquina de Mem de Sá com Tenente Possolo. Peço o mingau; o Abdias, um Guaraná e uma empada. E ele começa a falar.

Eis o que queria o único negro do Brasil: — que se fizesse um movimento contra a África do Sul. A princípio não entendi, e ele explica. Várias nações que participam das próximas Olimpíadas ensaiavam um protesto contra a admissão da África do Sul. E por quê? Claro. Por ser a única terra onde o mais bestial racismo está perfeita e clinicamente institucionalizado. Achavam alguns que seria uma vergonha a presença de tal país na comunidade olímpica.

E Abdias queria que o Brasil se juntasse aos que protestam. Uma terra de tantos negros não podia aceitar e competir com os deslavados racistas. Deixei o amigo falar. Mas sei que se trata de um movimento inteiramente inócuo ou, por outra, puramente retórico. Ninguém sairá das Olimpíadas por solidariedade aos negros da África do Sul. Eis a verdade: — o único preto que nos comove é o norte-americano, porque serve ao ódio contra os Estados Unidos.

Quando o Abdias acabou, eu o desiludi cruelmente: — “Não conte com o Brasil, não conte com o brasileiro”. Ninguém aqui fará nada por negro nenhum, a não ser, repito, pelo norte-americano, e como uma maneira de

agredir os Estados Unidos. Mas há entre nós e o crioulo da África do Sul uma distância infinita, milenar. Digo "distância" não geográfica, mas emocional, espiritual, ética ou que outro nome tenha.

Abdias reage com um argumento numérico: — "Somos não sei quantos milhões!". No meu espanto, digo: — "Abdias, só há um negro, que é você mesmo. Não milhões, você, Abdias, só você". Tive de explicar-lhe que era ele o único negro com plena, violenta, trágica, consciência racial. Era um negro exultante de o ser. A cor era a sua perene embriaguez.

Disse-lhe: — "Quer que eu escreva? Contra a África do Sul? Escrevo". Apontei uma mesa adiante: — "Subo naquela mesa e darei um morra à África do Sul". E meu berro será o único, e não arrastará um único e escasso idiota. Abdias me ouvia só, e atônito. Continuei. Disse-lhe: — "No Brasil, o branco não gosta do preto; e o preto também não gosta do preto".

Contei-lhe que, na véspera, apanhei um táxi, depois do serviço. O motorista era um crioulo jumento, um riso forte, abaritonado, de Paul Robeson. Veio conversando comigo. Como ele trabalhava de noite, falei dos assaltos. O preto riu, feroz: "Pra crioulo, não paro. De noite, preto não entra no meu carro". E ele próprio era um negro total, de ventas esplêndidas, enormes lábios africanos.

Claro que todos nós falamos em democracia racial. Gilberto Freyre afirma que somos uma democracia racial. Mas está de pé a pergunta de Sartre: — "E os negros? Onde estão os negros?". Realmente, ninguém é negro, a não ser o Abdias do Nascimento. (Apareceu outra negra confessa: — a cantora Maria d'Aparecida. Há, portanto, dois negros no Brasil.) Mas a Carolina de Jesus é uma Maria Antonieta.

Não há na Terra ninguém mais só do que o nosso preto. Um esquimó tem a companhia de meia dúzia de outros esquimós. Mas a solidão do negro brasileiro não tem nem a companhia do próprio negro.

[11/3/1968]

MUITO VELHO PARA ANDAR DE QUATRO

Ah, o brasileiro não é bom de mesa. Dirá alguém que somos um povo pobre, e mais: — trazemos do berço a vocação, o destino da pobreza. Mas não falo de miséria. Aqui também o rico é um pobre de mesa. Lembro-me de alguém que foi à casa do Walther Moreira Salles e lá chegou, na hora do jantar, sem aviso prévio.

Walther Moreira Salles. O dinheiro escorre, por entre os seus dedos, como água (e já que falei em água, posso ousar a imagem líquida: — ele bóia num lago de “abobrinhas” como uma vitória-régia). Mas, como eu ia dizendo: — chega o visitante inesperado e, sobretudo, indesejado. E foi um pânico profundo. O mordomo, de casaca, pôs as mãos na cabeça. Nas paredes, quadros de Claude Monet, Degas, Gauguin. Na sua tela, um jóquei de Degas olhava a cena, num mudo escândalo, desolado.

Vejam bem. Cada um daqueles Degas, Monet ou Gauguin daria para matar a fome da metade de Sergipe. E, no entanto, aquela mansão não sabia como improvisar um bife, um simples, honrado e brasileiro bife. Para a mesa do Brasil um prato a mais constitui uma tragédia.

Para comer na casa de um amigo, o brasileiro tem que avisar com uma sábia antecedência. E porque apareceu, de supetão, o visitante do Walther Moreira Salles granjeou até o ódio das bailarinas de Degas e das mulatas de Gauguin. Por esse lado, o meu amigo e poeta Hélió Pellegrino não é muito brasileiro. Ninguém precisa avisar. Basta aparecer. E o nosso Hélió tem sempre um prato a mais, ou dois, ou três, para as visitas inesperadas e abusivas. Não importa a hora, nem importa o dia. Certa vez, um amigo do Hélió quis comer sardinhas do Báltico. Ora, nenhum anfitrião tem o dever de atender a uma fome tão caprichosa, original e fantasista. De mais a mais, não há sardinhas do Báltico nem no Báltico. Pois o Hélió as tem. Abriu uma lata para a visita e esta se regalou com sardinhas tão irreais, tão absurdas.

Em suma: — nunca me faltou, na casa do Hélió, uma fatia de pão para a minha fome e um pouco de leite para a minha úlcera. Foi o que aconteceu na última vez. Todos os sábados, lá vou eu para a casa dos Pellegrinos. (Quando eu era garoto, ouvi um jardineiro dizer à minha mãe: — “O sábado é uma ilusão”.) Chego e vejo uma mesa mais abundante do que nunca. Desta vez, não sou eu o único: — vão almoçar também o Sábado Magaldi e senhora, o Anselmo, irmão do Sábado, e Antônio Callado, o doce radical.

Hélió acabara de chegar da praia: dourara-se ao sol e assim tostado era um legítimo havaiano do Leblon. Houve um *suspense* quando apareceu Maria Clara Pellegrino, a filha do anfitrião. No implacável esplendor dos seus dezessete anos, é uma das meninas mais lindas do Brasil. Saúdo-a assim: — “Ave, Maria Clara, cheia de graça”. Passa Maria Clara. E, então, sem mais preâmbulos, começamos a discutir, aos berros, ou antes: — berrávamos, eu e o Hélió. Não se conhece, na biografia do Callado, um único berro. Do mesmo modo, o Sábado Magaldi. O doce radical é o único inglês que o mundo conhece; e o Sábado tem uma bondade que humilha os circunstantes. Eu e o Hélió, não. Somos amadores do berro. Sim, o Hélió tem a tendência da ópera, e alguém já disse, talvez eu mesmo, que ele é a própria ópera. O poeta vira-se para mim e faz-me esta acusação horrenda: — “Você é um reaçã!”. Tremo em cima dos sapatos. Ele insiste: — “Você acusa as esquerdas com argumentos da direita!”.

Eu, “pálido de espanto” como no soneto, viro-me para o Callado. Digo: — “Foi você que me traiu, Callado!”. — e repeti, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Você!”. E, de fato, tempos atrás, eu me encontrei com o doce radical num terreno baldio. Era meia-noite, hora que, segundo Machado de Assis, apavora. O sino da matriz dá as doze badaladas. Eu e o Callado estamos embuçados e de chapelões de Michel Zevaco. Alhures, uma coruja rosna (nas minhas “confissões” as corujas rosnam). E, então, cochicho para o doce radical: — “Callado, vou contar-te uma que eu só diria ao médium, depois de morto. Você jura que não me trai?”. O romancista estende a mão sobre uma Bíblia invisível: — “Juro!”.

Com um riso terrível, declarei: — “Eu sou a encarnação abominável da direita!”. À luz dos archotes, Callado balbucia: — “E te pagam pra isso, meu bom Nelson?”. A minha satisfação é hedionda: — “Não espalha, mas ganho um tutu forte!”. O doce radical não diz uma, nem duas. Com um riso

de Chaliapine, acrescento: — “Hei de beber o sangue ao d. Hélder e ao dr. Alceu!”. Neste momento, baixa uma luz no Callado e ele é implacável: — “Eu li isso no Eça. Li. Na resposta ao Pinheiro Chagas. *“Notas contemporâneas”*!”.

Assim pilhado, fui de um cinismo total. Retruquei: — “Ó Callado! Ainda não percebeste que, além de ser ‘A direita’, eu sou ‘O plágio’?”. O amigo faz a reflexão lapidar: — “Há gosto pra tudo”. Assim nos despedimos. Na vastidão do terreno baldio, faunos de tapete atropelavam as ninfas delirantes. Pois bem. O doce radical saiu dali e foi contar tudo, tudinho, ao Hélio Pellegrino. Daí a irritação sagrada do poeta.

Depois do almoço, vim para casa. No caminho, passo em revista as minhas posições. E, pouco a pouco, comecei a achar que o Hélio Pellegrino não está longe da verdade. Realmente, tenho escrito e insinuado coisas altamente comprometedoras. Por exemplo: — de certa feita, cheguei a propor um esquema de salvação para as esquerdas. A minha idéia era simples, prática, realista. As esquerdas que aí estão, bebendo no Antonio’s e escrevendo nos suplementos dominicais, não justificam nenhuma esperança. São elas as autoras de 31 de Março e 1º de Abril. Portanto, deviam ser substituídas, até o último idiota.

Sem tal substituição, nada é possível e tudo continuará perdido e cada vez pior. Perguntará o leitor: “E que fazer dos esquerdistas atuais?”. Uma vez que lhes tiremos a função, o destino, teremos de ampará-los. São chefes de família, noivos, namorados, funcionários etc. etc. Eis o jeito: — as esquerdas demitidas seriam encaminhadas à reprodução. Na Espanha, quando a incompetência é irreversível, diz-se ao fracassado: — “Vá fazer uma família”. E quando o imbecil já a tem, insistem: — “Faça outra”. Imaginem vocês se a nossa esquerda, que até aqui não fez nada, começasse a procriar como uma coelha. Alguém duvida que seria uma atividade nobre, meritória, salubérrima?

O simples fato de ter oferecido a sugestão acima foi considerado um ato de extrema direita. Mas há pior, há pior. Quando começou a briga entre o Egito e Israel, correram ao d. Hélder. O nosso arcebispo respondeu como um Moisés de Cecil B. de Mille: — “Não me perguntem quem tem razão”.

Novamente, assumi a atitude de um direitismo ululante. Imensamente divertido, disse eu o seguinte: — ter ou não razão, eis a vida

moral. Se não estamos urrando à Lua, se não desfilamos, em cada 7 de Setembro, montados solidamente — é porque temos um mínimo de razão. Cristo é Cristo, e não Barrabás, porque tem razão. E, se o d. Hélder não se incomoda com a razão, é capaz de se ajoelhar aos pés de Barrabás e de cuspir na cara de Jesus. Foi esta a minha posição de direita. Para d. Hélder, não interessa ter ou não ter razão. A mim interessa. Como disse o outro, estou muito velho para andar de quatro.

[12/3/1968]

A MISSA CÔMICA

Uma das figuras obrigatórias desta coluna é a minha úlcera. Com o tempo, porém, criou-se entre mim e a ferida uma acomodação recíproca e total. Trato-a a pires de leite, como uma gata. Outras vezes, dou-lhe mingaus hediondos. E não raro, quando ela está bem, pacificada, sinto a falta de sua dor.

Ah, se eu fosse um *são Francisco de Assis*, diria: — “Nossa irmã, a úlcera”. Ontem, alta madrugada, ela me despertou. Está ardendo em minhas entranhas. Como queima, meu Deus! Saio da cama e, no escuro, persigo os chinelos. Achei, achei. Venho para a cozinha. Teria de vencer uma última dúvida: — “Mingau ou copo de leite?”. A minha opção foi o mingau. A dor vai passando. Acabo a papinha, venho para a janela. Acendo um cigarro, embora o fumo seja um veneno para minha úlcera (*Lúcia* vive dizendo: — “Você só deve fumar seis cigarros por dia”. Eu, com o maior descaro, prometo, juro, dou-lhe a minha palavra de honra),

Na janela da madrugada, penso: — “*D. Hélder* está quieto. Vou passar um mês sem falar em *d. Hélder*”. E não me ocorre que esse mês de silêncio será uma desfeita para o arcebispo. Sua figura, sua batina e sua alma exigem promoção. Ter o nome impresso, a cara impressa, a palavra impressa — eis a sua gloriosa fome. Seja como for, achei que, durante trinta dias, podia dar-lhe o abominável silêncio.

Volto para cama e durmo. De manhã acordo e peço os jornais. Leio um, leio outro e não vejo o nome, o retrato de *d. Hélder*. Começo a não entender. Eis o que me pergunto: — “Por que não fala? Por que não faz declarações?”. Tão irreal, tão absurdo *d. Hélder* calado. E, súbito, estremeço. Na última página de um suplemento, vou ler “As frases que ficaram” e encontro uma que me lança na mais dolorosa perplexidade.

Era de *d. Hélder*. Lá explicava o arcebispo de Olinda que não é nada

demais rezar missa ao som da música popular. “Por que apenas os órgãos, os violinos, apenas os címbalos podem louvar a Deus, e não o reco-reco, a cuíca e o tamborim?” Li aquilo e reli. Por um momento, imaginei uma catedral. Passo a outro tópico porque o assunto justifica.

Estamos na catedral. Já começou a missa. Mas não uma missa como há muitas, como há milhares, como há milhões. Não é absolutamente. Desta feita, a missa, a santa missa tem, por fundo, “Mamãe, eu quero mamar”. Lá estão os padres, os coroinhas. E, ao mesmo tempo que cumprem o cerimonial, os padres e os coroinhas fazem toda uma ginga de ventre e quadris e sambam com uma impressionante variedade rítmica.

Se vocês visualizaram a coisa, hão de imaginar o infalível efeito visual e auditivo. Os reacionários poderão objetar que uma catedral nunca foi uma gafieira. Aí está um desprimoroso sofisma. Acaso a gafieira não será também filha de Deus? E, além disso, se bem entendi o arcebispo de Olinda, também a missa tem de ser atualizada.

E existe o tempo que, como se sabe, não perdoa. Há um desgaste das horas, dias, meses e anos. Na década de vinte a trinta, Benjamim Costallat era o Proust. Dançava-se o *charleston*. O tango ainda não era um defunto. Do mesmo modo, a Igreja não pode sentir, pensar, agir como na Idade Média. O dr. Alceu escreve sobre o “progressismo”. E, seguindo a mesma linha que o d. Hélder, propõe a “missa cômica”. O sobrenatural na gafieira.

Convoco um leitor a um terreno baldio. Não há ninguém por perto ou por outra: — há uma cabra vadia e, felizmente, uma cabra de bem, digna de toda a confiança. E, aqui, neste capinzal paradisíaco, eu e o leitor podemos dizer as últimas um ao outro. Não sejamos injustos com d. Hélder. Se não, vejamos: — cada época tem a sua fé. Só os bovinos, os pascácios podem imaginar uma fé perfeita, irretocável, imutável. É preciso dançar de acordo com a música ou, melhor dizendo, de acordo com a moda.

Depois de assim falar ao leitor, no terreno baldio, eu passo a comunicar-lhe as minhas fantasias. Já que d. Hélder colocou a fé em termos de gafieira, eu, de bom grado, vou enriquecer a sua missa cômica. Eis a cena: — os padres e coroinhas estão sambando. E, súbito, os santos entram no brinquedo. Por sua vez, as velhinhas beatas se sacodem como patas no tanque.

Há números espetaculares. São Benedito revela-se um passista

emérito. Com um dedo roda o pandeiro. Outro santo equilibra laranjas no focinho, como uma foca amestrada. Ainda outro planta bananeira e põe labaredas pelas ventas etc. etc. etc. E notem como d. Hélder enxerga longe. A gafieira estava fazendo concorrência à fé. Portanto, vamos trazer para as catedrais o reco-reco, a cuíca e o tamborim.

(Eis que me dá, de repente, um tédio mortal dos tamborins, cuícas e reco-recos de d. Hélder.) Mas tenho ainda outro assunto paralelo. É o seguinte: — eu era garotinho quando uma tia leu para mim os Dez Mandamentos. Súbito ouço, pela primeira vez o “Não matarás”. Ninguém imagina o espanto, o medo e o deslumbramento que senti. Foi o Mandamento que mais doeu e mais fascinou a minha infância. E, muitos anos depois, já adulto, e até hoje, continuo ouvindo o “Não matarás”, eternamente.

(Em 1929, meu irmão Roberto foi assassinado. E como me feriu, na carne e na alma, o “Não matarás”.) Quero saber se vocês leram o que disse o dr. Alceu sobre guerrilhas. Se não leram, vamos lá. Eis o que declara o eminente pensador católico: — só não é favorável às guerrilhas no Brasil porque os nossos camponeses não são politizados. Por uma dedução obrigatória verificamos que, em caso de tal politização, nosso Tristão nada teria a opor às guerrilhas brasileiras. No resto do mundo, ótimo que elas continuem bebendo sangue.

Eis o que eu desejaria perguntar ao piedoso Tristão de Athayde. Que idéia faz ele de guerrilha? Pensa talvez que é algum piquenique? Não sabe que guerrilha mata? Mata, dr. Alceu, mata. E como é que o senhor enxota o “Não matarás” como quem afasta, com o lado do sapato, uma barata seca?

[17/3/1968]

COAÇÃO À LUZ DE ARCHOTES

Por onde andar­á o Carlos Heitor Cony? Há dois ou três meses, ele tomou um avião e partiu. Ia fazer a Europa. Na véspera, ofereci-lhe um cafezinho, ali no boteco da esquina. Dei-lhe conselhos desesperados: — “Não faça isso. O brasileiro não deve viajar nunca”. Expliquei que o europeu pode viajar, porque continuará europeu. Um inglês será eternamente inglês, no céu ou no inferno. Já o brasileiro pode deixar de ser brasileiro.

O Cony fez a pergunta: — “E quem deixou de ser brasileiro?”. Respon­di: — “O Cláudio Mello e Souza”. Conte­i-lhe o estranho caso desse meu amigo. Certa vez o Cláudio foi, a título profissional, à Europa. Levei-o ao Galeão. E, no aeroporto, já o via como um brasileiro a menos. Aí está o mistério abominável: — o brasileiro que viaja deixa de ser brasileiro. Não sei por que, e apenas constato. O Cláudio passou dois dias em Roma. Não mais: dois dias.

Essa visita fulminante devia mudá-lo, até fisicamente. Ou por outra: — fisicamente, não digo. Ele há de ser o claro havaiano e insisto: — é o único havaiano branco da vida real. Em Roma, o Cláudio saía de um espanto para outro espanto. Lá, descobriu o tempo. O Tempo, o Tempo! No Brasil não há tempo. Temos quinze minutos de História. Ao passo que, na Itália, um pires, uma xícara, uma pia, uma bica, têm mil anos. O quadril de uma menina é de uma graça milenar e terrível.

Nas escassas 48 horas de Roma, o Cláudio deixou de ser brasileiro. E aí está dito tudo. O pior estrangeiro é o brasileiro que vem de fora, vem de outro idioma, vem de outra geografia. Daqui partira um maravilhoso ser recente, sem nenhuma História. E o que voltava era um Cláudio saturado de mil anos.

Na volta do Galeão houve entre ele e o Pão de Açúcar um grave equívoco visual. Os dois não se reconheciam. Sim, eram dois estrangeiros

que se olhavam com suspeita e desprazer, E a própria baía, e a própria luz, os verdes, os azuis. Para que entendesse a nossa paisagem, o meu amigo precisou de seis meses de acomodação óptica. E tudo porque passara em Roma 48 horas.

Eu temia que o Cony, a partir da ilha Rasa, deixasse de ser brasileiro. Deus me livre de um Cony parisiense, ou romano, ou londrino. Esse meu amigo precisa ter, por fundo, o boulevard 28 de Setembro ou os oitis de São Francisco Xavier. E mais: precisará ser o moleque e, repito, é o moleque que lhe dá uma dimensão universal.

Falei de viagem e não era de viagem que eu queria falar. Simplesmente a minha intenção original era contar a minha conversa com o Carlos Heitor na véspera da partida. Vinte e quatro horas antes, o Cony era mais europeu do que brasileiro. E bateu um papo bem carioca comigo. Súbito surgiu na conversa o nome de Flávio Rangel, da nova geração de diretores teatrais.

Não sei se vocês o conhecem. O Flávio é do teatro, e aí de nós. No Brasil só a televisão dá fama, dá glória e, mais, dá imagem. Outrora o sujeito era conhecido pelo nome, e a cidade ou o Brasil tinha os grandes nomes. Com a televisão, a celebridade exige a cara, o terno, a camisa, a voz. E o nosso Flávio Rangel está por trás do espetáculo. Tem a invisibilidade do contra-regra. Será famoso para uma meia dúzia e solidamente desconhecido para o grande público. Portanto tentarei dar uma informação física do consagrado artista.

Direi que, fisicamente, é bem brasileiro (não tem nada de havaiano como o Cláudio). Quem o veja, no meio da rua, há de imaginá-lo um desses bancários cheios de reivindicações salariais. Sem querer, descobri a semelhança exata. Flávio Rangel, bancário, e ganhando pouco além do salário mínimo. Em suma, não há nele nada que lembre o herói. Sim, seu gesto, sua inflexão, suas poses, não têm nenhum toque patético ou sublime.

E, por esse lado, é muito brasileiro. Realmente, a vida do brasileiro me parece a antiepopéia. Temos pouco que fazer. Mesmo olhando para trás falta-nos o dramatismo, e insisto: — falta-nos História. Não temos Bórgias e, nisso, o Cláudio tem razão. Jamais floresceu por aqui um único e escasso Bórgia. E, como não há história de sangue, não vamos exigir de Flávio Rangel nenhuma densidade especial.

Mas, se nós somos a antiepopéia, temos por vezes, excepcionalmente, certos rompantes de grande povo. Justamente, o Cony referiu um desses episódios raros na vida do brasileiro. Foi por ocasião dos ensaios de *Liberdade, liberdade*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Os dois, Flávio e Millôr, juntaram vários crimes contra a liberdade cometidos em vários países. Como é óbvio, a Rússia não podia ficar de fora. E os autores foram exemplarmente honrados: — meteram, no texto e no espetáculo, a contribuição russa.

Liberdade, liberdade ainda estava em ensaios. E começou a pressão contra os autores. Contam que um idiota, depois de um ensaio corrido, berrava no meio da platéia: — “Peça reacionária! Peça reacionária!”. Millôr resistiu com a maior decência. E, uma noite, três enviados do Partido cercaram Flávio Rangel. Um deles começou: “Você não pode fazer isso. Não pode admitir isso!”.

O Partido Comunista está podre. Não tem força real, não elege ninguém. Ainda outro dia dizia-me o Hélio Pellegrino (e me autorizava a publicá-lo): — “Não há nada mais perempto, nada mais alienado e mais reacionário do que o Partido Comunista Brasileiro!”. E, no entanto, vejam vocês: — esse partido idiota, que já morreu e não sabe que morreu, esse partido sem massa e sem liderança — ainda tem certa capacidade de pressão sobre nossos intelectuais, estudantes e grã-finos. Mas vejamos a tentativa de intimidação que sofreu Flávio Rangel.

Um dos imbecis do Partido tomou a palavra. Limpou um pigarro e disse, como um súbito Barroso: — “O Partido espera que cada um...”. Não foi bem assim. Disse o seguinte: — “Os trabalhadores do Brasil esperam que você tire a Rússia”. Vejam vocês: — tirar a Rússia. Queriam, em suma, que o nosso Flávio Rangel agisse como um pulha, um covarde da pior espécie. Ele disse corajosamente: “Não posso fazer isso”. E perguntava: “Não é a liberdade? Crime contra a liberdade? E não aconteceu?”. Os outros falavam em “trabalhadores”, “massas”, “História”, “classes”, “camponeses”, “imperialismo” etc. etc. etc.

Essa coação miserável se exercia num sigilo de catacumba, quase à luz de archotes. E Flávio Rangel deu a última palavra: — “Não, não e não”. O leitor, que é de uma espessa ingenuidade, não sabe como valorizar e dramatizar o ato de Flávio Rangel. Parece pouco, mas é tanto, tanto. No

medo de passar por reacionário o brasileiro comete as mais negras abjeções. E o Partido, o famoso Partido, sabe como tocar as nossas mais secretas pusilanimidades. Ao reagir, Flávio foi o “inimigo do povo” da linha ibseniana, capaz de uma resistência assim solitária e formidável.

[23/3/1968]

CADÁVER DE PRETO

Certa vez, entrei na redação e vi o secretário esbravejante. Sou um fascinado pelas grandes indignações; e o homem atirava patadas como um centauro. (Isso foi há, talvez, dez, doze anos.) Há um momento em que pára, exausto da própria ira; passa as costas da mão na boca encharcada. Diante dele, esmagado, estava o fotógrafo. A redação, parada, espiava só.

Eis o fato: — desabara um prédio em Petrópolis, matando quinze operários. Um dos nossos fotógrafos voara para a montanha. Lá, batera chapas de tudo. Em seguida, descera a serra, numa fulminante velocidade. Mas, quando apareceu com o serviço, o secretário sapateou como em transe mediúnico. Esfregava as fotografias na cara do outro: — “Este jornal não publica cadáver de preto”. Virava para os redatores e uivava: — “Cadáver de preto”.

Assim humilhado e assim ofendido, o fotógrafo percebia a enormidade da própria gafe. Note-se que era preto como o morto. Mas no fundo, no fundo, ele próprio dava razão ao chefe. E, por fim, o secretário foi, de mesa em mesa, exibindo as fotografias. Uma delas, justamente a que mais o horrorizava, era de um preto gordo, de papada e olhos abertos. Uma viga desabara sobre o desgraçado, abrindo-lhe o crânio. Cada redator olhou aquilo e houve um escândalo racial como se defunto negro, pelo fato de ser negro, fosse obsceno. A indignidade final foi a suspensão do fotógrafo.

Pode parecer um episódio solitário, irrelevante. Em absoluto. Foi assim em todas as épocas da nossa imprensa. As velhas gerações não comprometiam as suas primeiras páginas com um cadáver de “cor parda”. O morto branco saía. Eu me lembro de um avião que caiu na baía em 1929. Foi na chegada de Santos Dumont. O aparelho enfiou-se no mar. Uma semana depois, os escafandristas começaram a retirar os corpos.

No dia seguinte, cada primeira página era um necrotério fotográfico.

Nunca me esqueci da cara do piloto em cinco colunas. Tinha os olhos brancos e a boca exagerada, violentada. Era a época das primeiras páginas heróicas. Eis o que eu queria dizer: — os brancos podiam aparecer de olho vazado, de boca obscena. Ninguém dizia nada, Mas nenhum jornal publicaria o afogado preto.

Mais tarde, começaria uma nova época jornalística. À imprensa passou a ter um novo texto e uma nova gravura. E o cadáver, mesmo de branco, foi barrado da primeira página. Ou melhor: — o defunto, para ser estampado, teria de ser um Pio XII, um João XXIII ou um rei, ou um presidente da República. Getúlio saiu no seu caixão de vidro. Mas havia o vidro entre o leitor e a morte, entre o leitor e o martírio. O fuzilamento de Kennedy apareceu em seqüência. Mas estava, a seu lado, a bela viúva, a Jacqueline.

Sim, há, nas redações, um *copydesk* visual, que veta o cadáver. E, no entanto, vejam vocês: — todos os jornais fizeram uma exceção para um morto recente. E não era papa, nem rei, nem presidente. Falo do estudante fuzilado do Calabouço. Morreu mais uma vez, continuou morrendo, nas primeiras páginas. Eis o que me pergunto: — e por que, de repente, sumiu toda a aversão, todo o nojo gráfico pela morte?

Não foi uma promoção política, ideológica, ou a vontade mercenária de vender mais jornal. Não. A meu ver, o que fascinou foi a imagem linda. Tenho toda a fotografia, de cor, na cabeça. Dizia o secretário que barrou o cadáver preto: — “O morto é feio. A morte é um bucho”. E afirmava isso, com uma certeza fanática, sem imaginar que um dia seria também defunto, com a hediondez que atribuía aos defuntos. Mas o estudante assassinado era espantosamente belo.

E menino, infinitamente menino. Na fotografia aparece seminu, como um santo. Lá está o peito varado. E eu começo a pensar. Seria parecido com quem? Uma senhora veio me mostrar o retrato, trêmula de beleza: — “É Ofélia, não é Ofélia?”. Fez uma pausa e completou: — “Lindo como Ofélia!”. E começou a chorar.

Vejam vocês. Fora a fotografia, toda a cobertura foi, para o leitor, uma amarga frustração. Falo, sobretudo, das primeiras páginas. Ah, eu ainda apanhei a última geração romântica da imprensa. Uma manchete era, por vezes, uma solução em oito colunas, em tipos garrafais. Quando mataram o

rei e o príncipe herdeiro de Portugal, o nosso *Correio da Manhã* lançou várias manchetes e mais esta: — HORRÍVEL EMOÇÃO! Hoje, a primeira página não faz nenhuma concessão ao espanto, nenhuma concessão ao horror, nenhuma concessão à misericórdia. Ao passo que a antiga primeira página pingava sangue e pingava lágrima. Em nossos dias, ela é a pura e radical objetividade.

Vejamos, ao acaso, o *Jornal do Brasil*. O fuzilamento do menino era uma catástrofe. Mas a catástrofe não foi tratada como tal. De modo algum. Fui ler a primeira página do velho órgão. Eis os termos em que se apresenta a tragédia: “A morte do estudante Edson Luís de Lima Souto — baleado no peito, às 18h30m de ontem, durante um conflito da PM com estudantes no restaurante do Calabouço”. E só. Tenham paciência. Mas esse tom impessoal, sumário, desumano, seria apropriado para noticiar um atropelamento de cachorro. O leitor tem vontade de bater para o Departamento de Pesquisas do *Jornal do Brasil* e lembrar-lhe: — “Vocês estão falando de um estudante, um menino, um ser humano”.

E assim o patético da fotografia não existe no texto. Uma objetividade idiota arranca do fato as suas entranhas ou, se preferirem outra imagem, castra todas as potencialidades do fato. Republiquei, acima, textualmente, o que disse a primeira página do *Jornal do Brasil* sobre uma catástrofe. Eu escrevi “objetividade idiota” e é realmente idiota. E assim, estritamente objetivo, o *Jornal do Brasil* põe uma distância imensa entre o leitor e o acontecimento, entre o leitor e o espanto, entre o leitor e a misericórdia, entre o leitor e o ódio. Sim, essa meia dúzia de linhas humilha, desfeiteia, degrada o martírio.

[2/4/1968]

BIS, COMO NA ÓPERA

Bate o telefone. O contínuo chama: — “Nelson Rodrigues”. Lá vou eu. Uma voz feminina, que se identifica como “uma leitora”, começa: — “Posso lhe fazer uma pergunta?”. Digo: — “Duas”. E ela: — “O senhor é inimigo do dr. Alceu?”. O meu escândalo é total: — “Eu? Nunca! Nem me faça essa injustiça!”. Instintivamente, procuro uma madeira para bater as três pancadinhas. (Como é antigo, obsoleto, nostálgico o uso das três pancadinhas.)

Na ânsia de convencê-la, fui enfático: — “Gosto pra burro do dr. Alceu”. Em se tratando de uma senhora, não devia ter dito “pra burro”. Mas ela insistia: — “Como é que o senhor explica a sua ‘assinatura’?”. E repetia: — “O senhor tomou ‘assinatura’ com o dr. Alceu”. E, então, com as faces em fogo, tratei de me justificar. Eis o que disse: por azar, o dr. Alceu é um grande homem. E como não falar de um grande homem, como não me ocupar de seus atos, idéias, sentimentos?

No meu fervor polêmico, fui além. Ousei uma tese que, de momento, me pareceu engenhosa, a saber: — não há grande homem sem grandes bobagens. Também por esse lado, o dr. Alceu teria de ser um filão inexaurível. Mas quando, por cansaço vocal, fiz uma pausa, a voz feminina fustigou-me: — “O senhor não me convence. O senhor não gosta do dr. Alceu”. Até o fim, bateu na tecla do desamor e da má-fé com que trato o sábio católico.

Mal pode imaginar a leitora como foi injusta comigo e com os meus escritos. Só Deus sabe que fiz o diabo para ser amigo do nosso Tristão de Athayde. Durante cinco anos, telefonei-lhe em cada véspera de Natal: — “Sou eu, dr. Alceu”. E, já comovido, uma certa dispnéia emocional, prosseguia: — “Vim desejar-lhe um maravilhoso Natal para si e para os seus” etc. etc.

Tudo inútil. O dr. Alceu trancou-me o coração. Até que, na última vez, disse algo que, para mim, foi uma paulada. Depois de ouvir os meus votos de felicidade eterna, suspirou: — “Ah, Nelson! Você aí nessa lama!”. E, assim, como um santo que trata com um pulha, ele frustrou-me para sempre. O mestre insinuara que minha alma é um mangue, um pântano, um lamaçal (por certo, ao sair do telefone, dr. Alceu foi-se vacinar contra o tifo, a malária ou a febre amarela, que vivo a exalar).

E o que nos separa eternamente é, de um lado, a minha lama, e, de outro, a sua luz. Dito isto, passemos adiante. Escrevi mais acima que não há grande homem sem grandes bobagens. Pode parecer que aí está uma frase em forma de paradoxo. Nem tanto, nem tanto. Eu citaria, ao acaso, o nome Jean-Paul Sartre. Um gênio da nossa época. Há quem diga, de mãos postas e com que admiração abjeta: — “A maior inteligência do século”. Mas desejo mostrar que, em dado momento, o gênio pode agir e reagir como um cristalino idiota. Se não, vejamos.

Certa vez, Sartre foi à Índia. Na volta, os repórteres lhe caíram em cima como chacais. Um deles perguntou-lhe pela literatura de lá. O gênio recuou dois passos, avançou outro tanto e solta esta bomba: — “Nenhuma literatura vale a fome de uma criancinha”. Um débil mental teria pudor de tal resposta. E o nosso Luvizaro, cavando votos na Rocinha, não chegaria a tanto. Por aí se vê que os mais altos espíritos têm, por vezes, a nostalgia da mais baixa burrice.

E se falo nas bobagens do dr. Alceu, não vejam nas minhas palavras nenhuma intenção restritiva. São contingências dos espíritos superiores. De mais a mais, há uma circunstância altamente elucidativa e que a minha leitora não conhece. É que, hoje, o nosso Tristão de Athayde está só, entregue às suas patéticas fragilidades. Vejam a tragédia: — quem pensa pelo dr. Alceu é o próprio dr. Alceu. Dirá alguém que o d. Hélder lhe dará uma mãozinha. Infelizmente, há, entre os dois, uma inexorável distância geográfica. E, muitas vezes, um sábio tem que pensar rápido. Digamos que, à queima-roupa, uma repórter pergunte ao mestre: — “O que é que o senhor acha da guerrilha?”. Não há tempo para chamar o d. Hélder no interurbano. Lá está a repórter, de orelhas frementes, exigindo a resposta fulminante. É trágico.

(Por outro lado, o d. Hélder também precisa de alguém que pense por

ele.) E perguntará o leitor, ainda a propósito do dr. Alceu: — “Antes não era assim?”. Exatamente, não era assim. No passado, o notável pensador sempre teve quem o levasse, espiritualmente, pela mão. Primeiro, foi o Jackson de Figueiredo, que, por sinal, o convertera. E, se me permitem a irreverência, o dr. Alceu dançava de acordo com o Jackson.

Mas o Guia morreu e foi substituído, imediatamente, por d. Leme. Viria, em seguida, o jesuíta Leonel Franca. E, assim, o nosso Tristão podia manter uma coerente, límpida, harmoniosa estrutura católica. Até que, de repente, morre também Leonel Franca. Começou a enorme solidão. Sempre precisara de alguém que lhe injetasse a Fé. E, agora, não havia mais Jackson, nem d. Leme, nem Leonel Franca. Agora o dr. Alceu tinha que pensar. Mas ele nunca pensara, nunca, nunca.

A minha leitora há de ver, por trás das minhas palavras, o que ela chama de “assinatura”. Eis o que eu queria afirmar: — em vida do Jackson, ou de d. Leme, ou de Leonel Franca, o dr. Alceu jamais falaria, como o fez em São Paulo. O *Jornal do Brasil* publica a sua conferência (e como o velho órgão foi inclemente com o seu ilustre colaborador ao publicar o impublicável).

Eis o que diz o sábio católico, textualmente: — “Certa vez, um camponês nordestino entrou num ônibus com um passarinho na gaiola. O motorista o fez descer, porém, alegando que não poderia viajar com a gaiola. Humildemente, o camponês levantou-se e foi descendo. No momento em que saltava do ônibus, o motorista movimentou o veículo e o passarinho, livre, fugiu. O camponês, revoltado, entrou no ônibus e atacou o motorista com a sua peixeira. Esta história é um exemplo de caso onde a violência se justifica”.

Se excluíssemos o nome e a respeitabilidade do dr. Alceu, imaginariamos que o conferencista era o próprio conde Drácula. Porque só um vampiro nato e hereditário poderia aprovar esse esguicho de cáldo e rútilo sangue humano. Vejam como o dr. Alceu, na hora de pensar por conta própria, perde toda e qualquer noção de valores. Vamos admitir que o passarinho valha uma vida humana. Acontece, porém, que o passarinho não morreu. Ganhou a liberdade, o que o dr. Alceu devia achar ótimo. Portanto, não se trata de uma vida pela outra. E, além do mais, o motorista era tão miserável como o camponês. Como a fome é prolifera, devia ser pai de uns

oito filhos e, conseqüentemente, oito órfãos. Vamos imaginar a cena: — o motorista, no meio da estrada, estirado, os intestinos ao sol. Pois o dr. Alceu aplaude a carnificina e só falta pedir bis como na ópera.

[4/4/1968]

OS IDIOTAS SEM MODÉSTIA

Alexis Carrel, que os comunistas chamavam de Conselheiro Acácio, escreveu um livro célebre. Ou por outra: — a celebridade não é do livro, mas do título. *O homem, esse desconhecido*. Um título bem-sucedido faz um *bestseller*. E, no caso de Carrel, foi um impacto irresistível. Quando saiu aqui a primeira edição, não se falava noutra coisa. Grã-finas, mulatas, funcionários, marinheiros, arquitetos, se juntavam na vitrina das livrarias. Uns entravam e compravam o livro. Outros não compravam, mas levavam o título na cabeça e no coração.

E aqui começa o mistério — foi o mais comprado dos livros e o menos lido. O leitor, ao parar no título, já se dava por satisfeito. E, nos saraus grã-finos, o título corria de boca em boca. Contam que um certo cavalheiro baixou a voz para uma jovem senhora. Junto de sua orelha pequenina e sensível, fez a pergunta: — “A senhora já leu *O homem, esse desconhecido*?”. A dama olha para os lados e suspira, baixando a vista: — “Já”. E foi esse tom de segredo e, repito, foi esse mistério de proposta obscena que os perdeu. O marido arremessou-se contra o rapaz: — “Não admito! Não admito!”. E quebrou-lhe a cara.

Depois, Alexis Carrel morreu, seu livro passou da moda. Mas o título sobreviveu ao autor e sobreviveu à obra. *O homem, esse desconhecido*. Só agora, depois de passadas várias gerações, é que outros títulos apareceram e se popularizaram. Creio que, em nosso tempo, já se poderia escrever sobre *O homem, esse idiota*.

Sim, hoje o homem é mais idiota do que desconhecido. (Falei do título de Carrel e não expliquei o seu êxito fulminante. Simplesmente, o leitor sentia-se lisonjeado de ser também “desconhecido”.) Reparem: — somos mais idiotas do que nunca. Ninguém tem vida própria, ninguém constrói um mínimo de solidão. O sujeito morre e mata por idéias, sentimentos, ódios

que lhe foram injetados. Pensam por nós, sentem por nós, gesticulam por nós.

Na minha confissão de ontem, contei um episódio terrível de alienação. Era um desfile de jovens. E, um deles, um latagão esplêndido, barbado como um fauno de tapete, erguia um cartaz patético: — lá estava escrito, a piche, a palavra “muerte” etc. etc. Devia ser “muerte” aos imperialistas ou aos gorilas, sei lá.

Não vou aqui discutir como um Raskolnikov, se o homem tem, ou não tem, sob certas condições, o direito de matar. Isso é outro problema, cuja discussão exigiria muito papel e muita tinta. Mas o que não entendo é a palavra “muerte”. O rapaz e seus colegas não gostam dos imperialistas: querem corrê-los daqui a patadas salubérrimas. Ótimo. Mas por que não matar no próprio idioma? Por que odiar em espanhol? Por que chamar o inimigo de “perro” e não de cachorro? Por que, meu Deus, por quê?

O rapaz passou, por toda a avenida Rio Branco, empunhando sua “muerte”. E não espantou ninguém, ou por outra: — talvez tenha espantado os pombos da Cinelândia e os leões do antigo Senado. Mas os outros manifestantes e os curiosos, e a imprensa, e o *Jornal do Brasil*, ninguém se esbugalhou. Todo mundo achou naturalíssimo que um jovem brasileiro fosse patriota em castelhano.

Dirá o leitor que era apenas um idiota. De acordo. Um. E um idiota é, numericamente, secundário, irrelevante, nulo. Há, porém, um engano em nossa generosa estimativa. Era idiota o que carregava o cartaz e idiotas os que não se espantaram. Sim, são idiotas os que não perguntaram nas esquinas, retretas e velórios: — “Mas agora vamos morrer em espanhol?”.

Claro que os idiotas são de todos os tempos. Sempre existiram. Mas, no vasto passado humano, o idiota como tal se comportava. Até pouco tempo, os idiotas não existiam na História e na Lenda, e repito: — os personagens da História e da Lenda eram os melhores. Aí está dito tudo. Eram os melhores que falavam alto, que gesticulavam, que atiravam patadas e quebravam caras. O bom juiz de futebol é o que não se sente. Os idiotas eram igualmente imperceptíveis, incorpóreos, espectrais.

Mas não precisamos ir tão longe. Aqui mesmo, em nosso Brasil, o que havia era o “grande ministro”, o “grande deputado”, o “grande jornalista”, o “grande tribuno”. Os idiotas não exalavam um suspiro. No Império e na

República não se conhece um único débil mental de babar na gravata. Na hora de morrer, o senador, ou ministro, ou jornalista, ou tribuno, sabia fazer uma última frase. O sujeito, de vela na mão, esculpia a sua derradeira pose.

E, de repente, tudo muda. Os idiotas perderam a modéstia, a humildade de vários milênios. Eles estão por toda parte. São os que mais berram. O sujeito que passa numa esquina, numa retreta ou num velório é logo cercado de idiotas. As casacas são usadas pelos idiotas; as condecorações pingam dos idiotas. E, de mais a mais, são numericamente esmagadores. Antigamente, o silêncio era dos imbecis; hoje, são os melhores que emudecem. O grito, a ênfase, o gesto, o punho cerrado, estão com os idiotas de ambos os sexos,

Na Rússia, prende-se, condena-se, encarcera-se um poeta por ser poeta. E os nossos intelectuais continuam maravilhados com a “Grande Revolução”. Mas pergunto: — que fazer se, por toda a parte, recebemos uma saraivada de idiotas? Não há opção à vista. Cada um tem de se tornar idiota para sobreviver.

Não sei se me entenderam. Mas a coisa me parece de uma cristalina evidência. Pela primeira vez os idiotas fazem a História. Mao Tsé-tung, um dos mais formidáveis estadistas do século, chama a bomba atômica de “tigre de papel”. E diz, com sábia malícia: — “Se uma guerra nuclear matar quatrocentos milhões de chineses, sobrarão outros quatrocentos milhões”. Com um piparote, o idiota assassina a metade do seu povo. E ninguém se espantou. Naturalíssimo o assassinato dos quatrocentos milhões. Estranho mundo idiota.

[11/4/1968]

OS FALSOS CRETINOS

Anteontem, falei dos idiotas. Sinto, porém, que disse muito pouco, quase nada. O assunto foi apenas insinuado, e repito: — o assunto está diante de nós como uma Sibéria imensa, à espera de que outros a invadam, e a ocupem, e a fertilizem. E quem não percebeu a invasão dos idiotas não entenderá, jamais, o Brasil dos nossos dias.

Sei que em todo o mundo é assim. Mas deixemos o mundo. Tratem os do Brasil. Dizia eu, na minha confissão de anteontem, que Magé me fascina mais do que o Vietnã. E, portanto, vou-me limitar aos idiotas da casa (o Paulo de Castro que cuide dos internacionais).

Outro dia, morreu Assis Chateaubriand. Disse “outro dia” e preciso fazer uma correção de tempo. Em verdade, morrera antes, muito antes de ser enterrado. Aquele homem chumbado à cadeira, entrevado, de riso torto, não era o Chateaubriand, era o anti-Chateaubriand, a negação do Chateaubriand. Mas a sua queda ocorreu no momento exato. Passara a época do “grande jornalista”. Sim, o “grande jornalista” teria de vagar, por entre as mesas, cadeiras e estagiárias das redações, como uma lívida figura sem função e sem destino.

Portanto, quem matou Chateaubriand não foi a trombose, mas a inatualidade. Pouco antes, morrera J. E. de Macedo Soares. Outro “grande jornalista”. Eu me lembro do que dizia Gilberto Freyre: — “Como escreve bem! Como escreve bem!”. E, por isso mesmo, porque escrevia bem, tornara-se mais secundário, mais irrelevante, em nossa imprensa moderna, do que uma estagiária. Quando morreu, teve nos jornais uma meia dúzia de linhas. Pompeu de Sousa, Danton Jobim e mais três ou quatro acompanharam o seu enterro. O “senador” era um estilista e, como tal, tornara-se mais antigo do que o fraque de Pinheiro Machado.

Penso no meu pai. Um artigo de Mário Rodrigues era lido, em voz

alta, nos botecos mais analfabetos. E a pura delícia auditiva de sua prosa aumentava a tiragem do jornal em trinta mil exemplares ou mais. Era a época em que uma boa frase derrubava um ministério. As instituições tremiam com uma penada do “grande jornalista”.

Ainda outro dia, um velho profissional chamou-me a um canto. Simplesmente queria sussurrar-me este conselho de uma sabedoria infinita: — “Não escreva bem, nunca, em hipótese nenhuma”. Ao dizer isso, arquejava de uma bronquite velha, nostálgica, de passadas gerações. E, de fato, o que importa, no momento, é ser idiota.

Nas minhas notas de anteontem, escrevi que o idiota sempre se comportara como idiota. Era de uma modéstia exemplar, de uma humildade total. Não em nossa época. De repente, em nossa época, o idiota explode. Na minha infância, não passava do curso primário e já se dava por muito satisfeito. Nascia, crescia, namorava e morria sem jamais pensar por conta própria. Podiam pichar-lhe o túmulo com a seguinte inscrição: “Nunca pensou”. O idiota era quase um santo.

O trágico da nossa época ou, melhor dizendo, do Brasil atual, é que o idiota mudou até fisicamente. Não faz apenas o curso primário, como no passado. Estuda, forma-se, lê, sabe. Põe os melhores ternos, as melhores gravatas, os sapatos mais impecáveis. Nas recepções do Itamaraty, as casacas vestem os idiotas. E mais: — eles têm as melhores mulheres e usam mais condecorações do que um arquiduque austríaco.

Não sei se me entendem e se concordam comigo. Mas é o próprio óbvio. A olho nu, qualquer um percebe a ascensão social, econômica, cultural, política do idiota. Outro dia, passou por mim um automóvel das *Mil e uma noites*, sim, um desses Mercedes irreais, com cascata artificial e filhote de jacaré. Lá dentro ia um idiota flamejante.

Desde Noé e antes de Noé, jamais um idiota ousaria ser estadista. É verdade que, na velha Roma, um cavalo foi senador. Mas o cavalo é um nobre animal, de maravilhoso frêmito nas ventas. E nunca se viu um idiota relinchar. Pois bem. Hoje, tudo é possível, tudo. Há idiotas liderando povos, fazendo História e fazendo lendas. Mao Tsé-tung seria impossível em outra época. Em nosso tempo, passa por ser um estadista gigantesco. Há rapazes, aqui, que se dizem da “linha chinesa”. Embora a distância geográfica que os separa, jovens brasileiros estão por conta de Mao Tsé-tung.

E, assim, lidos, viajados, falando vários idiomas, maridos das melhores mulheres — os nossos idiotas têm também os melhores cargos e exercem as funções mais transcendentais. Eu disse que estão por toda a parte: — na política como nas letras, nas finanças como no cinema, no teatro como na pintura. Outrora, os melhores pensavam pelos idiotas; hoje, os idiotas pensam pelos melhores. Criou-se uma situação realmente trágica: — ou o sujeito se submete ao idiota ou o idiota o extermina.

Dirão que exagero. Absolutamente. E é tão importante ser idiota, tão decisivo, que já desponta a fauna, sem precedentes, dos “falsos cretinos”. São rapazes inteligentíssimos, bem-dotadíssimos, alguns beirando a genialidade. Pois bem. O sujeito, para viver, ou sobreviver, enterra o próprio espírito, como as jóias de Raskolnikov. E, se for preciso, ele finge debilidade mental e põe-se a babar na gravata, copiosamente.

Eu citaria o exemplo do Ferreira Gullar. Ex-poeta maravilhoso. Seu livro *A luta corporal* ficou, se me permitem a ênfase, como um momento de eternidade. Mas o Ferreira Gullar foi cercado, envolvido, triturado pelos idiotas. E, hoje, só consente em ter espírito, à meia-noite, num terreno baldio, sob a luz de fúnebres lâmpadas.

[15/4/1968]

“O VERDADEIRO CRISTO É MARX!”

Nos momentos pânticos do Brasil, corro aos grã-finos. Bem os conheço. Têm uma fina sensibilidade histórica e, direi mesmo, um agudo faro profético. E, no último sábado, lá fui eu para um palácio no Alto da Boa Vista (o banheiro da dona da casa, todo em mármore e com bicas de ouro, é desses que exigem uma Paulina Bonaparte). Chego e caio nos braços do anfitrião. Qual um Bórgia obeso, ele me arrasta de convidado em convidado, fazendo as apresentações. Bem, já apertei todas as mãos presentes. E, então, ele me pergunta: — “Você não é marxista?”.

Alcei a fronte: — “Não sou marxista”. O Bórgia recua dois passos e avança outros dois, num desolado escândalo: — “Como pode? Como pode?”. E, de fato, em certas recepções, o não-marxista é olhado como se fosse uma girafa. O dono da casa atraca-se a mim, patético: — “Você tem de ser marxista!”. E, de olho rútilo e lábio trêmulo, repete o apelo: — “Seja marxista!”.

Aquela reunião tinha belas senhoras por toda parte. Eu próprio estou cercado de decotes. E, então, para me justificar e me absolver, falo de uma velha entrevista que fiz com o Otto Lara Resende, a quatro mãos. Lá está dito o óbvio, isto é, que falta a Marx a dimensão da morte. Em nenhum escrito marxista há uma linha, uma escassa linha sobre o nosso destino eterno. E, como Marx nos tirara a alma imortal, queríamos que ele a devolvesse.

Um dos decotes presentes tomou a palavra. Afirmou que, não sendo eu marxista, o meu teatro estaria mais obsoleto do que a primeira audição do “Danúbio azul”. O anfitrião secundou: — “Todo teatro moderno tem de ser marxista. Ou é marxista ou não é nem moderno, nem teatro”. Afastei-me um momento para largar o cigarro no cinzeiro. Quando voltei, o anfitrião falava para uma senhora, de belíssimo decote. Dizia ele, mais interessado no decote

do que na luta de classes: — “Marx é tudo!”.

Houve uma concordância unânime (eu era a única e muda oposição). Durante duas ou três horas, Marx deixou de ser Marx e passou a ser “o velho”. E, quando as senhoras diziam “o velho”, havia um frêmito geral e voluptuosíssimo nos decotes. Foi então que arrisquei: — “O marxismo é o ópio do povo”. Fiz a frase, sem lhe acrescentar um ponto de exclamação. A coisa saiu em tom modesto e, mesmo, tímido. Tive o cuidado de evitar qualquer ênfase. Todavia, percebi, imediatamente, a minha inconveniência brutal. Ninguém disse nada; e esse mudo horror me agrediu mais do que um soco na cara.

Fui posto de lado. Fiquei confinado no fundo da sala, e só olhando. Lá adiante, o Bórgia falava, a outro decote, sobre o Sudeste Asiático. Mas eu era um pobre-diabo, sem função e sem destino, naquela festa. Mais um pouco e me despedi. Por coincidência, saiu comigo um conhecido. E ele veio me dizendo: — “Chamar marxismo de ópio do povo é uma boa piada”. Logo, porém, corrigiu: — “Mas você deu um fora. Não se diz tudo”. Retruquei-lhe que as coisas não ditas apodrecem em nós. Com uma condescendência superior, o outro suspira: — “Você é literário demais”.

Mais tarde, em casa, trato de adular a minha úlcera com um prato de mingau. E não me sai da cabeça o sarau de grã-finos. Tomando a papinha analgésica, ainda via aquelas belas senhoras sob a embriaguez marxista. Eram ninfas decotadas falando de “o velho” como de um luminoso sátiro vadio. E pensava no “ópio do povo”. Realmente, é uma imprudência, um *risco*, um mau negócio não ser marxista. Ou por outra: — não se trata de ser marxista, mas de se dizer marxista. “Dizer-se marxista” é uma maneira de ser inteligente sem ler o próprio Marx e muito menos o próprio Marx. Mas falei no “ópio do povo” e já não sei se posso totalizar. Certas populações do Brasil ainda não chegaram nem à República e ainda estão em Pedro II. Todavia, nas grandes cidades, o Pedro II das elites é Marx. Intelectuais, estudantes, grã-finos fumam o ópio marxista.

De vez em quando, um desses fumantes me diz: — “Marx é maior do que Cristo”. E um outro viciado jurou-me: — “O verdadeiro Cristo é Marx”, Ambos usavam a mesma ênfase alucinatória. Bem os entendo. O Brasil atual é um pouco a Velha China. Sabemos o que foi, historicamente, para o antigo chinês, o papel do ópio. Houve uma espantosa deliquescência de valores. O

vício maravilhoso destruía o sentimento de terra, de nação, de história, de família. Tudo apodrecia no êxtase supremo. (Mas a China não pode viver sem ópio. Hoje o ópio, o sonho, o delírio é Mao Tsé-tung.)

Julgo perceber uma certa semelhança entre o aviltamento da China do ópio e a atitude de certas áreas ideológicas do Brasil. Procurem me entender. Fumamos o ópio marxista. Muito bem. E, na fumaça leve e encantada que sopramos, não aparece a silhueta do Brasil. É cada vez mais cruel a distância entre as esquerdas e o Brasil. De vez em quando, vejo muros pichados com vivas a Cuba. Eis o que me pergunto, gelado de pavor: — “Vivas a Cuba e não ao Brasil?”. Nunca, até hoje, se sujou um muro brasileiro com um honesto e desesperado viva ao Brasil.

Ainda ontem recebi um telefonema patético. Era uma estudante da PUC. Não fez nenhum mistério: — “Sou marxista”. Perguntei, risonhamente: — “Ah, você também gosta de ópio?”. Ela não entendeu. Mas, quando falou em “o jovem”, fui taxativo. Expliquei o meu ponto de vista. Para mim, “o jovem” é tão falso, tão irreal como “o artista”, “o judeu”, “o negro” etc. etc. Mas ela queria falar do Vietnã, de Cuba, da China, da Rússia e, para xingar, dos Estados Unidos.

Com relativa paciência, fiz-lhe ver a sua confusão geográfica. Isto aqui é o Brasil. E repeti: — “Ponha-se no Brasil! Ponha-se no Brasil!”. Finalmente, tomei a palavra e não a larguei mais. Disse-lhe que, no momento, só me interessa um fato: — a solidão do Brasil. Cuidar do Vietnã, de Cuba, da África, é a melhor maneira de não fazer nada, de não sair do Antonio’s, de não deixar a praia. Há todo um Brasil por fazer. E o ópio ideológico justifica e absolve a nossa deslavada ociosidade. Vamos dar vivas a Cuba e ninguém precisa mover uma palha, tirar uma cadeira do lugar. Por fim, eu estava exausto do meu próprio fervor polêmico. Furiosa, a aluna da PUC já me tratava de você. Explodiu: — “Sabe de uma coisa? Você é um velho gagá!”. Bateu com o telefone. Fiquei, por um momento, meio alado, contemplativo. Depois, me levantei. E me sentia realmente uma múmia.

[16/4/1968]

A FEIA SOLIDÃO

Que brasileiro não tem uma vizinha gorda e cheia de varizes como uma viúva machadiana? Dirá alguém que a vizinhança forma um elenco abundante e diversificado. Não é bem assim. A vizinha autêntica e universal há de ser obesa. E mais: — é preciso que, na estação cálida, use um colar de brotoejas.

Eis o que eu queria dizer: — uma dessas minhas vizinhas patuscas é uma maníaca de velório. Todo o santo dia, lá vai ela para a Capelinha de Real Grandeza, Catumbi ou São Francisco Xavier. E, como a capela possibilita a simultaneidade de velórios, ela passa de um para outro e pranteia os vários defuntos. Ao vê-la assoar-se no lençinho, perguntam: — “A senhora é parente?”. Não é nada. Não conhece o morto nem de vista, nem de nome, nem de cumprimento.

(E a santa senhora chora, de preferência, o desconhecido absoluto. Tem um inconfesso e irritado preconceito contra o cadáver de suas relações.) Um dia, cruço com a vizinha machadiana. Dou-lhe um “bom-dia” e ia passar adiante. Ela, porém, crispa no meu braço a sua mão pequena e voraz de gorda. Diga-se de passagem que é a única senhora de minhas relações que preserva o uso inatual e nostálgico do leque.

Era um dia irrespirável. A canícula lavrava por toda a cidade. Ao mesmo tempo que falava comigo ela abanava, sim, refrescava as brotoejas do pescoço. Simplesmente, a vizinha queria dizer-me, com uma convicção forte: — “Não há mais enterros como o do barão do Rio Branco”. Ela, que não saía dos cemitérios, falava de cadeira. Eu, grave, concordei. Ficamos um momento, em pé, na calçada. E a vizinha e eu parecíamos achar que, entre outras coisas, um grande enterro é quase uma atração turística, assim como o Pão de Açúcar ou Paquetá.

Despedi-me. A santa senhora rumou não sei se para o São João

Batista, Catumbi ou Caju. E eu vim para a cidade. Não era a primeira vez que me falavam dos funerais do barão. Na minha infância, outras vizinhas obesas lembravam muito a morte de Rio Branco. A cidade parou. Todo mundo veio para cima do meio-fio.

O grande enterro não tem a menor tristeza. Havia uma excitação, uma euforia e uma massa inédita de coroas. Honras de chefe de Estado. E foi um espetáculo encantado e concorrido como um domingo de regatas. E, na volta do cemitério, a cidade só deplorava que o barão não morresse todos os dias. Muito bonito eram as dalias que ficavam boiando no asfalto, em todo o fúnebre itinerário.

Mas, como eu ia dizendo: — deixei a vizinha e apanhei condução para o Centro. E me causou uma certa pena a constatação da gorda: não há mais grande enterro no Rio. E uma coisa explica a outra: — não há grande enterro porque falta o grande defunto. Outrora, o Brasil tinha um Rio Branco para enterrar; ou um Rui Barbosa, ou um Floriano, ou um Nilo ou um Deodoro. No momento do crime político, havia um Pinheiro Machado para se apunhalar. Na rua, o sujeito cruzava com o grande homem e o cumprimentava (tínhamos o instrumento da reverência, que é o chapéu).

Aí está dito tudo: — o “grande homem”. Havia o “grande homem” e não há mais. E que é a crise de liderança que nos dilacera? O Brasil procura em vão um líder para o seu amor, ou um líder para o seu ódio. Mas onde achá-lo, se nos falta precisamente o “grande homem”? Dirá alguém que os meios promocionais são infinitos. Com as técnicas modernas, é possível vender bem uma mediocridade.

Não, não é possível. Há uma grandeza que o defunto mais enfático não consegue fingir. E, de mais a mais, não basta nem o gênio, nem a vitalidade histórica do cadáver. Para o “grande enterro” é preciso um conjunto de fatores. E já estou aqui pensando numa bela figura — Baudelaire, que, segundo o nosso Afrânio Peixoto, é um “torpe realista”.

Em dia e ano que não me ocorrem, o “torpe realista” morreu. Teria, se não me falha a memória, seus 43 anos. De que morreu, não sei, nem importa. Morreu. Ora, era de esperar que seu enterro tivesse a concorrência de um simples aniversário de Victor Hugo. Quando o velho Hugo completou setenta, Paris inteira desfilou na sua porta, atirando-lhe braçadas de rosas. Foi uma apoteose nunca vista.

Pois Baudelaire devia merecer pelo menos um bonito enterro. E, no entanto, vejam vocês: — cinco pessoas, exatamente cinco, nem mais, nem menos, foram levá-lo ao cemitério. Era um grande homem sem um grande enterro. Mas dizia eu que certos fatores influem no brilho dos funerais. O artista, o herói, o santo, precisam morrer na hora certa, nem um minuto antes, nem um minuto depois. E Baudelaire morreu, impropriamente, quando não era mais escândalo, não era mais apelo. Sim, morreu no justo instante em que sua figura e sua obra mereciam um certo cansaço, um certo tédio provisório. Devia ter morrido ou muito antes ou muito depois.

Outro que não teve o enterro do barão do Rio Branco foi Mozart. Também morreu no momento impróprio. Dirá alguém que, mais feliz do que o “torpe realista”, teve um acompanhamento de trinta pessoas. Acontece, porém, que, no meio do caminho, começou a chover, a ventar, a relampejar. Era o chamado mau tempo de 5º ato do *Rigoletto*. E, então, houve uma debandada feroz. Largaram o caixão e todos dispararam fisicamente. Até hoje perdura o mistério: — ninguém sabe onde enterraram Mozart e se o enterraram.

Mas vejam vocês como a singela observação de uma vizinha desencadeou, em mim, todo um processo de angústia. E, súbito, passo a entender melhor a solidão do Brasil. De vez em quando sentimos na vida brasileira uma aridez de três desertos. Eis a constatação humilhante: — o Brasil está triste porque não tem um “grande homem” para enterrar.

[17/4/1968]

SÓ O ÓDIO CONSTRÓI

Nenhum povo vive sem o “grande homem”. Vejam a França. A França não tinha uma Joana d’Arc, nem tinha um Napoleão. Tratou de providenciar um De Gaulle. E De Gaulle foi esculpido às pressas, embrulhado e, por fim, inaugurado. Com o grande homem, a França encontrou a paz social, familiar, econômica etc. etc.

Mas, eu pergunto, o que aconteceria se ela não achasse o seu De Gaulle? Se não fosse este, seria um outro De Gaulle. Mas vamos admitir que, de repente, por uma dessas insuportáveis fatalidades históricas, os franceses não descobrissem nenhum De Gaulle. Sem o “grande homem”, a velha nação seria como que uma cocote desdentada e gagá.

Outrora, o Brasil tinha o “grande homem” ou alguém que o imitasse. E, súbito, o brasileiro olha e não vê ninguém. Não há um único e escasso Rui Barbosa, não há um único e escasso Santos Dumont. Sim, não se vê um outro “Pai da Aviação”. E sentimos também, na paisagem brasileira, a falta desesperadora dos positivistas. Cada geração devia ter um Teixeira Mendes, um Reis Carvalho.

Mas, pergunto: — qual o papel do “grande homem”? Justamente, ele desagrava o pobre-diabo de velhas e santas humilhações. Nunca me esqueço de um domingo (se não me engano, domingo) em que acordo e ouço o brado da minha cozinha: — “Marta Rocha tirou o segundo lugar!”. Pulei da cama, ferido pela notícia. Era o rádio que estava dando, em frenéticas edições extraordinárias.

Há muitos e muitos anos este povo não recebia um impacto tão firme e tão puro. Era um segundo lugar (cínico segundo lugar, porque Marta Rocha merecia os dez primeiros lugares). Mas é preciso compreender que o brasileiro nasce marcado pela vergonha física. Não sei se me entendem. O brasileiro é um Narciso às avessas que cospe na própria imagem. Somos

feios confessos. E, de repente, uma brasileira tira, num concurso mundial de beleza, o segundo lugar. A minha cozinheira sentiu-se atravessada de luz como uma santa de vitral.

Deu-me vontade de sair gritando: — “Somos lindos! Somos lindos!”. Naquele dia, o Narciso patricio não precisou se autocuspir. E, por um segundo, a crioulinha favelada teve o seu toque de graça incomparável. Desde então, sempre que penso num elenco de “grandes homens” brasileiros, incluo Marta Rocha. Ela bem o merece. Tornou bonito um povo feio.

Não direi que todos amam o “grande homem”. Há quem o abomine e com justiça. Refiro-me à sua mulher. Que estranha figura shakespeariana, ferida pelo tédio, pelo rancor, pela solidão. Conversei, certa vez, com o médico de um “grande homem”. E o médico, apavorado, me dizia: — “Estou com a minha cara no chão!”. No seu espanto, perdera toda a polidez, toda a cerimônia de linguagem e repetia: — “Estou besta! Besta!”.

O “grande homem” acabara de morrer. Não vou citar nomes. O presidente da República fora visitá-lo nos últimos momentos. Soube que estava agonizando e inclinou-se diante da quase viúva: — “Que lástima! Que lástima!”. Mas o que impressionara o médico não foram as homenagens oficiais, nem os ministros que entupiam as salas, nem os automóveis que chegavam e partiam. Tudo isso era secundário, irrelevante e vagamente humorístico.

Mas houve um momento em que o médico e a esposa do moribundo ficaram sozinhos, no quarto. Acabavam de sair duas tias, uma cunhada, um irmão. A esposa foi torcer a chave; ninguém entraria mais, ninguém. E, então, ela pergunta: — “Ele vai morrer?”. *Suspense*. O outro vacila; insinua: — “Há sempre esperança”. A mulher fala baixo e fremente: — “O senhor não me entende. Eu quero que ele morra! Quero! E já! Entendeu agora? Não agüento nem mais quinze minutos!”.

O médico, lívido, não sabia o que dizer, o que pensar. Ela o agarrou: “Diga que ele morre! Diga, doutor!”. Súbito, o médico entendia tudo. O “grande homem” e a mulher viviam juntos há trinta anos. Passavam por bem casados. E agora que ele morria, as palavras da esposa vinham como um vômito de ressentimento conjugai. O clínico balbuciava: — “Calma, minha senhora, calma! O momento não é próprio!”. E repetia, fora de si: —

“O momento não é próprio!”.

Mas depois, falando comigo, e já enterrado o “grande homem”, via as coisas com outra isenção e objetividade. Queria acreditar que é realmente difícil ser fiel a uma pose. Para a esposa, ou amante, ou o que seja, o “grande homem” é uma pose. No caso referido, a pobre mulher já se casara com o gênio reconhecido e proclamado. Coabitar com uma pose é o próprio inferno.

Bem. Fiz a meditação acima para chegar ao dr. Christian Barnard. Temos tal fome e sede de “grande homem” que toda a cidade veio para a rua adorá-lo. Hoje, o mundo é, para o amor, a *Casa de Bernardo, Alba*. Os maiores homens do nosso tempo não têm uma palavra irmã. Fuzilaram o pastor negro precisamente porque ele trouxe, para o seu povo, o puro gesto de amor.

Só o ódio é promocional. E é preciso odiar mais do que os outros. E berrar mais. O próprio sacerdote justifica e absolve certas “violências”. Há a “carnificina santa”. É assim no Brasil e no mundo. E, súbito, desembarca no Brasil o “grande homem” que não esbraveja, o “grande homem” não ressentido, não homicida. Podemos amá-lo na certeza de que não estamos amando o ódio.

E, em vez de matar e de morrer por ódio, ele simplesmente nos oferece a ressurreição. Como se não bastasse, é “grande homem” sem parecê-lo. Lembra mais um funcionário, um bancário, um namorado da Tijuca, um rapaz da praça Saenz Peña. Vimos o caso da esposa condenada a amar uma pose e com a pose coabitar. O nosso Barnard é o gênio sem pose nenhuma, nenhuma. Simples como um luminoso contínuo. Merecia que lhe beijassem, na calçada, a marca dos sapatos.

[18/4/1968]

O ESPÍRITO MORTO

De repente, parou, abriu os braços para o céu: — “Ai de ti, Sion! Ai de tua mulher e dos teus filhos, se esqueceres o espírito!”. Era velho, velho de uma velhice infinita, milenar. Deixou para trás o seu horrendo soluço e partiu. De vez em quando, parava e, levantando o gesto profético, repetia: “Ai de ti, Sion! Ai de tua mulher e dos teus filhos, se esqueceres o espírito!”. Até que atravessou um deserto. Ninguém para ouvi-lo, ninguém.

Mas ele falou também para o deserto. Não esquecer o espírito, jamais esquecer o espírito. O deserto se povoou de espanto. E assim, com suas duras e feias sandálias, o grande velho vem gritando, sem nunca parar. Todos o apontam: — “Olha o hebreu! Olha o hebreu!”.

Eis o que eu queria perguntar: — que será do brasileiro, da mulher e dos filhos do brasileiro? A verdade é que não fazemos outra coisa, na vida, senão esquecer o espírito. Ainda outro dia, alguém me dizia: — “Não há mais espírito!”. E, no seu patético, que raiava pelo sublime, o meu amigo fala de um padre progressista, sim, um sacerdote “pra frente”. Do alto do púlpito, exortava os fiéis: — “Manda brasa, pessoal! Manda brasa!”.

Decerto, ali estava, à sombra dos círios, um desafeto do espírito. Mas não era bem isso que eu queria dizer. Eu ia falar dos grã-finos, que os há e altamente politizados. E o velho hebreu foi, nesta crônica, uma presença inesperada e vociferante. Retiro de cena a sua retórica senil e passo adiante.

Voltemos ao palácio do Alto da Boa Vista. Falei dos *smoking* e decotes *vietcongs*, das poses marxistas (e havia também um mordomo de casaca, como no filme policial inglês). Mas, por um desses lapsos fatais, esqueci-me de mencionar a “nota realista” do sarau. Foi uma página de *Os Matas*. Vocês se lembram do Alencar, do Eça. O velho romântico fez um soneto que terminava assim: — “E, ao longe, um burro, pensativo, pasta”. Justamente, o burro era a “nota realista”.

E a reunião citada teve também a “nota realista”. Vamos lá. Na altura de três da manhã, uma bela senhora, recente capa de *Manchete*, diz vivamente: — “Sabe que Marx sofria de furúnculos?”. E, aqui, abro um breve parêntese. Ninguém sofre mais, em nossa mão, do que o velho Karl Marx. É impressionante como cada um de nós se empenha em aviltar e imbecilizar o marxismo. De vez em quando, vem um idiota dizer-nos nas salas, esquinas e botecos: — “Marx mudou a face do mundo”.

Nada mais inexato. Não foi Marx que mudou a face do mundo. Foi o mundo que mudou a face de Marx. A Rússia, a China, Cuba e toda a Cortina de Ferro mudaram a face de Marx. Mao Tsé-tung chama de “tigre de papel” a bomba atômica e acha graça na guerra nuclear. Eis o seu raciocínio: — se a China perder quatrocentos milhões de chineses, sobrarão outros quatrocentos milhões. É óbvio que esse argumento de prodigiosa debilidade mental nada tem de marxista.

(Mao Tsé-tung é o antiMarx, do mesmo modo que é a anti-pessoa.) Tenho dito que a nossa época está ferida pela solidão. Não vejo outro tema mais urgente e fascinante. Somos todos solitários. Odiamos, matamos e morremos por solidão. Eu poderia juntar mais uma: — a solidão de Marx. Ninguém mais ferozmente incompreendido, ninguém mais tenazmente falsificado. E como o corrompem.

Volto à “nota realista”. E o furúnculo, por ser marxista, tornou-se o assunto obsessivo dos grã-finos. Notei a reação das senhoras decotadas. Elas falavam da “furunculose” como uma beata falaria das chagas de Cristo. Ou por outra: — não é bem assim. Não se tratava mais de uma coceira, de uma inflamação meio folclórica. Havia um tom como que lúbrico. Os trinta casais ainda chamavam Marx de “o velho”. Agora, “o velho” estava acrescido de mais uma virtude, que era, precisamente, a furunculose, em boa hora lembrada.

E, de fato, em sua correspondência, Marx conta os seus padecimentos físicos. Os furúnculos o perseguiram desde criança. Já velho, tinha que largar a luta de classes etc. etc., para que alguém espremesse a constelação de furúnculos. Mal sabia ele que, tanto tempo depois, num palácio do Alto da Boa Vista, sessenta grã-finos iam dramatizar a sua furunculose como se fossem chagas místicas e radiantes.

Por aí se vê como degradamos “o velho”. (Por mim, só lhe faço a

objeção já declarada: — quero que ele devolva a minha alma imortal.) Mas vejam a “nota realista”. Parou a reunião grã-fina. Todos os assuntos morreram. E só se falou, com estremecida volúpia, em nostálgicos furúnculos.

(Mas ao chegar a este ponto, descubro em mim a vontade de anunciar: — eu estava de *smoking*. É como se dissesse: — “Eu tenho *smoking*”. Vejam vocês o meu pudor físico. Falei do mordomo de casaca. E não dizia uma palavra sobre o meu *smoking*. Enfim realizo a minha vaidade pueril e terrível.)

Tenho mais uma palavra a dizer sobre a solidão. Ontem, almocei com o “Marinheiro Sueco”. Fisicamente enorme, tem ele a fragilidade indefesa dos gigantes. E o “Marinheiro” abre o coração: — “Não sei o que há comigo!”. Pausa e repete: — “Há uma coisa, não sei”. Preparava uma confiança e fez a confiança: — “Estou com vontade de brigar. De quebrar caras”. Olhava em torno, querendo vítimas. Só depois de muita conversa, descobriu a origem de sua agressividade gratuita. Lera no *Globo* o telegrama sobre conflitos estudantis por todo o mundo. Era assim uma ferocidade por imitação, uma ferocidade induzida e irresistível.

Ah, se um de nós lesse, em vez de uma notícia de ódio, uma mensagem de amor. Quero crer que a mensagem morreria em nós e não nos daria nenhuma vontade de amar. Ao passo que um vago telegrama deflagra em nós um ódio vil. Eu gostaria de falar ainda da solidão do gesto de amor. Mas paro aqui.

[19/4/1968]

O TRANSLÚCIDO CANALHA

Às três horas da manhã acordei. Rápido e elástico, salto da cama. Fico um momento em pé, no quarto, e descalço. A pequenina lâmpada, na mesinha-de-cabeceira, faz uma penumbra de boate. E, súbito, começo a sentir uma falta desesperadora não sei de quê. Venho para a sala, sento num canto. Algo me falta, algo. Até que, de repente, baixa a luz em mim: — falta a dor da úlcera.

Via de regra, a dor me acorda às três da manhã, religiosamente. Parece fantasia, mas é verdade. Imaginem uma dor amestrada, que vem na hora certa. E, hoje, pela primeira vez, faltou. Deu-me o bolo. Estou sentado e me levanto. Começo a andar de um lado para outro. A lesão está quieta como nunca. Mas repito: — falta a dor, exatamente: a dor. É o sono da úlcera.

Sem dor, acabo tomando a papinha analgésica. E, ao mesmo tempo, começo a pensar em Jean-Paul Sartre. (No meio do mingau, a ferida começa a doer.) De onde vem o meu horror a Sartre? Foi numa conferência do mestre. Lembro-me de tudo. Conferência, ali, na ABI. Lá fora, chovia. Houve um tempo em que Olegário Mariano punha uma chuva em todos os seus versos. E fazia um mau tempo de Olegário Mariano.

Repito a pergunta: — como começou o meu horror a Sartre e por que começou? Vamos lá. Eu estava na sala superlotada. Diria, como nas minhas crônicas esportivas, que tinha gente até no lustre. Por mais estranho que pareça, eu não prestava a menor atenção ao conferencista. Mais que a palavra de Sartre, fascinou-me a cara dos seus admiradores.

A cara! Numa de minhas peças, um personagem propõe uma folha de parreira para o rosto. E alegava, com uma certeza fanática: — “Só o rosto é obsceno”. Assim falou o meu personagem. Eu, porém, não seria tão radical. Nessa mesma peça, um outro personagem objetou: — “Só o rosto do morto

não é obsceno” etc. etc. Eis o que eu queria notar: — a cara dos admiradores de Sartre merecia, sim, a folha de parreira.

Homens e mulheres lambiam com a vista o filósofo. Por certo, há admirações nobilíssimas e outras que são abjetas. Naquela tarde, e naquela sala, eu só via admirações abjetas. (Se querem saber, não sei francês. Não sei nenhuma outra língua além da minha. As coisas só existem na minha própria língua.) contei essa passagem para acrescentar, finalmente: — o meu horror a Sartre começou nos seus admiradores e, mais precisamente, começou na cara dos seus admiradores.

Só posteriormente é que tratei de fazer uma revisão da obra sartriana. Mas o ficcionista, ou o filósofo, ou seja lá o que for me interessa muito menos do que o homem. Deixo de lado as suas peças, toda a sua ficção, a sua filosofia, artigos, ensaios. Vou-me ocupar, apenas, de algumas “indignidades” do “grande homem”. Sua obra é todo um gigantesco julgamento dos valores de vida. Vamos também julgá-lo.

Sartre recusou o Prêmio Nobel. Convém esvaziar tal renúncia de todo o falso patético, de todo pseudo-sublime. O filósofo não perdeu um tostão. Pelo contrário: — foi um gesto promocional de gênio e que serviu apenas para aumentar a sua bilheteria. Mas vamos esquecer a aparente grandeza da atitude. Façamos a releitura do documento, falsamente nobre, falsamente altivo, em que repudia o cheque sueco.

Argumenta o filósofo que o Prêmio Nobel foi concedido a Boris Pasternak. Mas quem é Pasternak? Diz ele: — “Um escritor que não é lido em sua própria terra”. Vejam: — “Um escritor que não é lido em sua própria terra”. Aí está o canalha, o límpido, o translúcido canalha Jean-Paul Sartre. Se disse isso, é um canalha (e o disse num claro e deslavado documento para o mundo).

E repito: — de uma simples frase emerge todo o canalha. Vejam bem. Um crime contra a inteligência impediu que Pasternak fosse lido em sua própria língua. E Sartre está a favor do “crime” e contra a vítima. Pasternak é um poeta, um romancista, um pensador que o totalitarismo soviético havia de exterminar, até fisicamente. E Sartre não pinga uma palavra de compaixão sobre o assassinato de um artista.

(Preciso falar também de um prodigioso documento. É um manifesto de Oitocentos intelectuais russos. E lá se faz também a excomunhão do autor

em desgraça. Oitocentos intelectuais russos, Oitocentos canalhas.) Mas a miséria não pára aí. Perguntem aos nossos intelectuais de esquerda: — “Vocês leram o que Sartre disse sobre o Pasternak?”. Ninguém leu, ninguém viu, ninguém sabe. O monstruoso documento saiu em todos os idiomas. E nós, que o lemos e o relemos, fingimos um pequeno, irrelevante, cínico lapso de memória.

Agora mesmo vejo um telegrama de Moscou, que todos os jornais publicaram: — nove intelectuais russos foram julgados e condenados sumariamente. Imagino se esses também assinaram o manifesto contra Pasternak. Leiam os nossos próximos suplementos dominicais. Os nossos intelectuais de esquerda não vão exalar um mísero e tênue suspiro. É um crime contra a inteligência. Mas Jean-Paul Sartre disse, aqui, que a Rússia era “a Revolução”. E, como tal, tem todo o direito de enfiar na cadeia a canalha intelectual.

Eis o que eu queria dizer: — convém ter pudor de ser artista. Nunca a inteligência se degradou tanto.

[22/4/1968]

OS INTELECTUAIS CORAJOSOS

Ah, sou um homem suscetível de violentas nostalgias. Gosto de falar da vacina obrigatória, do naufrágio da Barca Sétima e do assassinato de Pinheiro Machado. Sei que essas datas, esses fatos, exalam um cheiro de remédio de barata. Mas ótimo que assim seja. O remédio de barata é justamente o passado, sim, o passado em aroma.

Se me perguntarem o que é que se salva em mim, direi, de frente erguida: — “A memória!”. Agora mesmo estou evocando o Rio do *Fon-Fon*, da *Careta*, do cinema mudo (o vilão do cinema usava olheiras de rolha queimada). Era também o Rio dos poetas. Hoje, o título de “poeta” não acrescenta nada ao próprio, nem aos familiares. Antes, não.

No tempo de Raul Pederneiras, o homem de rua, de retreta, de boteco, respeitava a inteligência. Quando eu tinha sete anos, uma vizinha me chamou. Disse arrepiada: — “Teu pai tem o intelectual muito desenvolvido!”. Meu pai fazia artigos assinados no *Correio da Manhã*. E, quando passava, havia o murmúrio: “Que cabeça! Que cabeça!”.

Naquele tempo, apontava-se o poeta no meio da rua. Ele era um sujeito fortemente individualizado como “o soldado”, “o marinheiro”, “o bombeiro”, “o pintor”. Este último punha no colarinho uma gravata feérica ou, melhor dizendo, uma gravata que era um repolho multicolorido. O artista plástico também usava um chapelão de mexicano de Hollywood. A gravata era como que a farda do pintor.

Hoje, ninguém respeita a inteligência, nem a inteligência se respeita a si mesma. Mas na minha infância o intelectual tinha o seu espaço. Nas salas, mocinhas e senhoras recitavam sonetos, com fundo de piano. E, nas ruas, o brasileiro chamava assim o quitandeiro, o sorveteiro, o garçom: — “Olá, poeta! Vem cá, poeta! Escuta aqui, poeta!”. Era-se poeta ou, na pior das hipóteses, “ilustre”, também palavra de soneto.

Lembro-me de um comissário de polícia que batia nos presos, ao mesmo tempo que os exortava: — “Confessa, poeta! Vais falar, poeta?”. E,

quando o espancado berrava demais, a autoridade dizia-lhe: — “Engole o choro! Engole o choro!”. E o poeta o engolia. Era medonho.

De uns tempos a esta parte, tudo mudou. Até o *charleston*, até Benjamin Costallat, ainda se era *poeta*, ainda se era *ilustre*. Eis o que me pergunto: — “Onde e quando começou a degradação do intelectual?”. Vejamos. Lembro-me de certa atitude de Paul Éluard. Os comunistas iam enforcar um poeta. Sim, enforcá-lo como a um ladrão de cavalos. Alguém foi pedir a Éluard que assinasse um pedido de clemência. O poeta não se alterou. Disse, macio, sucinto, exato: — “Não assino”. E não assinou. Era um canalha.

Eis o que eu queria dizer: — o aviltamento começou quando o intelectual se politizou. Já não bastava ser “poeta”, “romancista”, “ensaísta”, “dramaturgo”, “pintor”. Uma vez que a política é a linguagem do nosso tempo, o artista tem de sair de sua solidão criadora. Nunca se pediu um soneto a Bismarck, ou um romance a Roosevelt ou um drama a Churchill. Mas se exige do poeta que, apesar de sua nobilíssima covardia física, pegue no fuzil, trepe na barricada e atire como um Tom Mix.

Vejamos um romancista. Ele se desvia do ato literário puro, e por quê? Há suas vantagens. Assina manifestos, vai a reuniões, bebe no Antonio’s, desfila em passeatas e não precisa escrever uma linha. Até os grandes fazem essa mistificação. A fúria religiosa de Tolstoi foi apenas um disfarce de sua impotência romanesca. Mas o pior são os jovens que, antes de chegar ao *Guerra e paz*, estão para sempre aviltados.

Ontem, escrevi sobre as indignidades de Sartre. Lembro-me de mais uma: há pouco tempo, ele mandou interditar a própria peça. *As mãos sujas*. Não se conhece nada parecido em matéria de aviltamento próprio, de autoflagelação. Por uma vaga injunção política, um artista se faz polícia de si mesmo e a si mesmo se mutila. E esse escritor tem a vil coragem de falar em “homem”, em “pessoa humana”, em “liberdade”. Nos seus escritos, ousa tratar dos valores da vida.

Por isso mesmo, Guimarães Rosa teve um gesto perfeito. Foi o menos político dos nossos autores e, repito, foi o mais autor de nossos autores. Era só autor, era só escritor, era só estilista. Nunca o vimos carregando faixas e pichando muros com vivas a Cuba. (Se tivesse de pichar, daria vivas ao Brasil, aos Tenentes do Diabo, a Magé, à praça Sete, ao Flamengo.) Uma vez, o velho Rosa almoçou com Antônio Callado e Otto Lara Resende. O autor do

Grande sertão passou duas horas pedindo ao Callado, pelo amor de Deus: — “Faça literatura! Romance! Teatro!”. No Brasil, é preciso pedir ao romancista para fazer romance, ao poeta para fazer versos. Guimarães Rosa foi apenas o santo da frase. A frase estava acima de tudo. E, porque não existiu politicamente, pôde levantar o seu monumento estilístico.

Dirá alguém que os nossos escritores de esquerda não fazem literatura, mas assumem uma atitude corajosa contra os Estados Unidos. Não há tal coragem. É fácilimo atacar os Estados Unidos no Brasil e dentro dos próprios Estados Unidos. Até os norte-americanos se auto-atacam, com a maior efusão. Sartre mete o pau nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, cospe na memória de Pasternak. O nosso “intelectual de esquerda” não suspira contra a Cortina de Ferro. Lá a inteligência é diariamente estuprada. Ninguém diz nada.

A “não-resistência” aos crimes contra a inteligência começa no “intelectual de esquerda”. Ele não fará nada, jamais, contra o totalitarismo vermelho. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, o “intelectual de esquerda” estava com a Alemanha nazista. Estava com Hitler por causa do pacto germano-soviético. O Partido Comunista Francês lançou um feroz manifesto contra a “guerra imperialista”. Queria que os trabalhadores de França cruzassem os braços. Sim, o “intelectual de esquerda” só descobriu as atrocidades nazistas quando a Alemanha invadiu a Rússia.

Só então Hitler passou a ser Hitler. Antes não era Hitler. Na queda de Paris, dizia-me um comunista: — “Hitler é mais revolucionário do que a Inglaterra”. Já vimos a hedionda auto-castração de Sartre no episódio de *As mãos sujas*. No seu gesto está todo o destino do intelectual de esquerda. Já se pode falar numa inteligência indigna.

Eu entendo o horror do poeta brasileiro que, a partir de Pasternak, desistiu de escrever. Chamado a assinar um manifesto de escritores, esbravejou: — “Não sou escritor. Sou uma besta”. E, como o colega insistisse, berrou de dedo na cara: — “Escritor é você! Você!”.

[23/4/1968]

ATOR EM BUSCA DE PLATÉIA

Perguntaram-me, certa vez, a minha opinião sobre d. Hélder. Respondi imediatamente, como se tivesse a resposta na ponta da língua. Disse eu que o nosso arcebispo era um ator que galopava, arquejante, atrás de uma platéia. Sim, d. Hélder trocará o paraíso por um único e escasso espectador. Precisa de alguém, e repito, de alguém que o assista, e o carregue, e brigue pelo seu autógrafo.

E, se é um indubitável ator, vamos admitir que nasceu no país certo. Vejo o Brasil como a pátria do gesto, da inflexão, da ênfase, do grande efeito plástico. Direi ainda que o brasileiro é a melhor platéia do mundo. Nas outras terras, o êxito passa rápido e até o último vestígio. A Duse da véspera pode ser a canastrona do dia seguinte.

No Brasil, não. Sendo um espectador nato, o brasileiro tem um potencial generosíssimo de admiração e amor. Eu citaria o caso de Vicente Celestino. Há setenta anos faz o mesmo sucesso. Entendam: — seu sucesso tem mais idade do que o século. Do seu primeiro recital até hoje, aconteceu o diabo.

Houve a Primeira Grande Guerra, o fuzilamento de Mata-Hari, o assassinato de Pinheiro Machado, a Segunda Grande Guerra, Hiroshima, a pílula anticoncepcional, Chico Buarque etc. etc. As gerações morrem, mas Vicente Celestino sobrevive. Há setenta anos merece a mesma apoteose.

Dirão que o mérito do cantor explica a glória septuagenária. Mas não vamos esquecer o mérito da platéia. O brasileiro nasceu com a vocação do aplauso. E d. Hélder é outro exemplo atualíssimo. Há setenta anos admiramos Vicente Celestino. A nossa admiração por d. Hélder é mais recente e não menos profunda.

Ninguém se cansa de ser platéia de d. Hélder. Quando se pensa que começou o seu desgaste, eis que ele surpreende o país com um novo

impacto. Na “Confissão” de ontem, comentei, por alto, as suas declarações em Roma. Numa pátria extremamente plástica, histriônica, teatral, como a Itália, o grande ator logrou o seu maior efeito cênico. Simplesmente, apresentou-se como o homem que vai morrer.

Morrer seria o de menos. O homem vive atrás de pretextos para morrer. Morremos com a maior incoseqüência. Ainda ontem, o meu amigo José Lino Grünewald contou-me o gesto de um amigo de Breton. Numa reunião de artista, Breton quis falar e lhe foi negada a palavra. Então, o seu amigo ergueu-se, puxou o revólver e meteu uma bala na cabeça. O suicídio foi o seu “não-apoiado”. E assim morreu nas barbas scandalizadas dos presentes.

Todavia, não precisamos mudar de idioma, nem de continente. Aqui mesmo, ou por outra, ali, em São Paulo, um rapaz atravessava com a noiva o viaduto do Chá. E, súbito, vira-se para a noiva e diz: — “Quero ver que tal é a morte”. A garota não entendeu. Ou só entendeu quando o viu atirar-se, lá de cima, e esborrachar-se cá embaixo, no asfalto. Eis o que eu queria dizer: — nem sempre assumimos, diante da morte, uma atitude solene, enfática, hierática. Há mortes de uma puerilidade total.

Estou dizendo tudo isso e vocês não sabem por quê. Explico: porque, ontem, recebi um telefonema de outra aluna da PUC. Foi logo explicando: — “Sou comunista, mas da linha chinesa. Acho nosso Partido Comunista o mais burro do mundo”. Observei: — “Talvez, talvez. Mas deixemos a burrice alheia e tratemos da nossa”. E, então, a menina (tinha 21 anos) começou a falar a favor de d. Hélder e contra mim. Disse: — “O senhor está fazendo piadinhas! O senhor acha que o d. Hélder gostaria de ser assassinado?”.

Eu sabia que estava desafiando a ira da minha leitora. Mas respondi: — “Acho”. E ela, no seu assombro: — “Acha?”. Repeti: — “Acho”. Se o leitor persistisse na pergunta, teria eu de responder com o mesmíssimo, mas honrado, descaro: — “Acho”. Quando d. Hélder suspira que “teme” ser assassinado, não “teme” absolutamente e sim “deseja”.

Conversei com a Guarda Vermelha durante umas duas horas. Eis o raciocínio que, debaixo dos seus protestos, fui desenvolvendo. A meu ver, a fala de d. Hélder em Roma foi um lance promocional de gênio. Ele quase descreveu, quase datou, quase representou o próprio assassinato. A platéia

italiana já nem respirava. Uma menina, que chupava *drops*, cuspiu o *drops*. É raro que, num homicídio, a vítima tenha batina. A batina é sempre plástica, teatral. Em suma: d. Hélder fez toda a *mise-en-scène* do brutal atentado.

Mas a hipótese patética tinha um defeito. A morte violenta só fere o gesto de amor. Kennedy era o gesto de amor. E uma bala arrancou-lhe o queixo. Luther King era também amor. Tinha de morrer, porque todos odiamos o amor. Este mundo é a casa do ódio. Ora, d. Hélder não morrerá, porque prega a violência. Há uma “violência justificada”, há uma “carnificina santa”, diz a ala da Igreja a que ele serve.

Dizia eu à aluna da PUC que não existe mistério na fantasia fúnebre de d. Hélder. Ou por outra: — é um mistério que não esconde nada, o mais transparente dos mistérios. O que se insinua em cada gesto, em cada palavra de sua conferência, é a pura vaidade. O nosso arcebispo faz-me lembrar aquela figura de ficção. Imaginem um sujeito que, em cima do meio-fio, espiava um grande enterro. Ao ver os cavalos de penacho, as coroas, o acompanhamento, invejou o defunto e quis estar ali, dentro daquele caixão de primeira. D. Hélder gostaria de ter as manchetes de Kennedy, as primeiras páginas de Guevara, a promoção de Luther King.

Pouco a pouco, e depois de muita insistência no assunto, eu e a Guarda Vermelha começamos a visualizar o crime. Afinal, somos brasileiros; e o assassinato de quem quer que seja entenece até as pedras da nação. Por fim, com a voz úmida, ela pergunta: — “O senhor acha que ele vai ser assassinado?”. Tratei de dissuadi-la. Eis o meu argumento: — d. Hélder não é o arcebispo, não é o místico e tampouco o guerrilheiro. Não. É o ator. Se pudesse morrer como a Sarah Bernhardt, no 5º ato de *A dama das camélias*, e se, como a Diva, pudesse levantar-se, em seguida, para receber os bravos, os bravíssimos e as *corbeilles* — d. Hélder representaria, todas as noites, o próprio assassinato.

[26/4/1968]

A VÍTIMA SALUBÉRRIMA

Daqui a duzentos anos, os historiadores dirão do nosso tempo: — “A época do *Jornal do Brasil*”. Pois o velho órgão, acima de qualquer dúvida ou sofisma, é um momento da vida brasileira. Assim como houve a época do fraque, outra do espartilho, uma terceira do *charleston*, há a do *Jornal do Brasil*.

No futuro, quando as gerações sapatearem em cima das nossas cinzas, bastará recorrer às suas coleções. E os curiosos saberão como nós sorríamos e vestíamos, e calçávamos, e amávamos etc. etc. Eis o que eu queria sublinhar: — há coisas que só o *Jornal do Brasil* diz, faz, afirma ou insinua. Por exemplo, a sua primeira página de ontem, aliás anteontem. Os colecionadores deviam guardá-la, amorosamente. Sim, ela há de valer, no futuro, tanto quanto um Rembrandt, um Goya, um Van Gogh ou um Gauguin.

Mas disse eu, mais acima, que há coisas que só o *Jornal do Brasil* faz, só o *Jornal do Brasil* ousa. E aqui abro um parêntese para falar de um dos muitos prodígios do grande órgão. Eis o caso: tempos atrás, houve um jogo de futebol. Era um desses clássicos que param uma população. A cidade deixou de matar, de morrer, de roubar, de assaltar. As nossas Kareninas, as nossas Bovarys, dataram o adultério para depois do jogo.

E houve o clássico. Uma multidão inédita. Quando se anunciou a renda, a massa tremeu como se aquele dinheiro viesse para o bolso de cada um. Por um motivo que não me lembro, fui eu o único brasileiro, vivo ou morto, que não compareceu ao Estádio Mário Filho. No dia seguinte corro ao *Jornal do Brasil*. A primeira página abria um espaço generosíssimo para a batalha. Li os títulos, os subtítulos, as legendas e o resto.

Assim como a expedição do *Jornal do Brasil* tem uma frota de caminhões, sua redação tem outra frota de estilistas. Há sempre um Flaubert que redige ou faz o *copydesk* de sua primeira página. Imaginemos um

atropelamento de cachorro. Pois um Proust o descreveria. Ou por outra: a hipótese mencionada é a única que não cabe *no Jornal do Brasil*. Por ordem do dr. Brito, acabou a seção de polícia. Nas suas páginas, nem homem, nem cachorro são atropelados.

A crônica sobre o clássico era uma obra-prima. Tinha tudo, menos o resultado do jogo. Vejam bem: — menos o resultado. Não se fazia a mais vaga, tênue, remota, longínqua menção à vitória, derrota ou empate. Simplesmente, ninguém empatara, ganhara ou perdera. O meu despeito, a minha frustração, a minha impotência assumiram proporções homicidas. Reli mais uma vez e nada. Deflagrou-se em mim todo um processo de angústia. E, até hoje, o *Jornal do Brasil* guarda o score para si, em suas profundezas. Jamais o dirá, nem à própria mãe. Mas há pior, e, repito, há pior. Um clássico tem um interesse frívolo, transitório, secundário. Mas o que aconteceu anteontem envolve, compromete valores eternos.

Como vocês sabem, o papa falou. Mesmo um ateu nato e hereditário, mesmo um anti-Cristo profissional há de reconhecer o óbvio, ou seja: — a importância de Sua Santidade. De mais a mais, era um pronunciamento dramático, ligado ao destino da Igreja. A Fé treme, a Fé entra em pânico. E que faz o *Jornal do Brasil*? Sua manchete limpa o próprio pigarro, alça a fronte e anuncia, patética: — SUBLEGENDA CHEGA AO SENADO E PROVOCA A DIVISÃO DA ARENA.

Eis que, para horror nosso, a divisão da ARENA torna-se mais transcendente do que a divisão da Igreja. No momento em que d. Hélder propõe a missa cômica, isto é, a missa ao som de cuícas, tamborins, reco-reco e pandeiro, vem o papa e diz que Deus não está morto. E qual é a atitude do *Jornal do Brasil*? Do mesmo modo que esconde o resultado do jogo, enterra a palavra do Vigário de Cristo. Não há o papa na sua primeira página, mas há d. Hélder.

Pasmem. O Santo padre, que sempre foi notícia, foi manchete, foi primeira página, deixou de sê-lo. E d. Hélder lá está, flamejante. Sim, instalou-se na primeira página do velho órgão e em todas. Mas as outras abrem espaço para o papa e d. Hélder. O *Jornal do Brasil*, não. Parece que, em nossos dias, d. Hélder, só d. Hélder vende jornal.

Parece, não. Vende. Aliás, o arcebispo chega a ser um caso inédito na história do homem. Como se sabe, todos os assassinatos exigem duas figuras

obrigatórias: — de um lado, a vítima; de outro lado, o criminoso. Segundo se presume, não há crime sem uma vítima, não há um assassinato sem assassino. Mas d. Hélder é uma experiência inédita para todos nós. Para uma platéia romana, ele descreveu o próprio assassinato. Portanto, aí está a vítima. Falta, porém, a figura indispensável, insubstituível, do matador.

E, assim, d. Hélder vai passar o resto da vida. A vítima já existe, e salubérrima. Nós podemos apalpá-la, farejá-la; podemos pedir-lhe, até, dinheiro emprestado. Mas eis que vem Gilberto Freyre e, com exata e risonha objetividade, nega o tal assassinato mesmo como hipótese. O sociólogo chega a insinuar, inclusive, uma outra possibilidade mais verossímil e humilhante. Como d. Hélder anda muito a pé e como o tráfego brasileiro é uma bagunça, pode o arcebispo ser atropelado. Atropelado.

Numa das minhas peças, *Viúva, porém honesta*, um crítico teatral é atropelado por uma carrocinha de Chicabon. Imaginem: Kennedy leva um tiro no queixo, Luther King outro no peito, Guevara uma rajada de metralhadora. E d. Hélder atropelado pela carrocinha amarela.

Volto ao *Jornal do Brasil*. Sou um obstinado. O Santo padre não merecera a sua primeira página. Mas eu imaginei que, na pior das hipóteses, o velho órgão concedesse ao papa uma meia dúzia de linhas numa página de dentro. E fui procurar. Ah, o *Jornal do Brasil* tem a extensão territorial deste país. Li tudo. Primeiro caderno, segundo. E fiz mais — li os anúncios classificados. Quem sabe se, por um desses equívocos fatais de paginação, a notícia do papa não estaria no meio das lavadeiras, cozinheiras, copeiras? Ainda concedi ao dr. Brito este crédito de confiança. Se o grande jornalista abrisse, nos classificados, um mínimo de espaço para o Vigário de Cristo, eu louvaria a concessão de sua fé à Igreja. Nem isso. Nem uma vírgula.

[29/4/1968]

O HOMEM FATAL

Dois ou três amigos me atribuem uma fantasia fluorescente das *Mil e uma noites*. Ainda ontem, cruzei com um dos meus raros admiradores. Assim que me viu, correu para mim, como se fosse me agredir. Agarrou-se a mim e dizia e repetia, esbugalhado: — “Que imaginação! Que imaginação!”. Baixei a vista, escarlate de vergonha. Na véspera, uma vizinha já me cochichara: — “O senhor é fértil. Não é fértil?”.

Fértil, eu! Quer-me parecer que ela aludia às minhas invenções, às minhas imagens. Mas, no primeiro momento, por uma dessas associações fatais, cheguei a pensar nos “dias férteis” das senhoras. De uma forma ou de outra, não me cabia promover minha própria fertilidade. Fiz um gesto (o brasileiro gesticula muito) e balbuciei: — “Mais ou menos, mais ou menos”. E ficamos por aí.

Mas vejam vocês: — sou obrigado a confessar, de público, o equívoco atroz. A minha imaginação é rala e, repito, a minha imaginação é escassa. Mas sou profissional e tenho que subvencionar o leite do caçula e o sapato da mulher. E que faço? O meu processo é repetir. Arranquei de mim mesmo, a duras penas, uma meia dúzia de imagens. E, um dia sim, outro não, repito a metáfora da antevéspera. A televisão vive das reprises dos seus filmes, eu vivo das reprises das minhas imagens.

Graças a Deus, o leitor não percebe que já leu aquilo umas cinquenta vezes. E não só repito as metáforas, como os personagens. Houve um tempo que o Otto Lara Resende estava em todas as minhas crônicas. Aliás, esta é uma das fatalidades da vida literária. Cada autor precisa ter uns personagens obsessivos, obrigatórios. Ontem foi, como já disse, o Otto; hoje, é d. Hélder. Mas há personagens ocasionais e outros definitivos.

Ou muito me engano ou d. Hélder está no seletíssimo elenco dos personagens definitivos. Aliás, faço mal quando falo em “meu” personagem.

Em verdade, é personagem de todo o mundo. Ninguém abre um jornal sem esbarrar, sem tropeçar no seu nome, no seu retrato, no seu gesto, na sua palavra. Ele saiu do país e cada um pensou que íamos descansar de sua ênfase, de sua inflexão, de sua batina. Ledo engano. A ausência de d. Hélder é uma total impossibilidade. Não sei se me entendem e vou explicar. Havia entre nós e o bom padre toda uma distância enorme. Andou em Berlim, Roma, Paris. Mas, insisto: — essa distância geográfica nada significa. A ausência de d. Hélder tem a tensão, a força, o apelo da presença física.

Sábado, véspera de Botafogo x Vasco, o Salim Simão arrancava os cabelos: — “Parece que o Gerson não joga”. Alguém, ao lado, pergunta: — “D. Hélder não joga?”. Aí está dito tudo. Como o arcebispo é um hábito visual e auditivo do brasileiro, vemos a sua figura e ouvimos o seu nome por toda a parte. Ninguém se espantaria de vê-lo no jogo, de calções e chuteiras, ganhando o “bicho”. Ele está no Velho Mundo e continua aqui. O *Jornal do Brasil* não concede uma linha ao papa e põe d. Hélder na primeira página. Podemos dizer de d. Hélder, o padre, o que Victor Hugo dizia de Napoleão, o Grande: — “Ele! Sempre ele!”.

No momento lá se instala o homem em todas as conversas. Imaginem que, ontem, fui a um outro e instrutivo sarau de grã-finos. O sujeito que quisesse saber a quantas anda o destino do Brasil não consulte o jornalista, o estudante, o sociólogo, o educador, o jornal. Esses não sabem de nada. O sujeito deve recorrer, direto, ao primeiro grã-fino ou, melhor dizendo, à primeira grã-fina. Não sei por que, mas o fato é que a grã-fina tem o que poderíamos chamar de “sensibilidade histórica”. Sabe qual é o fato ou a figura que vale historicamente. E nunca se engana.

Quando entrei no sarau, discutia-se, exatamente, d. Hélder. Ótimo, ótimo. Em Paris, entre outras coisas, dissera o nosso arcebispo: — “Não sou um Guevara de salão”. Muito bem: — não era um Guevara de salão. Seria então que tipo, que espécie de Guevara? Um dos presentes fala em “marxismo”. Um outro pula: — “Absolutamente. Não é Marx, é Freud”. E insistia, no seu fervor polêmico: — “Sim, senhor, Freud”. Disse mais, que era um Freud nada misterioso, de uma transparência ideal.

Lançada a sugestão freudiana, não houve mais sossego. Ninguém se entendia. Muitos viam d. Hélder, no mato, dando tiros como um Tom Mix. Outros o imaginavam varado de balas. Havia também a dúvida: — ousaria

ele trocar a batina pelo fuzil, o altar pela barba do guerrilheiro, a oração pelo palavrão? Digo “palavrão” porque imagino que a guerrilha induz à linguagem obscena. E o pior foi quando alguém falou em Gilberto Freyre. Como se sabe, o sociólogo não acredita no assassinato de d. Hélder. Acredita muito mais no seu atropelamento. Foi um gelo total no salão. Cada qual imaginou o atropelamento de d. Hélder. Achando que o passageiro de táxi só é cumprimentado nos sinais fechados, e especialmente interessado na própria popularidade — d. Hélder só anda a pé. O pedestre é apalpado, farejado, adulado. O diabo é que não há mártir do atropelamento. E d. Hélder seria o primeiro, sim, o primeiro mártir, o primeiro herói, o primeiro Guevara da trombada. Nem Freud, nem Marx, simplesmente um táxi homicida ou um ônibus tarado.

Fosse como fosse, a hipótese de Gilberto Freyre esvaziou a figura de d. Hélder de todo o patético, de todo o sublime. Na altura das três da manhã, insinuei um novo tema: — “E os índios? E os índios?”. Silêncio. Fiz nova tentativa: — “Chato o negócio dos índios”. Nenhuma receptividade. E, então, falei do jogo Botafogo x Vasco. Foi um impacto. Cada qual teve a sua opinião, o seu palpite. Em matéria de índios, ou o silêncio, ou o bocejo.

Mas estão matando índios. São nossos semelhantes e brasileiros como qualquer um de nós. E estão morrendo. Há de chegar um dia que não sobrar um índio para contar a história. Mas como respondemos à matança? Temos uma esquerda que só treme e só esperneia quando matam um *vietcong*, Há uma carnificina de índios nas nossas barbas cínicas. E não fazemos nada. Nenhum guerrilheiro do Antonio’s derramara uma furtiva lágrima. Bem se vê que, em matéria de índio, nós paramos na protofonia do *Guarani da Hora do Brasil*.

Por que não chorar por eles? Odiamos os norte-americanos. Vá lá. Mas por que não odiar também os assassinos dos índios? Mataram mulheres, crianças. Essa matança é uma cordial rotina. No *farwest* americano, a paisagem está cheia de ossadas de vacas. Em nossa selva, são ossadas de índio. D. Hélder está furioso Com a questão racial dos Estados Unidos. E eu pergunto: — “E os nossos negros?”. O branco brasileiro é subdesenvolvido e o negro, muito mais. Por que d. Hélder não fala de negro brasileiro? Mas se não quer falar de negro, fale dos índios. O bom padre declara, para uma platéia mundial, que não quer ser um “Guevara de salão”. Ficam-lhe muito

bem tais sentimentos. Pois seja Guevara de verdade. Compre um fuzil e vá matar assassinos de índio.

[30/4/1968]

O PIOR CEGO

Era a véspera de 1º de Maio. Vou eu pela avenida Rio Branco e, na esquina da Sete de Setembro, cruzo com um marxista. Passo adiante. Mas ele também me vira e correu atrás de mim. Crispa a mão no meu braço: — “Nelson, Nelson!”. Paro. O marxista, velho asmático, está arquejante. Correrá cinco metros e parecia agonizar. Diz, explicando a dispnéia: — “Asma é fogo! Fogo!”. Tem o olho enorme do asfiziado.

Sou, por índole, um efusivo. De mais a mais, acho a asma um desses males quase divinos (para outros, sagrada é a epilepsia). E, já que não pudera evitá-lo, fiz-lhe uma festa imensa: — “Como vai essa figura?”. Ajuntei, com um descaro total: — “Estás com uma aparência ótima!”. O outro rosnou: — “Estou com o pé na cova!”. Em seguida, depois de olhar para os lados, cochicha: “Amanhã, não sai de casa! Não sai, percebeu?”.

Qualquer *suspense*, qualquer mistério, me deslumbra. Já interessado, pergunto: “Mas vem cá. Escuta. Mas o que é que há? O que é que vai haver?”. Olha de novo para os lados; repete: — “Fica em casa!”. A minha perplexidade assume proporções inéditas. Enojado de tanta incompreensão, acrescenta, em tom cavo: — “Lembre-se que amanhã é 1º de Maio!”. E já estendia a mão: — “Adeus”.

Travo-lhe o braço: — “Mas escuta. Amanhã não posso ficar em casa. Tenho o jogo”. O marxista não entende: — “Que jogo?”. Preciso explicar que no Dia do Trabalhador, e aproveitando o feriado, o Flamengo e o Vasco iam fazer um jogão. Desta vez, ele se zangou de verdade: — “Você pensa que a História está preocupada com futebol?”. Retruquei que, se a História não ligava para os clássicos e para as peladas, eu ligava. O marxista me arrasou: — “Fique sabendo que nenhum trabalhador brasileiro — nenhum! — vai a esse jogo!”.

Eu ia objetar-lhe não sei o quê, mas já o homem me virava as costas. Ou por outra: — antes de partir, ainda disse: — “Vai haver o diabo!”. Numa impressão profunda, deixei-o partir. O marxista sumiu na primeira esquina.

E o pior é que a sua respiração infeliz de asmático valorizava o *suspense* e o mistério. Pelo que se desprendia de suas insinuações e de sua dispnéia, o trabalhador não iria ao Estádio Mário Filho. Em vez disso, sairia por aí derrubando bastilhas e decapitando Marias Antonietas.

Todavia, o que mais me impressionava era a hipótese de um Flamengo x Vasco para ninguém. Ou por outra: — um Flamengo x Vasco em que seria eu o único e mísero espectador. Todos conhecem o Estádio Mário Filho. Aquilo é uma sibéria de concreto armado, sibéria na qual eu funcionaria como o único siberiano.

No dia seguinte, 1º de Maio, acordo e ainda impressionadíssimo com a conversa da véspera. Depois do almoço, desço e tomo a carona do Marcello Soares de Moura. Iam também o Antônio Moniz Vianna e Raul Brunini. Eu esperava topar, a qualquer momento, com as vítimas da fome, em hordas ululantes. E só via, por toda parte, em delírio, as bandeiras do Vasco e do Flamengo. Mas quem sabe se o sangue não estaria correndo alhures? Fosse como fosse, o clássico teria quatro espectadores, a saber: — eu, o Marcello Soares de Moura, o Moniz Vianna e o Raul Brunini. Nas imediações do Estádio Mário Filho, passamos por um cavalo morto. Devia ser atropelamento. O falecimento do nobilíssimo animal foi a única nota realmente patética do 1º de Maio carioca.

Saltamos no último andar do Estádio Mário Filho. Do alto, vimos tudo. E, súbito, me deu vontade de gritar como um astronauta: — “A multidão é azul! A multidão é azul!”. Não todas, evidentemente. Tenho visto multidões negras. Mas a de Flamengo x Vasco era de um azul espantoso, jamais concebido. Ah, quando o locutor do ex-Maracanã anunciou a renda. O nosso marxista se enganara em apenas 416 milhões de cruzeiros velhos.

Mas foi no gol do Vasco, aos quatro minutos de jogo, que me ocorreu esta verdade súbita e inapelável: — o pior cego é o marxista brasileiro. Ele nada vê e vê menos ainda o próprio Marx. Aliás, não só o marxista. Todos nós fazemos um Marx que nada tem a ver com o próprio. Já contei o que me disse um amigo meu, num espasmo de admiração: — “O verdadeiro Cristo é Marx!”.

Essa idealização vem sendo feita por todo este século. Dia após dia, retocamos e enriquecemos a sua figura com virtudes sublimes. Chegamos a adorar a sua furunculose. O pior é que, sem o saber, temos construído o anti-Marx, a negação do Marx. O verdadeiro Marx está nas cartas.

As cartas, as cartas! Mente-se mais num artigo, num livro, num discurso. Mas as cartas de Marx têm a autenticidade de sua furunculose. É aí que ele se abre para o mundo. E elas são tão dramáticas que ninguém as comenta. Há todo um silêncio mundial. O único que ousou tratar desse texto espantoso foi Madariaga. Mas que espécie de Marx emerge de sua correspondência?

Gostaria de perguntar aos meus amigos marxistas: — “Que diriam vocês de um sujeito que fosse, ao mesmo tempo, imperialista, colonialista, racista e genocida?”. Pois esse é o Marx de verdade, não o de nossa fantasia, não o do nosso delírio, mas o sem retoque, o Marx tragicamente autêntico. Para ele, o povo miserável deve ser destruído por ser miserável. Diz: — “povos sem história”, “povos anãos”, “escórias” etc. etc. A guerra generalizada destruirá todas essas pequenas nações macrocéfalas, de modo a riscar do mapa o seu nome, até.

E verificamos, então, que o santo, o Cristo, é, antes de mais nada, um impotente do sentimento. Por esse lado, as cartas são demoníacas. Como se sabe, a desgraça de Satã é sua impossibilidade de amar. O abominável “Pai da Mentira” não gosta de ninguém. Daria a metade de suas trevas por uma lágrima. E, por todas as cartas de Marx, não há um vislumbre de amor e só o ódio, o puro ódio. Para ele, há “povos piolhentos”, “povos de suínos”, “povos de bandidos”, que devem ser exterminados.

Ele e Engels batem palmas para o imperialismo britânico e norte-americano. Eis o que eu gostaria de notar: — são cartas que Hitler, Himmler, Goebbels assinariam, sem lhes riscar uma vírgula. E os dois têm uma convicção nítida, nítida da superioridade do povo alemão. Mas lendo Marx e Engels, eu penso no Vietnã, em Cuba, e também no Brasil. Por que não estaríamos inseridos entre os “povos piolhentos”? Somos ou não somos piolhentos? Há populações inteiras no Brasil que vivem numa imundície de ratas. Se nos conhecessem, Marx e Engels diriam que devemos ser riscados do mapa, até. Faltou humanidade a um e outro para sentir que os “povos piolhentos” merecem mais amor por isso mesmo, porque são piolhentos.

[6/5/1968]

LÍDER DA PRÓPRIA NAMORADA

Certa vez, houve um grave almoço literário. Estavam presentes o Guimarães Rosa, o Antônio Callado e o Otto Lara Resende. O velho Rosa era, se assim posso dizer, um santo do estilo. E, como estilista fanático, achava uma frase mais importante do que o destino do Vietnã. Em tal almoço, fez ele tremenda pressão sobre o Callado. E dizia-lhe: — “Faça literatura! Faça literatura!”. O Otto ao lado, repetia: — “Literatura! Literatura!”.

Mas o Callado, como a maioria dos nossos intelectuais, tem a ilusão de que carrega, nas costas, a responsabilidade do mundo subdesenvolvido. Tem tido insônias políticas, ideológicas, libertárias. Até o fim do almoço, que se alongou por três horas fecundas, o Rosa e o Otto malharam o amigo: — “Faça literatura! Faça literatura!”. Deixo o romance e passo à arte dramática. Se almoçasse com a classe teatral, diria eu: — “Façam teatro! Façam teatro!”.

Tão fácil de dizer e tão duro de fazer. Sim, em nosso tempo é quase impossível fazer apenas romance ou apenas teatro. Há dois ou três dias, escrevi, aqui mesmo, que não há nada mais antigo, mais obsoleto, do que “o artista”. O puro “artista” seria algo de inusitado, como uma girafa. A arte passou a ser uma atividade secundária, subalterna e até comprometedora.

E, no entanto, na minha infância, os valores, os usos, os tipos, eram tão mais nítidos e precisos. O pintor era “o pintor” e só “o pintor”. Tinha a forte singularidade da gravata. Imaginem um repolho despetalado e cromático. E essa gravata ululante era como que um uniforme inconfundível, inalienável, eterno. E quando “o pintor” entrava, não havia dúvida sobre o seu *métier*. As senhoras diziam por trás do leque: — “Olha o pintor!”.

Hoje tudo mudou. Vou falar da minha classe. Um ator devia ser um ator. De igual sorte, uma atriz devia ser uma atriz. É o seu *métier*, a sua arte, a sua vida ou, na mais prosaica das hipóteses, o seu ganha-pão. Mas aí do artista que quiser ser apenas artista. A toda hora e em toda parte, estão a

exigir-lhe o atestado de ideologia. Ele precisa ter poses de esquerda, frases de esquerda, paixões de esquerda, palavras de esquerda. Lembro-me de um contra-regra que foi chamado a assinar um manifesto pelo Vietnã. Coçou a cabeça e gaguejou: — “Eu não sou político!”. Três ou quatro o acuaram: — “Se não é político, é uma besta!”. O pobre-diabo, espavorido, acabou assinando.

E, no entanto, desde João Caetano ou, mais longe ainda, desde Anchieta, o teatro brasileiro está por fazer. É a nossa tarefa. Mas há o Vietnã, e há Cuba, e há a questão racial norte-americana, e há a mortalidade infantil na Índia. Nós, de teatro, devíamos perceber a modéstia de nossos meios. Não temos recursos nem para consertar uma bica, para tapar um cano furado. E, de vez em quando, fazemos reuniões gravíssimas. Bem me lembro de um seminário de teatro que houve em São Paulo. Eram atores, atrizes, diretores, dramaturgos, cenógrafos; cada qual tinha lá a sua função nítida, exata. E, súbito, um autor comete a asneira suicida de falar nos problemas plásticos, dramáticos, poéticos da arte cênica. Um rapaz ergue-se e toma-lhe a palavra: — “Não estamos aqui para discutir teatro!”. Era um seminário de teatro em que não se falava absolutamente de teatro.

De outra feita houve, aqui no Rio, uma assembléia da classe. (Quando a classe se reúne, eu tremo.) Decidia-se uma greve. E, de repente, um empresário se levanta. Apavorado com as reações possíveis, gaguejou uns dez minutos. A classe não estava diretamente atingida e apenas faria uma greve de solidariedade. Justamente, era a “solidariedade” que engasgava o pobre empresário. Ele perguntou: — “E, se houver uma greve de alfaiates, ou de camelôs, ou de veterinários, ou de químicos, ou de táxis, nós também somos solidários?”. Pode parecer estranho, mas éramos, sim, solidários com todas as greves possíveis e imagináveis.

Todavia, simultaneamente com a assembléia, houve um episódio patético. Enquanto fazíamos a nossa briosa retórica, estava a sra. Eva Todor no seu teatrinho, representando não sei o quê. E assim ganhava o pão suado, sofrido, abnegado de cada dia. Pois foi despachado um piquete para lá. Nada descreve o horror da atriz, quando seu teatro foi invadido. Dizia a santa senhora: — “Mas eu quero representar!”. Os outros a arrasaram: — “Estamos em greve. Suspenso o espetáculo!”. O público, indignado, quase pôs fogo no teatro.

Vejam bem: — o nosso ator está tão desinteressado de ser ator que

chega ao ponto de impedir que os colegas representem. Mas volto à assembléia. Às três da manhã, houve um episódio que chegou ao patético, raiando pelo sublime. Eis o caso: — na tribuna, um orador falava não sei de que ou contra quem. No seu fervor, babava fisicamente. E, súbito, soluça: — “Quem for brasileiro que me siga!”. Pulou do palco para a platéia. Imaginei que, no mínimo, ia assaltar o Poder ou decapitar pessoalmente Maria Antonieta. Mas ninguém se mexia. Fez-se um silêncio de rebentar os tímpanos. E o orador avançava em passadas épicas. Ele presumia que hordas ululantes iriam acompanhá-lo. E repito: — ninguém se mexia. Minto. Uma menina se levantou. Em passos rápidos e miúdos, caminhou para a saída. O rapaz ouviu o trotinho tão familiar. Não estava só, nem falhara a sua liderança. A garota o seguia, para a cadeia ou para o exílio. Enfim, estava realizado. Era líder da própria namorada.

Pelo amor de Deus, não pensem que nós, do teatro, sejamos pessoas frívolas, inconstantes, irresponsáveis. Somos profundos, somos transcendentais. E mais: — só ventilamos problemas inenarráveis. Um deles é a fome dos povos subdesenvolvidos. A fome! Imaginem que nem Cristo, nem Buda, nem Maomé, nem Alá, nem os santos, nem Marx, Engels, Freud e outros, resolveram as questões que tanto atribulam a classe teatral. Mas nós, com o nosso otimismo, vamos salvar povos, raças, continentes. E para isso é que fazemos as nossas assembléias e impedimos a sra. Eva Todor de ganhar o seu dinheirinho. Nem tem sido vão o nosso esforço. Quando aqui se junta a classe teatral, lá nos Estados Unidos o Pentágono treme.

Dizia Machado de Assis, erradamente: — suporta-se com paciência a cólica alheia. Mentira. Nem sentimos as nossas. Está aí o Nordeste. É uma boa cólica. Nós a ignoramos. Há também o Amazonas. Outra cólica razoabilíssima. Nem a percebemos. E há a nossa mortalidade infantil. Outra e considerável cólica. Não nos preocupa. Mas gememos pelo Vietnã, por Cuba, por todos os povos subdesenvolvidos. É a cólica alheia que torce e retorce as nossas entranhas.

[11/5/1968]

O CULTO DA IMATURIDADE

Está sendo representada, em São Paulo, a minha “farsa irresponsável”, *Viúva, porém honesta*. O autor é velho, a peça é velha e há personagens bem idosos ,e, eu diria mesmo, gagás. Um desses personagens, clínico famoso, chega a dizer: — “Estou na idade em que os médicos começam a vender amostras”. O leitor pode imaginar uma velhice unânime, a tropeçar nas cadeiras do cenário.

Nem tanto, nem tanto. Alguém se salva da esclerose abjeta, quase unânime. Refiro-me ao “jovem diretor” Libero Ripoli Filho. Foi com maliciosa intenção que eu coloquei aspas na sua juventude. Em nossa época, ser ou não ser jovem, eis a questão. Na minha infância, o jovem tinha vergonha de o ser. Todo mundo queria ser velhíssimo. E havia casos, como o do Conselheiro Rui Barbosa, de septuagenários natos.

Em nossos dias acontece exatamente o inverso. Diz-se “o jovem” como se diria “o engenheiro”, “o arquiteto”, “o médico”, “o advogado”, “o magistrado” etc. etc. Há também, por toda a parte, o “Poder Jovem”. E conheço um rapaz, dentista, que mandou fazer assim o seu cartão de visitas: — “Zezinho dos Anzóis Carapuça”, e, por baixo, em tipo maior, estava escrito: — JOVEM.

Para o nosso tira-dentes era mais funcional ser jovem do que dentista. Por aí se vê que o culto da personalidade foi substituído, em boa hora, pelo culto da idade. Minto. Não é bem assim. O que há, em todos os idiomas, é “o culto da imaturidade”. O nosso tempo exige das pessoas plena imaturidade. Não pensem que exagero. Neste final de século, a Imaturidade é a musa perfeita, sereníssima, universal.

E aqueles que, por azar, atingiram a maturidade, trataram de assumir atitudes de ginasião em gazeta. Se o dr. Alceu for visto jogando bola de gude com os moleques, ou brincando de amarelinha, não me admirarei

nada, nada. Seria uma maneira de parecer jovem ou, na pior das hipóteses, espiritualmente jovem. Do mesmo modo, d. Hélder. Se o querido arcebispo pular muros para roubar goiabas — ficaremos encantadíssimos com a sua imaturidade.

Bem. Fiz toda a reflexão acima para voltar ao Libero Ripoli Filho. O fato de ser ele um “jovem diretor” já desencadeou em mim um processo de pânico. Desgraçadamente, não tenho, como vários sacerdotes meus conhecidos, o “culto da imaturidade”. Claro que o jovem Libero podia ser um Rimbaud. Aos dezessete anos, Rimbaud já era Rimbaud.

Eu não o conhecia pessoalmente, senão de informação. Tremi quando soube que seguia a mesma linha, exatamente, do José Celso. Sou amigo e admirador deste último. Mas a sua direção nada tem a ver com o autor, nem com o teatro. Como o Vianinha, o nosso Zé Celso acha que só a platéia existe. Em suma: — para ele e o Libero o mistério teatral reduz-se a duzentas senhoras gordas comendo pipocas.

Dirá o leitor: — “É uma idéia”. E eu concordo. “É uma idéia”. Mas aí começa o cavo e afetuoso abismo entre mim e o Zé Celso, entre mim e o Ripoli. Assim como o Zé Celso acha que o espetáculo nada tem a ver com o autor, eu entendo que o teatro nada tem a ver com a platéia. Só reconheço na platéia uma função estritamente pagante. Não devia ter nem o direito do aplauso. O aplauso já me parece uma exorbitância.

Vou um pouco mais longe: — também acho que, por causa da platéia, o teatro é a mais incriada das artes. Mesmo os maiores poetas dramáticos escrevem para a platéia. A rigor, não existe o autor dramático absoluto, já que todos aceitam a co-autoria das duzentas senhoras gordas. Elas não sabem de nada, não entendem de nada, não pensam nada. Mas o espetáculo é feito para elas e, repito, feito à sua imagem e semelhança. E, porque existe uma co-autoria bastarda, o teatro ainda não conseguiu ser arte.

Até que estreou, em São Paulo, *Viúva, porém honesta*. As primeiras notícias pareciam justificar os meus terrores. A primeira informação foi a de Osmar Pimentel, admirável espírito, homem de lucidez prodigiosa. Em carta a um amigo, dr. Thalino, fala o nosso Osmar dos “jovens diretores” que, “misturando Brecht com Chacrinha, confundem comunicação, em arte, com a participação física do auditório no cricri da encenação”. Entre parênteses, nada tenho a objetar contra o Chacrinha. Digo mais: — Chacrinha, como tal,

é um artista maravilhoso. Ao mesmo tempo, tenho que reconhecer o óbvio, isto é, que José Celso ou Ripoli não podem fazer Chacrinha com Shakespeare, ou Ibsen, ou Sófocles.

Em seguida, leio a crítica do Sábato Magaldi. Ora, nem a cambaxirra tem uma estrutura tão doce quanto o Sábato. Até sua restrição é um arrulho. E ele tem o medo, o remorso, a vergonha, a pena de não gostar. Apesar de todo o seu escrúpulo crítico e de toda a doçura de sensibilidade, sente-se que o Sábato achou abominável o espetáculo. Não chega a tanto, mas a insinuação é límpida.

No próprio *Jornal da Tarde*, onde o Sábato escreve, está dito tudo. Antes de ser mostrada ao público, *Viúva, porém honesta* teve quarenta representações para estudantes. E, durante o espetáculo, em plena ação, os personagens desciam para a platéia e corriam bandejas com sanduíches, salgadinhos, Coca-Colas, Guaranás, guardanapo de papel. Os estudantes não queriam outra vida. No Rio, fechava-se o Calabouço; em São Paulo, abria-se outro Calabouço. Em suma: — eu sou o novo Calabouço, eu!

Eu falara nas duzentas senhoras comendo pipocas. Era uma metáfora. Mas vem o Libero e transforma a metáfora em realidade concreta, sim, em realidade de comer. Comia-se a realidade com direito a Coca-Cola e Guaraná. Só que as pipocas foram substituídas por sanduíches. E os estudantes, nas primeiras representações, tomaram o lugar das gorduchas.

Pelo amor de Deus, ninguém pense que eu esteja aqui fazendo uma restrição intelectual ao Zé Celso e ao Libero. De modo algum. São inteligentes, modernos, revolucionários. Mas o mal reside, precisamente, em tais méritos, em tais virtudes. A inteligência está liquidando o teatro brasileiro. Daqui por diante, só darei uma peça minha ao diretor que provar a sua imbecilidade profunda.

[16/5/1968]

O GRANDE COMÍCIO

Tenho dito, obsessivamente, que sou uma flor de obsessão. Ora, uma coisa muito repetida vai perdendo a solenidade inicial e tornando-se humorística. Amigos meus já me saúdam assim: — “Olá, flor de obsessão”, “Como vais, flor de obsessão?”. Eu respondo com esplêndida naturalidade: — “Vou indo. Estou caprichando”. Agora mesmo, recebo um bilhete do Raul Brandão, o pintor de igrejas e de grã-finas. Começa assim: — “Nelson, minha flor de obsessão”.

E de fato, sou um homem de fixações inarredáveis. Insisto em assuntos e figuras de nossa época com uma pertinácia quase doentia. Ontem, o Marcello Soares de Moura passa por mim e adverte: — “Você está falando muito do comício!”. A princípio, não entendi. E o Marcello, afobadíssimo, já se afastava, em passadas largas e firmes. Fiquei dando tratos à bola, sem saber que comício seria esse, que tanto atribulava o amigo. Até que baixou uma luz em mim. Só podia ser o comício de 1º de Maio, ali, no Campo de São Cristóvão.

Realmente, na data universal do Trabalho, as esquerdas deram uma demonstração de força. Até então, elas não existiam historicamente, e explico: — não tinham feito nada. O nosso homem de esquerda bate papo e só. Mas não sai do Leblon, não larga a praia e, à noite, vai para o Antonio’s, gozar a sua boêmia ideológica. Sabemos que a História faz exigências mais severas. Não basta namorar no Antonio’s, ou lá babar os pileques libertários.

E eis que as esquerdas resolvem agir. A data escolhida, e não sem uma intenção óbvia, foi o Dia do Trabalho. Por coincidência, na mesma data, havia o jogo Flamengo x Vasco. Seria inevitável a competição. De um lado, o discurso; de outro lado, a botinada. A retórica teria que derrotar o chute.

Mas um comício histórico impõe certas provações amargas. A primeira delas foi o local imposto. Sempre digo que o nosso esquerdista é

um ser do Leblon ou, na pior das hipóteses, de Copacabana. E as esquerdas nada conhecem desse Brasil que se esconde para lá da praça Saenz Pena. Estava decidido que seria no Campo de São Cristóvão. Muitos oradores jamais em tal ouviram falar. Houve quem recorresse aos guias turísticos.

(Alguém dirá que já contei a mesma história umas dez vezes. É possível. Mas sou ou não sou uma flor de obsessão? E tal assunto me fascina, eis a verdade, me fascina. A meu ver, o comício de 1º de Maio ensina a conhecer o Brasil dos nossos dias. E eu confesso que escreveria um ano inteiro, dia após dia, sobre tal acontecimento.)

O que eu queria dizer é que, na hora marcada, não compareceu ninguém. Minto. Os oradores estavam presentes. Uns quinze, segundo uma estimativa generosa. Esperava-se uma massa nunca inferior a 200 mil pessoas. Muito bem. O último orador já imaginara o seguinte fecho para o seu discurso: — “Quem for brasileiro que me siga!”. E os quinze oradores e mais as 200 mil pessoas partiriam, do Campo de São Cristóvão, para salvar, não o Brasil, mas o Vietnã.

Os cálculos das esquerdas não estavam tão longe da verdade. As 200 mil pessoas existiam. Só que estavam no Estádio Mário Filho. Ao Campo de São Cristóvão, não foi, repito, ninguém. Cochichou-se: — “Por que é que o nosso comício não foi preliminar do jogo?”. Era uma idéia perfeita, mas desgraçadamente tardia.

(Imaginem as esquerdas fazendo as preliminares do futebol. Para melhor efeito, os oradores poderiam falar de calções e chuteiras. Seja como for, a platéia estaria garantida.) No dia seguinte, um dos oradores me procurou. Exalando uma cava depressão, abriu-me a alma, de par em par. Disse: — “Nunca mais, nunca mais!”. E contou-me a sua medonha experiência. Sem sair do Brasil, tivera, em plena canícula, uma experiência siberiana.

Imaginem vocês um orador que se prepara para um auditório de 200 mil sujeitos. Pois bem. E chega lá e vê um deserto total, sem um mísero camelo, sem uma mísera bica. Adiar para o dia seguinte, não podia ser. O comício de 1º de Maio exige o 1º de Maio, assim como a parada de 7 de Setembro precisa do 7 de Setembro. Os oradores esperam quinze, vinte minutos. Fora algumas moscas vadias e divertidas, ninguém mais. E, súbito, para maior desprazer dos tribunos, um casal de moscas põe-se a fazer amor

na testa de um deles.

Mas falei em “experiência siberiana” e preciso explicar. Há na Sibéria uma ilha tão deserta, tão deserta, que nem micróbios tem. E quando não há nem micróbios, a solidão é perfeita. Pois cada orador sentiu-se exatamente em tal ilha. Cada um dos presentes começou a sentir, na própria carne, um frio horrendo. Todos tiritavam, rilhavam os dentes. E a aragem fina que soprava parecia siberiana. Os oradores quase voltaram de trenó.

O esquerdista do “Nunca mais! Nunca mais!” perguntava: — “Por que, meu Deus, por quê?”. No Brasil, há platéia para tudo e o brasileiro é, por vocação, platéia. Se um camelô vende caneta-tinteiro, junta gente; se morre um cachorro atropelado, junta gente; e, se passa um batalhão, nós vamos atrás. Eis o que dizia eu e aqui repito: — o brasileiro tem uma alma de cachorro de batalhão. Não há batalhão sem um cachorro para acompanhá-lo. Pois do nosso pau-de-arara ao Walther Moreira Salles, todos aderimos a qualquer passeata. De igual porte, entramos em qualquer comício. E, no de 1º de Maio, ninguém parou. Os oradores de esquerda não conquistaram nem a curiosidade vadia que inspiram os camelôs e os cachorros atropelados. Daí o deserto siberiano que se instalou no Campo de São Cristóvão. Falei nas moscas frívolas, inclusive nas duas que transformaram a testa do orador em tálamo nupcial. Retiro as moscas. Tal como na ilha da Sibéria, enquanto durou o comício até os micróbios sumiram. E o meu amigo desesperado insistia, monotonamente: — “E por quê?”.

Dei-lhe a resposta, sucinta, inapelável e obtusa: — “Não sei”. Pela primeira vez, um fato na História do Brasil deixara de ter a sua platéia. O orador saiu, rosnando como no poema: — “Nunca mais! Nunca mais!”. E, até ontem, não conseguira eu entender a Sibéria sem micróbios em que se meteram as nossas esquerdas.

Ontem, porém, passei de táxi, por São Salvador, a caminho do túnel Santa Bárbara. Comecei a ver todos os muros pichados com vivas aos *vietcongs*, vivas à vitória *vietcong*. *Vietcong* para lá, *vietcong* para cá. Só então compreendi por que as esquerdas do Brasil não atraem nem os micróbios brasileiros. O que há é um pequeno engano geográfico. A retórica de 1º de Maio teria platéia no Vietnã e nunca no Campo de São Cristóvão. Se fosse um comício sobre uma bica entupida em Boca do Mato, ou um cano furado

na praça Sete, sempre apareceriam umas donas-de-casa para dizer “bravos bravíssimos”, como na ópera.

[17/5/1968]

MARIDOS JOVENS E VELHOS

Qualquer um de nós já disse não sei quantas vezes: — “Até aí morreu o Neves”. Por que só o Neves e não o Batista, o Sepúlveda, o Tavares ou o Pacote? Até hoje ninguém sabe por que o povo escolheu esse nome, exatamente esse e não outro qualquer. Ainda hoje, ao sair de casa, ouvi alguém dizer a alguém a propósito não sei de quem: — “Ora, ora, até aí morreu o Neves”. Aquilo ficou nos meus ouvidos. Eis a verdade: — “Neves” tornou-se, para mim, algo de impessoal, de encantado, de alucinatório.

Mas vejam a coincidência ou, para ser mais enfático, a fatalidade. Ontem mesmo vou dobrar a esquina da rua Irineu Marinho quando uma voz me chama: — “Nelson, Nelson!”. Viro-me e dou de cara com um gordo, desses que têm uma papada maior do que a de Dumas pai. Não sei se sou famoso. Mas admitindo que o seja, tenho um tipo de relação inefável: — o “desconhecido íntimo”. São sujeitos que eu nunca vi e que me tratam com uma intimidade jucunda e fulminante. Pois o gordo citado já abria para mim um riso total.

Antes de me estender a mão enxugou-a num vasto lenço, explicando: — “Suo muito nas mãos”. De minha parte tive bastante descaro e o tratei como a um amigo de infância. E ele me perguntava: — “Não se lembra mais de mim?”. Há um *suspense* e o desconhecido íntimo insiste: — “Vê bem”. Palavra de honra, eu não me lembrava. Ao longo de minha vida tenho tido vários amigos gordos. Mas não conseguia me lembrar nem daquela papada, nem daquelas bochechas. Na minha frente ele continuava a enxugar as mãos de um suor talvez imaginário.

E, súbito, exausto do *suspense*, o outro dá o berro: — “Eu sou o Neves!”. Sim, era um Neves radiante de o ser. O Neves, o Neves! E o simples nome deflagrou em mim todo um maravilhoso fluxo de memória. Na minha infância profunda o Neves fora meu vizinho. Muitas vezes pulara eu o muro

para ir roubar carambolas no seu quintal. Disse-lhe: — “Se me lembro!”. E, já varado de nostalgia, suspirei: — “Bom tempo, bom tempo”. Durante uns vinte minutos, em cima da calçada, permutamos as nossas lembranças.

Quase no fim da conversa retrospectiva o Neves pergunta, à queima-roupa: — “Você não é universalista? Ou é?”. Não entendi nada. Limpo um pigarro: — “Universalista como?”. Veio a explicação: — “Você só fala no Brasil. E acusa as esquerdas de alienadas”. Pausa e diz: — “Mas você se esquece que as esquerdas são universalistas”.

Bem percebi a volúpia, a salivação intensa com que o bom Neves dizia aquela palavra deliciosa: — universalista. Ao descobrir que ele, além de outras virtudes, tem a de ler-me, me senti ainda mais terno e ainda mais lírico. Pousei a mão no seu ombro: — “Escuta, Neves. Você tem razão, mas eu também tenho razão”. E comecei a explicar “a minha”.

Eis o que disse eu, por outras palavras: — “Está certo que as esquerdas sejam universalistas”. O outro ajuntou: — “Eu também sou universalista”. Balancei a cabeça: — “Exato, exato”. Comecei a achar que eu e o gordo estávamos fazendo, ali, uma conversa de débeis mentais. E continuei, no mesmo nível superior do Neves: — “Está certo que as esquerdas sejam universalistas. Mas por que não põem o Brasil ao menos no galinheiro do seu universo? Você não acha que as esquerdas podiam reservar um poleiro para o Brasil?”.

Foi uma conversa, entre nós dois, que se arrastou por hora, hora e meia. Falta-me espaço para contar todas as verdades eternas que dissemos um ao outro. Mas estava ficando tarde e quis me despedir. Foi aí que, mudando de tom, o Neves exala um gemido. Baixando a voz, começa: — “Preciso de uma opinião, um palpite”. Novo gemido: — “É o seguinte: tenho uma filha linda, linda. Dezoito anos, aluna da PUC, um crânio. Mais inteligente do que eu, do que a mãe, do que os tios. Um portento. A garota estava noiva de um rapaz de vinte anos”. Faz uma pausa e puxa um cigarro. Ou por outra: — o Neves não fuma. Não puxa o cigarro e diz trêmulo: — “Com data marcada para o casamento, minha filha se apaixona, e sabe por quem?”.

Disse, por entre lágrimas: — “Por um velho”. E como ele chorava na via pública ao meu lado, tive uma vergonha brusca e desalmada daquele pranto de gordo. Não sei por que, talvez injustamente, sempre achei que a

lágrima do magro constrange menos. Apelei: — “Não faça isso!”. Olhava para os lados, esbaforido, como se o homem que chora fosse, por isso, obsceno: — “Filha única! Filha única!”. Arrisquei a pergunta: — “Mas é tão velho assim?”. Disse: — “Quarenta anos!”.

O Neves estaria disposto a aceitar que a menina deixasse um jovem por outro jovem. E repetia, desatinado: — “Mas, por um velho! Um velho!”. Digo-lhe: — “Calma, calma!”. Pula, furioso: — “Você diz calma porque a filha não é sua. Nós somos calmíssimos com as filhas dos outros. Queria ver se fosse contigo. Responde: não é uma tragédia?”. Fui taxativo: — “Tragédia nenhuma! Pelo contrário: sorte para sua filha, sorte para você, para a sua mulher, para a sociedade brasileira. Você e o Brasil estão de parabéns”. Aterrado, balbucia: — “Que piada é essa?”.

Tive de jurar-lhe que não fazia nenhuma piada. Estava falando com uma seriedade total. Expliquei o que acho: — a esposa pode ter qualquer idade e não importa. Mas o marido não pode ser jovem. É trágica a união do homem e da mulher da mesma idade. Falei da minha experiência pessoal. Aos vinte anos eu não sabia como se cumprimenta uma mulher, como se diz “bom dia” a uma mulher, como se olha, ou sorri para uma mulher, como se protege e como se salva uma mulher. Claro que, aos dezessete, vinte anos, o sujeito tem uma plenitude de bárbaro. Mas é uma vitalidade cega, feroz, destrutiva. Quando marido e mulher são jovens a convivência é o próprio inferno. Nunca se improvisou um marido. Marido é *métier*, é tempo, é virtuosismo, sabedoria, lúcida paciência.

O Neves repetia, fora de si: — “Mas o cara tem quarenta anos!”. Parecia-lhe que, aos quarenta anos, o homem é de uma velhice infinita, milenar. Achei graça no seu terror. Disse-lhe que, a partir dos quarenta, o homem já pode ser marido. Aprendeu fazendo sofrer outras mulheres, dilacerando outras mulheres.

Ao passo que, aos vinte, com a sua feroz vitalidade sem alma, ele pode ser tudo, menos marido. Não tem nem alma, porque a alma vem depois, vem com o tempo. Neves ouvia, atônito. Por fim, admitiu: — “Realmente, aos vinte anos eu era uma boa besta”. E pergunta, quase convertido: — “Quer dizer que não é uma desgraça?”. Só falei jurar: — “Uma sorte grande”. O outro já sorria. E quando, brincando, disse-lhe “até aí morreu o Neves”, riu, escarlate de prazer. Voltava a ser o feliz Neves.

Estendeu-me a mão suada, radiante de ter um nome que era um trocadilho,
uma piada.

[18/5/1968]

O DESTINO DE SER TRAÍDA

Um amigo meu vem para mim de braços abertos. Soluça: — “É a nova Revolução. Francesa!”. Agarra-me pelos dois braços e repete: — “A nova Revolução Francesa!”. Ainda olhei para os lados, como se a Revolução Francesa pudesse estar por perto, a nossa espreita. Só então percebi que o outro falava da agitação infantil que lavra por toda a França.

Rádio, jornais e TVS dão notícias como chicotadas: — “Fábricas ocupadas. Incêndios, depredações, o diabo. Seqüestrados os gerentes da Renault, da Citroën, da Sud-Aviation. De Gaulle viaja. A França pega fogo e De Gaulle viaja etc. etc. etc. Os operários aderem aos estudantes. A polícia pede desculpas aos estudantes”. É a Revolução Francesa ou talvez pior do que a Revolução Francesa.

Digo “pior” e explico: — a multidão é recente. Uns 150 gatos pingados derrubaram a Bastilha. Ninguém podia sonhar que a História pudesse juntar 200 mil pessoas como o jogo Vasco x Flamengo. Mais tarde é que o mundo veio a conhecer as primeiras multidões. Hoje qualquer pretexto emocional improvisa massas tremendas. É tranqüila a superioridade numérica da agitação estudantil sobre a Revolução Francesa.

Outro dia, no intervalo de Fluminense x Madureira, um “pó-de-arroz”, muito aflito, veio me perguntar: — “Afinal, por que é que estão brigando na França? O que é que os estudantes querem?”. O torcedor me olha e me ouve como se eu fosse a própria Bíblia. Começo: — “Bem”. Faço um *suspense* insuportável. Fecho os olhos e pergunto, de mim para mim: — “O que é que os estudantes querem?”. Era perfeitamente possível que eles não quisessem nada. Por sorte minha, o jogo ia começar. Enxoto o torcedor fraternalmente: — “Vamos assistir ao jogo!”.

Depois da vitória, fui para casa, na carona do Marcello Soares de Moura (para mim, uma das poucas coisas boas do Brasil é a carona do Marcello Soares de Moura). Quando passamos pelo Aterro, só uma coisa me fascinava, ou seja: — a hipótese de que os estudantes franceses estejam

lutando por nada. Vejam bem. Hordas estudantis fazendo uma Revolução Francesa por coisa nenhuma. Se eu conhecesse o Paulo de Castro, havia de propor-lhe tal idéia.

Mas, quando entramos no túnel do Pasmado, lembrei-me de que havia, sim, um motivo original. Alegavam os estudantes que os métodos de ensino, na França, eram inteiramente obsoletos, gagás, humilhantes. O sujeito estudava como no tempo de Luís XV. A Sorbonne estava senil e, repito, velha de babar na gravata. Portanto, os estudantes exigiam uma nova estrutura para todo o ensino francês.

Esse o nobilíssimo ponto de partida. E foi aí que, pela primeira vez, o mundo descobriu que, na França, se ensina errado, que na França se aprende errado. E é tal a inépcia que foi mister uma Revolução Francesa para corrigi-la. Aconteceu então esta coisa admirável: — todo mundo concordou com os estudantes. Foi uma solidariedade unânime e irrestrita. De Gaulle também acha que o ensino francês exige uma modernização total e fulminante, Malraux, *idem*. E assim os professores, e assim os deputados, e assim os ministros. Também a polícia deve pensar assim porque, depois de baixar o pau, pediu desculpas.

Portanto, a Revolução Francesa devia parar no mesmo dia. De modo algum. No segundo dia, já ninguém pensava mais na crise do ensino. O motivo original sumiu até o último vestígio. E, aqui, abro um parêntese para uma breve meditação. Imaginem que muitas e muitas gerações brasileiras viveram da “cultura francesa”. No meu tempo de menino, não se dava um passo sem esbarrar, sem tropeçar num anatoliano. Um intelectual brasileiro era mais francês do que um apache. Todas as nossas admirações literárias eram francesas. E não só aqui. O mundo inteiro amou a “prosa francesa”. Ezra Pound, o gênio crítico do século, vivia dizendo aos seus discípulos: — “Não leiam os russos. Leiam os franceses”.

E, súbito, os próprios estudantes franceses vêm e denunciam que, desde Luís XV, o ensino francês é uma gigantesca impostura. Outra: — a enfática Sorbonne. Sabemos agora que a Sorbonne é uma vergonha. Dirá alguém que o ensino não tem muito a ver com os literatos, os estilistas, os pintores, os cineastas, os compositores etc. etc. Aqui, o analfabeto também escreve, pinta, faz música, cinema. Mas nosso pobre povo jamais foi portador da pomposa “cultura francesa”. Quem sabe se a França não é, precisamente, a anti-França?

Mas se é falso, antigo, gagá o ensino, por que não o será o resto? Tivemos, aqui, uma geração anatólica, outra claudeliana, mais outra gidiana, uma quarta sartriana. Parece que, de longa data, admiramos errado. Assim como não há ensino na França, pode acontecer que também não haja romance, nem poesia, nem estilo, nem teatro, nem música, nem pintura. Todas as dúvidas tornam-se extremamente válidas e persuasivas.

A glória de certos povos pode ser uma soma de imposturas fascinantes. Sempre acreditamos em certos mitos da História francesa. Mas os estudantes carregam retratos de Mao Tsé-tung, de Guevara, Lenin. O torcedor do Fluminense poderia perguntar: — “Nada se salva no movimento estudantil?”. Direi que se salva a força física com que os estudantes arrancam paralelepípedos e quebram vitrinas. É um luxo nunca visto de potencialidade muscular. Ocupam a Sorbonne e, à noite, dançam e bebem, numa boémia frenética.

Sem querer, penso na entrada dos nazistas em Paris. Os tanques passando por debaixo do Arco do Triunfo. Paris se oferecia: — era uma cidade aberta. Não só Paris. Toda a França era uma pátria aberta. Quando se declarou guerra à Alemanha, o Partido Comunista Francês lançou um manifesto ignóbil. Chamou a guerra de imperialista. Exortou o trabalhador a não lutar. Sim, o Partido Comunista Francês só virou francês quando a Rússia entrou na guerra.

Mas existiam os estudantes, pais dos que, hoje, carregam retratos dos líderes comunistas. E que fizeram eles? Eram jovens, tinham idade militar, e que fizeram eles? Eu me pergunto se o destino da França é o de ser traída. Quando a Alemanha a invadiu, os tanques passavam por onde não podiam passar. Até as florestas, até os rios, traíram a França. Houve um momento em que ninguém era francês. A França deixara de ser a França. O único francês era De Gaulle. Roosevelt e Churchill tinham-lhe horror, porque ele vociferava pela pátria. E De Gaulle tornou-se um mito patético. Era a França. Nós o recebemos, aqui, como um mito. Mas onde está ele? O mito passeia.

[20/5/1968]

ÓDIO AO HERÓI

“Barrault morreu! Barrault morreu!” Quem dizia isso ou, melhor, quem soluçava isso era o próprio Barrault ou, por extenso, o próprio Jean-Louis Barrault. Estamos em Paris, no teatro Odeon, ocupado pelos estudantes. Não há um lugar vago. Uns por cima dos outros. E, súbito, aparece Barrault. Vai ao limite extremo da ribalta, alça a fronte e fala.

Simplesmente, ele, Barrault, está ali para comunicar a própria morte. Eis, na íntegra, as suas palavras: — “Anuncio-vos que não sou mais diretor deste teatro. Sou um ator como os outros”. Está de gesto erguido e faz pausa, faz *suspense*. E, então, berra com invejabilíssima saúde vocal: — “Barrault morreu!”. Explode uma ovação formidável. Nunca uma morte foi tão aplaudida. Barrault vive o seu grande momento de ator. Nunca morrera tão bem.

Via de regra, cada um de nós morre uma única e escassa vez. Só o ator é reincidente. O ator ou a atriz pode morrer todas as noites e duas vezes aos sábados e domingos. Sarah Bernhardt não fez outra coisa senão morrer no 5º ato de *A dama das camélias*. E o nosso Barrault tem feito da morte profissional o seu ganha-pão. No palco, fremente, era um defunto salubérrimo.

Só não entendo como se pode ser ator “como os outros”. Ninguém é ator “como os outros”. E repito: — só um soldadinho de chumbo é igual a outro soldadinho de chumbo. De mais a mais, qualquer ator reage como um Narciso. Ninguém mais Barrault do que Barrault. Estava, ali, arrancando mais um efeito plástico. Por outro lado, a apoteose parece descabida. Por que aplaudir um sujeito que se demite de uma simples função burocrática? Deixara de ser funcionário, e daí? Onde está o heroísmo, sim, onde está o martírio?

A propósito da França, resmungava um amigo meu: — “Tudo isso é bobagem!”. E perguntava: — “Você não acha bobagem?”. Neguei com a

maior ênfase: — “Absolutamente!”. E, de fato, tudo que a França faz tem uma platéia mundial. Qualquer suspiro ou rugido francês é histórico. Aqui, as gerações não perdem uma representação de França. É a mais teatral das nações. Mesmo que o quisesse, a França não seria boba, jamais.

Mas vejamos o que lá acontece. Deixemos de lado o nosso Barrault. O que fez, no Odeon, não teve nenhuma densidade. Foi apenas uma pirueta profissional de ator. O patético é o comportamento da própria França. De repente, o país é varado de correrias. Todo mundo começa a correr. E eu me pergunto que mão atirou a primeira pedra. E de onde partiu o primeiro grito? Ninguém sabe. Ao mesmo tempo, explodiu uma solidariedade nunca vista. Todo mundo está solidário com todo mundo. Os franceses parecem ferozmente unidos. Ninguém é contra os estudantes. Mas essa unanimidade tem um defeito: — falta-lhe uma causa.

A primeira Revolução Francesa era profunda e nítida. Tinha razões precisas. O próprio Terror era lúcido. Ao passo que a presente agitação não tem profundidade, nem nitidez. Os estudantes começaram tudo. Em seguida, os operários ocuparam as fábricas. E mais: — seqüestram os gerentes e não os devolvem. A única perplexidade que se conhece, na França atual, é o Partido Comunista. Ora dá a sua solidariedade, ora a retira. Lá os professores estão com os estudantes. E também os cineastas. Cannes entra em greve. Mas não há um líder. Os estudantes carregam cartazes de Mao Tsé-tung, Guevara, Lenin. Mas Lenin está no seu túmulo de vidro. Nunca um túmulo foi líder de coisa nenhuma. Enquanto isso, os estudantes, no seu formidável dinamismo destrutivo, viram carros e os incendeiam, e arrancam das avenidas a capa de asfalto. Mas, eis o que o mundo pergunta: — além dos carros virados, o que querem os estudantes? Atiram pedras. E por que apedrejam?

Aqui começa a singularidade da atual Revolução Francesa: — seu Terror não tem reivindicações. Ou por outra: — tem um nome. Chama-se “revolução cultural”. É pouco. Queremos saber o que se esconde por trás do nome. Dois ou três sujeitos, estreitamente positivos, respondem: — “Não se esconde nada”. Mas comparem as duas imagens: — a presente França e a Rússia de 17. Na Rússia, foi a guerra perdida que instalou o caos. Todas as estruturas desabaram. Mas a França não luta com nenhum inimigo externo. Perdeu a sua última guerra, mas em seguida a ganhou (graças aos Estados

Unidos).

Por outro lado, em 17, houve um Lenin para tirar partido do caos, para organizá-lo, discipliná-lo. Deu ao caos uma linguagem, uma inteligência, uma ordem. Mas era Lenin e tinha, a seu lado, toda uma seletíssima elite de revolucionários. Ao passo que, na França, estamos vendo o caos gratuito. Sim, o caos com a obtusidade do caos. E nada mais.

O patético da agitação estudantil não é a festa dos carros virados, nem os gerentes seqüestrados, que ninguém devolve. O pior, repito, é um cartaz, um simples cartaz, que os estudantes empunharam, desde o primeiro dia. Lá está escrito: — DE GAULLE ASSASSINO. Vejam vocês: — assassino. Eis o que o mundo pergunta numa perplexidade total: — “Será mesmo assassino?”.

Vejam o seu retrospecto, como se De Gaulle fosse um cavalo de corrida. Na última guerra, a França tinha o maior Exército da Europa e entregou-se. Hoje, Barrault morre no palco e, em seguida, vai comer um bom bife. Por que, na guerra, não se atirou debaixo de um tanque nazista? Na capitulação, a França era uma paisagem sem franceses. Nenhum francês, nenhum. Ou por outra: — restava, na solidão de França, um único francês. Era o assassino De Gaulle. Não me falem em Resistência. A Resistência só tem um nome: — De Gaulle.

E, mais tarde, quando o país precisou de um líder, de um herói, só encontrou um: — o assassino, que já a salvara uma vez. Assim foi todo o povo, inclusive os comunistas, que pôs De Gaulle no poder. Cabe então a pergunta: — e por que, de repente, esse mesmo povo trai o seu amado líder? O cartaz citado parece-me o dado essencial. Aí está o ódio ao herói. Jamais se viu um sentimento de culpa tão nítido e tão cruel. Sentimento de culpa apenas latente e que, por fim, explode. Os que capitularam precisam destruir o que não se rendeu.

[21/5/1968]

O BERRO DE: – “FOGO!”

Não sei se vocês se lembram de Charles Dickens. Cada época sepulta uns tantos autores. E a nossa enterrou Dickens. Se perguntarmos à “Geração Paissandu” por *David Copperfield*, ela dirá que jamais em tal ouviu falar. Pode parecer estranho, mas não é estranho. Uma mesma geração não comportaria Godard e Dickens.

Entre parênteses, acho Godard um idiota (desculpem). O que envelheceu em Dickens não foi o próprio Dickens. Não. Foi a sua ternura que desapareceu da nossa época. Olhem em torno. Não há mais o terno, o compassivo. Vivemos uma época feroz. Conteí, outro dia, o que aconteceu com o “Marinheiro Sueco”. Foi almoçar comigo, ali, no Nino’s. Mas, ao chegar o amigo, verifiquei que havia, entre o “Marinheiro Sueco” do dia e o “Marinheiro Sueco” da véspera, uma dessemelhança brutal. Estava mais eriçado do que as cerdas bravas do javali.

Perguntei-lhe: — “Que bicho te mordeu?”. Sentou-se, ventando fogo por todas as narinas. Gemeu, abundantemente: — “Não sei o que há comigo, não sei”. Simplesmente, estava indignado. Imaginei que tal indignação teria uma vítima ou um culpado. Nem uma coisa nem outra. Perguntei: — “Você brigou?”. Não, não brigara. Simplesmente, estava indignado. E o pior é que era uma fúria contra ninguém. Tinha vontade de quebrar a cara, não sabia de quem, nem por quê.

Vocês percebem que o “Marinheiro Sueco” não será um caso único. Tal agressividade é um estado de alma universal. Presentemente, na França, todo mundo tem vontade de quebrar a cara dos outros. Cabe então a pergunta: — que faria Dickens num mundo de ressentimento? Que me lembre, nunca, em seus escritos, um personagem quebra a cara de outro personagem.

Mas não era de Dickens que eu queria falar. Ou por outra: — era, sim, de Dickens. Por mais estranho que pareça, ainda restam, em nossa época, três ou quatro personagens do velho autor. Domingo, depois da Resenha da

TV Globo, alguém veio me dizer: “Tem um cara te procurando”. Vou ver e tenho a surpresa: — era o Vianinha. Ao usar o diminutivo, preciso desfiar o nome completo, como num cartão de visitas: — Oduvaldo Viana Filho.

Ele é teatrólogo e eu também. Mas sou autor de velhas gerações, ao passo que ninguém mais atual, mais moderno, mais “pra frente” do que o Vianinha. Como se não bastasse o abismo das idades, há também o abismo ideológico, ainda mais cavo e ainda mais fundo. Portanto, o colega devia olhar para mim, de esguelha, com a maior suspeição e desprazer. Mas, quando nos cruzamos, há uma alegria recíproca e inexplicável. Eu caio nos braços do Vianinha e o Vianinha nos meus braços.

Mas disse “inexplicável” e já retifico: — há explicação, sim, para tamanha efusão. É uma longa história, mas que vale a pena ser contada. Qualquer brasileiro é suscetível ao pequeno suborno. Tenho um amigo que conquistou uma senhora inatacável — com uma entrada do Cineac. Vejam bem: — uma carona barata pôs por terra não sei quantos preconceitos educacionais, de família, de religião, de classe. Se fosse um colar de pérolas, teria metido o presente na cara do tarado. Mas por um nada o brasileiro se compromete ao infinito. Foi exatamente o que aconteceu com o nosso Vianinha.

Por dinheiro nenhum ele se venderia. Mas eu o dobrei — vejam vocês — com um pequeno suborno. Vamos aos fatos. Tudo aconteceu no Estádio Mário Filho. Era o jogo Vasco x Botafogo. A olho nu, qualquer um imaginaria uma renda de 400 milhões ou mais. Como digo nas minhas crônicas esportivas, havia gente até no lustre. Eu vi, e juro que vi, um brasileiro subindo pelas paredes como uma lagartixa profissional. Depois de tomar meia garrafa de Lindoya, voltava eu para a tribuna de imprensa (gosto de Lindoya porque é pura e santa água da bica).

Vou passando e ouço aquele brado patético: — “Nelson, Nelson!”. Não sei se vocês já ouviram o último apelo de um afogado. Foi exatamente a sensação que me deu. Era alguém que, antes de se afundar, clamava por mim. Viro-me e dou de cara com o Vianinha. Imediatamente, compreendi a sua angústia de asfixiado. O colega era, exatamente, o náufrago da multidão. Tentara enfiar-se na massa ululante. E a massa o expeliu. De mais a mais, era ele o carro-chefe de três garotinhos.

Do outro lado das grades, pedi: — “Como é? Não me arranja uma carona?”. Eis o que eu queria dizer: — fiz da carona do Vianinha uma causa

sagrada. Lutei ferozmente. E me sentiria desonrado se não o pusesse lá dentro. Movi céus e terras e com uma pertinácia tão fanática que varri todas as resistências. Não pensem que o coloquei num galinheiro. Deixei-o, com o batalhão de crianças, no melhor lugar do estádio, ou seja, nas cadeiras perpétuas. Insisto na distinção: — não nas cativas, mas nas perpétuas.

Foi esse, em rápidas pinceladas, o pequeno suborno. Se eu chegasse com um cartório, e o oferecesse ao Vianinha, ele havia de reagir com rútilas patadas. Mas era uma simples, franciscana carona. Pela minha mão, ele e os garotinhos puderam assistir às botinadas de Vasco e Botafogo. E notem como eu e ele agimos como brasileiros: — eu, na ânsia de servir; ele, na ânsia de aceitar. Resultado: — uma carona tapou o abismo ideológico que outrora nos separou.

O Vianinha é a única, a solitária gratidão que jamais inspirei. A partir de então, sempre que nos encontramos, ele ri para mim e eu para ele. Alguém, que nos veja, pensará: — “É uma geração rindo da outra”. Não. Rimos porque a amizade deve ser uma relação engraçadíssima.

Nem se diga que a gratidão do Vianinha é um sentimento vago, estéril, contemplativo. Pelo contrário. É uma gratidão ativa, dinâmica, de uma eficiência humilhante. Domingo, às duas horas da manhã, a presença do Vianinha explodiu de repente, na TV Globo. Fazia um frio de rachar catedrais. E o Vianinha estava ali para me prestar um obséquio. Lá fora, era a própria Sibéria. E, apesar da madrugada gelada e eu quase dizia cadavérica, o Vianinha não faltou. E aqui entra, de novo, o nosso Dickens. De repente comecei a achar que o Vianinha era, fisicamente, um personagem do velho autor. Sem que Dickens o declare, sempre achei que seus jovens têm espinhas na cara. É o caso do Vianinha. Tem espinhas como os rapazes de antigas gerações, Hoje, não. Hoje, todo mundo tem uma pele ótima.

Ah, é problemática a sorte de um velho “reaça”, como me chama o Hélio Pellegrino. E sei eu que as nossas gerações são ferocíssimas. Se, um dia, o meu fuzilamento depender do Vianinha, sei que ele não dará jamais o berro de: — “Fogo!”.

[22/5/1968]

O HERÓI SEM RISCO

Em todas as idades e em todos os idiomas, o herói era aquele que arriscava, na melhor das hipóteses, a própria pele. Não havia heroísmo sem perigo. Foi assim em Dumas pai, foi assim em Walter Scott. D'Artagnan teve de morrer umas 25 vezes. E a bem-amada do herói era, ao mesmo tempo, a sua viúva. Se um Ivanhoé custava a morrer, familiares e vizinhos já punham em dúvida o seu heroísmo.

Fiz a pequena introdução acima para chegar às greves de França, Eis o que eu queria dizer: — lá se inaugurou, com os estudantes e com os operários, um tipo novo de herói e um tipo inédito de epopéia. Refiro-me ao herói sem risco e à epopéia sem ônus. Pela primeira vez, em qualquer época e em qualquer idioma, chega-se ao heróico, chega-se ao épico, chega-se ao sublime sem um arranhão, sem uma fratura e, mais, sob forte proteção policial.

Um amigo bate o telefone para mim: — “Os garçons ocuparam os hotéis e seqüestraram os patrões”. Compreendo o pânico ou, por outra, não compreendo o pânico. Meu amigo não quer enxergar o lado humorístico do episódio. Não deixa de ter sua graça a inversão hierárquica e de papéis: — os proprietários servindo os garçons e embolsando as propinas. Por outro lado, as esposas, amantes e filhas dos patrões vão para a copa lavar pratos e para a cozinha fazer o bife, a carne assada, o jiló.

Todavia, o que me espanta é, repito, o nenhum risco. Não estou fazendo um exagero caricatural. Fazer greve na França é muito menos arriscado do que atravessar uma rua na Guanabara. Quando passamos de uma calçada para outra calçada, a hipótese de uma trombada é sempre cogitável. Ao passo que, na França, os gerentes são raptados e não devolvidos. E não acontece nada, nem ao raptor, nem à vítima. Ou por outras palavras: — é uma Revolução Francesa sem vítimas.

Porque, no fundo, também as vítimas estão de acordo. Todo mundo concorda. E o que é mais degradante: — até a polícia concorda. Dirá alguém que resta o exército. Mas, quem limparia as ruas, se os garis também são grevistas? Acontece, então, esta coisa patética: — incumbe-se o soldado francês de virar latas, como os cães sem dono e os gatos vadios. Como a polícia é solidária, e como o exército faz limpeza pública — ninguém ameaça ninguém. As Forças Armadas pararam.

Mas o herói sem risco acaba não convencendo ninguém. A Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, foi o que se sabe. Lincoln dissera: — “Não quero governar uma nação que é metade livre e metade escrava”. E, então, a metade livre brigou para continuar livre e a outra, para continuar escrava. Foi uma morte recíproca e total. No fim de tudo, suspirava-se: — “Quem não morreu na guerra civil?”. Estavam todos mortos, inclusive os vivos. Quando foram chamar um sobrevivente para o almoço, bocejou: — “Morri”.

Bem se vê que o grevista francês não é um defunto vocacional. Também na Guerra Civil Espanhola todo mundo morreu. Mais uma vez constatou-se que a História não avança um passo, e não recua um passo, sem sangue e, repito, muito sangue. Na Espanha, seria justo uma morte unânime, porque um lado era canalha e o outro lado, também. Mas na “revolução cultural” da França não há canalhas. Nem isso. Em 17, na Rússia, houve todo um elenco, toda uma antologia de canalhas. Um deles, e perfeito, irretocável, foi o nosso tão conhecido Joseph Stalin.

Eis o espanto geral: — e por que ninguém morre na França? Porque lá não existe uma causa nítida, uma causa precisa. E só se morre, ou só se mata por uma causa. É uma causa, boa, má ou péssima, que faz os assassinos, as vítimas e, até, os canalhas. Até prova em contrário, ninguém sabe, na França, por que e para que se viram os carros, se queima o lixo e se seqüestram os gerentes. Outro amigo me diz, no telefone: — “Deve haver um explicação. Tudo tem explicação”.

Aquilo ficou na minha cabeça: — “Tudo tem uma explicação”. De noite, exatamente às três da madrugada, acordo. Era a úlcera. Não estava doendo e eu sentia, justamente, a falta da dor. Levantei-me, vim para a janela. Pensava na França. Tentei explicar a “revolução cultural”. Eis o que me ocorreu: — a França tem todo um potencial de heroísmo inédito, frustrado. Não fez a guerra, e repito: — os outros lutaram por ela. Os

alemães perfuraram Sedan e deslizaram em solo francês. E todo o povo, com atraso de vários anos, precisa sentir-se herói. Cada carro virado é um tanque alemão. Os franceses estão fazendo a guerra. Essa ferocidade tardia, espetacular, é uma vingança contra a capitulação.

Mas o que eu queria dizer é que o herói sem risco surge por toda parte. Li, outro dia, um artigo admirável do dr. Alceu. Era sobre Régis Debray. E o dr. Alceu considerava a prisão do francês uma ignomínia. Meu Deus, que idéia faz da guerrilha o nosso Tristão de Athayde? Pensa talvez que é um piquenique? Uma farra? E que os guerrilheiros são frívolos, álares peraltas? Qualquer um sabe que não há, obviamente, uma guerrilha sem riscos precisos. Assim como o guerrilheiro mata é também natural que o matem. E, se leva um tiro na cara, como um passarinho, vamos convir que tal contingência nada tem de extraordinário. Surpreendente é que um guerrilheiro sobreviva indefinidamente. Queria o dr. Alceu que o exército boliviano carregasse Guevara na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado?

Volto à França. Não admiramos o grande povo na derrota. Podemos admirá-lo na greve? Hoje, até os artistas param. Mas, por toda a ocupação nazista, Barrault não morreu uma única e escassa vez. E os pianistas, os violinistas, os violoncelistas iam fazer recitais para os eruditos gerais inimigos. Ontem ou anteontem incendiaram a Bolsa. Mas é também um terrorismo sem perigo. O incêndio foi aplaudido e quase bisado. Na ocupação, nenhum garçom pôs formicida na sopa nazista. Sim, a França faz o anti-herói, a antiepopéia, e nos dá a imagem da anti-França.

[27/5/1968]

OITENTA MILHÕES DE VENDIDOS

Há um grupo teatral chamado Opinião. Vocês o conhecem e já provaram o talento de seus artistas e dos seus textos. Mas vejam que nome simples, despojado, sem ênfase. Apenas Opinião e nenhum ornato, nenhum arabesco. Em outros tempos, seus fundadores teriam escolhido um título mais enfeitado do que um índio de carnaval. Em vez de Opinião, seria algo assim como Estrela Matutina, Rosa de Cetim ou Os Amantes da Arte. Este último coincide, exatamente, com o gosto das velhas gerações.

Os Amantes da Arte seriam o Ferreira Gullar, o Oduvaldo Viana Filho e uns poucos mais. Entre parênteses, o citado Viana é em verdade Vianinha, ou seja, o único diminutivo nato que se conhece em qualquer idioma. O Viana já nasceu Vianinha e para todo o sempre. Certa vez, o Vianinha escreveu para um amigo e assinou “Viana”. O destinatário achou que estava lendo uma vil carta anônima.

Eis o que eu queria dizer: — considero Opinião um nome impróprio e, repito, um nome alienado. Com as técnicas modernas de promoção, o homem cada vez pensa menos. É o jornal, é o rádio, é a televisão, é o anúncio, é o partido que pensa por nós. Nós “achamos” o que os outros “acham”. A “opinião” deixou de ser um ato pessoal, uma posição solitária, um gesto de orgulho e desafio. Há sujeitos que nascem, envelhecem e morrem sem ter jamais ousado um raciocínio próprio. Há toda uma massa de frases feitas, de sentimentos feitos, de ódios feitos. Ainda outro dia, ouvi um sujeito falar sobre a França. Inflexionava como as manchetes.

O sujeito que opina por conta própria, que simplesmente opina por conta própria, tem algo de suicida. Em verdade, ele se compromete ao infinito. E se a opinião não existe, e se ninguém a tem, entendo que o grupo de Ferreira Gullar e do Vianinha devia chamar-se, realmente, Rosa de Cetim ou Os Amantes da Arte. Dito isto, passo ao tópico seguinte.

Eis o que importa ressaltar: — uma opinião, mesmo repetida, significa um risco pessoal e patético. Sem o querer, o sujeito pode pôr em

jogo a própria salvação. É o que acontece com certo professor da PUC que será o grande personagem desta crônica. Explico por que não lhe direi o nome. Certo diretor de jornal era contra o ponto-parágrafo. Doutrinava ele: — “É um espaço perdido”. O nome do professor referido gastaria um espaço irrecuperável. Direi apenas que é de meia-idade, católico “pra frente”, amigo de d. Hélder e do dr. Alceu, paladino das pílulas, do amor livre. Em suma: — um progressista.

Muito bem. E uma de suas aulas recentes foi sobre ou, melhor dizendo, contra o imperialismo. Aliás, não foi bem contra o imperialismo e sim contra os Estados Unidos. Partia ele do seguinte princípio, a saber: — o americano compra tudo. E, para não ficar no vago, no incorpóreo, no indeterminado, ele cita o exemplo concreto do sr. Café Filho. Conta que os Estados Unidos resolveram dar um golpe, aqui no Brasil. Café era, então, presidente da República e, como costumam ser os nossos presidentes, um lacaios do imperialismo *yankee*. Podemos imaginar a cena. Chega o americano atirando patadas truculentas em todas as direções. Pergunta: — “Quanto queres, ó Café, para dares um golpe?”. O nosso presidente limpa um pigarro, olha para o teto e diz uma quantia. Como bom comprador, o americano não vai no primeiro lance. Pechincha: — “Tu te esqueces, ó Café, que o presidente brasileiro é o mais barato da América Latina?”. E, então, para não perder o freguês, o sr. Café Filho teve de fazer um abatimento.

Ao embolsar a meia dúzia de dólares, o então presidente da República ainda suspira: — “Vou ter que rachar com alguns generais”. Daí partiu ele para dar o golpe. Pelas razões que todos conhecem, houve o fracasso total. Mas justiça se lhe faça: — o sr. Café Filho foi um corrupto honesto. Fez o diabo para servir ao patrão. Eis a pergunta que cabe fazer: quem era, para o professor da PUC, o nosso Café Filho? Um sujeito que tomava dinheiro dos americanos para trair o Brasil. Essa torpe imagem presidencial foi oferecida a quarenta ou cinquenta jovens de ambos os sexos. Imaginem a idéia que, imediatamente, essa platéia imatura passou a fazer do Brasil e do brasileiro.

Ora, o presidente da República é uma faixa, é uma casaca, é uma cartola, é o Hino Nacional. Por outro lado, ele não pode ser apenas uma pose. É preciso que, por trás da pose, exista uma noção qualquer de honra. E vem um professor da PUC e, com um frívolo piparote, põe por terra toda uma série de nobilíssimos valores. Em sua aula, ele dava uma opinião sobre este país, sobre todos nós e cada um de nós, sobre os nossos costumes e a

nossa alma. Se o presidente da República se vendia, com tão cordial e risonha facilidade, e, ainda mais, por um preço de avenida Passos — que dizer dos outros? Sim, os ministros também deviam estar na gaveta. Afinal, um ministro também precisa pagar o sapato da mulher e o leite do caçula. E os não-presidentes, os não-ministros? Nós, os barnabés, os funcionários, os bancários, os intelectuais, os estudantes — seríamos outros tantos corruptos, e baratíssimos.

Cada aluno do citado professor há de ter a seguinte imagem do Brasil: — uma nação fazendo fila na embaixada norte-americana. São homens e mulheres deste país. Sujeitos berram: “Eu sou barato! Eu sou barato!”. Grã-finos, de mãos postas, soluçam: — “Me comprem! Me comprem!”. Mas eis o que me pergunto: o tal professor tem mesmo essa opinião? Não. Ele a recolheu nas esquinas, nos botecos, nos salões, nos consultórios, por toda a parte, Ah, o brasileiro continua sendo aquele Narciso às avessas que cospe na própria imagem. A nossa tragédia é que não temos um mínimo de auto-estima.

Pois bem. O que o homem disse não passa de uma espantosa mentira, de uma hedionda calúnia. E pelo contrário: — uma das coisas lindas desta terra é a pobreza do ex-presidente. Vocês, decerto, já ouviram falar daquele sujeito que entrou pobre na Sicília rica e saiu rico da Sicília pobre. Inversamente, o sr. Café Filho entrou pobre na Presidência e saiu mais pobre. Mesmo quando substituiu Getúlio, era um pau-de-arara. Nunca, em momento nenhum, deixou de ser o pau-de-arara. De casaca e pau-de-arara, de cartola e pau-de-arara. E quando deixou de ser presidente, teve de arranjar, às pressas, um emprego. Do contrário, ia morrer de fome. E se, por fatalidade, perder esse emprego, terá que se fingir de cego e postar-se na esquina da Ouvidor. Cada um de nós pingará então uma moeda no seu pires de falso cego. De mais a mais, a pobreza do sr. Café Filho é um caso de constatação visual. Façam-no sorrir. É a dentadura mais feia e, ao mesmo tempo, mais comovente do Brasil. Repito: — como pobre vocacional, ele não teve dinheiro, nunca, para arranjar um protético melhor.

[28/5/1968]

UM MUNDO DE CANALHAS

Há uns dois meses, talvez, comecei assim uma “Confissão”: — “O líder é um canalha”. No dia seguinte, um amigo bate o telefone para mim: — “Que piada é essa?”. Senti o seu escândalo total. Insistia: — “Canalha como? E Gandhi? Você acha Gandhi um canalha?”. Tive de explicar-lhe que achava Gandhi um ser maravilhoso. Sua vida parecia-me perfeita, irretocável. Mas Gandhi era, justamente, o exemplo errado. Eu falava do líder bem-sucedido, sim, do líder que toma o Poder.

O meu amigo berrava no telefone: — “Sua tese não resiste”. Não resistia, afirmava ele, a um sopro, desses que apagam uma velinha de aniversário. Discutimos e não nos entendemos. Ele não aceitou os meus argumentos, nem aceitei os seus. Desligou praguejando: — “Essa, não!”. Sessenta dias depois, mais um Kennedy, Bob, é assassinado. No momento em que anunciava uma vitória eleitoral, levou uma bala na cabeça.

O fato de ter sido na cabeça caracteriza, a meu ver, a lúcida e técnica premeditação. Não foi, portanto, um ato de selvagem e obtuso fanatismo. O que se percebe é que o criminoso ou, pluralizando, os criminosos previram tudo. Tiro na cabeça porque, em caso de sobrevivência, nada restaria de Bob Kennedy. Seria um idiota, vivo e idiota, a uivar, eternamente.

Ao falar do canalha, que a liderança exige, não me refiro, obviamente, ao líder sem poder. Acho que estou sendo claro. Mas repito: — o “líder sem poder” não é líder. Objetará alguém que John Kennedy chegou à presidência. Mas era tão pouco líder e tão pouco canalha que foi assassinado. O verdadeiro líder (realmente canalha) não morre, mata. Manda matar. Ou é homicida ou não é líder.

O leitor há de pensar, sem dúvida, na figura recente de Joseph Stalin. Nunca levou um tiro de ninguém. E matou milhares, matou milhões. Era o canalha puro. Só tinha de humano o feitio do nariz, as botas e o bigodão. E

pisou na cara de todo um povo. Quando os camponeses insinuaram uma resistência, Stalin matou milhões de fome punitiva. Nenhum homem faria isso. E Stalin o fez porque nada tinha a ver com o ser humano. Mais tarde, achou conveniente fazer o pacto germano-soviético. Apertou a mão de Ribbentrop, com um riso enorme e torpe. Foi o co-autor da guerra nazista.

Comparem os dois, Joseph Stalin e John Kennedy. Este amou e teve, até o último momento, a presença da “mulher bonita”. Quando uma bala arrancou-lhe o queixo, Jacqueline ria, a seu lado; e ainda ria, ou sorria, quando a cabeça do marido ensangüentou-lhe o colo. Em seguida, “a mulher bonita” subiu, de gatinhas, na capota. E chorava grosso como um homem.

Uma Jacqueline seria impossível na vida de Joseph Stalin. O verdadeiro líder não deseja, simplesmente não deseja. O desejo seria uma degradação. Poderão objetar que Napoleão teve Josephina. Era bonita, como quer Hollywood. Mas traiu Bonaparte. A “mulher bonita” tem sentido na vida do líder quando o trai. Assim o nosso John Kennedy, que tinha uma segunda presidência assegurada, nem chegou a completar a primeira. Era o falso líder. Um Stalin teria que morrer na hora própria, nem antes, nem depois. John Kennedy morreu no momento errado.

Bob Kennedy nunca seria líder porque, como o irmão, não era um canalha. Tão pouco pulha que amou e, pior, amou a própria esposa. Vejam os casais nossos conhecidos. Todos, todos, com duas ou três exceções, estão crispados de tédio conjugai. Lembro-me de que, certa vez, escrevi: — a origem do câncer está no tédio conjugai. E a leucemia infantil é; o tédio dos pais destruindo os filhos. Mas Bob Kennedy não conheceu a monotonia quase obrigatória das longas convivências. Dirá algum leitor bandalho que nunca se sabe. Mas sabemos. No caso de Bob sabemos.

Diante de nós estão os dez filhos. Sei, claro, que muitos casais fingem uma cínica felicidade. Mas, meu Deus, ninguém finge dez filhos. Nenhuma mulher pode fingir, por dez vezes consecutivas, nove meses de gravidez. E não preciso falar dos filhos já nascidos. Falo da presente gravidez. Ao celebrar a vitória na Califórnia, e momentos antes do tiro, Bob Kennedy tinha, a seu lado, uma gravidez. E seria absurdo imaginar Joseph Stalin, o canalha, no palanque da praça Vermelha, lado a lado com uma esposa grávida. As tropas passando e o filho de Stalin virando cambalhotas no ventre materno.

Mas esse filho não nascido, esse garoto que começou a ser órfão muito antes do parto — nada tem a ver com o líder. Tenho visto o efeito do assassinato em nossas esquinas e em nossos botecos. O que assombra o torcedor do Flamengo é o abuso numérico: — onze filhos. Ou por outra: — dez com um por nascer. Essa ninhada parece reivindicar um prêmio do Chacrinha.

Ora, os dois Kennedys assassinados têm o sentimento obsessivo da família. E os irmãos, e os pais. Aí está mais uma falha de líder. Com um mínimo de isenção e de objetividade, qualquer um perceberá que a família começou a morrer. Os parentes ainda convivem por hábito adquirido de passadas gerações. Mas os vínculos estão apodrecidos. E a estrutura familiar vai, aos poucos, se desintegrando. Ao mesmo tempo, todos se juntam contra a família. Entrei, outro dia, num lar que era uma cova de ódios. Quantos e quantos jovens levam no coração o ódio ao pai.

Ali, outro dia, ocorreu um episódio vil e triste como a morte de um Kennedy. Certa mãe entrou numa igreja e pediu ao padre notícias do filho. O sacerdote fez um comício: — “Está me tomando por espião? Por delator? Rua, rua!”. A mulher, lívida, balbuciava: — “Mas que é isso?”. E o padre: — “Aqui, nessa igreja, só entra jovem! Pai, mãe, não põem os pés aqui! Retire-se!”. Parece exagero caricatural. Mas a cena se passou exatamente assim, sem nenhum ornato, nenhum retoque. O sacerdote reagiu como um vilão de cinema mudo, desses que usavam olheiras de rolha queimada.

Vou concluir repetindo: — o falso líder Bob Kennedy teria de se frustrar porque não era um canalha. Essa esposa, com os flancos pesados de maternidade, grávida do décimo primeiro, diz tudo. Diz que Bob Kennedy foi assassinado por um mundo que não sabe amar — um mundo de canalhas.

[10/6/1968]

UM DESERTO ENTRE OS AMIGOS

Se Deus me intimasse a optar entre o Hélio Pellegrino e a humanidade, eu daria a seguinte e fulminante resposta: — “Morra a humanidade!”. E se fosse, não o Hélio, mas o Paulinho Mendes Campos, diria do mesmo jeito e com a mesma ênfase: — “Morra a humanidade!”. E, com isso, ficaria claro que, para mim, G amigo é o grande acontecimento, e repito: — só o amigo existe e o resto é paisagem. Os “outros” teriam assim uma estrita e secundária função paisagística.

Mas falei do Paulinho Mendes Campos e não sei se vocês o conhecem. Ou por outra: — conhecem, por certo, de crônica e de verso. Todavia, não é o Paulinho impresso que importa. Não. O sujeito que escreve deixa de ser ele mesmo. Uma simples frase nos falsifica ao infinito. Um poema é uma pose. Portanto, deixemos intacto o Paulinho irreal do verso e da *Manchete*. Pergunto se vocês o conhecem fisicamente, cara a cara, se já sofreram a sua áspera intimidade.

Sábado passado, estivemos no aniversário da Ilka Soares, na mansão de Walter Clark. (Havia até um mordomo solene, ereto, hierático, de filme policial.) E eu queria falar, justamente, do Paulinho da “festa”. Normalmente, o poeta, o cronista, não tem nenhuma dessemelhança especial. Ou por outra: — o que lhe dá essa dessemelhança é o perfil de Napoleão aos dezessete anos. Já passou dos quarenta, mas o seu perfil de medalha, de moeda, de cédula, continua com os mesmos dezessete anos.

Mas como ia dizendo: — no dia-a-dia, é um terno, um doce, um tímido. Eu diria que tem uma estrutura frágil, delicada, sim, uma estrutura de palitos. É sentimental como uma ouvinte de novela. Daí porque qualquer referência ao seu nome exige o diminutivo. Seria falso chamá-lo de “Paulo”. Tem de ser para sempre Paulinho. Mas o Paulinho da “festa” é outro. E, nessa duplicidade, está todo o seu mistério.

Foi assim, sábado, na mansão do Walter. O Paulinho que lá chegou era ainda terno, era ainda triste. (Lembro-me que, certa vez, ele soube que um casal qualquer ia separar-se. O marido queixava-se de que a esposa gastava mais do que 25 amantes. E o desquite doeu, no Paulinho, como uma nevralgia pessoal. Por muitos dias, andou exalando uma cava depressão.) Mas o Paulinho chega, senta-se e conversa sobre o escrete. Enquanto ele falar do escrete, ninguém estará ameaçado, ninguém.

Dei a minha opinião, Paulinho a dele. Coincidimos em nossos pontos de vista sobre Rivelino: — um craque. Houve um momento em que me levantei, levado não sei por quem. Um dos convidados de Walter Clark me chamou, de lado, e perguntou: — “Você acredita em juiz ladrão?”. Referia-se ao assalto que sofremos contra a Tcheco-Eslováquia. Disse-lhe, com o maior descaro: — “Em juiz europeu ladrão, acredito”. O escândalo do outro foi total. No fundo, no fundo, achava que só há ladrões no Brasil.

Perdi um tempo imenso tentando demonstrar o seguinte: — o grande povo é cínico. Só o subdesenvolvido cultiva uns três ou quatro escrúpulos. Mas um alemão, ou francês, ou inglês, ou norte-americano, não tem os nossos estreitos limites éticos. O juiz do jogo era alemão. E achou, com a maior boa-fé, que roubar brasileiro nunca foi defeito. O convidado do Walter Clark já não dizia nada. Cravava em mim um olho de espanto. Estive para dizer-lhe que considerava o desenvolvimento uma ignomínia.

Despachei o outro e voltei para o grupo anterior. E fui encontrar um Paulinho mais eriçado do que as cerdas bravas do javali. Assim que me viu, começou: — “Você com o Tristão de Athayde” etc. etc. Era o Paulinho da “festa”. Imaginei: — “Vou sofrer”. E ele: — “Porque a polícia. Você não fala da polícia. O Tristão fala”. Com infinita estupidez, fui respondendo: — “Paulinho, a polícia gosta muito mais do Tristão de Athayde”. Protestou: — “Mentira”. E eu: — “A polícia jamais interditou uma frase, uma vírgula, um pio do Tristão. E a mim interditou seis peças e um romance”. Não paramos aí. E a nossa conversa foi tomando um jeito de pesadelo humorístico. O Paulinho da “festa” insistia: — “Certas atitudes, o Tristão não toma”. Teimei: — “Toma, Paulinho. O Tristão já saiu em defesa da polícia e contra uma obra de arte”. Conte-lhe que, na interdição de *Álbum de família*, o dr. Alceu deu inflamada entrevista; e lá dizia que a polícia tinha todo o direito e, mais do que o direito, o dever de me interditar. Eu era um vago artista, um

irrelevante poeta dramático, e vinha o Tristão açular a polícia contra um desgraçado texto.

E, então, o Paulinho saiu-se com esta: — “Isso é passado”. Retruco que o único presente era a nossa conversa ali; tudo o mais era passado. O amigo fez sarcasmo: — “censura não tem importância”. Achei que só a censura tem importância. E, súbito, a discussão começou a cair de nível. Paulinho afirmou: — “O Tristão é melhor do que todos os presentes”. E eu: — “Não sei dos outros. Sei de mim. E me acho melhor do que o Tristão” etc. etc.

Aí paramos. O Paulinho foi para a janela, que se abria para a noite. A aragem marinha soprava nos decotes. E eu vim sentar-me na primeira cadeira vaga. De repente, percebia que sou muito mais amigo do Paulinho do que pensava. E gosto de ser amigo, para sempre. Mas o trágico da amizade é a convivência. Talvez a solução fosse pôr um deserto entre nós e o amigo. Não ver o amigo, jamais; não ouvi-lo.

Mas a minha noite não terminara ainda. Ouço: — “O que é que acha do De Gaulle?”. Viro-me, estarecido. Se me caísse nos sapatos uma cabeça-de-negro, não teria um pânico mais profundo. Só as estagiárias *do Jornal do Brasil* é que costumam agredir com tais perguntas. Uma delas me telefonou e quis saber: — “O que é que acha o senhor de Cristo?”. Imaginei que, assim como há um Sobrenatural de Almeida, existisse um Cristo da Fonseca. Sondei: — “Qual deles? O Deus, o Jesus?”. Era mesmo o Deus, era mesmo o Jesus.

O que é que eu achava do De Gaulle? Olhei a bela senhora. De Gaulle, sim, De Gaulle. Podia responder assim: — “De Gaulle é o passado”. Outra resposta inteligente seria o inverso: — “De Gaulle é o futuro”. Qualquer grande homem pode ser chamado, indiferentemente, de “passado” e de “futuro”. Eu não sabia o que dizer. Mas a dama estava, ali, inarredável. Só sairia dali com a minha opinião. O Paulinho Mendes Campos continuava na janela do Walter Clark. A cabeça pendida. Ninguém mais só na Terra. Viro-me para a senhora: — “Quer saber o que eu acho de De Gaulle?”. Disse-lhe: — “Bacana”.

[26/6/1968]

A SOLIDÃO DO LÍDER

Primeiro, o homem não sabia estar só. Andava sempre em hordas ululantes. E quando, por acaso, desgarrava dos demais, uivava até morrer. Era assim o medo que juntava os homens e repito: — a multidão nasceu do medo. E o ser humano só se tornou humano, e só se tornou histórico, quando aprendeu a ficar só.

O primeiro solitário foi também o primeiro homem. E, depois, outros, e outros, e outros, fundaram novas solidões. O homem começava a ser homem. E um poeta dizia, no final do século passado: — “Humano é aquele que ‘está mais só’”.

Claro que as multidões não morrem, porque o medo está cravado no homem. E é o medo que nos junta em assembleias, em comícios, em maiorias, em unanimidades. Eu diria que não há nada mais forte e criador do que o medo. (Não sei se estou sendo claro.) Eis o que eu queria, finalmente, dizer: — assim como faz a multidão, o medo também faz o líder.

Aí está a figura que é hoje o centro desta coluna: — o líder. Nós sabemos o que é a multidão. Bernard Shaw tinha-lhe horror e explicava: — “Gosto de quem tem uma cara só”. Mas a multidão não tem nem isso. Simplesmente não tem cara. Como cronista esportivo, faço minhas experiências com as massas. Bem me lembro do jogo Vasco x Flamengo. Renda de 400 milhões e quebrados.

Quando olhei o estádio lotado, deu-me a vontade de soluçar, como o astronauta: — “A multidão é azul”. Mas não importa a cor parnasiana. Pouco depois, notei que já não era mais azul. Era negra. E assim, até o fim do jogo, a multidão teve todas as cores. Mas o que importa é a constatação: — ela não é humana, não tem nada a ver com a condição humana.

Em outra ocasião, e no próprio Estádio Mário Filho, fiz uma outra experiência ainda mais profunda (e meio alucinatória). Era um jogo, se não

me engano, do Botafogo com o Vasco. Exatamente, a decisão do título. E lá fui eu me meter nas arquibancadas. Era uma das quase 200 mil pessoas presentes. Aconteceu então que, imediatamente, perdi qualquer sentimento da minha própria identidade. Ali, tornei-me também multidão. Esqueci a minha cara, senti a volúpia de ser “ninguém”. Se, de repente, o povo começasse a virar cambalhotas, e a equilibrar laranjas, e a ventar fogo, eu faria exatamente como os demais. E, então, senti que multidão não só é desumana, como desumaniza.

(Não sei se estou falando demais. Paciência.) Lá estávamos eu e os outros desumanizados. Pouca diferença faria se, em vez de 200 mil pessoas, fossem 200 mil búfalos, ou javalis, ou hienas. Há, porém, um momento em que a multidão se humaniza. Sim, em que a multidão se faz homem.

É quando tem um líder. Acontece, então, o milagre: — aquilo que era uma massa pré-histórica assume forma, sentimento, coração de homem. E, ao mesmo tempo, o medo que junta as multidões morre em nossas almas. Já não sentimos o medo, o velho, velhíssimo medo das primeiras hordas dos primeiros homens. O líder tem coragem por nós, e ama por nós, e sofre por nós, e traz a verdade tão sonhada.

Mas há uma dessemelhança entre o líder e os que o seguem: — nós somos multidão e ele, nunca. Como no texto ibseniano, ele é o que está “mais só”. Todos os seus gestos, e palavras, e paixões, e sonhos, amadureceram na solidão. Entendam: — convive com os demais. Mas no meio de 100 mil, e 200 mil, ele se preserva. Continua solitário, entre tantos, entre todos. Não será jamais multidão.

Fiz a meditação acima para chegar a Vladimir Palmeira. Anteontem, ao voltar da passeata, dizia o meu amigo e companheiro Álvaro Nascimento: — “Quando eu me encontrar com esse Vladimir, hei de beijá-lo”. Ora, o português Álvaro, mais velho que o século, não é um qualquer. Tem 74 anos já cumpridos, foi coveiro voluntário na “Espanhola” e tem visto o diabo. Costuma dizer: — “Já vi tudo”. E, anteontem, espantou-se com o líder. Excelente Álvaro! Avô de duas ginásias, como que se sente avô do jovem líder e quer beijá-lo.

Bem. O que me interessa é saber se os estudantes têm ou não têm líder. Ah, os novos meios promocionais são de uma eficácia demoníaca. Se um consórcio qualquer cismar de fazer um deus, não tenham dúvidas: —

fará um deus, uma nova fé, um novo fanatismo e uma gigantesca massa de fiéis. Basta que, para isso, use e conjugue rádio, televisão, jornal e cartazes. Pronto. E o novo deus terá um sucesso de refrigerante. Mas o patético é que Vladimir Palmeira se tornou célebre antes de qualquer promoção.

E vejam como nasce um líder. De repente, a cidade começou a falar em “Vladimir”. Nas esquinas e botecos, o simples nome ia passando de um para outro. As pessoas diziam: — “O Vladimir fez”, “O Vladimir aconteceu”, “O Vladimir disse”. E todos queriam conhecer o gesto, a palavra e a idéia do Vladimir. Por outro lado, há a bela composição dos nomes: — Vladimir e Palmeira. Vladimir tem um gosto tolstoiano, lembra o Wronski de *Ana Karenina*. E Palmeira, sem o “s”, no singular, é um nome paisagístico.

Vladimir fez-se famoso do dia para a noite e de graça. Antes de vê-lo, de ouvi-lo, as pessoas já estão convencidas. Conversei com o Cláudio Mello e Souza. E dizia o meu amigo: — “O Vladimir foi lá. Estive com o Vladimir”. Doente de curiosidade, quis saber: — “E que te disse o Vladimir?”. O Cláudio já não se lembrava. E, realmente, importa pouco o que o jovem líder pense, ou faça, ou diga. Só importa que o sigam. Stevenson dizia de Kennedy: — “Eu sou mais culto, mais preparado, e sei mais a doutrina. Mas a Kennedy, todo mundo segue; e a mim, não”. Os estudantes seguem Vladimir.

E, assim, a cidade se tornou íntima de um desconhecido absoluto. Repito: — foi uma cálida intimidade, que nasceu antes de um cumprimento, de um “olá”, de um “oba”. Eu próprio só o vi na passeata. E fiz a fulminante constatação: — é, sim, um líder. Imaginem um jovem que sobe num pára-lama e, com um gesto, e antes da palavra, faz a unanimidade. Eu o vi trabalhar a multidão. Dizia: — “Vamos fazer isso, aquilo e aquilo outro”. Até pessoas que não tinham nada com a passeata, simples transeuntes, entravam na disciplina. Mesmo os inimigos da passeata eram tocados e convencidos. E foi impressionante no fim da marcha. De repente, Vladimir falou (com irresistível simplicidade, sem nenhuma ênfase). Disse: — “Estamos cansados”.

Ninguém estava cansado. E completou: — “Vamos sentar”. E todos sentaram, como na passagem bíblica (não há tal passagem. Desculpem). Assim ficamos, sentados, como se estivéssemos de joelhos. Senhoras, mocinhas, intelectuais, estudantes, avós, cada qual se sentou no meio-fio, no

asfalto, na calçada. E foi um maravilhoso quadro plástico. Não sei, ninguém pode saber, qual será o destino desse rapaz. Mas sei que é esta coisa cada vez mais rara: — um homem.

[28/6/1968]

A HERÓICA RESISTÊNCIA

Ah, o brasileiro mata e morre por uma frase. Nunca me esqueço de uma crônica dominical do Carlinhos de Oliveira. Terminava assim: — “A solidão do homem é um problema político”. Era a chave de ouro. Antigamente, os poetas não a dispensavam. Soneto sem “chave de ouro” morria ao nascer e, repito, morria antes da primeira Chupeta. Carlinhos não faz sonetos e, se os faz, não os publica. Mas é um parnasiano. E usa, nas suas crônicas, a perfeita, irretocável chave de ouro.

A mim interessa, e muito, o destino das frases. “A solidão dos homens é um problema político.” Saiu no domingo; e já no dia seguinte, segunda, alguém me perguntava: — “O que é que o Carlinhos quis dizer com isso?”. Há um velho e obtuso preconceito, segundo o qual todas as frases querem dizer alguma coisa. Nem sempre. No caso do Carlinhos, nem ele nem a frase querem dizer rigorosamente nada.

E foi por isso que Carlinhos a fez, e foi por isso que Carlinhos a publicou. Mas certas frases vivem, precisamente, de mistério e de *suspense*. A nitidez seria fatal. “A solidão dos homens é um problema político.” Na pior das hipóteses há uma melodia e o resultado auditivo basta. Mas entendo o drama do cronista. Os melhores autores têm três ou quatro frases encalhadas. É preciso aplicá-las. Mas onde e quando? O ideal seria que o dr. Brito pagasse e publicasse, no espaço da crônica, uma única e escassa frase. Mas tal não acontece.

O autor traz no ventre um romance. E quando trabalhávamos ambos com os Blochs, o Carlinhos fez insinuações sobre uma “obra ciclópica” que estaria realizando, no silêncio de sua água-furtada. Seriam umas oitocentas ou, talvez, mil páginas. E o nosso Carlinhos estaria disposto a lá inserir a “frase”, que o ralava. Mas não saía uma vírgula do tal romance. Até que, um dia, exausto da própria frase, pingou-a na primeira crônica. “A solidão dos

homens é um problema político.” Se fosse na guerra, o Carlinhos seria preso como espião, pois todos veriam, aí, uma senha para o inimigo.

Bem. Escrevi tudo isso para chegar a uma verdade eterna, ou seja: — a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir o grande efeito. Uma frase mínima, ínfima, quase levou o Carlinhos a escrever um romance monumental, uma espécie de *Guerra e paz*, sei lá. Outras vezes, uma simples e irresponsável piada faz História. Por exemplo: — a Revolução Francesa. Abanando-se com a *Revista do Rádio*, pergunta Maria Antonieta: — “O povo não tem pão? Coma brioche”. E, com isso, com meia dúzia de palavras, morreu um mundo e nasceu outro.

Também um paletó, um vago paletó, pode mudar os destinos de um povo. Tentarei explicar. Normalmente, um paletó só interessa ao alfaiate, que o faz, e ao freguês, que o veste. Do mesmo modo, uma gravata. Uma gravata não é nada. Muitos nem a usam. O único que não a dispensa é o defunto. O cadáver mais favelado tem sempre uma gravata. Lembro-me de um pastor protestante que, em 1920, morreu na minha ma. Morreu, se bem me lembro, de tifo. E foi enterrado de gravatinha borboleta.

Não sei se vocês acompanharam pelos jornais o episódio do paletó. Era em Brasília. E para lá embarcou uma comissão dos Cem Mil que ia se avistar com o presidente Costa e Silva. Um dos seus membros era meu amigo, e quase dizia irmão, Hélio Pellegrino. Este pôs o seu melhor terno e a sua melhor gravata. Muito bem. A comissão ia resolver problemas de alta transcendência, ia propor nobilíssimas e urgentíssimas reivindicações.

E lá chegam os intelectuais e estudantes. (No dia seguinte, eu vi, pelos retratos dos jornais, que os dois estudantes estão de cara amarrada. Tenho vontade de pedir à fotografia para sorrir, sorrir como os namorados sorriem para o lambe-lambe.) Entra a comissão e vem o assessor da presidência espavorido. Os dois estudantes não têm paletó, nem gravata. E, como o protocolo exige uma coisa e outra, era preciso que ambos se compusessem.

Pode, não pode, e criou-se o impasse. O diabo é que o problema era aparentemente insolúvel. Os dois estudantes tinham o paletó e a gravata no Rio. Felizmente, surgiu a idéia: — dois contínuos emprestariam tanto o paletó como a gravata. Mas os estudantes não aceitaram. Absolutamente. Queriam ser recebidos sem paletó e sem gravata. Outros assessores vieram. Discute daqui, dali. Apelos patéticos.

Vejam como um nada pode mudar a direção da História. De repente, os estudantes presos, o Calabouço, as reformas, tudo, tudo passou para um plano secundário ou nulo. Os dois estudantes faziam pé firme, esbanjavam uma formidável energia física e mental contra o paletó e contra a gravata. O paletó e a gravata eram agora “O Inimigo”. Vesti-los seria a abjeção suprema, a humilhação total, a derrota irreversível.

O rádio e a TV pediam paletós e gravatas, assim como quem pede remédios salvadores. Paletós de luxo e gravatas de Paris, de Londres, de Berlim, foram doados. Mas os dois permaneciam inexpugnáveis. Gravata, não! Paletó, jamais! Ora, o Brasil está por fazer, e repito: — todos os dias o Brasil pede que alguém o faça. E há o Amazonas. É uma imensa Sibéria florestal. É preciso que o Brasil conquiste seus próprios desertos, antes que outros os ocupem. E há a fome do Nordeste. Todos os dias, os jornais gastam seu papel e sua tinta com a nossa mortalidade infantil. Pois bem. E dois estudantes reduzem o Brasil à questão shakespeariana: — pôr ou não pôr um paletó, pôr ou não pôr uma gravata. O Poder os esperava e, dócil ao protocolo, de gravata e paletó.

Se um de nós por lá aparecesse, havia de imaginar que tudo estava resolvido, e atendidas todas as reivindicações específicas da classe. Claro! Uma vez que se discutiam paletós e gravatas, como se aquilo fosse uma assembléia acadêmica de alfaiates, a “Grande Causa” estava vitoriosa. Libertados os estudantes, aberto, e de par em par, o Calabouço, e substituída toda a estrutura do ensino. E continuava a “Resistência”, muito mais épica e muito mais obstinada do que a francesa na guerra. Até que, de repente, veio do alto a ordem: — “Manda entrar, mesmo sem paletó, mesmo sem gravata”. Era a vitória. E, por um momento, os presentes tiveram a vontade de cantar o Hino Nacional.

[5/7/1968]

SAPOS E PIRILAMPOS ULULANTES

Chego à redação e o contínuo vem avisar: — “Telefonaram para ti”. Estou tirando o paletó: — “Homem ou mulher?”. E o outro: — “Homem”. Ponho o paletó na cadeira: — “Deixou recado?”. Não, não deixara. Sento-me. Um telefonema anônimo é uma janela aberta para o infinito. Já num começo de angústia, imagino quem seria, quem? Podia ser o alfaiate, ou o leiteiro, ou o açougueiro, ou o Chico Buarque de Hollanda.

Passei em revista todos os meus amigos e todos os meus inimigos. E, de repente, ocorreu-me uma hipótese inusitada: — e se fosse o rei Gustavo, da Suécia? Na Suécia, há sempre um rei Gustavo, um rei Gustavo que joga tênis. Não governa, mas joga tênis. E, por um momento, com imenso deleite, sonhei com o telefonema real.

E, súbito, volta o contínuo, esbaforido: — “Telefone. É o cara”. Saí tropeçando em mesas e cadeiras. Agarro o aparelho: — “Alô? Alô?”. Ouço a voz: — “Nelson Rodrigues?”. Confirmo: — “Sou eu”. E pergunto: — “Quem fala?”. Ia desfazer-se o mistério insuportável. A voz respondeu: — “Vladimir Palmeira”. Cavou-se, então, no telefone, uma pausa abismai.

Fui, por uns dez segundos, o sujeito mais espantado da Terra. Vejam vocês: — minutos atrás, imaginara eu o telefonema do rei Gustavo. E eis que a realidade ultrapassava, de muito, a fantasia paranóica. (De fato, nem rei de baralho telefona para mim.) Vladimir Palmeira era muito mais insólito do que qualquer Gustavo passado, presente e futuro. Como que rachado por um raio deslumbrante, solucei no telefone: — “Vladimir? Mas oh! Eu não mereço tanto!”.

Abro um breve parêntese. Como se sabe, estão invertidas as relações de jovens e velhos. Hoje, um ministro, ou professor, ou sacerdote se dará por muito feliz de servir cafezinho e água gelada à juventude. Outro dia, passou por nós um jovem de peruca e costeletas. E um velho catedrático o lambeu com a vista. Eis o que me perguntava: — e por que o Vladimir fazia a mim, um velho trôpego, a concessão surrealista de um telefonema?

No caso de Vladimir, não era apenas “O Jovem”, era também “O Líder”. Desmanchei-me: — “Quanta honra”. Exagerei, e o confesso, a minha subserviência. (Eu estava me sentindo o próprio contínuo das Novas Gerações.) Vladimir começava a falar: — “Nelson, preciso de um favor teu”. Interrompi-o tumultuosamente: — “Você manda, você manda!”.

Tratava-o por “você” com escrúpulo e dúvida. Sim, eu estava temeroso de um passa-fora, Vladimir cria um *suspense* e faz o pedido: — “Preciso que você faça comigo uma ‘entrevista imaginária’ urgentíssima! Entende?”. Arremessei-me: — “Quantas quiser! Hoje mesmo! Quer hoje? Será hoje!”. Ele já se despedia: — “Combinado”. E desligou.

Dessa vez, fui mais cedo para o terreno baldio. Reuni moscas, pirilampos, gafanhotos, sapos e fiz-lhes o apelo: — “Comportem-se! Vem aí ‘O Jovem’! Comportem-se!”. Chamei também os faunos e as ninfas que fazem seus idílios nos terrenos baldios. Falei como não o faria melhor a própria Bernarda Alba: — “Tomem juízo! Ou vocês não receberam educação sexual?”. Também os faunos e também as ninfas prometeram um comportamento estritamente familiar.

Finalmente, chegou Vladimir Palmeira. Meia-noite em ponto. O papel picado caía como neve de Papai Noel. E o líder entra de chapelão e capuz de Michel Zevaco. Só não entendi o bigode de cossaco. E, então, o Vladimir explica: — “Pedi emprestado o bigode do Hugo Carvana. Estou despistando. Se me vissem contigo, que diriam os liderados?”. Achei aquilo de uma clarividência estarrecedora. Disse-lhe: — “Você é vivo, hem, Vladimir?”. Em seguida, profilei-me e disse: — “Estou às suas ordens”.

Vladimir ia começar. Súbito, viu a cabra vadia que, adiante, comia o capim, isto é, comia o cenário. Toma um susto: — “Essa cabra é de confiança?”. Tive de jurar que não era do DOPS. Uma última dúvida lhe corroeu a alma: — “Vê lá, vê lá!”. Novamente, dei-lhe a minha palavra: — “Cabra de bem! Cabra de bem!”. E, então, o líder falou.

Disse: — “Vim aqui pedir”. Imaginei que fosse pedir desculpas pelos 2 mil anos da Igreja. No momento, os sacerdotes, os intelectuais, os arquitetos, os cineastas, os artistas plásticos, os professores, todos, todos pedem desculpas pelos dois mil anos de Igreja. Mas não era isso. Vladimir continua: — “Nelson, não me elogia mais! Nunca mais!”.

O meu espanto assumiu proporções quase dolorosas: — “Como? Como? Não elogiar a quem e por quê?”. Nos comícios estudantis, Vladimir é

de uma pura, exata, imaculada objetividade. Dessa vez, falou com rompantes de um Tartarin: — “Seu idiota! Seu elogio é, na minha vida, uma mácula. Entende? Fisicamente, uma mácula. Depois do seu elogio, tive que tomar um banho! Tive que me esfregar com palha de aço! Está proibido de me elogiar! Proibido!”.

Na minha confusão trágica, eu já não ousava nenhuma intimidade. Chamei-o de “Excelência”, de “Excelentíssimo”. E esse tratamento de envelope apaziguou a sua fúria. Reconheceu mesmo que se excedera: — “Desculpe a minha exaltação. Mas você não imagina. Você é o reaçã. Mais um elogio de você e eu caio do cavalo”. Crispado de vergonha, limitava-me a repetir, obtusamente: — “Excelência, Excelência!”. E disse: — “Não tive a intenção! E nem pensei que...”.

Foi aí que a cabra se intrometeu: — “Um momento, um momento”. Paramos. A cabra vira-se para mim: — “Faz o seguinte: — escreve um artigo xingando o Vladimir. É a solução!”. Vladimir exulta: — “Isso mesmo! Luminosa idéia! A senhora é uma George Sand!”. A cabra baixou a vista, rubra de modéstia. E tinha mesmo um ar de George Sand sem Chopin. Vladimir me agarra: — “Escreve o tal artigo. Me xinga de todos os nomes. Diz que eu sou o último, o último dos... Diz o que você quiser. Contanto que não me elogie”. Ainda quis objetar: — “Mas eu o admiro, eu o admiro!”. O Líder zangou-se novamente: — “Elogios, não admito!”. E, mudando outra vez de tom, com ardente humildade: — “Põe isso na tua cabeça. Tem uns quinhentos sujeitos, na classe, querendo ser líder. E cada vez que sai meu nome no jornal, querem me comer vivo. Os concorrentes me acusam de vedetismo. Aqui entre nós, que ninguém nos ouve, sou uma prima-dona, mas não posso parecer prima-dona”. Vira-se para a cabra: — “A senhora me entende?”. E a cabra: — “Vladimir, pra mim você é um livro aberto!”. A entrevista imaginária chegara ao fim. Eu e a cabra fomos levar o líder ao táxi. E, quando ele partiu, foi patético. Os sapos, pirilampos, gafanhotos, corujas berravam como nos comícios do Brigadeiro: — “Já ganhou, já ganhou!”.

[6/7/1968]

O ENTERRO FLUVIAL

Certa vez, cruzei, na avenida, com o Carlos Heitor Cony. Ele olha para os lados e baixa a voz: — “Preciso falar contigo”. Fazia tanto *suspense* e tanto mistério que perguntei: — “Mas o que é que há?”. Arrastou-me para um canto. E, então, num escândalo total, começou: — “Teu artigo de hoje está de um reacionarismo!” — pausa e repetiu de olho rútilo e lábio trêmulo: — “De um reacionarismo, rapaz!”.

Até hoje, não sei se a sua irritação era mesmo irritação ou deslumbramento. Ainda perguntei: — “Artigo sobre quem?”. Ah, sou um autor sujeito a lapsos fatais. Quantas vezes me esqueço do que escrevi há meia hora? Foi o próprio Cony que me alumiou a memória: — “O artigo da fome!”. Era verdade. Naquele dia, escrevera eu sobre a fome de 1917, 18, 19.

É de caso pensado que ponho as datas. E, com efeito, a fome muda o seu comportamento de época para época. Nos anos citados, ela não tinha o apelo, o patético, a promoção dos nossos dias. Bem me lembro dos meus seis, sete anos. De vez em quando, vinha gente bater na nossa porta: — “Um pedaço de pão! Um pedaço de pão!”. Eis a palavra e a imagem: — pão. Há uns quarenta anos que não vejo ninguém pedir pão, ninguém.

Outro dia, ocorreu um episódio que me parece singularmente ilustrativo. Uma santa senhora deu pão a um mendigo. O sujeito apanhou o pão, e o olhou, esbugalhado, como se não entendesse a esmola. E, súbito, deu-lhe uma ira, um ódio. Agrediu a senhora, deu-lhe uma surra de pão. A vítima pôs a boca no mundo. Com um rapa fulminante, o mendigo a derrubou e, por cima da senhora, queria enfiar-lhe o pão pela goela abaixo.

Assim se comporta a fome da nossa época. Vive do ódio. Outrora, não. Na “Confissão” que provocou o divertido horror do Cony, eu escrevia, justamente, sobre os famintos da minha infância. Ah, naquele tempo, tínhamos por aqui uma fome sem raiva, sem agressividade, dócil, mansa e

como que consentida.

Um dia, houve um enterro em Aldeia Campista. Salvo engano, o morto era um “seu” Ferreira, português rico, dono de um armazém. Naquele tempo, quatro cavalos, de crepe e penacho, puxavam o carro fúnebre. Na hora certa, o enterro vai partir. E, então, acontece o seguinte: — o cocheiro desmaia, simplesmente desmaia (caiu-lhe a cartola).

Corre-corre no portão. Dois ou três agarram o homem; dão-lhe tapinha na cara. Finalmente, abre os olhos; arquejante, geme: — “Quero comer, quero comer”. E fazia o apelo, por entre lágrimas. Foi carregado para dentro da casa enlutada. Lá dentro, alguém improvisa um prato fundo de feijão com arroz. O cocheiro começa a comer. Súbito, pára, e, de boca cheia, pergunta: — “Tem uma pimentinha?”.

Aquele homem não comia há dois dias. E não faltou ao emprego. Lá estava, de cartola, fazendo o enterro de luxo. E, não fosse derrubado pela inanição, chegaria ao cemitério. Eis o que eu queria dizer: — era uma fome sem Ministério do Trabalho, sem greve, sem reivindicações salariais. Ainda garoto, tivemos uma cozinheira que fazia um filho por ano, matematicamente. Chamava-se Hortência. Era uma fecundidade radiante. Dizia, na cozinha, esplêndida de vaidade: — “Tenho meus filhos em pé”.

E, assim, chegou aos nove, dez, onze filhos. A fome levou nove. Exatamente nove filhos. Os mais resistentes morriam aos cinco, seis anos. Pois a mãe os enterrava sem pena nem ressentimento. Ter os filhos e perdê-los era a sua rotina. Ela própria não odiava a fome, e repito: — não havia desespero, nem tristeza, na sua fome.

Muitos anos depois, vou a Caxias e a encontro lá. Já se tinham incorporado à vida brasileira os direitos trabalhistas. Falava-se, na época, que o novo salário mínimo seria de 6 mil cruzeiros antigos. A minha ex-cozinheira, já alquebrada, já avó, ralhava com o genro: — “Seis contos é demais. Onde já se viu? Seis contos é abuso”.

Claro que o Cony queria que eu apresentasse uma cozinheira retórica como *La passionaria*. E, como eu não a descrevi derrubando bastilhas e decapitando Marias Antonietas, o Cony me chamava de reacionário. Excelente Carlos Heitor. Quando deixar de fazer concessões às esquerdas, quando pensar literariamente e não politicamente os seus textos — fará a sua obra-prima.

O Brasil da minha infância não tinha assaltos por isso mesmo: — porque a fome não assaltava, e digo mais: — a fome ainda não assalta. O assaltante não quer comer. Mata e fere para ter o supérfluo. Dirá alguém que estou falsificando a verdade. Mas insisto em que só a fome literária do Zola arromba padarias e pendura o padeiro num pedaço de pau.

Hoje, há uma fúria. Quantos vivem da fome? Por exemplo: — d. Hélder. Sempre teve o gênio promocional e nunca foi um obscuro. Mas o d. Hélder anterior não tem o dramatismo, a potência, a fama do d. Hélder da fome. A fome tem-no feito. Podíamos apresentar a fome como a autora de d. Hélder. Ele precisava ter, por fundo, a mortalidade infantil. Mas, coisa curiosa! Os grandes indignados da fome não são as suas vítimas, mas os que não a têm. Sim, são os bem alimentados que vociferam e dão patadas.

Ainda ontem, uma grã-fina batia o telefone pára mim. Minha “Confissão” de sábado tratava, justamente, da fome da Índia. E a excelente senhora agrediu-me como se eu fosse o culpado da fome do Nordeste, da Índia e de todas as misérias passadas, presentes e futuras.

Perguntou-me a formosa dama: — “Você acha que a Índia gosta de passar fome? Acha que a Índia gosta de ver o próprio cadáver no rio? Sua literatura sobre a fome é desumana”. Eu poderia responder-lhe: — “Meu anjo, por que é que não asfalta uma favela com seu colar de 500 milhões antigos?”. Mas sou um tímido e um delicado. E conversei longamente no telefone.

Disse-lhe eu o óbvio total: — a fome é o mais antigo dos hábitos humanos. Ora, um hábito não dói, não faz ninguém sofrer. Por exemplo: — a Índia. Há 6 mil anos que o cadáver é atirado no rio. E o cadáver já não se espanta mais. Lá, milhões de sujeitos não moram. E bebem, a mãos ambas, a água da sarjeta. Do outro lado da linha, a grã-fina esperneava: — “Isso é *blague*. Não brinque com coisas sérias”. Por fim, como ela tomava a verdade por piada, disse-lhe: — “As vítimas da fome sofrem menos. Quem se descabela, e soluça, e quer chupar a carótida das classes dominantes, somos eu, a senhora, d. Hélder e o meu doce Hélio Pellegrino”.

[17/7/1968]

O CEGUINHO DA RUA DO OUVIDOR

Um dia, num sarau de grã-finos, alguém perguntou: — “Se você fosse milionário, que faria você?”. O sujeito falava comigo. A simples pergunta deu-me vertigem. Eu, milionário! Não respondi imediatamente. Primeiro, quis saber: — “Milionário brasileiro ou americano?”. Expliquei que, diante das fortunas americanas, o nosso Walther Moreira Salles é um mísero barnabé. Não sei se me entendem.

Mas insisto: — barnabé ou nem isso. Há um ceguinho na rua do Ouvidor. Senta-se na calçada, puxa o violino, e toca um tango, sempre o mesmo tango. Ao lado, está o pires, sim, um tristíssimo e inconsolável pires. Enquanto o ceguinho repisa o tango, os que passam pingam a moeda de sua piedade. Eis a verdade: — comparado ao velho Rockefeller, o brasileiro Walther Moreira Salles é o ceguinho da rua do Ouvidor. Vejam a cena por mim imaginada: — o Walther Moreira Salles tocando *La cumparsita* e ganhando a esmola da compaixão que vai passando, eternamente passando.

Mas continuava irrespondida a pergunta: — “Se eu fosse milionário, que faria eu?”. Pensei, pensei e, por fim, disse: — “Se eu fosse milionário, e americano, compraria um veleiro branco”. Bem sei que isso, dito assim, num sarau afetadíssimo, pode parecer uma resposta também afetada e sublitéria. O autor da pergunta fez um alegre escândalo: — “Sossega, leão!”. A gíria obsoleta deu-me um brusco e cruel sentimento do ridículo.

(Se descontarmos, porém, a sublitteratura, o veleiro branco é uma das minhas utopias mais obsessivas. Sempre delirei com uma viagem absurda. Basta dizer que eu não desembarcaria nunca. A meu ver, o que imbeciliza a viagem é o desembarque obrigatório. Tão simples não desembarcar jamais. E eu não desceria nunca do veleiro. Nem teria nenhuma nostalgia das praias eternas. E me sentiria ébrio dos horizontes marinhos.)

Mas quando o grã-fino resmungou: — “Sossega, leão!” —

desembarquei na vida real. E a conversa morreu aí. Mas se eu fosse milionário, talvez não comprasse o veleiro branco. Em vez de comprar o barco encantado, eu pagaria o riso do Walter Clark (sim, o Walter Clark, diretor-geral da TV Globo). O riso passaria a ser o seu ganha-pão. Vocês, naturalmente, não estão entendendo nada. Tentarei explicar.

Sempre digo que o adulto não existe. O homem é o menino perene. E a inocência de tal infância está no riso do Walter Clark. Um riso pode ser abjeto. Conheci um ministro que não ria, simplesmente não ria, para não se comprometer. Imaginem, porém, o Walter Clark numa sala. Alguém diz uma piada. E ele ri. O seu riso é a infância que absolutamente não morre. Ah, se eu tivesse o dinheiro do velho Rockefeller, sempre que me sentisse desgraçado chamaria o Walter. Diria eu como um indigente que pede uma esmola: — “Me dá um riso aí”. E pagaria um cachê alto, uma gratificação suntuária. Sempre que ele risse receberia um cheque. Ah, seu riso tem a euforia de um anjo.

Por que é mesmo que estou dizendo tudo isso? Já me lembro. Outro dia, o Walter Clark fez anos e fui festejá-lo no seu apartamento. Entro lá e dou de cara com o Di Cavalcanti. Ah, o Di, o Di! Sua figura tem a luminosidade dos antigos sátiros vadios. Em seguida, vejo, adiante, o próprio aniversariante. (A um canto, seu riso purificava os circunstantes.) E, súbito, chega alguém, e sou raptado. Era o Aloysio Salles.

Se me perguntarem quem é ele e o que fez ele, direi que é o autor desta frase: — “Tudo é um domingo de regatas”. As Novas Gerações talvez não entendam o berro dionisíaco. Ah, o “domingo de regatas” é uma paisagem que já morreu. É preciso voltar à velha enseada. Hoje, o pavilhão Mourisco está reduzido a uma linha de ônibus. Mas houve um tempo em que podíamos vê-lo, apalpá-lo, farejá-lo. E nada mais lindo e parnasiano do que um “domingo de regatas”. O chapéu feminino era uma paisagem ou, melhor dizendo, uma natureza-morta: — tinha uvas, morangos, cerejas, pitombas e tomates (tomate é exagero). Ponham, por cima, um céu de soneto, imaginem uma luz de Bilac e terão todo o *décor*. A mulher era mais chapéu do que vestido e repito: — parecia vestida de chapéu.

Na mansão do Walter Clark, o Aloysio Salles não queria falar de nenhum domingo. Ao meu lado, lembrou o conde de Keyserling. Vocês não imaginam. O conde era um príncipe do espírito. De uma lucidez

desesperadora, sabia tanto que não lia mais. (Não lia nem cartão de visitas.) E, já no tédio da própria inteligência, também não queria pensar. Com três ou quatro dias de Brasil, pediram a tão fino espírito uma palavra. Mas uma palavra tão sábia que definisse o Brasil.

Vejam vocês: — uma palavra que, num golpe fulminante, explicasse os usos, costumes, valores, sentimentos de um país desconhecido. Mas o conde de Keyserling era um dos tais que não dizem um “bom-dia” sem lhe pingar gênio. Pensativo, aproximou-se da sacada do hotel. E, por um momento, deixou-se ficar silencioso, meio alado, só olhando. Embaixo, passava a multidão com algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Eis o que via o conde: — todo mundo cumprimentava todo mundo (ainda usávamos o instrumento da reverência que é o chapéu). E o ilustre visitante percebeu que ninguém, assim na terra como no céu, cumprimenta tanto quanto o brasileiro. Virou-se para a imprensa: — “Já tenho a palavra”. Os jornalistas, aflitos, apuraram as orelhas. E Keyserling deixou cair a palavra como uma flor: — “Delicadeza”. Delicado o Brasil, delicado o brasileiro. E, assim, numa palavra fugaz, o conde pretendia ter feito a insuperável síntese do Brasil.

Muitos e muitos anos depois, o Aloysio Salles temia pela sorte da delicadeza nacional. Certos gestos e certos fatos o aterrorizavam. E ele começava a ver, aqui e ali, numa notícia de jornal ou numa conversa de esquina, sintomas do anti-Brasil. Está-se deteriorando a bondade brasileira; de quinze em quinze minutos, aumenta o desgaste da nossa delicadeza.

E não acontecera, ainda, o episódio miserável de São Paulo. Vocês leram. No fim de um espetáculo de *Roda viva*, invadiram o teatro. Todo mundo foi espancado: — as famílias, que se retiravam, e o elenco, que se vestia. Os bárbaros esmurravam os vestidos. Fraturaram, a cacetadas, a bacia do contra-regra. Uma das atrizes, despida e pisada, gritou: — “Estou grávida! Estou grávida!”. Sua gravidez foi massacrada. Desde a Primeira Missa, nunca se viu, aqui, indignidade tamanha. Um amigo meu veio dizer-me: — “Isso não é o Brasil! Isso nunca foi o Brasil!”. E, de repente, começamos a sentir que o Brasil deixou de ser o Brasil. Estamos sendo esmagados pelo anti-Brasil.

[23/7/1968]

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA HELVÉTICA
EDITORIAL EM GARAMOND LIGHT E IMPRESSA
PELA CROMOSET GRÁFICA E EDITORA EM OFF-SET
PARA A EDITORA SCHWARCZ EM AGOSTO DE 1994

As passeatas, o “Poder jovem”, a esquerda festiva, os festivais da canção, a agressão ao elenco de *Roda viva*, a pregação da violência, o Vietnã, Sartre, Mao Tsé-tung, d. Hélder — eis aqui, em *O óbvio ululante*, um fabuloso painel de 1968 pela ótica única de Nelson Rodrigues.

O óbvio ululante é uma seleção de suas “Confissões”, crônicas publicadas no jornal *O Globo* naquele ano. Dia após dia, escrevendo na redação, ao som das ruas, Nelson descreveu o que parecia ser uma tentativa de virar o mundo de pernas para o ar — e sintetizou tudo aquilo numa prosa que, hoje, espanta pela coragem, deboche e perenidade de suas observações.

O que, em Nelson, tanto irritava na época os “politicamente corretos”, pode ser visto agora pelo que realmente era: a profecia do “anti-Brasil” que ele tanto temia e que se instalou entre nós.

Seleção de Ruy Castro

ISBN 85-7164-294-X



9 788571 642942